

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES**

DENISE SCÓTOLO

**Das canoas às voadeiras: identidade cultural, turismo e desenvolvimento local na
comunidade do Bonete de Ilhabela – SP, Brasil**

**SÃO PAULO
2015**

DENISE SCÓTOLO

**Das canoas às voadeiras: identidade cultural, turismo e desenvolvimento local na
comunidade do Bonete de Ilhabela – SP, Brasil**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de mestre em Filosofia do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 15 de junho de 2015.

A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD) de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011

Área de concentração: Estudos Culturais
Linha de pesquisa: Cultura, Política e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Panosso Netto.

**SÃO PAULO
2015**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Scótoló, Denise

Das canoas às voadeiras : identidade cultural, turismo e desenvolvimento local na comunidade do Bonete de Ilhabela - SP, Brasil / Denise Scótoló ; orientador, Alexandre Panosso Netto. – São Paulo, 2015

265 p. : il

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo

Versão corrigida

1. Turismo – Ilhabela (SP). 2. Desenvolvimento da comunidade – Ilhabela (SP). 3. Identidade cultural – Ilhabela (SP). 4. Comunidade do Bonete – Ilhabela (SP) I. Panosso Netto, Alexandre, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 910.98161

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: SCÓTOLO, Denise

Título: Das canoas às voadeiras: identidade cultural, turismo e desenvolvimento local na comunidade do Bonete de Ilhabela – SP, Brasil.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de mestre em Filosofia do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos boneteiros de ontem, hoje e amanhã. Aos filhos do Bonete, herdeiros de histórias e tradições, fragmentados em suas identidades, entusiastas da qualidade de vida, hospitaleiros e amigos que compartilharam comigo suas experiências e expectativas.

AGRADECIMENTO

Consolidar este mestrado é um marco na minha vida pessoal e profissional. Finalizar esta importante etapa da minha jornada só foi possível graças ao apoio e participação de muitas pessoas às quais registro aqui meus sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, Irene e Ari, meus eternos professores que tanto me ensinam, me apoiam e me guiam e a quem devo meu caráter e amor pelos estudos.

Ao meu marido Dênis, por todo apoio e incentivo. Gratidão pelos ouvidos atentos, pelos abraços nos momentos difíceis e pelos brindes a cada pequena etapa concluída. Sem você, a vida não teria o mesmo brilho. Sua presença me fortalece. Te amo!

À minha querida amiga Juliana Rodrigues Pedreschi. Você é meu modelo de fé e dedicação. Cada passo de sua caminhada me encoraja a continuar seguindo pelos caminhos da educação. Agradeço por você ter me mostrado tantas possibilidades.

Ao meu orientador professor doutor Alexandre Panosso Netto, por ter aceitado o desafio de me conduzir pelos meandros da pesquisa científica. Gratidão pela paciência, pela parceria, pelas críticas, pelo suporte intelectual e pela atitude sempre amorosa, própria de um educador. A você, meu eterno respeito e admiração.

Ao professor doutor Sidnei Raimundo, por ter despertado minha já adormecida paixão pelo turismo. Agradeço por todas as conversas, por você ter lançado diferentes focos de luz neste trabalho, pelos convites para tantas outras pesquisas, pela confiança e pelo carinho.

À professora doutora Madalena Pedroso Aulicino pelas estimulantes aulas sobre identidade cultural. Meu primeiro contato acadêmico com a temática foi agraciado pela sua competente condução. Agradeço a você por tão importantes opiniões sobre esta pesquisa. Suas críticas contribuíram imensamente para a elaboração deste trabalho.

Aos professores doutores Marta Maria Assumpção Rodrigues, Paulo Rogério Miranda Correia e Sylmara Gonçalves Dias pela oportunidade que me deram de experimentar a docência nesta universidade. Ter sido tutora/monitora em vossas disciplinas mudou todo o meu paradigma sobre educação no ensino superior. Serei sempre grata pela oportunidade.

Aos queridos Alessandra Martins, Paula do Valle, Juliana Castro, Paulo Tácio, Solange Lopes e Fabrício Matheus, integrantes do grupo de pesquisa Territorialidades, Políticas Públicas e Conflitos na Conservação de Patrimônios, pelas instigantes conversas sobre comunidades tradicionais, pelas viagens, pelas cervejas e pela amizade.

Às “gentes lindas” Livia Toneto, Eduardo Ulian, Karina Silva e Rosana Santos Fernandes, pelas reflexões, pela produção conjunta, pelas conversas descontraídas e pela mesa partilhada. Com vocês este mestrado foi mais divertido.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela bolsa de estudos a mim concedida durante esses quase dois anos. Esse apoio foi fundamental para o aprofundamento desta pesquisa.

A todos aqueles que me ajudaram com seus conhecimentos técnico, especialmente ao professor doutor Juarez Ambires pela gentil e atenciosa dedicação ao revisar este trabalho. À querida Carol Felix por ter colaborado com a transcrição de algumas entrevistas. Sua ajuda foi fundamental para a preservação da minha saúde. Gratidão enorme! Ao Daniel Nery e ao Gilberto Back pela gentileza de elaborar os mapas que ilustram este trabalho. Ao professor doutor Davis Gruber Sansolo pela valiosa contribuição durante o exame de qualificação. Aos professores mestres Irene Scótolto e Raul Arriagada pela elaboração do abstract e do resumen,

Aos queridos amigos da “Turma da Faenac”, Angela, Rogério, Ana Claudia, João, Flávia, Flávio, Cintia, Juliana, Raul e aos mais novos integrantes, Adriana e Alfredo. Agradeço pelas trocas constantes, pelo apoio e incentivo, pelos papos sérios e pelas piadas, pelos almoços, jantares e festanças, pela cumplicidade e pelo fomento desta amizade.

A cada um dos boneteiros e não boneteiros que colaboraram a seu modo para a realização deste trabalho. Agradeço ao Isaque, ao Fernando, ao Washington e ao Gabriel por me conduzirem pelas águas de Ilhabela; à Celina, à Sara, à Paulinha, à Alice e à Angélica pelo cuidado e atenção durante meus períodos de estadia em terra boneteira; à equipe do Instituto Bonete, na pessoa do Fredê por, gentilmente, me ceder abrigo; às vovós Dona Maria Lilian, à Dona Iara e à Dona Anita pelo carinho e abraço apertado com que sempre me receberam; à Dona Isabel pelo café quentinho e pelo bolo de cenoura oferecido com amor; e a todos aqueles que gentilmente cederam seu tempo para compartilhar suas histórias, suas percepções, seus medos e desejos. Não os nomeio aqui a fim de preservar seus anonimatos, mas deixo explícita a minha eterna gratidão. O resultado deste trabalho é um pedacinho da voz de cada um de vocês, vozes sem as quais este trabalho não seria o mesmo. Também agradeço aos não entrevistados, por todo o suporte e hospitalidade. Vocês contribuíram para que eu me apaixonasse pelo Bonete.

Finalmente, agradeço a força superior que me fez acreditar na minha capacidade, que me ajudou a superar todos os obstáculos que surgiram durante esta jornada, que me iluminou em cada uma das etapas percorridas, que me possibilitou concluir este mestrado com êxito e que me inspira para seguir sempre em frente.

SCÓTOLO, Denise. *Das canoas às voadeiras: identidade cultural, turismo e desenvolvimento local na comunidade do Bonete de Ilhabela – SP, Brasil*. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2015. 265 p. Dissertação de Mestrado em Filosofia.

RESUMO

O presente trabalho pesquisou, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, as representações sociais que emergem dos discursos dos sujeitos pertencentes à comunidade do Bonete, localizada no município de Ilhabela, no litoral norte do Estado de São Paulo, Brasil, sobre as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local. A fundamentação teórica foi construída a partir da revisão de literatura sobre os seguintes construtos: estudos culturais, cultura, identidade cultural, tradição, representação social, desenvolvimento local, participação, governança e turismo de base comunitária. A pesquisa de campo, de caráter qualitativo, se valeu de entrevistas semiestruturadas com sujeitos pertencentes a três grupos: a) proprietários de empreendimentos turísticos; b) pessoas que ocupam posições-chave; c) moradores em geral. Considerando o processo subjetivo que caracteriza o reconhecimento identitário segundo as memórias, afirmações histórico-culturais, ações e relações estabelecidas no grupo social, utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo como meio de suscitar as representações sociais existentes nessa comunidade. Também foram feitas observações não participantes que contribuíram para uma discussão sobre aspectos da realidade local que puderam ser notados durante o recorte de tempo desta pesquisa. As representações sociais do Bonete sobre as três temáticas centrais deste trabalho permitiram o entendimento de algumas das necessidades, motivações e expectativas dessa comunidade sobre suas condições de vida e sobre o futuro de seu território. Os sujeitos que ali vivem reconhecem que muitos aspectos de sua cultura tradicional têm sido abandonados e que as atividades turísticas representam o principal fator de crescimento econômico local. Ainda que tenham tido alguma aproximação com o turismo de base comunitária, ainda não foram implantadas formas de gestão comunitária das atividades turísticas na comunidade. Observou-se uma forte identificação desses *boneteiros* com seu território; entretanto, eles reconhecem a pouca participação individual e coletiva nas questões que dizem respeito ao desenvolvimento de sua comunidade. Conclui-se que, para que haja desenvolvimento local endógeno e emancipatório no Bonete, é necessário que os sujeitos que ali vivem se organizem em torno de um projeto comum que valorize sua identidade e suas características culturais e naturais e que, ainda, fomentem projetos que consideram a vocação turística do Bonete e as capacidades, habilidades e competências humanas ali existentes.

Palavras-chave: Identidade cultural. Desenvolvimento local. Turismo. Bonete.

SCÓTOLO, Denise. *From canoes to “voadeiras”*: cultural identity, tourism and local development in the Bonete community in Ilhabela – SP, Brazil. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2015. 265 p. Dissertação de Mestrado em Filosofia.

ABSTRACT

This paper researched, from the perspective of Cultural Studies, the social representations found in the discourse of the subjects belonging to Bonete community, located in the municipality of Ilhabela, on the northern coast of São Paulo, Brazil, on the relationship between cultural, tourism and local development. The theoretical framework was built from the review of literature on the following constructs: cultural studies, culture, cultural identity, tradition, social representation, development, local development, participation, governance, tourism and community-based tourism. The field research, qualitative, drew on semi-structured interviews with people belonging to three groups: a) owners of tourist facilities; b) persons occupying key positions; c) residents in general. Considering the subjective process that characterizes the identity recognition under the memories, historical and cultural statements, actions and relationships established in the social group, we used the Discourse of the Collective Subject technique as a means to raise the existing social representations in this community. Non-participant observation also contributed to a discussion on aspects of local reality that could be noticed during the clipping time of this research. The social representations of Bonete on the three central themes of this work allowed the understanding of some needs, motivations and expectations of the community about their livelihood and the future of its territory. The subjects who live there recognize that many aspects of their traditional culture have been neglected, and that the tourist activities are the main factor for local economic growth. Although they have had some approach to community-based tourism, there have not been implemented forms of community management of tourist activities in the community yet. There was a strong identification of these boneteiros with their territory; however, they recognize the little individual and collective participation in matters that concern the development of their community. It is concluded that for endogenous and emancipatory local development in Bonete it is necessary that the subjects who live there organize themselves around a common project that enhances their identity and their cultural and natural features, and besides promote projects that consider the touristic vocation of Bonete and the human capacities, abilities and skills that exist there.

Keywords: Cultural identity. Local development. Tourism. Bonete.

SCÓTOLO, Denise. *De las canoas a las "voadeiras": identidad cultural, turismo y desarrollo local en la comunidad de Bonete de Ilhabela*. – SP, Brasil. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2015. 265 p. Dissertação de Mestrado em Filosofia.

RESUMEN

El presente trabajo investigó, a partir de la perspectiva de los Estados Culturales, las representaciones sociales que emergen de los discursos de los sujetos pertenecientes a la comunidad del Bonete, localizada en el municipio de Ilhabela, en el litoral norte del estado de São Paulo, Brasil, sobre las relaciones existentes entre identidad cultural, turismo y desarrollo local. La fundamentación teórica fue construida a partir de la revisión de literatura sobre los siguientes constructos: estudios culturales, cultura, identidad cultural, tradición, representación social, desarrollo local, participación, gobernanza y turismo de base comunitaria. La investigación de campo, de carácter cualitativo, se ha servido de entrevistas semiestructuradas con sujetos pertenecientes a tres grupos: a) propietarios de emprendimientos turísticos; b) personas que ocupan posiciones clave; c) habitantes en general. Considerando el proceso subjetivo que caracteriza el reconocimiento identificador según las memorias, afirmaciones histórico-culturales, acciones y relaciones establecidas en el grupo social, se utilizó la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo como medio de suscitar las representaciones sociales existentes en esa comunidad. También fueron hechas observaciones no participantes que contribuyeron para una discusión sobre aspectos de la realidad local que pudieron ser notados durante el recorte de tiempo de esta investigación. Las representaciones sociales del Bonete sobre las tres temáticas centrales de este trabajo permitieron el entendimiento de algunas necesidades, motivaciones y expectativas de esa comunidad sobre sus condiciones de vida y sobre el futuro de su territorio. Los sujetos que allí viven reconocen que muchos aspectos de su cultura tradicional han sido abandonados y que las actividades turísticas representan el principal factor de crecimiento económico social. Aunque hayan tenido cierta aproximación con el turismo de base comunitaria, todavía no fueron implantadas formas de gestión comunitaria de las actividades turísticas. Se ha observado una fuerte identificación de esos *boneteiros* con su territorio; sin embargo, ellos reconocen la poca participación individual y colectiva en las cuestiones que dicen respecto al desarrollo de su comunidad. Se ha concluido que para que ocurra el desarrollo local endógeno y emancipador en el Bonete es necesario que los sujetos que allí viven se organicen en torno de un proyecto común que valore su identidad y sus características culturales y naturales y que, todavía, fomenten proyectos que consideren la vocación turística del Bonete y las capacidades, habilidades y competencias humanas allí existentes.

Palabras clave: Identidad cultural. Desarrollo local. Turismo. Bonete.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa da região do litoral norte de São Paulo.....	26
Figura 2 –	Mapa de localização da área de estudo: Arquipélago de Ilhabela, com destaque para a comunidade do Bonete, para a área do Parque Estadual de Ilhabela e para as demais comunidades tradicionais do município.....	27
Figura 3 –	Distribuição dos entrevistados por grupo, sexo e idade.....	37
Figura 4 –	Vista aérea do bairro do Bonete, destacando a praia e o Rio Nema.....	82
Figura 5 –	Tradicional canoa caiçara do Bonete.....	82
Figura 6 –	Fotomontagem de mapa desenhado por alguns moradores do Bonete em 2013.....	83
Figura 7 –	Igreja de Santa Verônica.....	85
Figura 8 –	Praia do Bonete.....	86
Figura 9 –	Surfe no Bonete.....	86
Figura 10 –	Mapa apontando as trilhas que ligam o Bonete à outros bairros..	87
Figura 11 –	Rio Nema.....	87
Figura 12 –	Rancho de canoas.....	88
Figura 13 –	Visitantes na praia e em mesas de quiosque na orla da praia.....	89
Figura 14 –	Construções próximas à orla da praia.....	89
Figura 15 –	Crianças brincando.....	103
Figura 16 –	Jovem surfando no Canto Bravo do Bonete.....	104
Figura 17 –	Jogos de futebol na praia.....	104
Figura 18 –	Praça da Conversa Mole.....	105
Figura 19 –	Moradores cooperando para levar uma canoa ao mar.....	106
Figura 20 –	Boneteiros pescando.....	107
Figura 21 –	Artesanato local feito em madeira.....	107
Figura 22 –	Equipamentos para a produção de farinha de mandioca tradicional caiçara.....	108
Figura 23 –	Boneteira com vestimenta típica.....	109
Figura 24 –	Manutenção e limpeza do bairro.....	110
Figura 25 –	Poço d’água formado pela Cachoeira do Areado.....	126

Figura 26 –	Passarela sobre a Cachoeira da Lage.....	127
Figura 27 –	Caiçaras e simpatizantes em manifestação pacífica contra a urbanização das praias do Bonete e de Castelhanos durante a largada da 40ª Semana Internacional de Vela da Ilhabela.....	128
Figura 28 –	Sinalização turística no Bonete.....	130
Figura 29 –	Fotografia do mapa turístico do Bonete.....	131
Figura 30 –	Fotografia de placa informando a história do Bonete.....	132
Figura 31 –	Fachada do Instituto Bonete para a Sustentabilidade.....	135
Figura 32 –	Placa informando dicas para uma boa estadia.....	149
Figura 33 –	Placas indicando áreas de propriedade particular.	160
Figura 34 –	Placas indicando propriedades à venda.....	161
Figura 35 –	Imagens do morro do Mirante da Barra com a vegetação queimada.....	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Caracterização dos sujeitos de pesquisa.....	36
Quadro 2 –	Roteiro de entrevistas dirigido aos moradores da comunidade..	39
Quadro 3 –	Roteiro de entrevistas dirigido às pessoas que ocupam posições-chave	40
Quadro 4 –	Roteiro de entrevistas dirigido aos proprietários ou arrendatários de empreendimentos.....	41
Quadro 5 –	Divisão da população por sexo e faixa etária.....	84
Quadro 6 –	Ideias centrais sobre a identidade e a cultura do Bonete.....	90
Quadro 7 –	Ideias centrais sobre as estratégias que a comunidade do Bonete tem buscado para promover o desenvolvimento local..	111
Quadro 8 –	Ideias centrais sobre o turismo e sua relevância para os moradores do Bonete.....	137
Quadro 9 –	Oferta de equipamentos turísticos do Bonete.....	144
Quadro 10 –	Ideias centrais sobre as relações existentes entre identidade cultural, turismo e o desenvolvimento do Bonete.....	150
Quadro 11 –	Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões A: Identificar as características da identidade e da cultura local, assim como as proximidades do entrevistado com essa cultura e seu senso de pertença ao território.....	187
Quadro 12 –	Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões B: Identificar as estratégias que a comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local.....	205
Quadro 13 –	Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões C: Compreender a relevância do turismo para a comunidade.....	231
Quadro 14 –	Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões C: Investigar quais são as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local.....	247

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
ASSOBI	Associação Amigos do Bonete Ilhabela
DL	Desenvolvimento local
CAT	Centro de Atendimento ao Turista
CEDES/LN	Centro de Experimentação em Desenvolvimento Sustentável do Litoral Norte
DL-e	Desenvolvimento local endógeno
DLe-e	Desenvolvimento local endógeno-emancipatório
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
FIB	Felicidade Interna Bruta
ONU	Organização das Nações Unidas
PEIb	Parque Estadual da Ilhabela
PIB	Produto Interno Bruto
PNB	Produto Nacional Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
TBC	Turismo de Base Comunitária
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAR	Serviço de Apoio ao Agricultor Rural
UC	Unidade de Conservação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 PERCURSO METODOLÓGICO	33
2.1 Tipologia da pesquisa.....	33
2.2 Procedimentos da pesquisa.....	34
2.2.1 <i>Coleta dos dados</i>	<i>34</i>
2.2.1.1 <i>Amostra</i>	<i>35</i>
2.2.1.2 <i>Roteiro de entrevistas.....</i>	<i>37</i>
2.2.2 <i>Análise dos dados.....</i>	<i>42</i>
2.3 Limitações dos métodos utilizados.....	45
3 REVISÃO DE LITERATURA	49
3.1 Cultura sob a ótica dos Estudos Culturais.....	49
3.2 Identidade cultural.....	54
3.3 A Teoria das Representações Sociais.....	60
3.4 Desenvolvimento Local	62
3.4.1 <i>O desenvolvimento local a partir do turismo.....</i>	<i>74</i>
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	81
4.1 A comunidade do Bonete	81
4.2 Características da identidade e da cultura do Bonete.....	90
4.2.1 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 1a</i>	<i>90</i>
4.2.2 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 2a</i>	<i>94</i>
4.2.3 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 3a</i>	<i>97</i>
4.2.4 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 4a</i>	<i>98</i>
4.2.5 <i>Discussão</i>	<i>99</i>
4.3 Estratégias locais para o desenvolvimento do Bonete.....	110
4.3.1 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 1b</i>	<i>111</i>
4.3.2 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 2b</i>	<i>118</i>
4.3.3 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 3b</i>	<i>119</i>
4.3.4 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 3b</i>	<i>123</i>
4.3.5 <i>Discussão</i>	<i>124</i>
4.4 O turismo e sua relevância para os moradores do Bonete.....	136
4.4.1 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 1c</i>	<i>137</i>
4.4.2 <i>Discurso do Sujeito Coletivo 2c</i>	<i>140</i>

4.4.3	<i>Discussão</i>	142
4.5	As relações existentes entre identidade cultural, turismo e o desenvolvimento do Bonete	150
4.5.1	<i>Discurso do Sujeito Coletivo 1d</i>	150
4.5.2	<i>Discurso do Sujeito Coletivo 2d</i>	153
4.5.3	<i>Discussão</i>	157
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
	REFERÊNCIAS	175
	APÊNDICE A	183
	APÊNDICE B	185
	APÊNDICE C	187
	APÊNDICE D	205
	APÊNDICE E	231
	APÊNDICE F	247

1 INTRODUÇÃO

Localizado entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico, o litoral norte do Estado de São Paulo apresenta uma extensa área com características naturais peculiares ao bioma Mata Atlântica. Marcado por floresta ombrófila densa, restingas, manguezais, floresta de planície, praias e ilhas oceânicas, este litoral é formado pelos municípios de São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba (fig. 1) possuindo clima úmido tropical, propício para atividades balneárias (PEREIRA, 2009). Somam-se aos aspectos físicos os registros de uma história de mais de 2500 anos de saberes e fazeres de ancestrais sambaqueiros e indígenas e de longos períodos de lutas e conquistas entre os povos nativos e seus colonizadores (PEREIRA, 2009). Tal conjunto de aspectos originou uma cultura miscigenada rica em tradições que delineiam os valores culturais de sua população atual.

Com sua economia atual baseada predominantemente nas atividades ligadas ao turismo sazonal e nas atividades oriundas do Porto de São Sebastião e da Petrobrás, o litoral norte paulista tem experimentado, nas últimas décadas, profundas transformações em seu território. O crescimento urbano desordenado, causado em grande parte pela especulação imobiliária existente a favor de uma população flutuante e veranista¹, tem-lhe ocasionado impactos culturais, sociais, políticos, econômicos, espaciais e ecológicos.

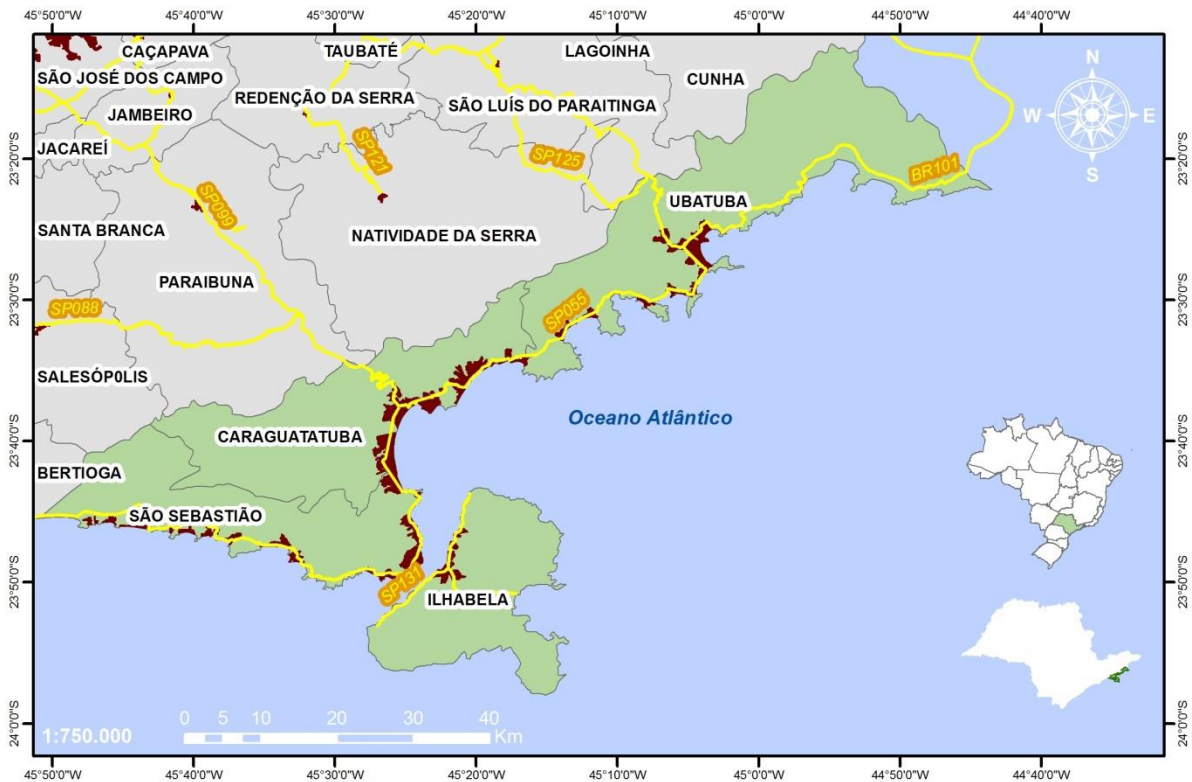
Tais mudanças e impactos legitimam a necessidade de discutir as propostas e estratégias que a região tem buscado para abrandar ou conter os impactos negativos e para impulsionar o desenvolvimento sustentável da região como um todo e de áreas específicas.

Ilhabela, o município-arquipélago da região, teve o marco inicial de sua urbanização em 1958, ganhando expressivo ritmo na década de 1970 a partir da intensificação do veraneio. Segundo a publicação *Litoral Sustentável* (2013), durante as décadas seguintes até os anos 2000, Ilhabela assistiu ao espraiamento da urbanização tanto em sua orla marítima, quanto em suas áreas interiores centrais. O crescimento urbano desacelerou-se a partir da década de 2000, entretanto, o retrato da urbanização de Ilhabela em 2011 mostra, em meio às áreas já ocupadas, espaços potenciais para a construção de imóveis de segunda residência de alto padrão. Ainda que tenha havido um desaceleramento no volume de construções, a especulação imobiliária atingiu alguns dos bairros onde vivem comunidades caiçaras. Somadas a isso, as preocupações com a degradação de áreas naturais e litorâneas, a criação de áreas destinadas à conservação ambiental, o avanço da pesca industrial e o aumento do fluxo

¹ Veranista, neste texto, é entendido como o proprietário e/ou usuário de imóvel de residência secundária.

de turistas têm feito com que algumas dessas comunidades caiçaras experimentem mudanças em seus modos de vida.

Figura 1 – Mapa da região do litoral norte de São Paulo



LOCALIZAÇÃO DO LITORAL NORTE PAULISTA

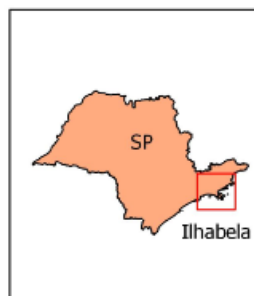
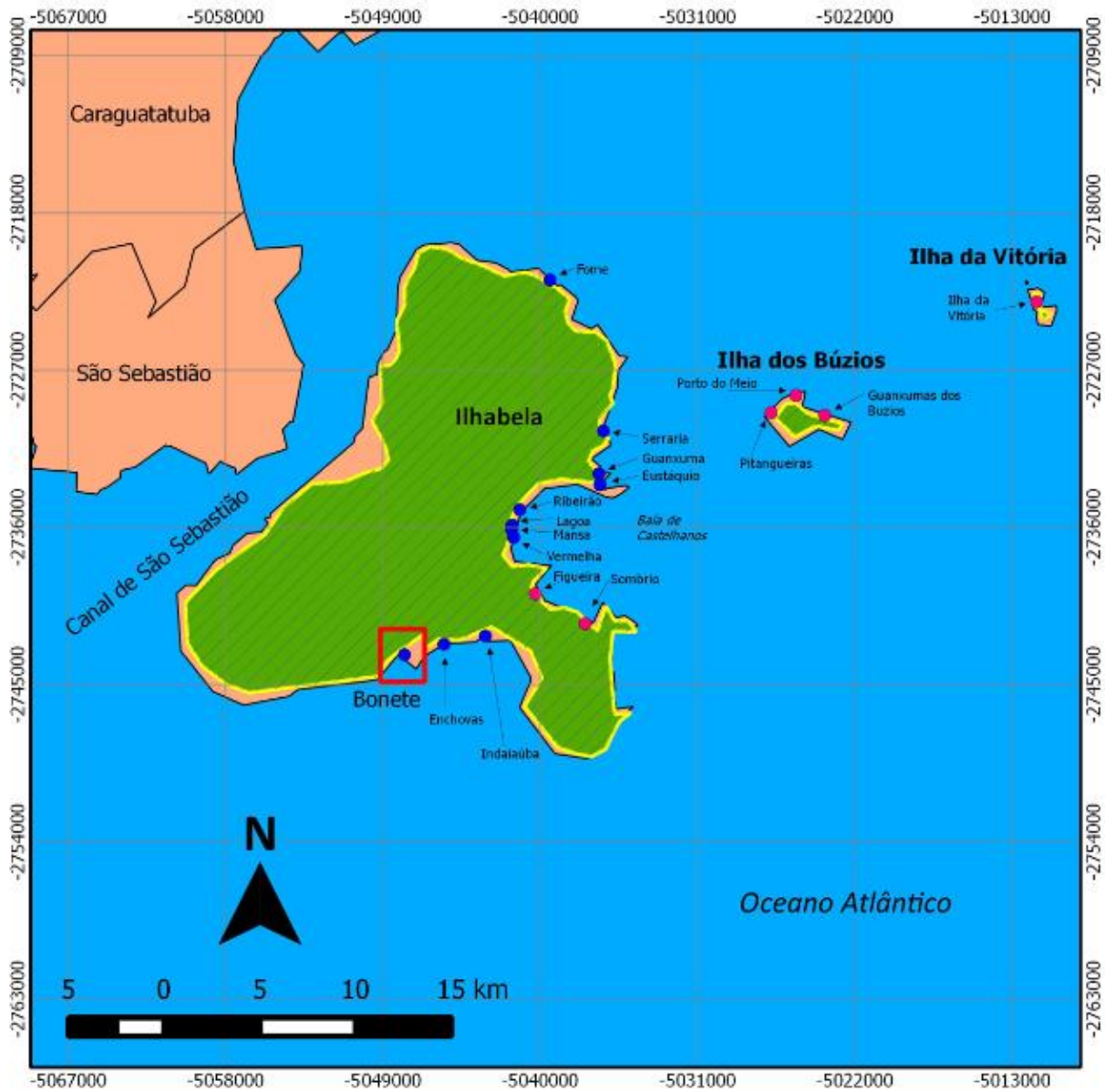
MUNICÍPIOS DO LITORAL NORTE PAULISTA	
 CARAGUATATUBA	 DEMAIS MUNICÍPIOS
 ILHABELA	 ÁREA URBANA
 SÃO SEBASTIÃO	 RODOVIAS
 UBATUBA	

Base Cartográfica: Instituto Florestal - 2003 / Instituto Sócio Ambiental, 2002 / Organização: Gilberto Back, 2014

Fonte: Gilberto Back, 2014.

Dentre as dezessete comunidades caiçaras existentes no Município de Ilhabela, a comunidade da Praia do Bonete (fig. 2) localizada ao sul da Ilha de São Sebastião – a maior ilha do arquipélago – tem apresentado crescente desenvolvimento socioeconômico desde que sua população descobriu sua vocação turística e passou a investir em atrativos e estruturas necessárias ao atendimento dos visitantes.

Figura 2 – Mapa de localização da área de estudo: Arquipélago de Ilhabela, com destaque para a comunidade do Bonete, para a área do Parque Estadual de Ilhabela e para as demais comunidades tradicionais do município.



Legenda

- PE Ilhabela
- Comunidades no Entorno PE Ilhabela
- Comunidades Inseridas no PE Ilhabela

Elaboração: Daniel Nery, 2015.

O desenvolvimento do turismo em ambientes naturais pode trazer diversas vantagens à região, aos investidores e aos autóctones. Geração de emprego e renda, preservação do patrimônio natural, valorização do patrimônio cultural e o desenvolvimento de políticas públicas favoráveis à implantação de infraestrutura local são alguns dos exemplos de benefícios que as atividades turísticas, quando bem planejadas, podem gerar. Entretanto, quando mal planejado e desenvolvido de forma desordenada, o turismo pode ocasionar uma série de impactos negativos que, em muitos casos, se tornam irreversíveis, como a sazonalidade econômica, a especulação imobiliária, o aumento dos preços de produtos e serviços utilizados pela população local, a degradação do meio natural, a descaracterização da identidade cultural local, a falta de acesso aos meios de subsistência, subempregos, desemprego, prostituição, tráfico de drogas e, por fim, a expulsão da população localizada em áreas de interesse turístico para zonas periféricas.

Composta por 258 moradores², a Comunidade do Bonete configura-se como a maior comunidade tradicional caiçara de Ilhabela, no entanto, a projeção do Bonete como destino turístico tem reforçado as preocupações sobre o impacto do turismo nessa comunidade, sobretudo sobre o crescimento da especulação imobiliária, sobre a descaracterização do modo de vida tradicional, sobre o êxodo involuntário, sobre os desafios para a promoção do desenvolvimento local e sobre os demais conflitos que afetam esse território.

Entende-se que analisar a formação e as transformações da identidade cultural de uma determinada população requer compreender os usos simbólicos e as ações políticas que envolvem seu território. Entende-se, também, que refletir sobre o desenvolvimento local de uma comunidade é refletir necessariamente sobre as questões que envolvem os atores da comunidade e os usos que esses atores fazem de seu território, a fim de promoverem a melhoria de sua qualidade de vida. As pesquisas acerca deste assunto envolvem o entendimento sobre o que vem a ser cultura, identidade e desenvolvimento local e sobre como uma determinada população se identifica e se representa inserida nos contextos históricos, políticos, sociais e econômicos que a envolve. Considerando que um grupo social é constituído por uma diversidade de membros e, portanto, as relações sociais nunca ocorrem de forma homogênea, as diversidades socioculturais existentes em um mesmo grupo social devem ser consideradas e transformadas em motivo de estudo.

² Dado obtido no posto de saúde local em março de 2014.

Entendendo a relevância dessa temática para os estudos sobre as novas práticas sociais, culturais e econômicas dos moradores do Bonete e do envolvimento desses sujeitos com novas formas de interação social, foram levantadas as seguintes perguntas de pesquisa:

- Quais são as características culturais da comunidade do Bonete?
- Quais são as relações simbólicas existentes entre a comunidade do Bonete e seu território?
- Quais são as estratégias que essa comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local?
- Como a comunidade têm percebido as experiências com o turismo no Bonete?
- Quais são as relações existentes entre a identidade cultural, as atividades turísticas e os processos de desenvolvimento local no Bonete?

É nesse contexto e a partir da problemática apresentada acima que se insere o presente trabalho. A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, pesquisou-se a identidade cultural e suas transformações na Comunidade do Bonete, assim como os processos de desenvolvimento local, marcados pela inserção de atividades ligadas ao turismo. Para tanto, colocou-se o foco de interesse nas representações sociais emergidas nos discursos dos sujeitos moradores da comunidade, assim como em seus saberes, objetos e práticas tradicionais.

A pesquisa levou em consideração uma abordagem social, na qual os seres humanos entendem o mundo em que vivem e a si mesmos através das ações nas quais se engajam (WERTSCH, 1991) e que, ao mesmo tempo, suas ações são consequências do entendimento e das representações que têm de si e de seu mundo. Por isso, entende-se que é pelo estudo das representações e da dinâmica das interações sociais que é possível compreender quais são os responsáveis por quais atividades na construção das identidades sociais e do desenvolvimento local. Essa compreensão constitui-se como primeiro passo necessário a futuras propostas de fortalecimento do tecido social e de promoção do desenvolvimento local.

Assim sendo, entende-se que a identidade cultural dos sujeitos moradores no Bonete é construída a partir de uma perspectiva interdisciplinar da qual fazem parte as famílias, as organizações lá existentes, as imagens que esses sujeitos fazem de si e de sua cultura, a junção do conhecimento prático legitimado, os fazeres locais e as novas perspectivas de mudança social.

Em virtude do panorama apresentado acima, o objetivo geral deste trabalho é identificar as representações sociais que emergem dos discursos dos sujeitos pertencentes à comunidade do Bonete sobre as relações existentes entre identidade cultural, turismo e

desenvolvimento local. Também foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) identificar os aspectos culturais predominantes nessa população; b) compreender as relações simbólicas existentes entre essa comunidade e o território em que ela vive; c) identificar as estratégias que essa comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local; d) compreender a relevância do turismo para a comunidade do Bonete.

Três hipóteses foram levantadas a fim de conduzir a investigação. São elas: a) o turismo tem contribuído para o desenvolvimento local do Bonete, contudo, a dedicação da população local às atividades turísticas tem contribuído paulatinamente para a extinção das atividades tradicionais locais; b) a valorização das atividades tradicionais pode contribuir para o aumento do fluxo turístico em períodos de baixa estação e, conseqüentemente, para a promoção do desenvolvimento local; c) o veraneio compromete o desenvolvimento local.

Assim como Certeau (1995), percebe-se que é importante aspirar a entender de onde uma sociedade obtém a base de sua compreensão e fantasia e que nenhuma ação política ou cultural pode nascer ou se alimentar do desprezo ao próximo. Thompson (1998), em sua obra *“Costume em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional”*, faz referência a John Brand – pioneiro nos estudos sobre o folclore – o qual salienta que

[...] nada relacionado com o mais ínfimo do que é vulgar pode ser estranho à nossa investigação, e menos ainda escapar à nossa atenção; nada que diga respeito àqueles que ocupam o lugar mais humilde, embora de modo algum menos importante na distribuição política dos seres humanos. (BRAND; (1795)³ *apud* THOMPSON, 1998, p.13-14).

A importância de se estudar comunidades a priori marginalizadas também é afirmada por Eagleton, como segue:

Ao resgatar o que a cultura ortodoxa empurrou para as margens, os estudos culturais fizeram um trabalho vital. As margens podem ser lugares indescritivelmente dolorosos para se estar, e há poucas outras tarefas mais honrosas para estudantes da cultura do que ajudar a criar um espaço no qual o descartado e ignorado possa encontrar uma língua, uma fala. (EAGLETON, 2010, p. 18).

Essa fala tem sido dada aos sujeitos pesquisados tanto pelos pequenos movimentos que surgem no interior da comunidade, quanto por esta pesquisa que, através da abordagem da representação social, tem privilegiado as narrativas e os discursos dos sujeitos boneteiros.

As representações sociais sobre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local no Bonete são apresentadas, neste trabalho, na forma de discursos coletivos que emergiram dos sujeitos dessa sociedade. Os resultados dessa pesquisa, ou seja, as representações sociais apresentadas em formato de discursos coletivos podem ser observadas no capítulo 4. O

³ BRAND, J.; ELIIS, H. *Observations on popular antiquities*. Vol. 1, p. XXI, [sl], 1813. (o prefácio de Brand data de 1795).

capítulo 4 também propõe uma discussão sobre os três fenômenos estudados a partir das reflexões sobre as representações sociais apresentadas, sobre as observações feitas por esta pesquisadora durante os trabalhos de campo e sobre os referenciais teóricos que dão sustentação científica para esses fenômenos. O capítulo 3 trata dos referenciais teóricos e é composto, respectivamente, pela revisão de literatura sobre Cultura e Identidade a partir da ótica dos Estudos Culturais, sobre Representação Social e sobre Desenvolvimento Local e Turismo. Os pormenores do percurso e procedimentos metodológicos utilizados durante este trabalho podem ser vistos no capítulo 2, a seguir.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Tipologia da pesquisa

Os estudos culturais têm desenvolvido modos distintos de pesquisas que permitem atingir os objetivos de analisar as articulações entre os processos e as estruturas de conjunturas culturais específicas (TURNER, 1996). A pesquisa em estudos culturais não deve se reduzir aos detalhes que compõem as representações sobre artefatos, produtos e práticas, mas deve analisar as formas como essas representações se relacionam com os processos culturais que estruturam as identidades, o consumo, a produção e a regulação dos objetos de estudo (TURNER, 1996). Com o objetivo de identificar as representações sociais que emergem dos discursos dos sujeitos pertencentes à comunidade do Bonete sobre as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local, optou-se por uma pesquisa com abordagem qualitativa.

As identidades culturais, os costumes, as tradições, a profundidade das interações entre turistas e anfitriões e a promoção do desenvolvimento local em comunidades turísticas são, por natureza, questões qualitativas.

A pesquisa qualitativa responde

[...] a questões muito particulares que se preocupam, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO; DESLANDES, 2000, p.21).

Tal como afirma Neves (1996, p.2), a pesquisa qualitativa propõe “visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno”, uma vez que o fenômeno pesquisado pode ser mais bem compreendido no ambiente em que ocorre e, portanto, a pesquisa deve buscar “captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995, p.21).

Partindo dos objetivos desta pesquisa em compreender as representações sociais da comunidade do Bonete, optou-se pela realização de um estudo de caso. O estudo de caso tem como propósito fundamental analisar de forma intensiva dada unidade social (GODOY, 1995) e sua ênfase está na compreensão do fenômeno. Scholz e Tietje (2002) afirmam que o estudo de caso pode ser holístico e baseado em descrições do fenômeno ou em narrativas.

Yin (2010) entende que o estudo de caso possibilita ao pesquisador ser orientado por proposições teóricas, tanto durante a coleta de dados, quanto durante a análise dos mesmos e ainda, lidar com diversas evidências tais como documentos, entrevistas, observações etc.

2.2 Procedimentos da pesquisa

Dada a complexidade do objeto de estudo e dos construtos que fundamentam este trabalho, foram utilizadas as pesquisas bibliográfica e de campo.

Para a pesquisa bibliográfica foram levantadas fontes acadêmicas que discutem os seguintes temas: estudos culturais, cultura, identidade cultural, tradição, representação social, desenvolvimento, desenvolvimento local, participação, governança, turismo e turismo de base comunitária. Tal pesquisa culminou na Revisão de Literatura apresentada no capítulo 3. Tal revisão apresenta ao leitor os pressupostos teóricos que embasam a discussão dos resultados apresentados no capítulo 4.

A pesquisa de campo foi realizada concomitantemente por observações não-participantes assistemáticas e por entrevistas realizadas a partir de um roteiro semiestruturado aplicado aos moradores da comunidade do Bonete de Ilhabela.

Ruquoy (1997, p. 89) afirma que “a entrevista é o instrumento mais adequado para delimitar os sistemas de representações, de valores, de normas veiculadas por um indivíduo”, já que o locutor fornece ao entrevistador a imagem do real correspondente à sua percepção seletiva.

Segundo Duarte (2004), as entrevistas compõem um método adequado quando o pesquisador deseja ou precisa mapear práticas, valores, crenças e sistemas classificatórios de universos específicos em que conflitos ou contradições não estejam explícitos. A autora afirma que, através das entrevistas, o pesquisador pode “fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade” (DUARTE, 2004, p. 215), e pode levantar informações consistentes que possibilitem a descrição e compreensão da lógica existente nas relações que os sujeitos estabelecem no interior de seu grupo social.

2.2.1 Coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu na comunidade da Praia do Bonete entre os meses de setembro de 2013 e novembro de 2014. Os depoimentos obtidos junto aos sujeitos

entrevistados foram colhidos, na maioria dos casos, em ambientes informais como sala de estar, cozinha, jardim e praia. Mesmo quando as entrevistas ocorreram no ambiente de trabalho dos entrevistados, o recinto parecia deixar de cumprir sua função primordial e se transformava em um espaço de fala/escuta e cumplicidade.

2.2.1.1 Amostra

A escolha dos sujeitos que compõem uma pesquisa que busca identificar as representações sociais e os discursos de um determinado grupo social deve levar em conta, conforme sugerem Lefevre e Lefevre (2012), a quantidade, a variabilidade e a qualidade da amostra, uma vez que esta deverá oferecer informações relevantes, interessantes e suficientes para a posterior análise.

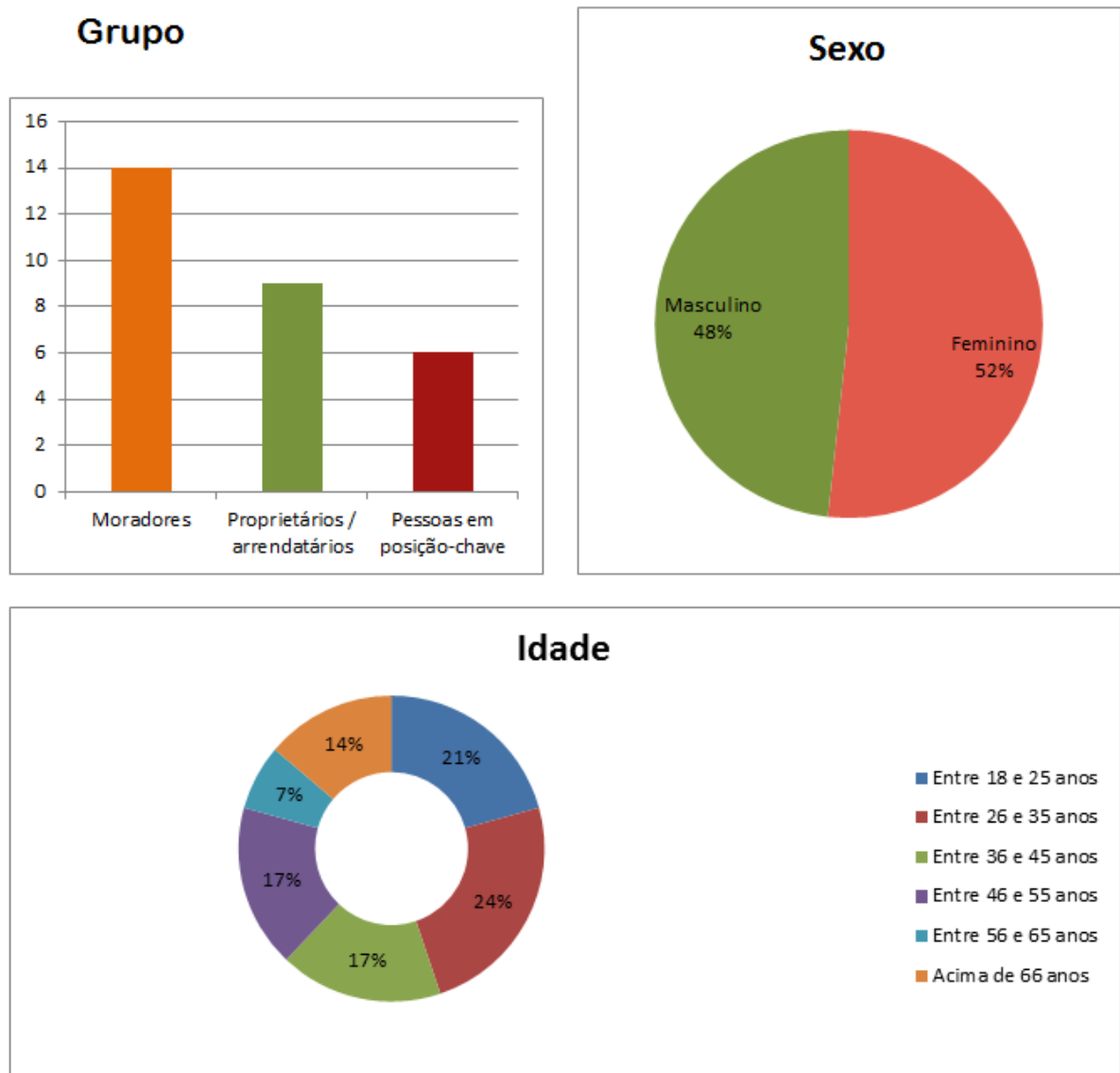
Para esta pesquisa, optou-se por compor a amostra a partir da escuta de diferentes grupos sociais que integram o território pesquisado, tornando esta amostra representativa por sua variabilidade e qualidade. Assim, foram escolhidos intencionalmente 29 sujeitos pertencentes a três grupos principais. O primeiro grupo foi composto por moradores da comunidade em geral que estão ou não envolvidos com as atividades turísticas ali existentes. Este grupo é formado por homens e mulheres; por jovens, adultos e idosos; por trabalhadores formais, informais, autônomos, desempregados e aposentados. O segundo grupo foi composto por proprietários e arrendatários de empreendimentos voltados ao atendimento de turistas, como meios de hospedagem, bares e restaurantes. O terceiro grupo pesquisado constituiu-se de pessoas que ocupam posições-chave na localidade, como os presidentes das associações locais, pastores, professores e enfermeira. É importante salientar que alguns indivíduos, procurados por pertencerem a um determinado grupo, revelaram-se como pertencentes a dois ou mais grupos e, portanto, o roteiro de entrevista foi adaptado para se adequar à realidade do entrevistado.

As características dos entrevistados participantes desta pesquisa, assim como a data em que os depoimentos foram colhidos e o grupo do qual fazem parte podem ser vistas no Quadro 1. A figura 3 mostra a distribuição dos participantes da pesquisa por sexo (em percentuais), por idade (em percentuais) e por grupo de entrevistados (em números absolutos).

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

<i>Sujeito</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Grupo</i>	<i>Data da entrevista</i>
S1	F	Entre 36 e 45 anos	Proprietários / arrendatários	Setembro de 2013
S2	M	Entre 26 e 35 anos	Pessoas em posição-chave	Setembro de 2013
S3	F	Entre 18 e 25 anos	Proprietários / arrendatários	Setembro de 2013
S4	F	Entre 18 e 25 anos	Moradores	Setembro de 2013
S5	M	Entre 56 e 65 anos	Moradores	Setembro de 2013
S6	F	Acima de 66 anos	Moradores	Setembro de 2013
S7	M	Entre 36 e 45 anos	Moradores	Setembro de 2013
S8	F	Entre 18 e 25 anos	Moradores	Setembro de 2013
S9	F	Acima de 65 anos	Moradores	Setembro de 2013
S10	M	Entre 26 e 35 anos	Proprietários / arrendatários	Setembro de 2013
S11	F	Entre 18 e 25 anos	Moradores	Janeiro de 2014
S12	F	Entre 36 e 45 anos	Proprietários / arrendatários	Janeiro de 2014
S13	F	Entre 56 e 65 anos	Proprietários / arrendatários	Janeiro de 2014
S14	M	Entre 18 e 25 anos	Moradores	Janeiro de 2014
S15	F	Entre 18 e 25 anos	Moradores	Janeiro de 2014
S16	M	Entre 26 e 35 anos	Moradores	Janeiro de 2014
S17	M	Entre 26 e 35 anos	Moradores	Janeiro de 2014
S18	F	Entre 46 e 55 anos	Proprietários / arrendatários	Janeiro de 2014
S19	M	Entre 36 e 45 anos	Proprietários / arrendatários	Março de 2014
S20	F	Entre 46 e 55 anos	Proprietários / arrendatários	Março de 2014
S21	F	Entre 26 e 35 anos	Pessoas em posição-chave	Março de 2014
S22	F	Entre 46 e 55 anos	Moradores	Março de 2014
S23	M	Entre 46 e 55 anos	Pessoas em posição-chave	Março de 2014
S24	M	Entre 46 e 55 anos	Pessoas em posição-chave	Março de 2014
S25	M	Entre 36 e 45 anos	Pessoas em posição-chave	Março de 2014
S26	M	Acima de 66 anos	Proprietários / arrendatários	Março de 2014
S27	M	Acima de 66 anos	Pessoas em posição-chave	Março de 2014
S28	F	Entre 26 e 35 anos	Moradores	Junho de 2014
S29	M	Entre 26 e 35 anos	Moradores	Janeiro de 2014

Figura 3 – Distribuição dos entrevistados por grupo, sexo e idade



Elaboração: Denise Scótolto, 2014.

2.2.1.2 Roteiro de entrevistas

Para conseguir atingir os objetivos propostos neste trabalho e para dar luz a um amplo panorama sobre as representações sociais do Bonete, incluindo as convergências e divergências de opiniões, foram criados três diferentes roteiros de entrevistas. O roteiro dirigido aos entrevistados do primeiro grupo (moradores em geral) foi composto por quatro blocos de questões referentes às (a) características da cultura local; (b) estratégias que a comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local; (c) experiências com o turismo receptivo; (d) relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento

local. Além desses blocos, o roteiro também incluiu questões que pudessem colaborar com o entendimento sobre a identidade cultural daquela população e sobre o sentimento de pertença dos moradores em relação àquele território. O roteiro de entrevista dirigido aos proprietários ou arrendatários de empreendimentos (segundo grupo) foi composto pelos mesmos blocos existentes no roteiro de entrevista do grupo anterior e mais um conjunto de questões relativas ao empreendimento. Essas, além de intencionarem obter informações gerais sobre os serviços e produtos ofertados, procuravam verificar a existência de alguma rede articulada entre prestadores de serviços destinados ao atendimento de turistas. Por fim, o roteiro de entrevistas dirigido às pessoas que ocupam posições-chave foi composto pelos blocos “b”, “c” e “d”, além de questões relativas à caracterização das instituições que representam e aos processos de participação da comunidade. Os roteiros de entrevistas utilizados durante a coleta de dados para esta pesquisa podem ser visto nos quadros 1, 2 e 3. Ainda que as entrevistas tenham sido guiadas por um desses roteiros, seu caráter semiestruturado permitiu a) que as perguntas fossem realizadas de forma fluida conforme o “desenrolar” dos discursos dos interlocutores, sem prender-se à ordem em que as questões aparecem no roteiro de entrevista; b) que outras perguntas fossem incluídas de maneira a complementar as informações relevantes trazidas pelos participantes; c) que perguntas fossem suprimidas quando a resposta de alguma questão anterior cobrissem os objetivos de uma ou mais questões.

Quase todos os entrevistados foram convidados a preencherem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem (Apêndice B). Alguns entrevistados que não tiveram condições de assinar tais termos deram sua autorização ao final da entrevista.

Quadro 2 – Roteiro de entrevistas dirigido aos moradores da comunidade

Cadastro do entrevistado

Nome: _____ Sexo _____
 Data de nascimento: _____ Há quanto tempo vive no Bonete _____
 Ocupação _____

Bloco A - Objetivo: Identificar as características da identidade e da cultura local, assim como as proximidades do entrevistado com essa cultura e seu senso de pertença ao território.

1. Conte um pouco da sua história, dizendo onde você nasceu ou como chegou ao Bonete e o que tem feito por aqui. (Quando necessário, era perguntada qual é a ocupação/profissão do entrevistado.)
2. Qual o nome que se dá para a população daqui? Caiçara, Ilhabelense, Boneteiro etc?
3. Pra você, o que significa ser um _____ (caiçara, ilhabelense, boneteiro)?
4. Fale um pouco sobre a cultura _____ (caiçara, ilhabelense, boneteira)?
Quais são os hábitos, costumes e como é a vida aqui?
5. Você gosta dessa cultura? Por quê?
6. Você já visitou ou morou em outros lugares? Quais?
7. Quais as principais diferenças existentes entre esses lugares e o Bonete?
8. Você tem vontade de viver em outro lugar? Por quê?
9. Você participa de alguma atividade cultural, econômica ou social da comunidade?
(Caso o entrevistado não entendesse a pergunta, eram dados os seguintes exemplos: festas, igreja, reuniões em associações e institutos)

Bloco B – Objetivo: Identificar as estratégias que a comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local.

10. Quais os principais problemas da comunidade?
11. Quais as ideias, projetos ou oportunidades que a comunidade tem encontrado para solucionar esses problemas?

Bloco C – Objetivo: Compreender a relevância do turismo para a comunidade.

12. O que você pensa sobre o turismo?
13. Quais as vantagens e desvantagens do turismo para o Bonete?
14. Qual a relevância do turismo na vida da sua família?

Bloco D – Objetivo: Investigar quais são as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local.

15. Os turistas que vêm para cá estão interessados na cultura local?
16. O turismo pode ajudar a fortalecer a cultura local ou ele pode enfraquecê-la? Por quê?
17. Você já ouviu falar sobre Turismo de Base Comunitária? Se sim, o que você sabe sobre esse tipo de turismo?
18. A cultura local pode colaborar para o desenvolvimento da comunidade? Como?
19. Como você imagina o futuro do Bonete?
20. Qual é seu sonho?

Quadro 3 – Roteiro de entrevistas dirigido às pessoas que ocupam posições-chave

<p>Cadastro do entrevistado</p> <p>Nome do estabelecimento: _____</p> <p>Tipo de estabelecimento: _____ Função do entrevistado: _____</p> <p>Nome do entrevistado: _____ Sexo _____</p> <p>Data de nascimento: _____ Há quanto tempo vive no Bonete _____</p> <p>Bloco de questões relativas ao estabelecimento</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quais os objetivos e a área de atuação do(a) _____ (associação/instituto/igreja/posto)? 2. Quantos membros possui? <p>Bloco B – Objetivo: Identificar as estratégias que a comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local.</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Quais os principais problemas da comunidade? 4. Quais as ideias, projetos ou oportunidades que a comunidade tem encontrado para solucionar esses problemas? 5. Existem projetos comunitários no Bonete? Se sim, como são desenvolvidos? 6. Quais as formas de participação da comunidade na(o) _____ (associação/instituto/igreja/posto)? 7. Que tipos de decisões são tomadas via _____ (associação/instituto/igreja/posto)? Essas decisões costumam ser respeitadas? 8. A comunidade recebe apoio de parceiros externos? Que tipo? De quem? 9. Por ser uma área vizinha à áreas de preservação ambiental, quais as decisões caem ao governo e quais cabem à comunidade? <p>Bloco C – Objetivo: Compreender a relevância do turismo para a comunidade.</p> <ol style="list-style-type: none"> 10. Qual a visão da _____ (associação/instituto/igreja/posto) sobre o turismo? 11. Quais as vantagens e desvantagens do turismo para o Bonete? 12. Como o turismo foi introduzido na comunidade? 13. Quantas pessoas estão envolvidas com o turismo? 14. O dinheiro recebido com a prática do turismo fica na comunidade ou vai para outros órgãos, pessoas ou empresas externas à comunidade? <p>Bloco D – Objetivo: Investigar quais são as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local.</p> <ol style="list-style-type: none"> 15. O turismo pode ajudar a fortalecer a cultura local ou ele pode enfraquecê-la? Por quê? 16. Os turistas que vêm para cá estão interessados na cultura local? 17. Você já ouviu falar sobre Turismo de Base Comunitária? Se sim, o que você sabe sobre esse tipo de turismo? 18. A cultura local pode colaborar para o desenvolvimento da comunidade? Como? 19. Como você imagina o futuro do Bonete? 20. Qual é o sonho da comunidade?

Quadro 4 – Roteiro de entrevistas dirigido aos proprietários ou arrendatários de empreendimentos

Cadastro do entrevistado

Nome do estabelecimento: _____
 Tipo de estabelecimento: _____ Função do entrevistado: _____
 Nome do entrevistado: _____ Sexo _____
 Data de nascimento: _____ Há quanto tempo vive no Bonete _____

Bloco de questões relativas ao empreendimento.

1. Desde quando este estabelecimento existe?
2. O que te motivou a abri-lo/arrendá-lo/admistrá-lo?
3. Quais são os serviços oferecidos aos visitantes?
4. Qual é o perfil do turista que utiliza os serviços do ____ (hotel/restaurante/bar)?
5. Você faz algum tipo de divulgação? Qual?
6. Quantas pessoas trabalham aqui? Quais são suas funções?
7. Essas pessoas são membros da comunidade ou vieram de fora do Bonete para trabalharem aqui?
8. Como elas se qualificam para trabalhar com o turismo? Elas participam ou participaram de algum treinamento?
9. Como são realizadas as compras para o abastecimento do empreendimento? Você realiza compras coletivas em parceria com outros estabelecimentos?
10. Existe diálogo e parceria com os demais estabelecimentos que atendem os turistas, como discussão sobre formação de preços, desenvolvimento de produtos ou serviços, divulgação etc.? Se sim, como funcionam essas parcerias?

Bloco C – Objetivo: Compreender a relevância do turismo para a comunidade.

11. O que você pensa sobre o turismo?
12. Quais as vantagens e desvantagens do turismo para o Bonete?
13. Qual a relevância do turismo na vida da sua família?

Bloco A - Objetivo: Identificar as características da identidade e da cultura local, assim como as proximidades do entrevistado com essa cultura e seu senso de pertença ao território.

14. Conte um pouco da sua história, dizendo onde você nasceu ou como chegou ao Bonete e o que tem feito por aqui. (Quando necessário, era perguntada qual é a ocupação/profissão do entrevistado.)
15. Qual o nome que se dá para a população daqui? Caiçara, Ilhabelense, Boneteiro
16. Pra você, o que significa ser um _____ (caiçara, ilhabelense, boneteiro)?
17. Fale um pouco sobre a cultura _____ (caiçara, ilhabelense, boneteira)?
Quais são os hábitos, costumes e como é a vida aqui?
18. Você gosta dessa cultura? Por quê?
19. Você já visitou ou morou em outros lugares? Quais?
20. Quais as principais diferenças existentes entre esses lugares e o Bonete?
21. Você tem vontade de viver em outro lugar? Por quê?
22. Você participa de alguma atividade cultural, econômica ou social da comunidade? (Caso o entrevistado não entendesse a pergunta, eram dados os seguintes exemplos: festas, igreja, reuniões em associações, institutos).

*Continuação***Bloco B – Objetivo: Identificar as estratégias que a comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local.**

23. Quais os principais problemas da comunidade?
24. Quais as ideias, projetos ou oportunidades que a comunidade tem encontrado para solucionar esses problemas?

Bloco D – Objetivo: Investigar quais são as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local.

25. O turismo pode ajudar a fortalecer a cultura local ou ele pode enfraquecê-la? Por quê?
26. Os turistas que vêm para cá estão interessados na cultura local?
27. Você já ouviu falar sobre Turismo de Base Comunitária? Se sim, o que você sabe sobre esse tipo de turismo?
28. A cultura local pode colaborar para o desenvolvimento da comunidade? Como?
29. Como você imagina o futuro do Bonete?
30. Qual é seu sonho?

2.2.2 Análise dos dados

Considerando o enredamento da diversidade de dados coletados e a complexidade de se examinar as representações sociais emergidas nos discursos dos entrevistados, optou-se pelo Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como técnica de análise dos dados.

Fundamentado na Teoria das Representações Sociais, o DSC caracteriza-se por um conjunto de técnicas que permite a construção do pensamento de uma coletividade, revelando o que e como as pessoas pensam, que sentidos atribuem a determinados temas e como se posicionam sobre diferentes assuntos, desde questões particulares até questões coletivas.

Desenvolvida por Lefevre e Lefevre no fim da década de 1990, a técnica, ou o DSC, distingue-se como um procedimento de tabulação de dados no qual um discurso-síntese é elaborado a partir de partes de discursos que possuem sentido semelhante (FIGUEIREDO *et al.*, 2013) e que reflitam as representações sociais do grupo pesquisado, possibilitando a compreensão de assuntos que envolvam o grupo.

O DSC permite que ideias semelhantes e compartilhadas por um mesmo grupo social sejam reunidas em um discurso único que as represente, sendo o discurso “um agenciamento coerente de conteúdos e argumentos” (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012, p. 29). A técnica é entendida por Lefevre e Lefevre (2005) como um espelho coletivo no qual as pessoas que o olham tomam consciência de como são, uma vez que cada indivíduo interrogado é um representante do grupo social pesquisado.

Essa metodologia propõe a organização e tabulação de dados qualitativos obtidos a partir de depoimentos individuais ou de outros discursos de natureza verbal (artigos de jornais e revistas, cartas, discussões em grupos) que, após processados, incorrem em depoimentos coletivos, ou seja, “construtos confeccionados com estratos literais do conteúdo mais significativo dos diferentes depoimentos que apresentam sentido semelhante” (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012).

Os desenvolvedores do método sugerem o DSC como uma proposta que

elencar e articular uma série de operações sobre a matéria-prima de depoimentos coletados em pesquisas empíricas de opinião por meio de questões abertas, operações que redundam, ao final do processo, em depoimentos coletivos confeccionados com estratos de diferentes depoimentos individuais – cada um desses depoimentos coletivos veiculando uma determinada e distinta opinião ou posicionamento, sendo tais depoimentos redigidos na primeira pessoa do singular, com vistas a produzir, no receptor, o efeito de uma opinião coletiva, expressando-se, diretamente, como fato empírico, pela “boca” de um único sujeito de discurso (LEFEVRE e LEFEVRE, 2006, p. 517).

Em linhas gerais, essa metodologia busca criar um ou mais discursos que representem a coletividade de indivíduos em suas falas. Os depoimentos coletivos criados a partir dessa técnica são compostos apenas por discursos semelhantes em termos de ideias centrais e ancoragens. Assim, a técnica prevê que sejam criados quantos discursos coletivos forem necessários sobre um dado assunto para que a totalidade das opiniões, ideias e posicionamentos existentes sobre um tema em um determinado grupo seja sempre contemplada em algum dos DSCs criados.

Sendo as representações sociais entidades sociais internalizadas, incorporadas e vividas como “coisas suas” pelos indivíduos que compõem um determinado grupo, é possível que estes usem termos como “na minha opinião...” e “do meu ponto de vista...”. Assim, o DSC propõe estender a fala individual para a dimensão da representação social que, tradicionalmente, tem sido vista como incapaz de se auto expressar, permanecendo nos textos acadêmicos “como uma terceira pessoa ‘de quem se fala’, necessitando por isso [...] de um sujeito a ela exterior, o sujeito impessoal da Teoria” (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012, p. 25):

A proposta do DSC é fazer o pensamento coletivo falar *diretamente*. Isso implica instituir um sujeito capaz de incorporar nele o discurso do pensamento coletivo, sendo que ele não é nem o sujeito do depoimento individual puro, incapaz, por ser individual, de expressar o pensamento coletivo, nem o sujeito impessoal do Conhecimento, da Ciência ou da Teoria, incapaz este, como sujeito, de expressar diretamente o pensamento coletivo, justamente porque pelo fato de, metadiscursivamente, falar do pensamento coletivo na terceira pessoa, acaba instituindo tal pensamento como objeto e não como sujeito. (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012, p. 24).

O conjunto das representações sociais veiculadas através dos DSCs consiste em resgatar ou, ao menos, se aproximar da estrutura simbólica sobre dado assunto presente em um determinado grupo social e em um determinado tempo (FALCÃO e FARIA, 2007). Como técnica de pesquisa empírica, o DSC resgata o pensamento individual e ilumina o conjunto social pesquisado, trazendo à tona as diferenças e semelhanças nele existentes.

A qualidade dos discursos emergidos durante esta pesquisa só foi possível mediante a aplicação de questionários semiestruturados compostos por questões abertas. O DSC se vale fundamentalmente de questões abertas para que as representações sociais possam ser iluminadas. As questões abertas dão oportunidade dos entrevistados manifestarem de forma livre e espontânea suas opiniões, ideias, posicionamentos, resistências e sugestões sobre o tema pesquisado. Esses pensamentos, materializados na forma de discursos/depoimentos constituem um material rico e capaz de fornecer os conteúdos necessários para a construção do pensamento coletivo.

Ao adotar as questões abertas durante a fase de coleta de dados e os corretos procedimentos de utilização da técnica durante a fase de tabulação dos dados coletados, foi possível identificar e reconhecer as semelhanças e as diferenças existentes no conjunto de depoimentos colhidos durante a pesquisa.

A produção do DSC inclui a assimilação das ideias centrais existentes nos discursos individuais, a identificação das expressões-chave que compõem as ideias centrais, o reconhecimento de expressões de ancoragem (se houverem) e, por fim, a elaboração de um discurso-síntese confeccionado a partir da junção das expressões-chave e ancoragens de cada uma das ideias centrais surgidas nos depoimentos individuais.

As ideias centrais revelam “da maneira mais sintética e precisa possível o sentido ou os sentidos de cada um dos discursos” (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012, p. 76). As expressões-chave são fragmentos ou trechos contínuos ou descontínuos do depoimento individual do entrevistado que revelam a essência do conteúdo de seu discurso. Dessa forma, as ideias centrais podem ser entendidas como categorias de discursos que são necessárias para agrupar as expressões-chave semelhantes. As ancoragens são as expressões proferidas como afirmações prontas que revelam uma ideologia embutida no discurso, por exemplo: “homem que é homem...”, ou ainda “Todo lugar tem problema”.

Cabe ressaltar que cada ideia central, ou seja, cada categoria de discurso identificada nas expressões-chave recebe um discurso-síntese específico. Assim, para cada bloco de questões elaboradas pela pesquisadora, um painel de DSCs surge, representando as diversas opiniões existentes no grupo social pesquisado sobre aquele assunto. A técnica permite ao

pesquisador saber (a) *o que* pensam os sujeitos que compõem a coletividade pesquisada sobre um dado assunto e (b) *qual* o grau de compartilhamento de cada uma das ideias centrais apresentadas, ou seja, como tais ideias se distribuem entre os diversos grupos que compõem o campo de pesquisa.

Os resultados dessa fase da pesquisa poderão ser vistos no capítulo 4. A matéria prima base para a construção dos DSCs, ou seja, os discursos individuais⁴, pode ser apreciada nos instrumentos de análise disponíveis nos APÊNDICES C, D, E e F. Tais apêndices apresentam as falas de cada participante sobre cada um dos objetivos desta pesquisa e enumeram as ideias centrais assimiladas para a categorização de cada discurso. As expressões-chave utilizadas na elaboração dos DSCs podem ser identificadas pelas palavras sublinhadas nos referidos apêndices.

2.3 Limitações dos métodos utilizados

A escolha por uma abordagem metodológica, por determinada estrutura de coleta de dados e por um método de análise implica aceitar suas limitações intrínsecas.

A observação não participante, não obstante seus aspectos positivos de aproximação do pesquisador com os objetos, sujeitos e seus cotidianos, é limitada aos espaços nos quais a presença do pesquisador é permitida e à ocorrência e frequência dos fenômenos a serem observados durante a permanência do pesquisador no campo. Outra limitação diz respeito àquilo que se quer observar. Em uma sociedade ou comunidade são inúmeros os aspectos componentes da cultura local. Observar tal grandiosidade de aspectos demandaria convivência comunitária em longo prazo. Assim, esta pesquisa limitou-se à observação assistemática, ou seja, foi feita de forma não estruturada e à medida que surgiam na dinâmica local os aspectos semelhantes ou não àqueles relatados nas entrevistas, além da observação das características que compõem a paisagem local. Também se reconhece que as observações não são neutras. Ainda que a pesquisadora tivesse o cuidado de manter certo distanciamento dos objetos de pesquisa, as observações são marcadas por sua própria subjetividade.

Cabe ressaltar que a pesquisa ocorre num tempo histórico, político e social e num ambiente em constante transformação, o que reflete a inconstância daquilo que se observa. A cada visita à comunidade, a paisagem havia se modificado e, com ela, a dinâmica local e, como num ciclo de ação-reação-ação, a dinâmica local havia afetado a paisagem. Dessa

⁴ Os discursos individuais foram minimamente editados, corrigindo-se alguns erros gramaticais e repetições de palavras, tornando o texto limpo e fluido.

forma, as observações refletem aquilo que pôde ser observado no tempo da pesquisa e que, sabe-se, poderá não refletir a dinâmica local em um breve futuro.

Assim como as observações refletem a dinâmica social em um determinado espaço e tempo, as entrevistas realizadas também refletem as questões que parecem mais relevantes aos atores sociais no momento da entrevista. Isso significa que questões relevantes em setembro de 2013, por exemplo, puderam ganhar ou perder importância nos meses subsequentes e, portanto, podem aparecer de forma mais ou menos acentuada nos discursos dos entrevistados conforme as mudanças sociais ocorridas no período em que a entrevista foi feita.

Outro ponto de destaque é a possível revisão dos valores e opiniões dos participantes durante ou após a realização das entrevistas. Segundo Duarte (2004), as entrevistas oferecem a oportunidade do interlocutor refletir sobre si mesmo, sobre sua cultura, sua história, suas tradições, seu povo e sobre as marcas que constituem seu grupo social; como consequência, os entrevistados podem reorganizar o entendimento que têm de si próprios e da sociedade em que vivem e podem, portanto, dar novo sentido às suas vidas. Assim sendo, as entrevistas coletadas podem refletir as opiniões, valores e histórias do interlocutor durante o momento da entrevista; entretanto, seus valores, opiniões sobre determinados temas e formas de participação social podem modificar-se no momento em que passam a refletir sobre si e sobre a sociedade em que vivem. Isto posto, os resultados das entrevistas concedidas em um momento podem não refletir os valores e opiniões atuais dos entrevistados, já que estes tiveram a oportunidade, através da participação na pesquisa, de refletir sobre os temas abordados. Ruquoy (1997, p. 85) afirma que, “ao colocarmos frente a frente dois sujeitos com suas subjetividades, não podemos garantir que as informações obtidas sejam idênticas em outra situação de interação”.

Além da subjetividade que envolve pesquisador e pesquisado no tocante à condução das perguntas, respostas e suas interpretações, vale dizer que nem todos os entrevistados responderam à todas as perguntas propostas, ainda que todas as perguntas tenham sido feitas a todos os participantes conforme o grupo amostral no qual se enquadravam. Também é preciso reconhecer que os sujeitos entrevistados podem desconhecer os aspectos relativos às suas ações, ou seja, aquilo que as pessoas afirmam sobre si e sobre suas práticas pode não ser suficiente para as revelar (RUQUOY, 1997). “Embora a entrevista permita acender às representações dos sujeitos (quer se trate de opiniões, de aspirações ou de percepções), só de forma imperfeita dá informações sobre suas práticas” (RUQUOY 1997, p. 88). Assim, o conjunto de entrevistas, realizado com diferentes atores sociais, complementado pelas

observações não-participante dos fatores apontados nas entrevistas, procurou minimizar algumas das limitações aqui apresentadas.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Algumas ideias, como lembra Geertz (2012), surgem no panorama intelectual com tamanho ímpeto que se tornam um ponto central na construção de análises abrangentes e, assim, são exploradas e utilizadas em diversas conexões, para diversos propósitos e experimentos, incluindo suas possíveis generalizações e derivativos. Entretanto, após uma determinada ideia se tornar familiar e parte de conceitos teóricos fundamentais, ela é levada a um equilíbrio e assim é aplicada onde de fato é necessária para a solução de problemas reais.

Assim tem sido com as ideias sobre os estudos culturais, sobre identidade – essa, intimamente ligada àquela – as ideias sobre cultura – base fundamental para as duas anteriores – e outras como as que serão vistas ao longo deste trabalho: desenvolvimento local e turismo.

Este capítulo apresenta tais ideias a partir da ótica de alguns de seus principais estudiosos. Num primeiro momento, discute-se a temática da cultura e dos estudos culturais principalmente a partir da perspectiva de Raymond Williams (1992 e 2007) – um dos precursores dos estudos culturais que compreende a cultura como o modo de vida. A questão da identidade cultural é discutida com base nos estudos de Stuart Hall (2000, 2003 e 2007), de Manuel Castells (1999) e de outros autores igualmente importantes para a reflexão sobre a formação das identidades e suas transformações. O desenvolvimento local é discutido a partir da perspectiva de autores nacionais que evidenciam a abordagem endógena e não economicista, destacando-se os textos de Vicente Fideles de Ávila (2006 e 2011) e Yves Fauré e Lia Hasenclever (2005 e 2007). Por fim, o capítulo discute o turismo como atividade capaz de contribuir com o desenvolvimento de comunidades tradicionais. Tal discussão está baseada nos textos de Luzia Neide Coriolano (2003, 2009 e 2012) e de Eduardo Mielke (2009).

3.1 Cultura sob a ótica dos Estudos Culturais

A palavra cultura tem sido utilizada para fazer referência a importantes conceitos de diversas áreas e sistemas de pensamento. Compreender esse construto é fundamental para aprofundar a análise sobre a dinâmica do funcionamento das relações estabelecidas entre os seres humanos e a consequente identificação destes como um grupo.

As ideias sobre o que é cultura têm se modificado juntamente com as mudanças que ocorrem no mundo, pois são reflexos desse e necessitam de interpretações a partir de seus contextos históricos. De acordo com Williams (2007, p.117-118), o sentido primordial da

palavra *culture* (em inglês) fazia referência ao “cuidado *com* algo, basicamente com as colheitas ou com os animais”. Segundo esse autor, o conceito ampliou-se no século XVI, incluindo o processo de desenvolvimento humano e foi no século XVIII que a palavra *kultur* (em alemão) foi utilizada como sinônimo de civilização, de tornar-se civilizado. Neste sentido, como um substantivo abstrato, cultura descreve a) “um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético”; b) “um modo particular de vida, quer seja de um povo, de um período, de um grupo ou da humanidade em geral”; c) “as obras e as práticas da atividade intelectual e particularmente artística” (WILLIAMS, 2007, p.121). O autor afirma a importância de cada uma dessas posições, pois são justamente essas contraposições que têm estimulado o estudo intensivo das relações sociais e das “atividades culturais” (WILLIAMS, 1992, p. 12).

Canclini (2004) oferece de forma sintética o entendimento sobre o que é cultura segundo três importantes abordagens: antropologia, sociologia e estudos de comunicação. Segundo o autor,

Para a antropologia da diferença, cultura é pertença comunitária e contraste com outros. Para algumas teorias sociológicas de desigualdade, a cultura é algo que se adquire fazendo parte da elite ou adquirindo seus pensamentos e gostos. Os estudos de comunicação, por sua vez, consideram quase sempre que ter cultura é estar conectado⁵ (CANCLINI, 2004, p. 114). (tradução nossa).

Canclini não exclui nenhuma dessas abordagens e afirma que se devem averiguar como essas abordagens coexistem ou se chocam.

A partir da perspectiva dos estudos culturais, Willians (2007, p. 122) aponta para referências que indicam “fundamentalmente os sistemas de significação ou simbólicos” e “uma argumentação complexa sobre as relações de desenvolvimento humano e um modo específico de vida e, entre ambos, as obras e práticas da arte e da inteligência”. Ou seja, a cultura é encarada como um “sistema de significação mediante o qual necessariamente [...] uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p. 13). Assim, a partir do entendimento de cultura com ênfase em um sistema de significações gerais, a cultura passa a incluir, além das artes e produções intelectuais, todas as práticas que gerem significado: linguagem, filosofia, jornalismo, publicidade, moda etc.

Alfredo Bosi, em sua obra “Cultura como Tradição” complementa os referenciais acima, propondo uma ideia de cultura a partir do trabalho empreendido pelos sujeitos:

⁵ Para la antropología de la diferencia, cultura es pertenencia comunitaria y contraste con los otros. Para algunas teorías sociológicas de la desigualdad, la cultura es algo que se adquiere formando parte de las elites o adhiriendo sus pensamientos y sus gustos. Los estudios comunicacionales, por su parte, consideran casi siempre que tener cultura es estar conectado (CANCLINI, 2004, p. 114).

“cultura é vida pensada [...]. Em vez de tratar a cultura como soma de coisas desfrutáveis [...] deveríamos pensar a cultura como fruto do trabalho” (BOSI, 1987, p. 38). Martins (2013, p. 44) também corrobora essa ideia, afirmando que “a cultura refere-se às obras dos homens, portanto, aos conteúdos e símbolos que governam estas relações e que dão significado e continuidade a ação social”.

Nessa perspectiva, Oliveira (2006, p. 32) conclui que “a cultura é sempre produto de uma conquista, que se realiza na ação e no trabalho por sujeitos sociais concretos; é algo que se constitui como processo” – e prossegue – “além disso, restitui a todos nós a condição potencial de produzir, e não apenas consumir, cultura”. Sendo assim, o entendimento de “cultura” ganha uma abrangência imensa, já que os indivíduos sociais são participantes de diversos processos culturais e são produtores e consumidores de tantos outros.

Williams (2007) faz referência ao teólogo e filósofo Herder que, em sua obra inacabada de 1784, *Auch eine Philosophie der Geschichte zur Bildung der Menschheit*⁶, dizia ser “necessário, no que consistia uma inovação decisiva, falar de ‘culturas’ no plural: culturas específicas e variáveis de diferentes nações e períodos, mas também culturas específicas e variáveis dos grupos sociais e econômicos no interior de uma nação” (HERDER, 1784, citado por WILLIAMS, 2007, p. 120). Ampliando o entendimento de Herder (1784) e Williams (2007), é possível verificar essa pluralidade cultural para além dos limites das nações, como as que ocorrem em pequenos grupos sociais, como na comunidade de Bonete.

Assim, os conceitos sobre cultura nos conduzem a múltiplos significados, ao mesmo tempo em que abrem caminhos para compreendermos os processos nos quais os seres humanos estão inseridos e aos quais se adaptam – os meios sociais e culturais que colaboram para a construção de suas identidades, como afirma Arizpe (2006):

A cultura é o fluxo contínuo dos significados do que as pessoas imaginam, fundem e trocam. Com eles construímos o patrimônio cultural e vivemos em sua memória, criamos laços com a família, com a comunidade, com os grupos linguísticos e com o Estado-Nação, e nos identificamos como parte da humanidade. Estes significados também nos permitem termos consciência de nós mesmos⁷ (ARIZPE, 2006, p. 45 citado por ALFONSO e LÓPEZ, 2010, p. 51-52). (tradução nossa).

Desta forma, entende-se que uma das principais características da cultura é que ela se nutre das contínuas atividades e trocas entre os indivíduos que nela se encontram imersos, assim como da criatividade desses indivíduos, implicando, portanto, diferentes formas de

⁶ Sobre a filosofia da história para a educação da humanidade (tradução nossa).

⁷ La cultura es el fluir continuo de significados que la gente imagina, funde e intercambia. Con ellos construimos el patrimonio cultural y vivimos en su memoria, creamos lazos con la familia, la comunidad, los grupos lingüísticos y el Estado-nación, y nos identificamos como parte de la humanidad. Estos significados nos permiten, asimismo, tener conciencia de nosotros mismos (ARIZPE, 2006, p. 45 citado por ALFONSO e LÓPEZ, 2010, p. 51-52).

assimilação da cultura pelo próprio grupo, ou seja, a cultura acontece de forma orgânica e a partir de um agrupamento de indivíduos com propósitos comuns. A cultura representa as ideias, os valores e os conceitos que regulam os indivíduos e suas relações sociais. Tais ideias, valores, conceitos, relações e modos de vida são transmitidos aos membros do grupo e a outros que os reafirmam e/ou os modificam, recriam, transformam e retransmitem. Assim tem sido na comunidade do bairro do Bonete. As atividades tradicionais que deixam de ser nutridas vão formando parte do imaginário e da história local enquanto as novas atividades, surgidas a partir da relação com outros grupos e da criatividade de seu povo, vão sendo assimiladas pelos indivíduos e transformadas em novas expressões culturais.

Como afirma Certeau (1995, p. 141), “para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”, pois “a cultura não consiste em receber, mas em realizar a ação pelo qual cada um marca aquilo que os outros lhes dão para viver e para pensar”.

As relações entre os indivíduos e as atividades em que se envolvem são parte de um sistema integrado com normas e regras de conduta e com princípios de funcionamento, ou seja, cada cultura particular é caracterizada por um conjunto de características próprias, criadas a partir da história e em contínua transformação; assim, toda cultura requer atividades, formas de apropriação, adoção e por fim uma transformação pessoal que estará instaurada a partir do intercâmbio com um grupo social que constituirá um sistema cultural, conforme salienta Certeau (1995). Desse modo, Certeau (1995, p. 192) entende que a cultura não deve ser defendida ou protegida dos danos do tempo como um tesouro, pois significa essencialmente “um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social”.

Nesse juízo, cabe complementar que a cultura se caracteriza também pelas soluções inventivas de um grupo a fim de se adaptar ao seu meio. Isto inclui seus costumes, modos de vestir, comer e falar, seus valores, símbolos e signos, seus comportamentos políticos e econômicos, seus conhecimentos técnicos e suas atividades produtoras que podem ser observadas na cotidianidade dos grupos sociais, como ocorre no Bonete: as meias que prendem as bocas das calças cobertas por longas saias ou vestidos revelam a doutrina religiosa das moradoras do Bonete ao mesmo tempo em que impedem o acesso dos borrachudos aos seus corpos enquanto tomam uma “fresca” à beira mar durante o final de tarde na companhia de algumas de suas parentas que conversam, com seus sotaques característicos, sobre as condições do mar, sobre o movimento do turismo durante a temporada ou ainda sobre alguma nova política que as afete.

A partir do exposto e, considerando as convergências contemporâneas assim como o entrelaçamento dos diferentes sentidos de “cultura”, Willians (1992) evidencia a existência de uma sociologia da cultura, que é chamada de “estudos culturais”. O autor afirma que os estudos culturais são um ramo da sociologia que permite a entrada de questões sociológicas gerais. Sem querer caracterizar os estudos culturais como uma especialidade ou como uma área reservada, o autor afirma que esse tipo de sociologia “coloca sua ênfase em todos os sistemas de significações [e] está necessária e fundamentalmente preocupado com as práticas e a produção culturais manifestas” (WILLIANS, 1992, p. 14). Conforme explica, essa abordagem solicita o estudo das relações concretas entre as instituições e formações culturais, assim como dos meios materiais que produzem cultura, das identificações com aquilo que é produzido, além de suas formas, reproduções e organizações.

Nesse sentido, concorda-se com Toneto (2014, p. 10-11) que entende que “a cultura é uma construção sócio-histórica, compondo um registro das reações, dos pensamentos, dos sentimentos dos indivíduos, e que irá transformar-se de acordo com as condições de vida de uma sociedade”.

A cultura local, originária de profundas relações entre a população e seu meio, implica um tipo de consciência – afeição, apego ou materialidade – em relação a um lugar. Essa consciência, materializada ou não, permite o desenho da identidade local e é fator importante para o desenvolvimento local, uma vez que pode contribuir para a percepção da vocação de um determinado território. Entende-se que o estudo dos meios de produção da cultura possibilite a compreensão das relações estabelecidas entre os elementos materiais e o contexto social no qual esses são utilizados, facilite o entendimento do processo de formação das identidades a partir de sua produção cultural e facilite a compreensão de como essa produção pode colaborar para o desenvolvimento comunitário.

No Bonete, os recursos provenientes do ambiente em que a comunidade está inserida, aliados aos conhecimentos e habilidades ali existentes, possibilitam todo um modo de vida próprio que satisfaz as necessidades materiais e simbólicas – ou parte delas – daqueles que vivem naquela sociedade e que resulta, a cada contexto histórico, em diferentes formas de identificação e de representação social, em diferentes técnicas (pesca artesanal, pesca de cerco, produção de farinha de mandioca, surfe, atividades turísticas, etc.) e em diferentes artefatos (canoas, remos, tipitis, pranchas de surfe, *souvenirs*, etc.).

As representações sociais sobre as relações estabelecidas entre os sujeitos do Bonete com sua cultura, identidade e materialidade poderão ser apreciadas através dos DSCs apresentados no próximo capítulo. Por ora, cabe ressaltar que essas relações têm possibilitado

novos significados aos seus habitantes e têm trazido interessantes conexões capazes de promover o desenvolvimento local.

3.2 Identidade cultural

“Quem é você?”; “De onde você é?”; “O que você faz?”. São questões como essas, comuns no dia-a-dia de todos, que invariavelmente remetem as pessoas a algum sentido de pertença. Essas perguntas acionam a memória em busca de respostas que ofereçam alguma referência de quem se é: origens, raízes, grupos e funções sociais, posicionamentos político, religioso ou ideológico. Este fenômeno tem sido chamado de “identidade” (RIBEIRO, 1995; THOMPSON, 1998, SILVA, 2000; HALL, 2000, 2003 e 2007; LOPES, 2002).

A identidade é um dos temas atuais que vêm sendo discutidos por teóricos de diversas áreas do conhecimento, principalmente dos Estudos Culturais, da Psicologia, da Pedagogia, da Sociologia, da Antropologia e da Análise do Discurso. Segundo Lopes (2002), nenhuma questão nas Ciências Humanas tem se destacado tanto na atualidade quanto a temática da identidade cultural.

A palavra, derivada do latim escolástico *identitāte*, pode trazer significados diversos, mas que se alinham no sentido de *igualdade*. Vejamos algumas definições oferecidas em uma busca no *Dicionário Michaelis* (1998): (i) qualidade daquilo que é idêntico; (ii) paridade ou igualdade absoluta; (iii) igualdade (em álgebra) verificável para todos e quaisquer valores atribuídos às incógnitas; (iv) conjunto de características (físicas e psicológicas) essenciais e distintivas de alguém, de um grupo social ou de alguma coisa que são consideradas para o seu reconhecimento; (v) consciência que uma pessoa tem de si mesma.

Nas perspectivas sociais, o termo se aproxima daquilo expresso em (iv) e (v), como pode ser visto no texto de Carlos Rodrigues Brandão:

Pedro é um nome. Nomeia um indivíduo, uma individualidade, uma identidade de pessoas. Muitos Pedros são, cada um, um Pedro. Pedro Garcia de Oliveira acrescenta ao nome da pessoa os de suas gens famílias: Garcia para a da mãe; de Oliveira para a do pai. A identidade pessoal reveste-se de posições familiares, ordens na escala dos nascimentos, relações entre parentes. Dr. Pedro Garcia de Oliveira acrescenta os nomes da pessoa e da família na pessoa, os títulos de profissão, de classe, de status social. Os nomes que a ordem social atribui a seus membros. Pessoa, parente, engenheiro agrônomo. Cidadão, branco ou preto, eleitor, católico ou protestante, Flamengo. Outros nomes, títulos diferenciadores de crença, posição social, “raça”. (...) Indicadores sociais de status e papéis, uns atribuídos a ele por “berço”, “cor da pele”, “posição social”; outros adquiridos por eleição ou vocação. Na verdade uma complicada trama de relações de direitos e deveres socialmente codificados e escritos nas regras de trocas entre os atores sociais de seu mundo: Pedro Garcia de Oliveira. Escritos – às vezes com maiores poderes de orientação da conduta – nas

normas sociais que o uso faz e a reprodução do uso consagra. (BRANDÃO, 1986, p. 35)

O texto de Brandão (1986) mostra que a identidade de um indivíduo está imbuída de diversas particularidades, dentre elas suas características físicas e biológicas advindas de sua árvore genealógica e sua história ancestral, sua posição social, suas crenças e posicionamentos políticos, religiosos ou “futebolísticos”, enfim, imbuída do grupo social ao qual pertence ou escolhe pertencer. O autor afirma que o conceito de identidade pode explicar os sentimentos pessoais, assim como a consciência de posse de um “eu”, ou seja, de uma realidade que se percebe única em relação a outros e que se reconhece como a continuidade de si mesmo.

A complexidade do tema está na necessidade de analisar a construção da identidade no mundo atual, e isto requer compreender a cultura dos sujeitos sociais e o contexto no qual esses sujeitos estão inseridos: atualmente, o contexto é uma época marcada por profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais que atingem todos os setores da vida.

Como afirma Segrera,

O atual modelo de civilização aprofunda as contradições entre Norte e Sul, capital e trabalho, homem e mulher, branco e de cor, crescimento econômico e natureza, gerações presente e futura, consumo e felicidade, exclusão e integração, cultura bélica e cultura de paz. (SEGRERA, 1999, p. 252).

Tais mudanças têm abalado a ideia de sujeitos integrados e têm trazido novas percepções e discussões sobre as “*identidades culturais* – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2007, p. 8), tornando visíveis novos grupos culturais sociais que buscam afirmar suas identidades a partir de configurações diversas.

A fim de explorar a investigação e ampliar o entendimento sobre os aspectos relativos à identidade e seu processo em constante mutação, Hall (2007) oferece três concepções diferentes sobre identidade:

- a) Sujeito do iluminismo: indivíduo centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação, cujo “centro essencial” – identidade – permanecia idêntico ao longo de toda sua existência. Este “centro do eu” diz respeito à identidade do indivíduo. Nesta concepção, o “centro essencial” do sujeito emergia no momento de seu nascimento e permanecia idêntico – apesar de seu desenvolvimento – por toda sua existência.
- b) Sujeito sociológico: reflete a complexidade de que o “centro” do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas sim formado por relações com outras pessoas importantes para ele e que mediavam valores, sentidos e símbolos – a cultura – do

mundo que ele habitava. Nesta concepção, a identidade era formada pela interação do “eu” – o centro essencial – com a sociedade.

- c) Sujeito pós-moderno: resulta da unificação dos sujeitos aos mundos culturais que habitam. Por estes mundos estarem em constantes transformações estruturais e institucionais, este sujeito se fragmenta, tornando as identidades variáveis e provisórias. Nessa concepção, o sujeito não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Percebe-se, portanto, que o sujeito previamente unificado e estável entrou em colapso e, ao longo da história, a identidade tornou-se, nas palavras do autor, uma “celebração móvel”. Esta nova identidade é formada continuamente pelas relações desenvolvidas com os sistemas culturais que abrigam os indivíduos e se define historicamente e não biologicamente.

Neste sentido, Hall percebe a identidade cultural como um processo produtivo e se indigna com os conceitos que afirmam a identidade cultural como algo imutável. Segundo o autor, “essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva do nosso eu mais interior” (HALL, 2003, p. 28). O autor continua, afirmando que “trata-se, é claro, de uma concepção fechada de ‘tribo’ [...]. Possuir uma identidade cultural é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta” (HALL, 2003, p.29).

Historicamente, os homens pertencem a tribos, clãs, classes sociais, famílias ou grupos que os conectam em função de algum aspecto em comum e que pode, a partir dessas conexões, identificá-los com membros de tais grupos. Porém a identidade também pode ser referenciada a partir dos papéis sociais exercidos pelos homens e pelas relações sociais possíveis a partir desses papéis. Destarte, a identidade é uma construção do próprio homem e, portanto, pode ser transformada.

Isto não significa que Hall (2003) anule o valor dado à ‘tradição’ para a formação da identidade cultural de um povo. O autor afirma que tradição corresponde à fidelidade às origens, à percepção consciente desta e sua autenticidade, além de possuir “todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história” (HALL, 2003, p.29).

De origem tupi, o termo *caçara* tem sido utilizado para denominar indivíduos e comunidades formadas por grupos tradicionais autóctones que surgiram durante o período de colonização portuguesa a partir da miscigenação entre europeus e índios nativos do Brasil (SANTOS, 2013) e, posteriormente, de escravos africanos (MUSSOLINI, 1980) que se

estabeleceram do o litoral sul do Rio de Janeiro até o norte de Santa Catarina (DIEGUES, 2000) – incluindo a comunidade do Bonete. A formação e a cultura das comunidades caiçaras atravessam o contexto histórico de ocupação do litoral brasileiro e os ciclos econômicos experimentados pelas regiões sudeste e sul. Desde os ciclos agrícolas de café e cana-de-açúcar até as atividades pesqueiras e de coleta de animais marinhos, passando pela produção de aguardente, as comunidades caiçaras mantêm sua forma de vida tradicional baseada nas atividades de pesca, caça, agricultura familiar e atividades comerciais de pequena escala e na unidade familiar o núcleo de produção e transmissão de seu patrimônio (SILVA, 2006). Conforme Diegues (2005, p. 275), a tradição caiçara compõe o

conjunto de valores, de visões de mundo e simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, de músicas e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e mar, de ligações afetivas fortes ao sítio e à praia. Essa tradição, herdada dos antepassados, é constantemente re-atualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. É por meio da tradição que são usadas categorias como tempo e espaço e é mediante essas últimas que são interpretados os fenômenos naturais.

Os caiçaras do Bonete estabeleceram fortes relações com o meio ambiente natural e se organizaram em torno das atividades familiares, da roça e da pesca, e recentemente, do turismo. Ainda que diferentes processos, como a urbanização ou a revolução industrial e cibernética tenham-nos afetado, a relação com a natureza e a família está enraizada em suas memórias e serve, ainda hoje, como referências para os homens e mulheres que atuam em suas comunidades, seja no exercício das atividades tradicionais, seja na execução de novas funções, como o transporte de visitantes ou o cuidado com um hóspede.

Portanto, a tradição mostra-se importante, pois é ela que oferecerá pontos de referência – linguísticos, familiares e consuetudinários – aos indivíduos. Se esses pontos de referência se tornam distantes ou perdidos, a identificação dos indivíduos se torna difícil, até mesmo impossível, como afirma Certeau

Como se encontrar uma identidade [...], quando os pontos de referência que a tornavam possível aos pais ou aos avós se apagam ou se tornam inoperantes? Há então um retorno violento às tradições locais, à língua própria, mas como a algo que já se tornou estranho: retorna-se a algo que ainda é seu (um meio de se identificar), mas já outro, alterado. (1995, p. 148).

Renato Ortiz (1994) também acredita na importância da tradição, definida por ele como aquilo que carregamos conosco, que se impõe como carga e também como identidade, mas entende que a tradição se mescla à modernidade de maneira bastante peculiar e promove uma tradicionalização do moderno, ou quiçá, a modernização do tradicional. Como exemplo, podemos ver as tradicionais canoas coloridas do Bonete que deixaram de utilizar a vela e o remo e foram equipadas com motor; ou as novas lanchas voadeiras que substituem as canoas

mas são pintadas com as tradicionais faixas coloridas que identificam as canoas desse povo; ou ainda, as novas pousadas e chalés que se destacam ao utilizarem materiais rústicos e paredes que imitam construções de pau-a-pique.

Nesta confluência, Castells (1999) ressalta que “nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra, *per se*, valor progressista ou retrógrado, se estiver fora de seu contexto histórico” (CASTELLS, 1999, p. 24). Percebe-se, assim, que o entendimento de identidade está completamente ligado aos componentes característicos da cultura: “ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume [...] e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho” (THOMPSON, 1998, p.28). Portanto, a identidade está relacionada com a memória coletiva – exterior ao indivíduo – mas também envolve uma série de referências individuais que fazem com que formas peculiares de modos de vida de um grupo ou sociedade sejam preservados ou alterados no contexto individual. O indivíduo recorre aos referenciais externos e internos a fim de manter ou recuperar sua identidade, seu sentido de pertença.

O conceito de identidade tem sido submetido a diversas discussões no âmbito acadêmico das ciências humanas. Hall diz que “está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou de outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2000, p. 103). O autor concorda com Foucault sobre a reconceituação do sujeito ao afirmar que é preciso pensar o sujeito em uma posição no interior do paradigma na tentativa de buscar compreensões sobre o conceito de identidade.

Castells (1999, p.22) entende a identidade sob uma perspectiva sociológica e a define como “a fonte de significado e experiência de um povo”. O autor também percebe a identidade como um processo em construção no qual a base está nos significados dados ao conjunto de atributos culturais que se inter-relacionam, como, por exemplo, os laços familiares, a pescaria, o roçado, o surfe, as atividades turísticas, as relações entre moradores e visitantes, as crenças religiosas e as ideias sobre a vida em centros urbanos que encantam e/ou assombram o imaginário dos boneteiros. Castells (1999) afirma ainda que pode haver identidades múltiplas em um mesmo indivíduo e que esta pluralidade pode ser fonte de tensão e contradição tanto na ação social quanto na auto-representação.

Hall (2007, p. 46) confirma a ideia de identidades múltiplas ao declarar que o sujeito pós-moderno é “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” uma vez que a identidade não pertence ao núcleo estável do eu, ou seja, não se refere ao segmento do eu que permanece o mesmo, idêntico ao longo do

tempo. (HALL, 2000). Segundo o autor, as identidades parecem invocar suas origens em um passado histórico que se corresponde com a utilização da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas sim daquilo que nos tornamos.

Assim, concorda-se com Mills (1982), quando este afirma a importância da imaginação sociológica que busca compreender a história e a biografia, assim como a relação existente entre ambas a fim de entender qual é o sentido social e histórico dos indivíduos na sociedade em que estão inseridos.

Segundo Eagleton (2010, p. 38), é preciso “imaginar novas formas de pertencimento [...]. Algumas dessas formas terão algo da intimidade das relações tribais ou comunais, enquanto outras serão mais abstratas, mediadas e indiretas”. Assim, o autor afirma que homens e mulheres necessitam de um senso de tradição e pertencimento que possibilite “delinear novas relações entre globalidade e localidade, diversidade e solidariedade” (EAGLETON, 2010, p. 38). Entende-se que as mudanças nas estruturas sociais interferem no processo de construção de identidades pelos sujeitos e que este processo encontra-se repleto de possibilidades, justamente por estar inserido nos contextos globalizantes.

Hall afirma que as identidades emergem de jogos de poder, tornando-se produtos da marcação, da diferença e da exclusão e que

é porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2000, p. 109).

Esta concepção aceita que as identidades são multiplamente construídas por seus discursos, práticas e posições, e que estão sujeitas constantemente aos processos históricos em contínua transformação. Ortiz (1994, p. 79) também deixa clara a relevância do discurso e dos relatos de vida como importantes formas de compreensão da sociedade. “A utilização de relatos de vida é significativa na medida em que eles adensam a compreensão do período, revelando-nos uma atmosfera que dificilmente poderia ser captada a partir de uma macroperspectiva da sociedade”.

Os relatos dos “boneteiros” entrevistados e sua compilação em DSCs possibilita o entendimento sobre o modo de vida do caiçara do Bonete do século passado, incluindo seus símbolos e valores e a transformação desse modo de vida durante as últimas décadas, incluindo também as alterações em seu território, as políticas que os afetam, as novas formas de organização social por eles criadas e as novas tecnologias que modificam seus hábitos e costumes, tornando-os caiçaras do Bonete da década de 2010 – os mesmos, mas já diferentes daqueles de décadas atrás e diferentes dos demais caiçaras da Ilhabela ou de qualquer outro

povo. Esses discursos fornecem a matéria-prima do imaginário boneteiro e revelam parte de sua representação social.

Silva (2000) enfatiza a importância do processo de produção discursiva e social da diferença ao afirmar que a diferença e a identidade são produzidas em âmbito cultural e social e, portanto, devem ser questionadas e problematizadas.

Assim, corrobora-se os pensamentos de Alfonso e López (2010) sobre a dualidade necessária entre o que somos ‘nós’ e o que são os ‘outros’, para que um grupo possa definir sua própria identidade: “(...) nós nos definidos frente aos outros, somos de uma determinada maneira porque não somos de outra que conhecemos⁸ (ALFONSO e LÓPEZ, 2010, p. 55). (tradução nossa). Portanto, as identidades surgem como ideologias produzidas por relações que combinam tanto a autopercepção dos indivíduos em seus grupos, quanto a percepção de outros grupos sobre aqueles e sobre os indivíduos que os compõem. Dessa forma, os discursos sobre a identidade cultural são representações sociais de grupos de indivíduos sobre a percepção que eles têm de si mesmos e de suas diferenças em relação a outros grupos.

3.3 A Teoria das Representações Sociais

O conceito de representação surgiu no século XX por meio dos estudos do sociólogo Émile Durkheim, recebeu nova leitura do psicólogo social Serge Moscovici em 1961 e tem sido aprofundado atualmente pela filósofa Denise Jodelet. A Teoria das Representações Sociais entende que as sociedades são constituídas por planos simbólicos que podem configurar sistemas de crenças (representações sociais) compartilhadas que permitem a comunicação e a troca de sentido entre seus membros, conferindo-lhes coesão. (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012). Jodelet (1993, p. 4-5) afirma que a representação social

é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designado como “saber do senso comum” ou ainda “saber ingênuo”, “natural”, esta forma de conhecimento distingue-se, dentre outros, do conhecimento científico. Mas ela é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto aquele, por sua importância na vida social, pelos esclarecimentos que traz acerca dos processos cognitivos e as interações sociais.

Ainda que as representações sociais distingam-se do conhecimento científico, elas compõem um sistema de crenças que versam “teorias” espontâneas, ou seja, variantes da realidade significativa de um grupo social (JODELET, 1993). Jodelet (1993, p. 4) afirma que

⁸ “(...) ‘nosotros’ nos definimos frente a los ‘otros’, somos de una determinada manera porque no somos de otra que conocemos”(ALFONSO e LÓPEZ, 2010, p. 55).

as representações sociais “exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica”. Segundo a autora “essas definições compartilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas” (JODELET, 1993, p. 4).

É possível reconhecer que as representações sociais funcionam como um sistema de interpretação que um dado grupo social possui em relação aos elementos que o compõem (nacionalidade, escolaridade, profissão, condição social, religião, estrutura física e psíquica entre outros), e que, por assim funcionarem, regem as relações desses grupos sociais com seu meio, assinalando elementos normativos e ideológicos, valores, crenças, opiniões, atitudes, imagens etc. Reconhecidas dessa forma, as representações sociais dirigem as condutas e comunicações sociais e, portanto, “intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais” (JODELET, 1993, p.5). Dessa forma, as representações sociais estão associadas ao pertencimento social dos indivíduos ao grupo no qual estão inseridos, incluindo as implicações normativas e afetivas, as experiências, as práticas e os modelos de conduta a que estão submetidos.

A teoria das representações sociais procura assinalar múltiplos fenômenos que podem ser observados e estudados em termos das complexidades individuais e coletivas. Nesta pesquisa, os fenômenos estudados incluem a percepção dos boniteiros sobre sua identidade cultural, sobre o turismo e sobre o desenvolvimento local e, ainda, sobre como estes fenômenos se relacionam. As representações sociais apresentam as formas como a realidade cotidiana é pensada e interpretada por indivíduos e grupos sociais para fixarem suas posições em relação às situações, aos eventos, aos objetos e comunicações que lhes dizem respeito (SÊGA, 2000). Assim, a representação social intervêm nos diversos contextos que envolvem os grupos sociais – códigos, valores, símbolos e ideologias, podendo ser entendida como o “conhecimento prático que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade” (SÊGA, 2000, p. 128).

As representações sociais são construídas porque os homens precisam de parâmetros que conduzam suas ações no mundo que os cercam. Precisam saber como se ajustar, se localizar física ou intelectualmente, se conduzir, identificar e resolver os problemas do universo em que estão envolvidos. Através das representações sociais os homens nomeiam e

definem o conjunto de diferentes aspectos de sua realidade cotidiana, interpretando-os, defendendo-os ou divergindo e propondo soluções para os problemas percebidos (JODELET, 1993).

Como as representações sociais são resultantes de reelaborações de conteúdos diversos, elas podem ser artísticas, científicas, narrativas, religiosas, ações políticas, jornalísticas, experiências comum etc. e podem, portanto, ser apresentadas como desenhos, pinturas, fotografias, imagens cinematográficas, música, texto escrito, texto falado entre outros (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012). Os depoimentos dos moradores do Bonete, sistematizados em DSCs, trazem à tona as representações sociais de seus moradores e apontam para as percepções que os sujeitos entrevistados têm de si mesmos, de seu grupo, de sua cultura material e imaterial, dos problemas em seu território e das possíveis soluções que promovam o desenvolvimento de sua comunidade.

Touraine (1994) afirma que “sujeito” diz respeito ao desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiência da vida individual. O autor alerta para o fato de que os sujeitos não são indivíduos, mas sim seres constituídos a partir destes e os denomina como “atores sociais coletivos” pelos quais os indivíduos podem atingir o significado holístico de sua experiência.

Lopes (2002) aponta a importância de analisar como os sujeitos envolvidos na construção de significados agem no mundo e, portanto, constroem a realidade social e a si mesmos. Assim, a análise dos significados construtores desse processo é tão importante quanto os diversos meios utilizados pelos sujeitos para agir no mundo e ver a si próprios.

O tópico seguinte discute o conceito de desenvolvimento local a partir da perspectiva de autores que refletem sobre o desenvolvimento como um processo endógeno e um projeto coletivo de transformação social e econômica e que modifica, conseqüentemente, as percepções identitárias e a cultura local ao atribuir significados às práticas, meios e formas dos sujeitos agirem.

3.4 Desenvolvimento Local

Parece indiscutível a existência de uma intensa e profunda mudança que vem afetando o mundo e tornando certas concepções e organizações inadequadas às atuais condições sociais, políticas, tecnológicas, econômicas e ambientais. Tais modificações trazem consigo dificuldades e ameaças que, por sua vez, estimulam a geração de novas ideias e soluções para as sociedades e indivíduos que nelas se encontram. Novos paradigmas são vislumbrados,

novas oportunidades se apresentam para aqueles que se permitem desbravar suas potencialidades e, portanto, novas possibilidades de desenvolvimento tornam-se viáveis.

É neste contexto que a temática do desenvolvimento local tem emergido. Apesar de recentes, os estudos sobre desenvolvimento local têm sido recorrentes em publicações sobre economia, sociologia, geografia e antropologia, dando margem para a discussão da temática. Pensar em desenvolvimento local é, primeiramente, pensar sobre *desenvolvimento*. O termo possui tamanha amplitude que vem sendo utilizado em diversas áreas de concentração: biologia – desenvolvimento embrionário; psicologia – desenvolvimento psíquico; ciências sociais – desenvolvimento humano, social e urbano; economia – desenvolvimento econômico; medicina – desenvolvimento físico; ecologia – desenvolvimento sustentável; tecnologia – desenvolvimento tecnológico, de sistemas e softwares, entre muitos outros. Independentemente da área que o utilize, o termo está impregnado de significados e valores que convergem para algo positivo, ou seja, que modifica algo para melhor. Tornar-se desenvolvido remete sempre a um futuro melhor e a esperança de uma realidade diferente da atual, melhorada.

Assim, o termo *desenvolvimento local* também vem sendo utilizado por uma série de áreas que se interessam pela melhoria da realidade de uma ou várias localidades. Algumas áreas e abordagens apontam para conceitos vinculados à geração de riqueza, ao crescimento econômico e à prosperidade financeira. Outras convergem para a ideia de oferta de infraestrutura e de aumento da industrialização. Outras, ainda, se preocupam com a implantação ou modernização de espaços públicos que ofereçam às populações as condições básicas de saneamento, acesso à energia elétrica, meios de transporte, educação e saúde. Por fim, algumas abordagens pressupõem o desenvolvimento local como o desenvolvimento de uma melhor qualidade de vida da população.

Quando pensado nas esferas locais, municipais, regionais e nacionais, o conceito é, muitas vezes, associado à ideia de fazer com que os locais (em esferas micro ou macro) busquem a superação de sua pobreza. Esta ideia faz parte das políticas nacionais desde a Segunda Grande Guerra e dos países em processo de descolonização (CORIOLANO, 2003). A preocupação dos dirigentes das regiões que recebiam grande fluxo de pessoas no pós guerra colocou em pauta a questão do desenvolvimento local que ficou, então, entendida como um processo reativador da economia e dinamizador da sociedade local. (ÁVILA, 2011).

Deve se considerar, contudo, que em um mesmo país, com regras políticas e de poder semelhantes em todo o território, há lugares que se desenvolvem de maneiras – formas, ritmos, escalas e objetivos – distintas. Isso porque a concepção de desenvolvimento local está

fundada sobre dois pontos cruciais: o desenvolvimento pode acontecer apesar das condições nacionais e/ou internacionais e as disparidades e desequilíbrios espaciais nem sempre são corrigidos.

Tais diferenças podem, ainda, ocorrer entre os bairros de um mesmo município, como é o caso da Ilhabela. A comunidade do Bonete, localizada distante do centro urbano, se desenvolve de maneira distinta dos demais bairros da ilha. A escassa infraestrutura de abastecimento de energia, de saneamento básico, de saúde entre outros, reflete a disparidade existente no município com relação ao suporte oferecido pelos gestores públicos. O valor dado pelos moradores locais à qualidade de vida e à tranquilidade existente no bairro responde aos diferentes objetivos de desenvolvimento do Bonete em relação aos demais bairros.

Discutir sobre desenvolvimento pode ser uma tarefa complexa visto a diversidade de vertentes e autores que tratam do assunto. Os indicadores de desenvolvimento procuram, cada um com suas dimensões, objetivos e limitações, oferecer dados quantitativos quanto ao desenvolvimento de países e até mesmo de municípios. Alguns indicadores, como o Produto Nacional Bruto (PNB) e o Produto Interno Bruto (PIB) baseiam-se em dados econômicos e não são capazes de fornecer informações suficientes sobre o desenvolvimento sistêmico de um determinado lugar, pois não consideram as questões sociais que envolvem o território avaliado. O PIB, que segue padrões internacionais de avaliação, representa a soma da produção de uma nação e é formado por três principais grupos de atividades: a) agropecuária, que inclui a pecuária, o extrativismo vegetal e a agricultura; b) indústria, incluindo o extrativismo mineral, a transformação, os serviços industriais de utilidade pública e a construção civil e c) serviços, que envolvem itens como comércio, comunicação, transporte, administração pública entre outros serviços (MENEGUIN, 2013).

Apesar de sua importância como medida da atividade econômica, há que se enfatizar que o PIB não pode ser tomado como indicador de bem-estar. Afinal, o PIB (e, principalmente, o PIB *per capita*) capta somente a renda média do país, não capturando aspectos importantes para o bem-estar, como distribuição de renda, incidência de pobreza, preservação do meio-ambiente e qualidade de vida de forma mais abrangente. Dessa maneira, estudiosos do mundo todo vêm discutindo intensamente a substituição do PIB por um novo indicador que contemple o desenvolvimento sustentável e as perdas variáveis econômicas, incorpore também as sociais e as ambientais (MENEGUIN, 2013).

Outro indicador, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), se aproxima das pretensões internacionais de oferecer instrumentos de avaliação capazes de mensurar o desenvolvimento, considerando as questões econômicas em sinergia com a qualidade de vida das populações. O IDH vem sendo utilizado para a elaboração de relatórios do Programa das

Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e engloba duas dimensões: a econômica, que é calculada a partir do PIB *per capita*; e a social, que considera a educação e a expectativa média de vida. (MENEQUIN, 2013).

Existem, ainda, outros indicadores que foram criados a partir de abordagens sistêmicas e que não supõem o fator econômico como o mais representativo do desenvolvimento de uma localidade. Dentre eles, destaca-se o indicador denominado Felicidade Interna Bruta (FIB). Desenvolvido em 1972 pelo rei de Butão, Jigme Singya Wang-Chuck, o indicador foi criado para medir o desenvolvimento daquele reinado. Sua premissa é a do desenvolvimento baseado na integração entre o material, cultural, ambiental, psicológico e espiritual. A medição da FIB é feita a partir de nove dimensões, a saber: padrão de vida; saúde; educação; cultura; bem estar psicológico; uso equilibrado do tempo; resiliência ecológica; vitalidade comunitária e; governança. O indicador tem recebido o apoio do PNUD e mais de 40 países estudam implementar o conceito de Felicidade Interna Bruta, dentre eles, França, Tailândia, Austrália, Canadá, Inglaterra e o Brasil. No Brasil, projetos de implementação da FIB são coordenados pelo Instituto Visão Futuro, localizado no interior de São Paulo (INSTITUTO VISÃO FUTURO, sd.).

Entende-se, assim, que abordagens com entendimento holístico, ou seja, que consideram tudo aquilo que está envolvido no desenvolvimento de um local, integrando as diversas partes que o compõem (aspectos físicos, econômicos, culturais, emocionais entre outros), assim como o resultado da integração entre estas partes, parecem ser mais adequadas ao contexto atual. A estreita noção de desenvolvimento local como sinônimo de crescimento econômico, como era vista no passado, tem sido abandonada e novas concepções sobre o desenvolvimento local têm incluído amplas questões sobre os cidadãos, sobre a inclusão de sua participação e sobre a tomada de decisões que os afetam, de forma a criar um diálogo entre as diversas esferas do cotidiano local e a possibilitar que novas ideias e perspectivas se tornem realidades positivas aos reais interessados no desenvolvimento local: a própria comunidade.

Apresentar as representações sociais dos boneteiros significa refletir sobre a percepção que esses sujeitos têm de si enquanto membros de uma comunidade inserida em contextos culturais próprios e em constantes transformações e que é, sobretudo, formada por cidadãos capazes de decidir sobre os caminhos de desenvolvimento que mais lhes fazem sentido e que lhes ofereçam a qualidade de vida que almejam.

Segundo Ávila (2011),

não nos basta, pois, apenas reativarmos a economia e dinamizarmos nossa

sociedade. Temos que ir mais a fundo em dinâmismos socioculturais de formação e inclusão de pessoas e comunidades-localidades concretas em processos endogeneizadores de capacidades, competências e habilidades de se desenvolverem, enquanto *sujeitos* (e não meros **objetos**) de suas trajetórias e conquistas nesse domínio. (ÁVILA, 2011, p. 4, grifos do autor).

O autor critica a perspectiva economicista de que desenvolvimento seja sinônimo de riqueza, e questiona: “[...] afinal de contas e socioculturalmente falando, quando e onde *riqueza* se tornou sinônimo de *desenvolvimento* e *rico* de *desenvolvido*?” (ÁVILA, 2006, p.60). Rodrigues (1999) afirma que desenvolvimento não é o mesmo que distribuição regular de riquezas e que o aumento do PIB não reflete a eficácia social. Assim como Rodrigues, Souza (1999) é enfático ao afirmar que o desenvolvimento não deve ser visto como sinônimo de desenvolvimento econômico. Segundo sua concepção, o desenvolvimento

deve designar um processo de superação de problemas sociais, em cujo âmbito uma sociedade se torna, para seus membros, mais justa e legítima; [assim,] o reducionismo embutido na ideia de ‘desenvolvimento econômico’ precisa ser energeticamente recusado. O aumento da produção de bens e o progresso técnico são, no máximo, *meios* a serviço do *fim* [...] que é o de tornar mais justa e legítima uma sociedade; meios, aliás, não necessariamente mais importantes que vários outros meios. (SOUZA, 1999, p. 18).

Destarte, não se deve limitar o desenvolvimento local apenas ao enfoque econômico; entretanto, não se deve minimizar a importância de dinamizar a economia. A mudança econômica depende, quase sempre, de outros fatores que se relacionam, como os socioculturais, os políticos e os tecnológicos, portanto, o dinamismo econômico local necessita da reorganização destes outros fatores. (BUARQUE, 2008),

O fator econômico deve ser pensado conforme as necessidades da comunidade em desenvolvimento. O desenvolvimento local deve se traduzir como “um processo de produção de riqueza com partilha e distribuição com equidade, conforme as necessidades das pessoas, ou seja, com justiça” (CORIOLANO, 2003, p. 162).

Coriolano (2003, p. 162) lembra que promover o desenvolvimento a partir do homem tem sido um dos grandes desafios da sociedade atual, pois “encerra uma revolução de ideias e práticas sociais, que passam a orientar as pessoas e as organizações para a produção e consumo partilhados”.

Ávila (2006) esclarece que o desenvolvimento local tem sido compreendido por alguns estudiosos e agentes públicos a partir de três distintas perspectivas:

[1ª] – a da relação do *mundo desenvolvido* com suas próprias periferias, carências e pobreza interna e socioeconomicamente desequilibradas;

[2ª] – a da atual relação de dependência e subjugo do *mundo subdesenvolvido* ao *mundo desenvolvido*;

[3ª] – a da relação do *mundo subdesenvolvido* com suas próprias chances de efetiva e emancipadamente se desenvolver (ÁVILA, 2006, p.57).

Na primeira ótica, o desenvolvimento acontece a partir de políticas públicas que tendem a estender as prerrogativas básicas reinantes nas *zonas desenvolvidas às zonas periféricas*, visando a amenização das injustiças sociais, à geração de empregos, à assistência à saúde, lazer e educação. Esta perspectiva não pressupõe alterações na maneira da comunidade/localidade se envolver com seu próprio desenvolvimento. Não há intenção de modificar os paradigmas existentes já que são eles que, de alguma maneira, “alimentam a boa performance do desenvolvimento já em curso” (ÁVILA, 2006, p.59).

Essa ótica pode ser exemplificada pelas experiências das municipalidades, do estado ou de órgãos técnicos e/ou profissionais que restringem o desenvolvimento local ao apoio à implantação de empreendimentos, como grandes empresas e parques industriais, que promovam benefícios como geração de emprego e renda para consumo e arrecadação de impostos. Essa estratégia frustra, em muitos casos, tanto as populações “em desenvolvimento” quanto as instituições de suporte aos empreendimentos ali instalados, uma vez que esses empreendimentos permanecem na localidade enquanto há lucro, podendo abandoná-la em momentos de baixa lucratividade. Esta abordagem, segundo Ávila (2006), tem sido utilizada no Brasil desde a década de 1940 e vem trazendo grandes problemas relacionados ao meio ambiente e à saúde em geral. Um exemplo de política de desenvolvimento concebida a partir dessa perspectiva é oferecido por Fauré e Hasenclever (2007):

Em Pirai (RJ) foi implementado um programa de atração de novas indústrias, aproveitando a localização do município à beira da via Dutra ligando Rio de Janeiro e São Paulo. As novas empresas, que geraram milhares de empregos, se instalaram em galpões construídos pela prefeitura e cedidos em comodato. [...]. O envolvimento dos prefeitos, no sentido de criar condições favorecendo o crescimento econômico é acelerado pelas agendas eleitorais com a subida das reivindicações das populações e das entidades representativas e proativas nos municípios, com objetivos de atrair empresas e investimentos, gerar emprego e renda e melhorar as infra-estruturas (FAURÉ e HASENCLEVER 2007, p. 29).

Não se afirma, contudo, que este tipo de política deva ser banida, até porque, em alguns casos, ela serve de base para o desenvolvimento local, mas deve ser pensada e utilizada com cautela, a fim de minimizar os possíveis prejuízos aos envolvidos direta e indiretamente.

A segunda ótica enfoca como o *mundo desenvolvido* vê e trata o *mundo subdesenvolvido*. Nessa perspectiva, há o interesse em manter os relacionamentos estabelecidos entre os dois mundos como estão, uma vez que enxergam benefícios mútuos. Para as comunidades/localidades nas quais esse modelo de desenvolvimento tem sido utilizado, os benefícios para os *subdesenvolvidos* são os lenitivos socioeconômicos que não ultrapassam as fronteiras do assistencialismo, não fomentando mecanismos para essas comunidades se emanciparem.

A redução ao “assistencialismo desenvolvimentista em âmbito comunitário gera atividades e efeitos benéficos às comunidades e aos ecossistemas locais, mas à maneira bumerangue” (ÁVILA, 2006, p. 73) que se caracteriza pelo seguinte roteiro: projetos e programas saem das instâncias promotoras, chegam até as comunidades, oferecem algum benefício por tempo limitado, retornam às instâncias promotoras com os objetivos de melhorias nas comunidades cumpridos e geram benefícios reais às instâncias promotoras. Encerrado o programa/projeto/atividade e finalizada a atuação de seus promotores, pouco desenvolvimento local é percebido, o que insere as comunidades/localidades em um círculo vicioso de pobreza e de dependência do assistencialismo.

Esse tipo de abordagem se aproxima em parte das relações existentes entre o Bonete e as esferas públicas em que a comunidade está inserida. Assistência médica precária, inexistência de água tratada, saneamento básico deficiente, professores em quantidade insuficiente, falta de energia, entre outros, são fatores negligenciados sob o argumento da dificuldade de acesso à comunidade. As necessidades básicas têm sido colocadas abaixo dos interesses de abertura de uma estrada que ligue o Bonete ao centro de Ilhabela na lista de prioridades da gestão municipal, criando, portanto, uma dependência dos moradores a algumas concessões feitas pela municipalidade ou por outras instituições que atuam no local.

As duas óticas apresentadas acima corroboram que o desenvolvimento local seja pensado e entendido como “coisa só de comunidades periféricas, pobres ou carentes” (ÁVILA, 2006, p.59). Ávila (2006) critica essas visões, pois elas excluem a noção de que o desenvolvimento possa acontecer em qualquer comunidade ou localidade que se interesse em se desenvolver ou, ainda, em aprimorar seu processo de desenvolvimento já em curso, independente de sua condição de centro ou de periferia, ou de seu PIB.

Tais óticas parecem sucumbir à perspectiva que pressupõe o desenvolvimento de comunidades como meros reflexos das políticas públicas de desenvolvimento impostas a algumas localidades. No entanto, tal pensamento se contrapõe à própria política nacional de desenvolvimento, que entende que “o que caracteriza o processo de desenvolvimento econômico local é o protagonismo dos atores locais na formulação de estratégias, na tomada de decisões econômicas e na sua implementação”. (Portal do Desenvolvimento)⁹.

A terceira ótica é a que entende a possibilidade de emancipação da comunidade/localidade de seu subdesenvolvimento. Essa perspectiva pressupõe diferentes

⁹ Proposição apresentada pelo Portal do Desenvolvimento (www.portaldodesenvolvimento.org.br), que foi criado por uma parceria entre a Confederação Nacional dos Municípios (CNM), a Frente Nacional de Prefeitos (FNP) e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

formas de relacionamento entre os atores locais e os paradigmas estabelecidos pelas nações/estados/municípios em que estão inseridos.

Ávila (2006) entende essa abordagem como a do desenvolvimento local immanentemente endógeno-emancipatório (DLe-e), na qual o primeiro passo para que o desenvolvimento local aconteça é romper com a falta de autoestima e aumentar a autoconfiança sobre as capacidades de solução de problemas através de associações integradas. Assim, emancipar-se e desenvolver-se pode ser pressupostos de qualquer povo que, em regime democrático, se sensibilize, se mobilize e se organize para gerar de forma gradativa e cooperativa uma melhoria em sua qualidade de vida:

Há [...] uma coisa que pode ser feita gradativamente enquanto *Desenvolvimento Local* por qualquer povo, desde que em regime democrático [...]: sensibilizar-se, mobilizar-se e organizar-se para a geração gradativa e cooperativa de seu próprio bem-estar de base, como o desvelamento de auto-estima, o cultivo da autoconfiança e o tornar-se capaz, competente e hábil para discernir e buscar tanto suas próprias alternativas de rumos sócio-pessoais futuros quanto soluções possíveis, no seu âmbito ou fora dele, para seus mais imediatos problemas, necessidades e aspirações. (ÁVILA, 2006, p. 61-62).

Tal emancipação ocorre, segundo o autor, a partir daquilo que estiver ao alcance das comunidades/localidades: seus conhecimentos prévios, suas peculiaridades e potencialidades – mesmo aqueles que ainda não tenham sido utilizados a favor de seu desenvolvimento e estejam sendo encarados como fatores meramente corriqueiros e sem importância – e do mais simples ao mais complexo e do mais necessário ao menos necessário para a comunidade.

Nessa perspectiva, entende-se que o desenvolvimento local ocorre de forma endógena, ou seja, a partir do desejo de uma comunidade se desenvolver por suas próprias capacidades, competências e habilidades em aproveitar seus potenciais, em negociar e absorver as ajudas vindas do meio externo, como apoios e investimentos, e em criar condições de se tornar sujeito e principal agente das dinâmicas e rumos de seu desenvolvimento, rompendo, por fim, com o círculo vicioso da dependência assistencialista.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos boneteiros no atendimento de parte de suas necessidades, alguns moradores têm utilizado suas competências para aproveitar o potencial da comunidade de se desenvolver: o conhecimento nos serviços do lar tem sido utilizado a favor do atendimento aos turistas em pousadas e restaurantes; a habilidade de navegação transformou pescadores em marinheiros que transportam visitantes; quintais desocupados cederam espaço a pastelarias e vendinhas de doces; donas de casa se tornaram artesãs; uma nova associação de bairro surgiu a fim de intermediar formalmente as conturbadas relações entre o poder público e os interesses da comunidade; um gerador movido a diesel foi doado

por um empresário e sua utilização foi definida em assembleia realizada entre os moradores; veranistas fundaram um instituto que objetiva valorizar a cultura local, etc.

Apesar do desafio, o modelo de desenvolvimento local endógeno, que pressupõe o desenvolvimento a partir do interior da localidade, tem sido discutido e os estudos e pesquisas sobre o tema têm se multiplicado. Ressaltam-se os trabalhos de Ávila (2006 e 2011), Breitbach (2007), Buarque (2008), Cândido (2007), Coriolano (2003), Fauré *et al.* (2007), Lins (2007), Martins (2003), Mielke (2009), Rodrigues (1999), entre outros.

Rodrigues (1999, p. 10) tem afirmado que é imprescindível “reconhecer a identidade e o potencial do que é local e regional” e ainda afirma que “é necessário entender que o lugar é palco de *re-ações*, solidariedades e protagonismos indelmentíveis, mesmo que invisíveis para quem o observa de fora”.

Fauré e Hasenclever (2007) oferecem um exemplo sobre o desenvolvimento baseado nas características da sociedade local. Na experiência do Seridó Rio-grandense, são destacados

[...] fatores de identidades (crença religiosa compartilhada, solidariedade, valorização da educação [...]) nas iniciativas de revitalização da base produtiva da região [...]. A identidade pode ser percebida na organização e no funcionamento do Plano de Desenvolvimento Regional caracterizado pela mobilização e participação das populações locais não somente nas reuniões como também, de forma institucionalizada, na Comissão de Acompanhamento do Plano. Deve-se acrescentar que este plano se beneficia do apoio e das intervenções de oito órgãos regionais e de uma entidade internacional. Mas este envolvimento tão amplo pode ser visto como favorecido, impulsionado, pelo engajamento dos atores locais. (FAURÉ e HASENCLEVER, 2007, p. 28).

Segundo Buarque (2008), é importante que se aumente a governabilidade e a governança dos locais, a fim de construir uma autonomia das finanças públicas e permitir que a própria comunidade encontre mecanismos de acumulação de seus excedentes e estratégias de investimento social. O autor afirma que o DL não é e não pode ser confundido com a movimentação econômica gerada por investimentos ou aportes de capital externo, pois estes normalmente não são internalizados na economia local e, portanto, não produzem mudanças efetivas na sociedade.

As políticas de desenvolvimento local de cunho endógeno-emancipatório (DLe-e), como as defendidas por Ávila, buscam assistir as comunidades/localidades para que elas desenvolvam suas capacidades, competências e habilidades, a fim de aproveitar suas características e potenciais latentes, capazes de promover melhorias e formas de viver conforme seus próprios objetivos. O DLe-e também visa dar às comunidades condições de se tornarem aptas a aproveitar as situações externas que lhes permitam desenvolverem-se e,

inclusive, dar-lhes condições de negarem e livrarem-se de quaisquer coisas que lhes pareçam inadequadas ao seus objetivos de desenvolvimento.

O autor entende que, através do contínuo exercício de análise, discernimento, seleção e contato com aquilo que interessa à comunidade para seu desenvolvimento, assim como a rejeição e expulsão daquilo que não lhe interessa, seus membros passam a não mais aceitar as imposições de fora para dentro que, em muitos casos vão contra seus interesses, e passam a aproveitar qualitativamente seus insumos internos e as ajudas e os aportes externos que lhes convém. Aportes externos podem fortalecer os governos locais e possibilitar investimentos para o desenvolvimento endógeno das comunidades sem que haja dependência de fundos e programas estaduais, nacionais ou internacionais para sua subsistência.

A partir desse entendimento, Ávila (2000) apresenta sua descrição conceitual sobre o que vem a ser desenvolvimento local:

[...] o ‘núcleo conceitual’ do desenvolvimento local consiste no efetivo desabrochamento – a partir do rompimento de amarras que prendam as pessoas em seus *status quo* de vida – das capacidades, competências e habilidades de uma ‘comunidade definida’ – portanto com interesses comuns e situada em [...] espaço territorialmente delimitado, com identidade social e histórica –, no sentido de ela mesma – mediante ativa colaboração de agentes externos e internos - incrementar a cultura da solidariedade em seu meio e se tornar paulatinamente apta a agenciar (discernindo e assumindo dentre rumos alternativos de reorientação do seu presente e de sua evolução para o futuro aqueles que se lhe apresentem mais consentâneos) e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios – ou cabedais de potencialidades peculiares à localidade –, assim como a ‘metabolização’ comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito. (ÁVILA, 2000, p. 68).

Sua definição reforça a ideia de que, para haver desenvolvimento local, é primordial que a comunidade seja vista como sujeito de seu desenvolvimento, discernindo, agindo, avaliando e controlando os rumos de seu desenvolvimento.

Buarque (2008) também compreende o desenvolvimento local a partir de uma perspectiva endógena, consciente e sustentável. Segundo o autor, para que haja desenvolvimento, deve haver, em primeiro lugar, uma preocupação real com a qualidade de vida da sociedade, assegurando-lhe os recursos locais basilares para a continuidade de suas ações e estratégias. Conforme o autor, o desenvolvimento local é “um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos” (BUARQUE, 2008, p. 25). Buarque continua sua concepção afirmando que o desenvolvimento local deve

mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local; ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a

base mesma das suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população local. Esse empreendimento endógeno demanda, normalmente, um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade. (BUARQUE, 2008, p. 25-26).

Nessa perspectiva, Buarque (2008) apresenta de forma sintética o universo do desenvolvimento local como sendo o resultado da interação e sinergia entre a qualidade de vida¹⁰ da população local, a eficiência econômica e a gestão pública. Estes três aspectos devem ser mediados pela sociedade que, de forma organizada, deve orientar as políticas públicas assim como os investimentos a serem feitos no local. A governança se torna, então, responsável por administrar os recursos sociais e econômicos conforme os interesses da sociedade organizada e, dessa forma, colaborar para que os ativos sociais sejam internalizados e distribuídos, assegurando os desdobramentos do desenvolvimento local.

Fauré e Hasenclever (2005) consideram aspectos agrupados em três dimensões necessárias para que o desenvolvimento aconteça. A primeira dimensão é a endógena, que valoriza os recursos locais – materiais e imateriais – que devem ser percebidos, valorizados e explorados conforme os objetivos da comunidade. A segunda dimensão é a da territorialidade que indica que os atores sociais devem ser os construtores de seu espaço de atuação e que tal construção se dá a partir das interações entre eles. A terceira dimensão é a que entende a importância do desempenho das inter-relações estabelecidas entre as diversas instituições existentes no local e que devem estar alicerçadas sobre os valores e crenças de sua sociedade.

Rodrigues (1999), adotando o pressuposto de Souza (1999), incorpora o fator felicidade individual e coletiva, a inclusão social e o cuidado com o meio ambiente como fatores indispensáveis para o desenvolvimento e afirma, ainda, que é necessário ter em mente a dimensão socioespacial, oferecendo à comunidade a autonomia de gerir seu destino. O ângulo pelo qual Souza (1999, p. 18-19) considera a questão do desenvolvimento é o do *desenvolvimento socioespacial*, como segue:

compreendido como um processo de superação de problemas e conquistas de condições (culturais, técnico-tecnológicas, político-institucionais, espaço-territoriais) propiciadoras de maior felicidade individual e coletiva, o desenvolvimento exige a consideração simultânea das diversas dimensões constituintes das relações sociais (cultura, economia, política) e, também, do espaço natural e social.

A perspectiva acima pressupõe que os indivíduos formadores de uma coletividade tenham autonomia para eleger, por eles próprios e conscientemente, quais são as prioridades e os meios utilizados para efetivá-las. Contudo, Souza (1999) assinala a heterogeneidade da

¹⁰ Qualidade de vida aqui é apresentada como redução da pobreza, geração de riqueza e distribuição de ativos, mas deve ser ressaltado que existem diversas outras abordagens que entendem qualidade de vida como uma conjuntura de múltiplos fatores além dos apresentados por Buarque (2008).

população e a assimetria dos poderes nas comunidades; portanto, afirma que a livre opção da população pela não participação na gestão dos recursos socioespeciais dificilmente trará resultados de “desenvolvimento” que irão satisfazer às suas expectativas.

Percebe-se, pelas abordagens apresentadas e com as quais se concorda que, para haver desenvolvimento local, é preciso que haja um compromisso endógeno e participativo, no qual os indivíduos pertencentes ao território em desenvolvimento possam descobrir suas habilidades e suas capacidades, tornando-as “ferramentas” potenciais para a melhoria de sua qualidade de vida.

Cabe ressaltar que o território, segundo Haesbarth (2004) pode ser visto a partir de quatro diferentes perspectivas, a saber: naturalista, econômica, jurídico-política e idealista. Esta última encontra ressonância nas ideias apresentadas neste trabalho. Segundo o autor, o território pode ser entendido como um signo e seu significado pode ser compreensível apenas a partir dos códigos culturais nele existentes, pois o território é antes um valor, já que a sociedade humana necessita estabelecer fortes relações – inclusive espirituais – com o espaço em que vive. “O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos” (HAESBARTH, 2004, p. 72). Haesbarth (2004) também aponta para uma perspectiva integradora do território, indicando que é nele que se integram as vidas política, econômica e cultural de indivíduos e grupos.

Assim, o desenvolvimento local se torna o resultado de ações múltiplas, que convergem e se complementam. A assistência é oferecida como um “pontapé-inicial” e apoio ao processo de mudança, sem que haja dependência das instituições apoiadoras.

No novo paradigma de desenvolvimento local – endógeno, participativo e emancipatório – os aportes exógenos contribuem para o desenvolvimento, somente se houver recursos humanos capacitados a entender à atual realidade e que estejam comprometidos em promover alguma mudança em seu contexto. Logo, é necessário que a sociedade/comunidade local esteja interessada em ampliar sua capacidade de inovar, de criar vantagem competitiva e de responder aos desafios impostos ao seu desenvolvimento:

Considerando a intensidade e a velocidade das transformações globais, o desenvolvimento local depende, portanto, da capacidade dos atores locais de compreender esses processos e responder, de forma apropriada, com suas próprias forças e talentos, num processo permanente de aprendizagem. (BUARQUE, 2008, p. 31).

Como apresentado, o desenvolvimento local compreende a capacidade dos atores locais de constituírem e coordenarem as ações coletivas que resultarão em benefícios

coletivos, baseando-se nos recursos e elementos existentes na própria comunidade em desenvolvimento (história, cultura, identidades, imagens, espaços públicos e privados, natureza, empreendimentos, instituições e pessoas) e, primordialmente, na reciprocidade entre seus membros. As pessoas representam o núcleo central do DLe, pois este acontece para alcançar os objetivos e anseios da comunidade em melhorar sua qualidade de vida. Os recursos tangíveis são inegavelmente necessários, mas a ênfase é dada aos recursos intangíveis que, ativados e dirigidos aos arranjos locais, geram conhecimentos tácitos, competências e vínculos além dos mercantis, assegurando um ambiente de cooperação.

Apesar de existirem esforços por parte de alguns moradores do Bonete para garantir o desenvolvimento da comunidade segundo os objetivos de desenvolvimento econômicos aliados à manutenção da qualidade de vida e ao acesso à infraestrutura básica, não é possível afirmar que o desenvolvimento da comunidade do Bonete ocorra conforme os pressupostos do DLe-e. Como poderá ser visto adiante, muitos moradores ainda esperam que soluções para muitos dos problemas enfrentados no Bonete venham de atores externos à comunidade.

Considerando a singularidade de cada local em desenvolvimento e a diversidade das conexões que são formadas em cada localidade/região, ressalta-se que o processo de desenvolvimento local no Bonete é próprio dos seus elementos e recursos pré-existentes e das conexões com elementos e recursos exógenos à comunidade.

O desenvolvimento local pode ter seu início a partir de uma série de fatores, elementos ou recursos principais e/ou potenciais de uma dada localidade, como, por exemplo, a partir da produção agrícola, da pesca, da pecuária, da manufatura, da indústria de transformação, da oferta de serviços, da confecção de artesanatos, do turismo entre outros. Pretende-se, neste trabalho, destacar a utilizada pela comunidade do Bonete: o turismo.

As configurações, recursos, elementos, conexões, instituições e atores vinculados ao desenvolvimento local dessa comunidade poderão ser vistas adiante. Destaca-se, todavia, o papel do turismo como um fator relevante para o alcance dos objetivos da população do Bonete.

3.4.1 O desenvolvimento local a partir do turismo

Discutir os processos que envolvem o desenvolvimento local a partir de programas e projetos turísticos é importante na medida em que se entende que o turismo deve deixar de ser visto como um mecanismo de crescimento estritamente econômico para ser encarado como

um potencializador das características endógenas de uma localidade e como um propulsor da melhoria da qualidade de vida de populações localizadas.

O homem, enquanto produtor de espaços, integra, interage, constrói história e valoriza suas memórias nas estruturas sociais das comunidades; portanto, o turismo não pode ser encarado tão somente como atividade econômica. O turismo é uma atividade impregnada de signos, representações e valores sociais. (PORTUGUEZ *et al.*, 2012).

Coriolano (2012, p. 61) afirma que o turismo deve ser pensado como “uma atividade solidária de aprendizagem entre povos e culturas, além da oportunidade de negócios, em municípios e comunidades como uma atividade que promova o desenvolvimento local”.

O turismo vem ocorrendo de forma mais sólida e estruturada desde 1994 – período em que ocorreram as primeiras oficinas do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – e vem evoluindo até os dias atuais com o surgimento do Ministério do Turismo e do Programa Nacional de Regionalização do Turismo em 2003 (MIELKE, 2009). Nesse processo, nota-se que a “pauta das discussões sobre o desenvolvimento da atividade turística no país tem direcionado esforços em oferecer condições um pouco mais favoráveis a uma organização do turismo de origem endógena” (MIELKE, 2009, p. 29).

Mielke (2009, p. 10) afirma que “é indubitável a capacidade do turismo em induzir processos de crescimento econômico [...] assim como sua capacidade de estímulo de outros setores da economia”, mas “muitos estudiosos têm questionado se a capacidade de crescimento, de fato, traz benefícios para ‘produtores’, comunidades, empresas e indivíduos do local, direta ou indiretamente envolvidos”. O autor aponta para os processos de internacionalização que afetam o setor turístico, fazendo com que os benefícios advindos das atividades turísticas sejam desviados para as grandes empresas, inclusive redes internacionais e com que seja reduzida a participação das economias locais no produto turístico final. Como visto anteriormente, nem todo crescimento e entrada de recursos financeiros em uma localidade significa aumento de benefícios para a comunidade local, nem tampouco desenvolvimento local. Destarte, municípios e comunidades que percebem a crescente demanda de visitantes interessados em seus atrativos devem discutir como as atividades turísticas serão capazes de conduzir a localidade ao real desenvolvimento. Entende-se que o os sujeitos autóctones e seus parceiros externos devem organizar as atividades turísticas, considerando quais facilidades devem e quais não devem ser colocadas à disposição dos visitantes.

Ruschmann e Solha (2006) também apontam para a necessidade de planejar o turismo, considerando as políticas públicas de turismo, os aspectos ambientais, a relevância dos

valores socioculturais e, principalmente, a participação da comunidade nas decisões sobre os objetivos e rotas de desenvolvimento. É fundamental que o planejamento de atividades turísticas se dê a partir de mecanismos participativos, de leis de zoneamento que protejam tanto a natureza quanto a cultura e os meios de vida das comunidades locais, da educação dos visitantes e de formas de monitoramento capazes de garantir a proteção dos aspectos naturais e culturais que fundamentam as atividades turísticas (WWF BRASIL, 2003).

Esses aspectos são importantes, pois, em escala local, o turismo deve ser pensado levando em consideração os possíveis impactos advindos da entrada de turistas e visitantes na região. De acordo com a International Union for Conservation of Nature – IUCN, (EAGLES et al., 2002) o turismo apresenta como principais impactos positivos: o aumento das oportunidades econômicas; a proteção do patrimônio natural e cultural; o aumento da qualidade de vida, tanto dos visitantes quanto da comunidade local. Alguns dos impactos negativos do turismo para as populações autóctones são apontados por Panosso Netto e Pieri (2013, p. 35-36):

[...] impactos ambientais gerados pelo fluxo de turistas sazonais acima da capacidade de carga local; os socioeconômicos, causando inflação, descontinuidade dos empregos locais em função da sazonalidade dos turistas e segregação sócio-espacial e; os culturais, ocasionados pelo menosprezo e desrespeito dos turistas – “não educados para o turismo” – ao modo de vida das populações locais, introdução de novos costumes nas comunidades, etc.

Entende-se, portanto, que é importante planejar as atividades turísticas de modo a minimizar os malefícios e maximizar seus benefícios. Barreto (1991) também destaca a importância de planejar o turismo considerando a participação de todos os envolvidos.

Tem-se aí grande desafio. Secretarias municipais, universidades e escolas técnicas, associações locais, incubadoras, agências de fomento e de assistência técnica, conselhos municipais e regionais e representantes da sociedade civil devem estar efetivamente envolvidos, de maneira a oferecer condições para que o turismo se desenvolva na localidade. Outro desafio é otimizar o apoio dos envolvidos, de forma a conduzir a sociedade em desenvolvimento para a autogestão, para o cooperativismo e/ou empreendedorismo, para a educação financeira e administrativa e para a regularização das atividades.

Algumas ações nesse sentido já ocorreram na comunidade do Bonete e têm contribuído, em alguma medida, para o desenvolvimento do turismo nessa comunidade. O Sebrae já esteve presente no Bonete oferecendo cursos sobre turismo, gestão financeira e hotelaria¹¹; organizações do terceiro setor conduziram oficinas sobre elaboração de roteiro turístico (SALVADOR, PEDROSO e BASTOS, 2013); o PEIb ofertou o curso

¹¹ Informação obtida junto aos entrevistados desta pesquisa.

profissionalizante para monitores ambientais¹²; a secretaria de turismo, a pedido da Associação Bonete Sempre, doou placas de sinalização turística¹³; pesquisas nas áreas de antropologia, biologia, história, nutrição, turismo, entre outras têm ocorrido nesse território¹⁴.

O desenvolvimento de uma localidade a partir do turismo pode ser alcançado quando a comunidade anfitriã está ativamente envolvida no planejamento e produção do turismo e quando é ela a maior beneficiária das atividades turísticas locais. (WWF BRASIL, 2003).

Coriolano (2012) alerta que o planejamento do turismo deve considerar os principais promotores dos serviços turísticos, especialmente a forma como organizam a produção do turismo, como, por exemplo, em arranjos produtivos locais, controlando seu território e as atividades econômicas associadas ao turismo e, ainda, considerando a integração do turismo às demais atividades econômicas locais, a fim de fortalecer as atividades tradicionais como a pesca, a agricultura, o artesanato etc. Nessa perspectiva, deve-se priorizar a geração de trabalho para as populações locais, colocando o foco em empreendimentos capazes de dinamizar a economia local e que estejam abertos à participação comunitária. (CORIOLANO, 2012).

Nesse sentido, é fundamental estabelecer inter-relações entre a comunidade local, o poder público, organizações do terceiro setor e iniciativas privadas que possam cooperar e colaborar com os pretendidos programas de turismo que visem benefícios para todos os envolvidos, mas que, fundamentalmente, priorizem a comunidade anfitriã.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) surge como uma concepção do turismo em que os membros das comunidades são os protagonistas e maiores beneficiários dos resultados das atividades turísticas. Segundo Coriolano (2009), em destinos em que o TBC ocorre, a comunidade organiza-se em arranjos produtivos locais e detém o controle efetivo de suas terras e das atividades turísticas nelas ocorridas, já que tais atividades são planejadas, executadas e geridas pela comunidade local que oferece aos visitantes um produto turístico de baixo impacto ambiental e que valoriza a cultura e a identidade local. Esse modelo de turismo tem sido desenvolvido em diversas localidades nacionais, como na Prainha do Canto Verde, no litoral do Ceará; na Praia do Aventureiro, na Ilha Grande (Rio de Janeiro); na Resex Marinha do Delta do Parnaíba, entre o Maranhão e o Piauí; na comunidade quilombola de Furnas do Dionísio, no Mato Grosso do Sul; na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e na Aldeia dos Lagos em Silves, ambas no Amazonas; na comunidade quilombola

¹² Informação obtida junto aos entrevistados desta pesquisa.

¹³ Informação obtida junto ao presidente da Associação Bonete Sempre e observação no campo de pesquisa.

¹⁴ Pesquisadores presentes no Bonete durante as viagens ao campo de pesquisa.

Ivapurunduva, no Vale do Ribeira, em São Paulo, entre muitas outras.

Outro aspecto relevante desse modelo de turismo é seu aspecto integrador. No TBC, o modo de vida, as peculiaridades culturais e os aspectos naturais da localidade configuram-se como os principais atrativos locais e são, dessa forma, motivadores do intercâmbio ente visitantes e visitados:

este modelo tem como uma de suas premissas o respeito às heranças culturais e tradições locais, na busca de seu fortalecimento. A relação estabelecida entre o visitante e o visitado não constitui consumo ou submissão, mas sim, um relacionamento interativo e dialógico de aprendizados mútuos (Litoral Sustentável, 2014, p. 8).

No TBC os serviços oferecidos aos turistas incorporam o modo de vida e as representações do mundo existentes na comunidade anfitriã, oportunizando ao visitante vivenciar as práticas culturais presentes no cotidiano da comunidade local. Para tanto, torna-se fundamental que os moradores locais mantenham suas atividades socioeconômicas, não as abandonando em função do turismo. Segundo Coriolano (2009, p. 68), no TBC

(...) as atividades turísticas comunitárias são associadas às demais atividades econômicas, com iniciativas que fortalecem a agricultura, a pesca e o artesanato, tornando estas atividades preexistentes ao turismo sustentável. Prioriza a geração de trabalho para os residentes, os pequenos empreendimentos locais, a dinamização do capital local, a garantia da participação de todos, dando espaço também as mulheres e aos jovens.

Dessa maneira, o TBC tem se apresentado como uma fonte complementar de renda e como fator de permanência de povos tradicionais em seu território e de preservação de seu entorno natural e de sua cultura. Os projetos e roteiros de TBC agregam valor social e cultural aos modelos de turismo de massa e sua prática tende a superar o modelo de veranismo.

Mielke (2009) entende essa modalidade de turismo atrelada ao conceito de desenvolvimento local, uma vez que no TBC os patrimônios cultural e natural são respeitados e valorizados tanto pelos turistas quanto pelos autóctones. Mielke (2009, p. 14) também enfatiza a necessidade de participação da comunidade e afirma que “organizar uma comunidade para o turismo é estabelecer uma aliança entre interesses econômicos locais e não locais, objetivando atribuir uma relevante importância na valorização das questões culturais e meio ambientais”:

O que se destaca em um projeto de desenvolvimento local pelo turismo é a possibilidade de, por um lado, a partir de iniciativas das lideranças locais, articular um conjunto heterogêneo de forças sociais ao redor de um único projeto comum. E, por outro, orientar esforços para o aproveitamento das oportunidades geradas localmente pelo próprio processo de cooperação, formatando produtos turísticos singulares que estimulem as micros, pequenas e médias empresas (MIELKE, 2009, p. 30).

Em projetos de desenvolvimento local endógenos a partir do turismo, como são os

programas de TBC, a comunidade anfitriã toma consciência da possibilidade de desenvolver projetos turísticos adequados à sua realidade e, então, se articula para criar as parcerias necessárias para que obtenham como resultado um turismo próprio, o “nosso turismo”, como é chamado pelos moradores da Prainha do Canto Verde (MENDONÇA, 2004).

Mielke (2009) afirma que desenvolver uma comunidade a partir de atividades turísticas envolve o comprometimento de atores sociais das esferas pública, privada e terceiro setor. As articulações da comunidade anfitriã devem incluir esses outros atores sociais, a fim de conseguir recursos financeiros, assistência técnica, treinamento para qualificação de mão de obra, assistência jurídica, incentivos fiscais, entre outros recursos que colaborem para a viabilização dos projetos de turismo no local.

Entende-se, a partir do exposto, que os projetos de TBC são projetos comunitários, desenvolvidos *pela* comunidade *com* o apoio de outros atores sociais e que, portanto, colaboram para a promoção da inclusão de agentes sociais locais e para o fortalecimento da comunidade em seu papel de protagonista social para o desenvolvimento de seu território. Isso se reflete tanto no empoderamento da comunidade sobre questões que a envolva, quanto na melhoria da autoestima dos envolvidos nesses projetos.

Compreende-se também que o turismo pode contribuir para o desenvolvimento local, já que pode promover o fortalecimento e a preservação da diversidade socioambiental, a valorização cultural e étnica de comunidades tradicionais, o incremento da economia local, a participação e o empoderamento dos atores sociais locais na construção da melhoria da qualidade de suas vidas.

O Centro de Experimentação em Desenvolvimento Sustentável do Litoral Norte SP (CEDS/LN), em parceria com UniSantos, ONGs ambientalistas, Petrobrás e Instituto Costa Brasilis, desenvolveu oficinas de planejamento participativo para a elaboração de um produto turístico de base comunitária no Bonete (SALVADOR; PEDROSO; BASTOS, 2013). O projeto foi desenvolvido em cinco módulos que tinham objetivos específicos: verificar a oferta turística existente; construir coletivamente os conceitos de turismo, comunidade, tradição, TBC e planejamento participativo; identificar os potenciais atrativos do Bonete; identificar quais são os valores existentes na comunidade e elaborar de um roteiro de visitação que considerasse os aspectos ambientais e culturais ali existentes. (SALVADOR; PEDROSO; BASTOS, 2013). De acordo com André Queiroz (2014), presidente da Associação Bonete Sempre, a comunidade participou ativamente das oficinas de planejamento; contudo, após a finalização das oficinas, muitos moradores perderam o interesse em dar continuidade ao projeto e o roteiro elaborado parou, paulatinamente, de ser comercializado. As dificuldades

em dar continuidade ao projeto são relatadas por Queiroz (2014) e incluem a falta de disponibilidade dos monitores locais para conduzir os turistas pelos atrativos locais, a falta de parcerias com operadoras turísticas capazes de formar grupos interessados no roteiro e a falta de conhecimento dos visitantes sobre a existência do roteiro, ou ainda, a falta de motivação dos turistas em conhecer os aspectos culturais da comunidade, priorizando o usufruto dos atrativos naturais. André acredita que o sucesso do TBC no Bonete depende do esforço conjunto de moradores e administradores de equipamentos turísticos locais, tanto para a divulgação quanto para a condução do roteiro; todavia a comunidade do Bonete ainda precisa caminhar em direção à participação e à organização.

O atual cenário de desenvolvimento do Bonete é reflexo das interações, da história, das memórias, dos símbolos, dos valores e das representações sociais ali existentes. Um recorte sobre essas representações sociais, principalmente daquelas que dizem respeito à identidade cultural, ao desenvolvimento local e ao turismo, poderão ser apreciadas no próximo capítulo que também discute essas representações à luz das teorias aqui apresentadas e das observações feitas no campo de pesquisa. Por ora, cabe dizer que a comunidade do Bonete encontra-se no meio do caminho entre um modelo de desenvolvimento turístico endógeno e um modelo de desenvolvimento baseado no crescimento econômico. Passos em ambas as direções têm sido dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo serão expostos em cinco sessões, sendo que a primeira sessão apresenta alguns dados sobre a comunidade do Bonete e as demais sessões apresentam os resultados segundo os blocos delineados nos roteiros de entrevistas: a) Identificar as características da identidade e da cultura local, assim como as proximidades do entrevistado com essa cultura e seu senso de pertença ao território; b) Identificar as estratégias que a comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local; c) Compreender a relevância do turismo para a comunidade; d) Investigar quais são as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local.

Cada sessão, a partir da segunda, conta com a apresentação das ideias centrais identificadas durante a análise dos discursos individuais, com os diferentes DSCs produzidos a partir das expressões-chave dos diferentes entrevistados, com a respectiva numeração dos sujeitos que compõem determinado DSC e com a discussão desses discursos, considerando as observações realizadas em campo e os referenciais teóricos apresentados na revisão de literatura.

4.1 A comunidade do Bonete

A comunidade do Bonete, composta por aproximadamente setenta famílias, está localizada no bairro do Bonete (fig. 4), no extremo sul da Ilha de São Sebastião, a maior ilha do arquipélago que forma o município de Ilhabela. O acesso ao bairro pode ser feito por mar ou por uma trilha de terra denominada Perimetral Sul que liga o bairro ao último trecho de estrada asfaltada, a doze quilômetros de distância. O percurso via mar é comumente feito por lanchas voadeiras ou pelas tradicionais canoas caiçaras (fig. 5), ambas conduzidas por autóctones do Bonete. O percurso por terra apresenta trechos íngremes, com pontas de pedras aparentes e poços de cachoeiras, não sendo possível percorrê-lo em automóveis.

O bairro faz limites com o PEIb e com a APA Marinha Litoral Norte e é dividido em diferentes áreas, conforme pode ser observado na figura 6: Canto Bravo, Vargem, Canto do Nema, Paoco (ou Pau Oco), Engenho e Morro do Gado.

Figura 4 – Vista aérea do bairro do Bonete, destacando a praia e o Rio Nema



Fonte: Loucos por praia, 2014.

Figura 5 – Tradicional canoa caiçara do Bonete



Fonte: Denise Scótolo, 2013.

Figura 6 – Fotomontagem de mapa desenhado por alguns moradores do Bonete em 2013



Fonte: Denise Scótolto, 2014.

A comunidade conta com uma escola pública da rede municipal, a Escola Antônio Honório dos Santos, que oferece educação infantil, ensino fundamental e médio. A escola não oferece cursos especiais para a formação de jovens e adultos. No local, também existe um posto de saúde que conta com uma enfermeira padrão e uma agente de saúde. O atendimento médico é feito, em média, a cada quarenta e cinco dias.

Segundo o Instituto Ilhabela Sustentável (2012), o bairro conta com 25,3% de abastecimento de água por rede geral, mas não possui rede geral de esgoto. O saneamento básico é feito por fossa séptica (66,7%), fossa rudimentar (30,7%) ou via vala, rio ou mar (2,7%). A coleta de lixo é realizada por moradores locais contratados pela prefeitura municipal. Segundo os entrevistados, o lixo seco e reciclável é retirado do bairro pelos canoeiros que transportam o material para o centro de triagem de Ilhabela, e o lixo orgânico ou é enterrado ou serve de alimento para animais.

A comunidade não possui rede de abastecimento de energia proveniente da concessionária local, a Elektro. Parte do abastecimento de energia é feito através de uma

turbina instalada em uma cachoeira no início da década de 2000. Com o aumento do número de moradias e de estabelecimentos comerciais nos últimos anos, a energia elétrica gerada pela turbina não tem sido suficiente para atender à atual demanda. Em 2013, foi instalado no bairro um gerador a óleo diesel que funciona durante as manhãs e noites.

Em março de 2014, a população total era de 258 habitantes e estava dividida em faixas etárias conforme a quadro 5¹⁵. A população local é predominantemente evangélica e fiel das Igrejas Assembleia de Deus Ministério de Santos e Ministério de Provetá. Essas igrejas possuem pastores e evangelistas autóctones do Bonete e realizam cultos quase que diários. Há ainda uma parte da população que é católica, mas como não há um padre na comunidade, a Igreja de Santa Verônica (fig. 7) é aberta eventualmente.

Quadro 5 – Divisão da população por sexo e faixa etária.

<i>Sexo</i>	<i><1</i>	<i>1 a 4</i>	<i>5 a 6</i>	<i>7 a 9</i>	<i>10 a 14</i>	<i>15 a 19</i>	<i>20 a 39</i>	<i>40 a 49</i>	<i>50 a 59</i>	<i>> 60</i>	<i>Total</i>
Masculino	2	9	4	8	12	10	44	16	14	18	137
Feminino	1	8	3	5	13	7	45	13	9	17	121
Total	3	17	7	13	25	17	89	29	23	35	258

Dentre as atividades econômicas locais, cabe aos homens os trabalhos ligados à pesca, à construção civil, à condução de embarcações e à limpeza e manutenção do bairro. Às mulheres cabe a manutenção do lar e a ambos cabem as atividades ligadas ao turismo e à alimentação, ao comércio, à educação e ao cuidado de casas e terrenos de veranistas. As roças de subsistência e a fabricação de farinha de mandioca, comuns em décadas passadas, hoje são feitas esporadicamente por poucas famílias.

¹⁵ Informações obtidas no Posto de Saúde local.

Figura 7 – Igreja de Santa Verônica



Fonte: Denise Scótolto, 2014.

O turismo é apontado pelos moradores como uma das principais atividades econômicas do Bonete. A comunidade conta com pousadas, campings, restaurantes, bares, quiosques e barracas de venda de doces e pasteis. Quase todos os moradores do sexo masculino possuem embarcações próprias (canoas ou lanchas) e fazem o traslado de visitantes desde alguma outra praia de Ilhabela ou do centro do município de São Sebastião até o Bonete e, ainda, quando solicitados, realizam passeios até outros pontos do arquipélago.

Dentre os atrativos turísticos locais, destacam-se a praia do Bonete (fig. 8), com suas ondas propícias para a prática de surfe (fig. 9), as trilhas que partem do Bonete até outras praias, (fig. 10), o rio Nema (fig. 11) e o rancho de canoas (fig. 12), a cachoeira Poço Fundo e a Festa de Santa Verônica.

Figura 8 – Praia do Bonete



Fonte: Denise Scótolto, 2013.

Figura 9 – Surfe no Bonete



Fonte: Viagens Ecológicas, 2014.

Figura 10 – Mapa apontando as trilhas que ligam o Bonete à outros bairros



Fonte: ndvans, 2014.

Figura 11 – Rio Nema



Fonte: Denise Scóto, 2013.

Figura 12 – Rancho de canoas



Fonte: Denise Scótolto, 2013.

A praia do Bonete possui aproximadamente 600 metros de extensão, água cristalina, areia clara e fina e é cercada por árvores chapéu-de-sol. Os visitantes costumam estender cangas na areia, aproveitar a sombra das árvores da orla ou ainda petiscar frutos do mar e tomar drinks num dos quiosques “pé na areia” (fig. 13). As residências e estabelecimentos comerciais próximos à orla da praia são feitos de alvenaria, de pau-a-pique ou mesmo de bambu, como pode ser visto na figura 14. Casas de veraneio se espalham pela comunidade, desde a orla da praia até os limites com o PEIb. Não existem dados oficiais que apontem o número de segundas residências na comunidade; entretanto, moradores informaram que o número de habitações de veraneio ultrapassa o número de habitações destinadas à moradia da população local.

Figura 13 – Visitantes na praia e em mesas de quiosque na orla da praia



Fonte: Denise Scótoló, 2014.

Figura 14 – Construções próximas à orla da praia



Fonte: Denise Scótoló, 2014

4.2 Características da identidade e da cultura do Bonete

As respostas para as questões do bloco A, que procurava identificar nos discursos dos entrevistados as características da cultura e da identidade dos moradores do Bonete, assim como seu sentimento de pertença, resultaram em quatro diferentes DSCs, criados a partir da conjunção de vinte e cinco ideias centrais que estão apresentadas no quadro 6.

Quadro 6. Ideias centrais sobre a identidade e a cultura do Bonete.

<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>	<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>
1	Sentimento de pertença	2	Desejo de permanecer no Bonete
3	Tranquilidade do Bonete	4	Viveu em outro lugar no passado
5	Medo da violência da cidade	6	Desejo de viver em outro lugar no futuro
7	Cooperação entre os moradores	8	Desunião entre os moradores
9	Trabalho: direto/indireto com turismo	10	Trabalho: conservação e limpeza
11	Trabalho: caseiros	12	Trabalho: pesca
13	Outros trabalhos	14	Cultura da pesca
15	Cultura da roça	16	Surfe
17	Artesanatos	18	Relação com o mar
19	Sazonalidade	20	Conservação e limpeza
21	Outros aspectos culturais	22	Religião: Evangélica da Igreja Assembleia de Deus
23	Religião: Católica	24	Relação com turistas/veranistas
25	Desenvolvimento local		

4.2.1 Discurso do Sujeito Coletivo 1a

O DSC 1 do bloco A apresenta importantes dados acerca dos aspectos da cultura tradicional caiçara e foi composto pelas falas dos sujeitos 5, 6, 7, 9, 14, 17, 18, 19 e 23. Consideraram-se, para a elaboração deste discurso, prioritariamente as ideias centrais 1, 2, 3, 4, 9, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 22 e 25.

Eu nasci aqui no Bonete. Na época que minha mãe me teve aqui, nascia de parteira. Não ia para a cidade, então eu nasci aqui no Bonete. Sou boneteiro caçara legítimo. Ser boneteiro, pra mim, é uma pessoa que nasce aqui e se criou aqui e está aqui até agora. É ser pescador, ser lavrador, carpinteiro. É tudo isso.

Eu gosto. Me sinto feliz de falar que sou boneteiro. Falo isso com toda a felicidade, com todo orgulho, porque se eu nasci aqui e tenho que gostar da minha terra caçara. Eu gosto muito daqui. Eu já dei minhas voltas, fui para lá e não acostumei. Tive que voltar rápido. Aqui é mais sossegado. Não tem aquele barulho de carro, aquele movimento todo e aqui a gente respira um ar mais puro, né? Na cidade é roubo, é assalto e você não tem essa paz que nós temos aqui. Aqui é tão sossegadinho. A gente sai de casa, vai ali no porto, vai na praia sem perigo nenhum e nada acontece. Aqui é melhor. Tem pouco movimento. A gente vive melhor, né? E eu não tenho vontade de viver em outro lugar, de jeito nenhum. Pretendo sempre estar morando aqui. Não pretendo sair porque acostumei muito aqui. Aqui é paz. Eu peço a Deus que Deus guarde meus filhos que estão lá trabalhando, mas eu não saio daqui por nada. Eu vou lá só quando há necessidade, então eu prefiro ficar aqui no meu lugar, que eu nasci, até o final da minha vida.

A tranquilidade que você tem aqui... Aqui você não tem problemas, não dorme preocupado, não fica pensando que vão entrar na sua casa ou que vai ser assaltado. Aqui, no verão, você pode dormir com tudo aberto. Com a porta e janela tudo aberta. Quando tá muito calor no verão, a gente pega um colchão e leva para a praia e dorme na praia. Só vem de manhã. Você vai na praia de noite e é só gente dormindo. Umas nove, dez horas, depois da novela, tá todo mundo. Você encontra tudo embaixo das árvores. E é gostoso! E não tem nenhum borrachudo. Nem pernilongo não tem a noite, aí você dorme tranquilo com essa brisinha gostosa. Logo cedo você tem que acordar, que o borrachudo já te acorda mordendo bem cedo. Aí você desperta cedo, vai embora e já faz a atividade que tem que fazer.

Viver aqui é muito bom, principalmente no verão. No inverno não é tão bom, mas no verão é bem melhor. No verão a gente tem um meio de ganhar um dinheirinho a mais. No inverno é só mesmo o salariozinho e pronto. Eu trabalho pra um homem lá de São Paulo que tem um terreno e eu limpo o terreno dele e trabalho na pousada. Minha mulher trabalhava na roça. Trabalhou muito tempo na roça. Era mais mandioca que plantava. Colhia batata doce, mandioca doce, mandioca pra farinha. A gente fazia de alqueire de farinha. Tem gente aí que ainda tem roda, tem forno e faz farinha. Agora, pra eu comer, eu tenho que comprar no mercado. Vê como são as coisas! (risos) É assim a vida da gente e assim estou feliz, graças à Deus.

A gente vive assim. Aqui o povo trabalha muito de caseiro, pesca, faz viagem, aluga casa. Aqui você pode ter o seu “pinga pinga” mensalmente e pode pescar também na época do verão – que é uma época boa – quando não estiver trabalhando. No verão eu pesco lula, pesco garoupa e a gente também vende uma lulazinha lá na praia, nas pousadas, e já dá para ganhar um dinheirinho a mais, mas tem gente que vive da pesca o ano todo. Da pesca artesanal, de arpão e de rede. A gente acorda umas cinco horas, seis horas da manhã e já sai ou passa a noite no barco, largando a rede e colhendo. De três em três horas, quatro em quatro horas, tem que ficar colhendo ela, então tem que esperar e a gente fica conversando com o companheiro (risos). Vamos de lanchinha em cinco, seis pessoas. Depois a gente vem, gela o peixe e vende pras pousadas e restaurantes. Às vezes a gente leva pra lá pra peixaria, e aí tira o dinheiro da gasolina, do óleo e separa o dinheiro certinho.

Eu pego lagosta também quando é tempo de pegar, porque tem um tempo, que é da desova, que não pode. A gente respeita a desova, né? Mas eu já pesquei muito peixe de tremálio, de cerco e de linha de mão. O cerco é uma rede grande, só que é diferente das outras. Você joga e deixa e só vai visitar quatro vezes ao dia. O peixe fica preso. Antigamente faziam, mas agora é mais difícil. Agora é mais de rede, aí você vai lá, larga e você vai no outro dia visitar, de manhãzinha. É mais fácil. Bem mais fácil. E pesca de linha é mais pra lula, garoupa. Pra limpar a lula eu tiro o dente e depois limpo a cabeça e o restante. E aproveito tudo. Eu costumo temperar com sal e vinagre. Não coloco mais nada. E passo na farinha de trigo bem sequinha e coloco na gordura quente.

O ponto de venda é São Sebastião. Tem cooperativa em São Sebastião, no bairro. Lá é uma cooperativa que compra de vários pescadores de vários lugares. Às vezes, quando a gente pega bastante, a gente leva lá e eles também levam pra São Paulo pra vender. Quando a gente vai cedo, de manhã cedo, aí dá pra voltar. Chega lá, fala com o peixeiro, pesa o peixe, pega a nota e vem embora pra cá. Tem vez que o vento é de Sul, o mar tá bravo e não dá pra voltar, aí fico lá 1 dia, 2 dias...

Viver bem só da pesca aqui é difícil. É muita concorrência, tem muito pescador e é um querendo matar mais do que o outro. Tem menos peixe também. Tem muita embarcação e afugenta muito os peixes, né? Antigamente era mais tranquilo. Tem vezes que no peixe dá bem mais dinheiro, mas tem vezes que o trabalho mesmo dá mais. A pesca dá mais dinheiro porque é muito mais caro o peixe. O valor que você faz de dinheiro pescando é muito maior e o tempo despendido é muito menor. Só que peixe também não dá todo dia, toda hora. O caseiro, ele ganha por mês um salário e tem que depender do mês. Se ele ficar dependendo só do salário por mês ele acaba passando fome se ele não parar pra pescar também.

Aqui mudou bastante, porque era mais difícil. Naquele tempo não tinha barco a motor. Era tudo a remo, a vela. Não tinha motor naquele tempo e agora tudo tem motor. Todos têm a sua lanchinha ou canoa com motor, que é a condução que a gente vai na cidade e vem. Aqui cada um tem um rancho. Agora é que tem gente que não tem, porque não tem lugar de fazer mais. O rancho tem 10,5m e a canoa tem 9,5m. A lanchinha é menor. Quase todo mundo tem lancha. O pessoal gosta porque é mais rápido. Aí vai rápido e volta mais rápido do que a canoa. A canoa a gente ainda usa para buscar material. A lancha não pega material igual a canoa. A canoa pega mais carga. Por exemplo, telha, madeira, cimento e outras coisas pesadas ocupam a canoa. Agora pra viajar, fazer uma compra mais rápida, o pessoal prefere a lanchinha. A gente também usa a lanchinha para fazer o transporte do pessoal, dos turistas que vem.

Já alcancei muito casamento aqui, que iam casar de canoa de remo de voga. Por exemplo, na borda da canoa tinha um furo e eles colocavam um remo que ficava ali amarrado pra não soltar. A pessoa sentava ali no banco e remava assim, assim, naquela vogada - chama vogada - e a canoa vai andando. E quando não era suficiente, armavam a vela. A pessoa ia pra lá casar no civil e voltava. Tinha uma casa lá que o pessoal se trocava, porque com a roupa que ia daqui não ia pro civil, porque quem anda na água se molha! Então a pessoa ia lá, tomava um banho, se trocava, ia no civil, assinava o casamento, pegava a canoa e vinha embora de novo. Aí fazia o banquete aqui. A festa. Quando não era um almoço era uma janta a noite pros convidado, pra família. Tem vezes que eu pego pra falar algumas coisas daquelas antiguidades pros meus filhos e eles não acreditam. Quando eu era pequeno, que tinha 7 anos, mais ou menos, eu ia a remo com meu pai pra São Sebastião. Ele levava a minha mãe pra fazer as comprinhas - só

comprava o básico que era o arroz e o sabão em pedra, porque não existia sabão em pó – e não dava tempo pra vir no mesmo dia e a gente dormia na praia de São Sebastião e vinha no outro dia. De domingo a domingo aqui a gente se alimentava de Pirão de banana, Azul Marinho e a gente gastava muita farinha de mandioca. A gente fazia um alqueire de farinha. Fazia hoje, segunda-feira e sábado tinha que ir na roça buscar mandioca pra fazer mais, porque a gente não comia sem a farinha, que era pra fazer o Azul Marinho. Hoje em dia os netos da gente e os filhos comem peixe um dia por semana. Se não tiver frango ou carne eles não querem.

Então o povo vivia da roça e da pesca e levava tudo na canoa a remo. Imagina que uma criança, que no passado, pegava uma faca, via o pai, o avô pegando uma faca, um martelo, batendo e abrindo uma canoa? Então tinha que se aprender. Tinha que se fazer a cadeira, a mesa, as casas, a canoa, os ranchos. O aprendizado caçara, do boneteiro, é muito extenso. Enfim, esse é o caçara. O cara que vai pro mato, tira a madeira, faz a canoa, faz sua casa, faz sua família. Mas hoje em dia mudou tudo. Antes era pouco tempo pra surfar e mais pro trabalho. Hoje em dia é mais surfe, menos trabalho, menos artesanato. A pesca ainda continua. A pesca ainda é importante.

Também mudou que agora tem mais emprego aqui e as pessoas vivem melhor. E agora tem também a canoa que leva o lixo. Faz a coleta do lixo aqui e leva. De 2001, mais ou menos, pra cá o prefeito contratou uma canoa pra tirar os lixos daqui e agora já são 4 canoas. Toda semana vai o lixo. Quando não levava a gente enterrava, mas agora a gente manda tudo pra lá, porque a gente separa tudo aqui. Pele de frango e peixe que a gente limpa a gente não mistura, a gente enterra, porque às vezes demoram para pegar e fica com mau cheiro, não é? No quintal dos boneteiros não tem lixo exagerado ou resto de comida que tá fazendo mau cheiro. A gente vai ali nos fundos, na terra, enterra aquilo ali e separa o lixo seco. Poe em saco plástico e manda. Você vê que aqui no Bonete é tudo limpinho. Tudo limpinho. A gente também não deixa coisas jogadas no quintal. A higiene faz parte da nossa saúde. Muita gente aqui tem criação de galinha aí dão o resto de comida para as galinhas. Quando sobra um pouquinho de arroz e um pouquinho de peixe a gente joga num lugarzinho e o passarinho come. Vem até Sariri ali comer.

Desde que veio esse gerador movido a água, todo mundo comprou geladeira. Antes disso tinha que comprar tudo seco. Era mais difícil. Tinha que comprar mistura seca, carne seca. A gente secava peixe. Aí eu escalava o peixe. Escalar é abrir o peixe, ou pela barriga ou pelas costas, abrir a espinha, virar e salgar bem salgado também pra não estragar, pra não dar bicho. Aí se tiver tempo bom, aí já no outro dia colocava no Sol. Punha no Sol e secava o peixe no Sol por uns 3 dias, 4 dias. Ainda fazem peixe seco, mas gora está mais difícil porque o pessoal leva o peixe fresco para a peixaria. Fica mais fácil não ter trabalho de salgar. Salgado fica igual bacalhau. Quem faz esse processo é quem tem rede e pega bastante Tainha no inverno. Também tem a festa da Santa Veronica dia 9 de julho, então vem muita gente pra cá e o pessoal procura o peixe seco pra levar pra lá. Faz igual bacalhau. Tira toda a espinha, desfia e faz com batata. É muito gostoso.

Mas o negócio que mudou agora no Bonete foi que melhorou. As pessoas tem uma vida melhor do que antigamente. A pessoa sempre tem um dinheirinho a mais pra fazer uma compra, e também tem sua embarcação. Antigamente a pessoa que não tinha sua própria embarcação pra fazer compra tinha que reunir 3 ou 4 pra ir numa embarcação só pra comprar.

Agora não. Todo mundo tem sua lanchinha aqui pra ir pra lá e pra voltar e não dependem de ninguém.

Mas o povo aqui é tudo unido. A gente tenta se ajudar. Se tá precisando de alguma coisa, a gente tenta ajudar de um jeito e de outro, de alguma forma. Quando é pra puxar uma canoa ou uma lancha lá, o pessoal vai lá ajudar. Quando o mar fica bravo o povo traz as lanchas tudo aqui pra cima, porque o mar invade. Às vezes à noite dá um vento e chove e o mar sobe e a pessoa tem que tirar todas as embarcações de lá e por tudo cá pra cima onde o mar não vem. Então à tarde o pessoal já se previne. Põe tudo cá pra cima onde o mar não vai invadir.

E eu vivo aqui. Viver aqui no Bonete a gente já tá acostumado porque é o lugar da gente. Graças à Deus que eu vivo aqui. Eu congrego nessa igreja aqui, a Assembleia de Deus. Minha família toda é evangélica, então a gente sempre pega um pouquinho do caminho e eu tento seguir, né?

Meu sonho é aposentar e ver os meus filhos, os meus neto bem, com saúde e a minha família e o meu lugar nessa paz. Que a gente tenha essa paz por muito tempo. Não sei até quando, que Deus é quem sabe, mas eu pretendo que essa paz continue, continue, continue. Que as pessoas tenham essa paz, essa liberdade que a gente tem hoje. É isso que eu quero. É isso que eu mais quero. Nós vivemos aqui numa paz. Por isso que eu digo que não tem o que pague essa paz que a gente tem. Não tem.

4.2.2 Discurso do Sujeito Coletivo 2a

O DSC 2 deste bloco apresenta a relação entre passado e presente, além de mostrar um forte sentimento de pertença dos entrevistados. Este discurso foi composto pelas falas dos sujeitos 3, 7, 12, 13, 15, 16, 18, 20, 22, 24, 26 e 29, e sua elaboração considerou a repetição das ideias centrais 1, 2, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 22, 24 e 25.

Sou boneteira legítima. Sou local. Nasci aqui, cresci aqui, me criei aqui, estudei um pouco, casei muito novinha e sou feliz aqui. Tenho orgulho de ser daqui. Ser boneteira é viver o que a gente está vivendo, as coisas boas ou ruins. É ter uma vida simples com as coisas simples que tem aqui, o sossego, a paz. Acho que o que mais envolve é o sentimento de tá aqui, de crescer aqui, ter estudado. Minha família é daqui. Meu pai já era daqui, minha mãe já era daqui. Então foram umas árvores que foram plantadas e deram os frutos, e aqui nós estamos, os filhos, os netos. Eu acho que é o sentimento mesmo. Já viajei para alguns lugares, já fui morar na cidade um pouco e voltei pra cá. Não tenho vontade de sair daqui nunca mais. Não trocaria aqui por nada. Esse lugar é abençoado. Na cidade tem muito barulho e a condição de vida do dia a dia da gente lá é muita correria, é muito movimento. A gente tá acostumada sempre com o lugar paradão e aqui a gente tem esse sossego. A vida para mim aqui é boa. Muito boa. Aqui a gente tem essa paz de poder ir ali tomar um banho no mar sem perigo e de poder tomar um banho na cachoeira. Aqui é uma coisa muito diferente. A gente diz que aqui é outro mundo, porque é um lugar paradisíaco. Na cidade é bom pra você ficar só pra passar o dia, mas pra morar já é difícil se acostumar. A gente tem casa alugada lá na frente e quando precisa a gente vai para lá. Quando eu vou para São Sebastião... meu Deus do céu! Tenho vontade de ir embora. Eu quero logo voltar para casa, vir para o Bonete.

Não dá! Não tem explicação. O nosso lugar é outra coisa. Gosto muito de viver aqui e eu pretendo ainda continuar aqui e terminar meus tempos aqui, que nem o meu pai terminou. Eu tô satisfeita aqui. Eu amo o Bonete. E hoje em dia já mudou bastante. Já tem mais crianças, tem mais gente de fora que vem. Na minha infância eu fazia barquinho, canoinha e a gente arrastava na areia. Aí era a vida da gente, mas estou aqui até hoje, graças à Deus, sou feliz.

Tem gente que trabalha de caseira, como eu, que trabalha para outras pessoas de fora que tem casa aqui. Muitos homens vivem da pesca e tem gente que faz um pouco de tudo, que trabalha com várias coisas. Aqui evoluiu bastante. Quando eu era menina, era muito diferente de como é agora. Eu trabalhava na roça e ajudava minha mãe. Isso até bem pouco tempo, há uns 13 anos, antes de eu começar a trabalhar fora. De manhã eu tomava café, pegava minhas ferramentas e ia para a roça trabalhar. Ali a gente plantava batata, plantava feijão, plantava mandioca, plantava milho, cortava banana para vender para fora. Só não plantava arroz. O resto plantava tudo. Plantava a mandioca, tratava a mandioca, buscava lenha... Tinha essa cultura de fazer farinha para vender fora. Aqui, antigamente, dava muito café. O café e o feijão a gente colhia para o consumo. Laranja aqui era o que mais dava. E a gente cresceu nesse ritmo de trabalhar na roça. Depois que eu comecei a trabalhar fora, aí eu não fiz mais isso, porque não dava para fazer as duas coisas, mas tem gente que ainda faz. Meu primo mesmo tem porção de mandioca e faz farinha. O forno dele já está assentadinho. A casa do forno está sem acabar de fazer, mas já está coberta. Falta fazer o cimentado, mas já dá para fazer farinha. O forno era de meus tios, aí eles queriam vender e ele não deixou. Ele falou “É nossa cultura! Pode deixar aí que eu vou usar”. Ele também plantou feijão o ano passado e colheu quase 50 quilos para consumo da família. Mas hoje, se você pegar uma ferramenta e subir lá para cima para uma roça, você tá sujeito a pegar cadeia porque não pode. O meio ambiente não deixa. Aí tem gente que sofreu com isso. Uma coisa que antes gostavam de fazer e hoje não podem fazer mais.

Antigamente a gente também não tinha água encanada, então a agente pegava as louças e ia para o rio. Esse riozinho que passa aqui tinha muita água. Agora no Bonete está acabando a água. Então a gente ia lá lavar louça, lavar roupa, trazia água para o caldeirão para tomar em casa. Então a gente tinha essa cultura. Antes todo mundo vivia da roça e da pesca, porque não tinha vindo muita gente de fora que tinha comprado terreno. Agora aqui tem muita casa de paulista. Hoje em dia tem bastante! A vida antes era muito difícil. Agora não. Agora o Bonete está muito bom para viver. Praticamente, os boneteiros são bem de vida. Não tem mais ninguém pobre aqui no Bonete. Graças à Deus!

Eu trabalho de caseira com carteira assinada, tudo direitinho e também trabalho em casa, cuidado do marido, dos filhos... Trabalho bastante! Meu marido trabalha na prefeitura. Ele é auxiliar de serviços gerais. A gente tem nosso barquinho e quando chega final de semana e em feriado que faz tempo bom ele faz bastante viagem com turista e vive também um pouco da pesca e a gente vive na felicidade! O artesanato eu não faço muito. De vez em quando eu pego pra fazer pra não esquecer o jeito (risos). Mas o artesanato também dá dinheiro. Eu acho que se não tivesse turismo no Bonete eu ficava aqui do mesmo jeito.

Trabalhar, trabalhar o ano inteiro nem todo mundo trabalha não. É difícil. É mais na temporada em pousada ou restaurante, mas um emprego fixo é difícil ter aqui no Bonete, a não ser pra quem é caseiro ou pra quem trabalha na prefeitura.

A nossa rotina é mais no inverno. Os homens acordam cedo e vão ver o mar, as lanchas, as canoas. Quem é carpinteiro que quer fazer uma canoa já vai na mata ver a madeira. Eu gosto mais de fazer artesanato no inverno. No verão eu não faço. Aí a nossa rotina é mais ou menos assim. Tem que procurar alguma coisa para fazer, porque no inverno é muito pouco turista e muito pouca pesca. No verão a gente aproveita pra fazer quase tudo o que tem que fazer, porque turismo para nós é no verão. No verão o pessoal curte o mar e ganha dinheiro para no inverno ficar sossegado, porque no inverno não se ganha muito. Quem não tem trabalho fixo trabalha mais no verão e guarda o dinheiro pra no inverno ter.

Então agora o pessoal fica muito na televisão assistindo novela. Chega meio-dia fica todo mundo vendo o jornal e vendo o jogo que tá passando lá. Os jovens, muitos ficam surfando. Os maridos trabalham e as mulheres ficam mais em casa. Poucas querem trabalhar, né? E vão vivendo.

Eu gosto de morar aqui. Gosto pra caramba, mas aqui também tem muito problema. Todos os lugares têm as suas divergências. O Bonete é pequeno – deve ter umas 300 pessoas – e um tem inveja do outro e é difícil ser ajudado e isso é um problema muito grande, porque é todo mundo parente. Mas têm épocas que a maré é mais difícil, aí tá todo mundo junto, todo mundo alinhado, todo mundo ajuda a descer uma canoa. Mas chega no inverno, eu não sei o que acontece que um tá de bico para o outro. Dá para notar isso muito fácil. Mas eu sou daqui, graças à Deus, e eu acho que não tem melhor lugar do que o lugar da gente. Nem todo mundo vai pensar uma coisa só. Cada um tem seu modo de pensar, mas as pessoas aqui são unidas, por exemplo, se acontece alguma coisa, todo mundo se une. Se acontece alguma coisa em alguma família, todo mundo apoia e se une, então para mim, morar aqui no Bonete é um orgulho. Eu me orgulho de morar aqui. É muita honra.

Eu vou na igreja evangélica. Sou evangélica membro da Assembleia de Deus. Tem a reunião das mulheres às quartas-feiras. É muito importante porque a gente aprende muita coisa. A gente faz um grupo e conta o que a gente sabe... É muito importante. Para nós os caminhos evangélicos são os melhores caminhos. Tem uma parte dos boneteiros que é católica, mas o padre deixou de vir aqui e então não tem uma missa. Tem a festa da Santa Verônica, mas a gente não participa da festa. A gente fica na da gente e eles ficam na deles, né? A gente não participa e nem se incomoda com eles.

Eu sou feliz vivendo aqui. Eu trabalho, pago as minhas contas, e aqui a gente vive com qualquer coisa. Aqui, se a gente quer um peixe é só ir ali no mar, pegar e já tem o peixe fresco. A gente tem a roça de mandioca, pode plantar, colher, pode criar o que a gente quiser aqui, tipo galinha, pode ter cachorro à vontade – que é uma coisa que tem bastante aqui no Bonete - e eu não me preocupo em sair correndo, não me preocupo com farol, com carro nenhum, posso andar de olho fechado e todo mundo conhece todo mundo. Tem essa harmonia de todo mundo ser uma família só, das pessoas serem hospitaleiras, amorosas, e ajudarem uma a outra, então eu acho que todo boneteiro é feliz. Meu sonho é continuar morando aqui nesse lugar tranquilo até envelhecer. Morar aqui pro resto da minha vida, ver esse mar bonito, essa praia, as cachoeira, dormir na praia, ver as estrelas. Meu sonho é esse, continuar nesse lugar tranquilo e que o Bonete continue do jeito que ele tá. Não quero sair daqui não.

4.2.3 Discurso do Sujeito Coletivo 3a

O DSC 3 deste bloco apresenta um discurso que transparece a relação dual entre o sentimento de pertença do autóctone em relação ao Bonete e seu desejo reprimido de viver em outro lugar por medo da violência dos centros urbanos. O discurso também apresenta alguns dos problemas existentes na comunidade que levam os entrevistados a desejar sair do Bonete. Este DSC foi elaborado a partir das falas dos sujeitos 1, 4, 10 e 28 e das ideias centrais 1,3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 19, 22 e 25.

Eu nasci aqui. Quem mora aqui, quem nasceu aqui, a gente chama de boneteiro. Eu sou uma boneteira mesmo, porque minha família é daqui. Eu nasci... só nasci em São Sebastião, mas moro desde que nasci aqui. Eu acho que uma boneteira mesmo, é quando a pessoa cresce no lugar, passando as mesmas dificuldades que agente passa aqui. Isso é ser boneteiro. O boneteiro é um caçara rústico e só os que nascem mesmo e crescem aqui dentro podem ser considerados.

Quando a gente vai daqui lá para frente da Ilha, a gente fala assim: “Eu vou para Ilhabela”. Só que eu estou em Ilhabela. A gente faz com que o Bonete seja o nosso município. Dá impressão que a gente é só Bonete. Então a gente fala boneteiros, a gente não fala ilhabelense nunca. Isso não é só a comunidade do Bonete, são todas as comunidades, porque quem é ilhabelense nasceu nas comunidades, não nasceu na frente da Ilha. Se misturaram depois, então a gente se considera mais boneteiros do que ilhabelenses. Essa é nossa terra. E Bonete é bem legal. Tem muito pra melhorar, mas é um lugar muito bom pra morar.

Eu gosto de viver aqui, mas tem hora que eu tenho vontade de sair para achar um recurso um pouco melhor, só que ao mesmo tempo a gente pensa na violência que a gente acaba vendo e então eu tenho muito medo de cidade, porque na cidade tem muita violência. A droga é uma coisa muito forte na cidade. Aqui tem, não vou dizer que não tem, mas a gente acaba conseguindo diferenciar, então eu não tenho vontade de sair daqui. Não é que eu não tenho vontade, é que eu tenho medo. Daí eu prefiro ficar aqui.

Eu tentei sair umas duas vezes, mas por pouco tempo. A gente tava querendo ir pra frente da ilha, na cidade, mas já estamos desistindo também. A gente queria sair pra colocar nossa menina na escola lá na frente e procurar algo a mais, um trabalho a mais. Mas agora a gente já tá com um projeto. A gente tá tentando bolar alguma coisa pra dar continuidade ao turismo aí, então a gente está na expectativa da próxima temporada.

O Bonete é sossegado, é silencioso. Não passa carro, não passa nada aqui. Você só escuta o barulho do mar, dos pássaros, das galinhas, então eu gosto daqui. Na cidade você escuta muita buzina. É muita gente, é muito carro, é ônibus, é caminhão... No Bonete as crianças são livres. Na cidade já não são. Eu tenho medo disso.

Mas em compensação, tem uma limitação a respeito de estudo. A gente sabe que a qualidade não é igual. Não tem professores específicos para a matéria. Quando chega no ensino médio, que são muitas matérias importantes, são 1 ou 2 professores pra dividir. Ai você sabe que a qualidade cai. E saúde também, porque a saúde aqui é um postinho e agora a gente tem, graças à Deus, uma enfermeira. Mas antes nem tínhamos isso.

Então são essas coisas que faz com que a gente pense em sair, mas a violência lá fora faz com que a gente pense em ficar.

Aqui alguns vivem do turismo, outros vivem da pesca e outros são caseiros do pessoal de fora. Tem muitos que trabalham como caseiro. A maioria hoje trabalha pra turistas, cuidando de casas. Por exemplo, meu esposo cuida de uma casa, o meu pai trabalha na prefeitura, tenho irmãos que vivem da pesca, tios que vivem da pesca e uns que dependem dos turistas pra poder ter dinheiro. Meu esposo também tem um barquinho pra fazer passeios. De caseiro ele ganha 1 salário, porque aqui a gente não trabalha todo dia, então como ele tem um registro, ele ganha um salário de caseiro.

A prefeitura também tem colocado bastante gente pra trabalhar, pra cuidar do lugar. Aqui tem bastante gari. Pra uma comunidade pequena igual essa, deve ter uns 13 garis (risos). Eles varrem a rua e cuidam da trilha pra não fechar e tem melhorado bastante. Tem mantido a comunidade bem legal, bem organizada. Então o serviço deles é fazer a manutenção do bairro. Então a maioria é isso: caseiro e prefeitura. E alguns vivem da roça ou pesca. Mesmo aqueles que trabalham de caseiro, quando dá pra pescar, vão pescar, porque quem trabalha fixo chega 5 ou 6 horas.

Antigamente a gente era bem mais pobre. A população agora deu uma enriquecida, então é difícil alguém ficar sem comida em casa. E aí a população uma ajuda a outra. Se na minha casa não tem, eu vou na casa do meu vizinho e meu vizinho empresta. empresta arroz e feijão.

A gente vai na igreja evangélica. Lá tem o grupo de jovens, das crianças e o círculo de oração. Quem não vai para a igreja, chega do trabalho e vai pro barzinho tomar sua cervejinha ou uma caipirinha.

4.2.4 Discurso do Sujeito Coletivo 4a

O DSC 4 do bloco A expõe o anseio do jovem que, apesar de seu sentimento de pertença e do reconhecimento da qualidade de vida existente no Bonete, pretende sair da comunidade para estudar e ganhar dinheiro para que, posteriormente, possa retornar ao Bonete com uma melhor condição financeira. Considerou-se, para a elaboração deste discurso, prioritariamente as ideias centrais 1, 6, 9, 12, 16 e 21 ditas pelos sujeitos 8, 11, 17 e 25.

Eu nasci aqui no Bonete e moro aqui desde pequenininha. Sou boneteira (risos). Boneteiro é um caiçara que nasce aqui na praia do Bonete. Caiçara boneteiro é só por nome do Bonete. Tudo que nasce na praia e vive do mar, da roça. Aqui, de diferente da cidade é o sossego, a liberdade, as pessoas e enquanto não chegar estrada, vai ter esse sossego, porque, se chegar estrada, vai acabar com a nossa paz aqui. Você tá aqui, tá em casa. Não tem barulho de nada, de carro. É diferente. É muito diferente. A cultura é outra. Não tem nada a ver com a cidade. Aqui todo mundo conhece todo mundo, todo mundo é família, todo mundo é amigo. Eu gosto de ser boneteira. É bom e um pouco complicado. Eu sinto necessidade da cidade também.

Eu já sai do Bonete e voltei logo porque não me acostumei muito não, mas eu tenho vontade de sair por um tempo, de viver um pouco lá fora e ver alguma coisa. Eu tenho vontade de sair daqui para fazer faculdade, trabalhar, levantar um dinheiro e guardar, pelo menos ser alguém um pouco, né? E depois voltar pra ficar tranquila, porque hoje em dia sem

dinheiro você não vive. Você precisa comer, você precisa comprar suas coisas, precisa comprar roupa. Se você tiver família tem que comprar leite, tem que comprar isso e aquilo. O que eu vejo é que a maioria das meninas da minha idade que, tipo, cresceu aqui e tá aqui até hoje, casaram, tiveram filho e não trabalham. O caiçara tem mania de casar muito cedo. Com 15 anos já estão juntos, já casam e é assim. E eu não quero isso pra mim tão cedo. Eu quero terminar meus estudos, eu quero arranjar um bom trabalho. É isso. Eu moro no paraíso, mas, por um lado, não é um bom futuro, porque aqui não tem muitas opções de coisas. Fora daqui tem.

A maioria do pessoal trabalha muito com turismo, de viagem de barco, passeio, essas coisas. Não tem muita coisa a fazer aqui. Artesanato, essas coisas, enfraqueceu bastante. Uns fazem, outros não.

Eu posso falar do meu dia a dia: trabalhar de manhã e de tarde e depois vou surfar. Eu surfo – eu acho que não tem coisa melhor que o surfe! É muito bom! Trabalho e curto a praia ou praia o dia todo quando tô de folga (risos) e internet e cachoeira. Às vezes eu jogo bola, às vezes eu jogo taco e às vezes também tenho um tempinho pra estudar em casa. Aqui a balada é no Reveillon e Carnaval, aí tem mais baladinha. Fora disso, à noite tem gente que inventa uma fogueirinha, um violãozinho e fica tomando cerveja.

4.2.5 Discussão

O ato de nomear faz parte da cultura de todos os povos. Historicamente, o nome ou gentílico dado a alguém dizia respeito à gens a qual o indivíduo pertencia, determinando sua ascendência e sua posição social. Segundo Almeida (2013), os gentílicos permitem o acompanhamento das disputas e alianças históricas que produzem sentido àqueles que os utilizam e, ainda, delineiam o passado e o futuro e os movimentos das redes de filiações que organizam a rede discursiva. Ferrari e Medeiros (2012) afirmam que as denominações não são escolhas aleatórias e sim discursos compostos de história, e que, portanto, denominar é significar. Os gentílicos são, deste modo, uma escolha e uma representação social que envolve o conjunto de significados que uma sociedade atribui à sua própria existência. Assim, atribuir um nome a um grupo social envolve questões históricas, sociais, econômicas e simbólicas.

O gentílico *boneteiro* surge nos diferentes DSCs como uma representação da identidade do povo do Bonete. Ser boneteiro significa estar ligado a um passado ainda vivo na lembrança dos entrevistados, a um presente de constantes transformações culturais e a um futuro incerto. Um “boneteiro legítimo” nasceu naquele território, cresceu ali e seguiu os caminhos mais usuais daquele povo, passando pelas dificuldades e alegrias que os afetam.

Os DSCs 1a, 3a e 4a apresentam, além do gentílico boneteiro, a denominação caiçara. Ainda que, atualmente, as pressões exercidas em comunidades litorâneas, como a criação de unidades de conservação e como o aumento da urbanização e do turismo desordenado (DIEGUES, 2002), contribuam para mudanças significativas no modo de vida e de

subsistência das populações costeiras do litoral brasileiro, durante as observações feitas no campo de pesquisa foi possível perceber que alguns dos elementos da tradição caiçara se mantêm vivos no Bonete, como a pesca, a coleta de animais marinhos, os saberes associados ao tempo da natureza e à composição do tecido social a partir de poucas famílias locais. A cultura boneteira também agrega, além daqueles elementos característicos da cultura tradicional caiçara, tantos outros elementos conforme o contexto histórico em que foi e é continuamente construída, legitimando o DSC 3a “*O boneteiro é um caiçara rústico e só os que nascem mesmo e crescem aqui dentro podem ser considerados*”.

Brandão (1986) afirma que as identidades podem ser compostas por diversas características, como as físicas, biológicas, históricas, posição social, crenças etc. e podem, ainda, vincular-se aos sentimentos pessoais que dão consciência para um “eu” que se difere de outros. Os boneteiros se identificam como tais, porque se diferem de outros sujeitos que não pertencem àquele lugar. Essa identidade surge a partir de sua autopercepção como integrantes de um grupo localizado (ALFONSO e LÓPEZ, 2010). Parte daquilo que forma essa identidade é composta por uma relação estreita com o território em que estão instalados – o Bonete – e, portanto, eles são boneteiros.

Os DSCs 1a, 2a e 3a mostram a existência de uma relação simbólica e afetiva dos entrevistados com o Bonete, exibindo o caráter emocional que perpassa a relação dos indivíduos com o lugar em que vivem: “*Me sinto feliz de falar que sou boneteiro. Falo isso com toda a felicidade, com todo orgulho*” (DSC 1a). “*Acho que o que mais envolve é o sentimento de tá aqui [...]Minha família é daqui [...]então foram umas árvores que foram plantadas e deram os frutos, e aqui nós estamos, os filhos, os netos. [...] Eu amo o Bonete*” (DSC 2a). “*A gente se considera mais boneteiros do que ilhabelenses. Essa é nossa terra*” (DSC 3a). Considerar-se e sentir-se boneteiro diz respeito ao valor atribuído àquele território. Ultrapassa a utilização do gentílico municipal ilhabelense, como pode ser observado no DSC 3a.

Nesse sentido, Martins (2003, p. 42, grifo do autor) afirma que a

identidade seria, em linhas gerais, esse sentido de **pertencer** que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que são. Esse ser de algum lugar pertence a algum grupo, sente afinidade com algo que lhe resgata algo seu; isto tudo é chamado de identidade.

O autor enfoca a identidade social como aquilo que o indivíduo percebe e conhece sobre si enquanto integrante de um grupo social, ou seja, a significação emocional e valorativa que ele atribui ao sentimento de pertença, de fazer parte de um grupo. Assim, Martins (2003) entende que a identidade significa primordialmente a percepção de

pertencimento advinda da relação estabelecida entre um sujeito e um determinado grupo que possua certa homogeneidade cultural e que esteja definido socialmente. Esse entendimento não aparta a ideia da construção da identidade a partir de outros elementos além do(s) grupo(s) ao(s) qual(is) o sujeito pertence. “[...] apesar das definições culturais apreendidas no processo de construção do ser, passadas pelo grupo de referência, por exemplo, a família, ou a turma da escola, a história individual tem sua importância na construção da identidade grupal e interfere nela” (MARTINS, 2003, p. 43).

Percebe-se, no DSC 1a, a identificação com alguns dos aspectos culturais que dão referência de quem se é: “*Ser boneteiro [...] é ser pescador, ser lavrador, carpinteiro. É tudo isso*”. Contudo, os discursos mostram que algumas das atividades tradicionais já não são comuns e que novas atividades profissionais têm sido abraçadas pelos boneteiros, transformando essa cultura e construindo continuamente sua identidade. Essa contínua transformação corrobora o entendimento de Hall (2007) sobre a identidade do sujeito pós-moderno e o de Castells (1999) sobre a existência de múltiplas identidades em um mesmo indivíduo. Assim, um único sujeito pode ser pescador, caseiro, surfista, artesão, evangelista e marinho.

Os DSCs do bloco A evidenciam as relações afetivas e o sentimento de pertença dos sujeitos entrevistados com seu território. Ainda que alguns boneteiros manifestem o desejo de morar em outros lugares, as relações simbólicas estabelecidas com o Bonete, com a família e com as práticas tradicionais permanecem vivas e traduzem o orgulho de ser boneteiro e a expectativa da contínua melhoria da qualidade de vida, pois agora “*as pessoas têm uma vida melhor do que antigamente*” (DSC 1a).

Tuan, já em 1980, apontou a existência de relações simbólicas e afetivas dos seres humanos com o meio material. Essa relação, denominada topofilia, reflete os sentimentos que os seres dirigem ao lugar “por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 1980, p. 107). O autor exemplifica a topofilia dos trabalhadores rurais que têm profundo apego à terra, pois ganham a vida com ela, possuem intimidade física e dependência material dela, além “do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança” (TUAN, 1980, p. 111).

O desejo de morar fora do Bonete, apresentados nos DSC 3a e 4a, não representa uma lacuna na topofilia e no sentimento de pertença dos sujeitos. Como pode ser visto no DSC 1a, muitos dos entrevistados que moraram fora do Bonete não criaram vínculos emocionais com os outros lugares e retornaram para sua terra natal: “*Eu já dei minhas voltas, fui para lá e não acostumei. [...] Aqui é melhor [...] então eu prefiro ficar aqui no meu lugar, que eu nasci, até*

o final da minha vida”. Aqueles que permanecem no Bonete e afirmaram o desejo de sair pretendem fazê-lo para ter acesso à educação e às oportunidades de trabalhos capazes de possibilitar algum acúmulo financeiro que lhes deem condições de retornarem ao Bonete “sendo alguém”, como apresentado no DSC 4a: *“Eu tenho vontade de sair daqui para fazer faculdade, trabalhar, levantar um dinheiro e guardar, pelo menos ser alguém um pouco, né? E depois voltar pra ficar tranquila, porque, hoje em dia, sem dinheiro você não vive”*. Entretanto, alguns dos entrevistados revelaram que sua decisão de permanência no Bonete foi tomada em função do medo que têm da violência existente nos centros urbanos, como visto no DSC 3a: *“Eu tenho vontade de sair para achar um recurso um pouco melhor, só que ao mesmo tempo a gente pensa na violência que a gente acaba vendo e então eu tenho muito medo de cidade [...] Daí eu prefiro ficar aqui”*.

Esse “recurso um pouco melhor” de que falam esses sujeitos refletem os diversos problemas existentes na comunidade, principalmente aqueles ligados a uma percepção de educação deficiente e a um sistema de saúde precário, além da sazonalidade das atividades profissionais e de subsistência, como aquelas ligadas ao turismo e à pesca.

A decisão dos moradores de permanecerem no Bonete diz respeito, dentre outros fatores, à tranquilidade existente na comunidade. O Bonete é um lugar silencioso, com pouco ou nenhum fluxo de pessoas externas à comunidade (exceto durante a alta temporada de turismo e em feriados), sem acesso terrestre pavimentado e sem energia elétrica nas ruas e vielas. No Bonete, não há assaltos, ainda que tenham sido relatados casos de furto. A violência local é mínima, sendo retratada pelas eventuais brigas entre moradores e surfistas visitantes. Como não há acesso a carros e todos os moradores se conhecem, as crianças circulam livremente pela comunidade sem riscos de atropelamento e brincam no mar, no rio, nas cachoeiras e na praia (fig. 15). Os jovens surfam no Canto Bravo da praia (fig. 16) e jogam futebol ao entardecer (fig. 17). A população local também se reúne em pequenos grupos embaixo das árvores Chapéu-de-sol, deita-se em redes ou senta-se em bancos para apreciar a paisagem, para “tomar uma fresca” ou, ainda, para verificar as condições do tempo e do mar. Homens encontram-se durante o dia na Praça da Conversa Mole (fig. 18), onde conversam sobre os assuntos que lhes dizem respeito, como a pescaria, a ondulação do mar, a família, etc.

Essa tranquilidade é expressa nos quatro DSCs e reforça o discurso da diferença da identidade, como apontado por Hall (2000), Silva (2000) e Alfonso e Lopes (2010): *“Na cidade [...] você não tem essa paz que nós temos aqui. Aqui é tão sossegadinho. A gente sai de casa, vai ali no porto, vai na praia sem perigo nenhum e nada acontece. [...] Não tem o*

que pague essa paz que a gente tem” (DSC 1a); “Aqui a gente tem essa paz de poder ir ali tomar um banho no mar sem perigo. [...]Aqui é uma coisa muito diferente. A gente diz que aqui é outro mundo” (DSC 2a); “O Bonete é sossegado, é silencioso. Não passa carro [e] as crianças são livres. Na cidade já não são” (DSC 3a); “Aqui, de diferente da cidade é o sossego, a liberdade, as pessoas [...] Não tem barulho de nada, de carro. É diferente. É muito diferente. A cultura é outra. Não tem nada a ver com a cidade. (DSC 4a).

Figura 15 – Crianças brincando



De cima para baixo e da esquerda para a direita: Rio Nema; rede na Praia do Bonete; rocha no mar na Praia do Bonete.

Fonte: Denise Scótolto, 2014.

Figura 16 – Jovem surfando no Canto Bravo do Bonete



Fonte: Denise Scótoló, 2014.

Figura 17 – Jogos de futebol na praia



Fonte: Denise Scótoló, 2013.

Figura 18 – Praça da Conversa Mole



De cima para baixo e da direita para a esquerda: Vista dos ranchos e do mar a partir da praça; Placa informativa; a Praça da Conversa Mole.

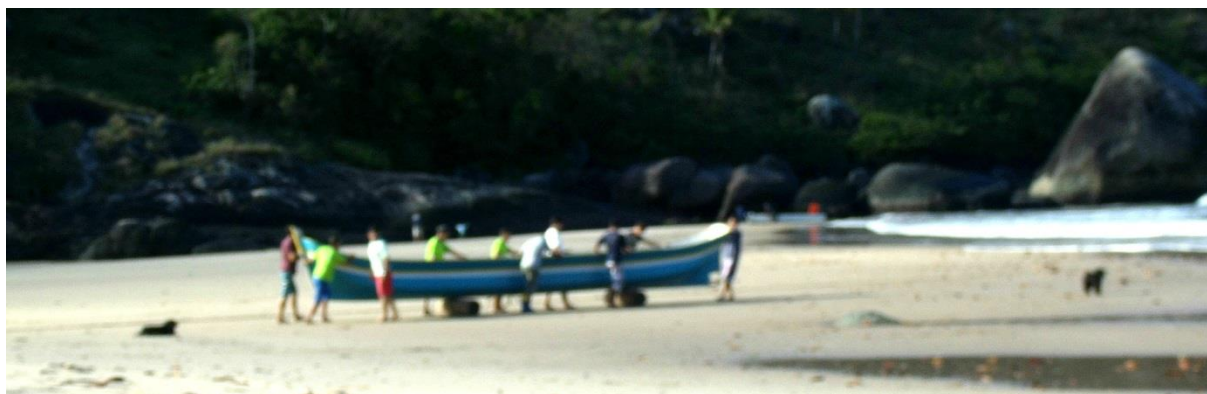
Fonte: Denise Scótolto, 2014.

Esse discurso da diferença, representado pela frase “*A cultura é outra*” não diz respeito apenas à tranquilidade existente no interior da comunidade. Essa diferença é marcada pela relação que os boneteiros têm com o mar, incluindo a pesca, a navegação, o surfe e o usufruto do mar como espaço de diversão. É marcada pelos trabalhos realizados localmente, como a pesca artesanal; a lavoura; a carpintaria; a construção civil de casas próprias, de casas de veraneio ou de empreendimentos; as atividades em meios de hospedagem, bares e restaurantes; as atividades de limpeza e manutenção do bairro; o cuidado com as casas de veranistas; entre outros. É marcada, também, pelas relações interpessoais existentes entre os moradores, já que “*aqui todo mundo conhece todo mundo, todo mundo é família, todo mundo é amigo*” e “*o caiçara tem mania de casar muito cedo*” (DSC 4a).

As relações interpessoais merecem destaque, pois são elas que determinam a unidade do conjunto de moradores de uma comunidade. Os discursos afirmam a existência de momentos de cooperação e de desunião entre os boneteiros. Durante as observações de campo foi possível notar a existência de divergências de opiniões, principalmente entre católicos e

evangélicos, quanto aos possíveis caminhos para alcançar o almejado desenvolvimento local, como será visto adiante; entretanto, observaram-se diversos momentos de ajuda mútua, como, por exemplo, a puxada de canoas e lanchas até o mar (fig. 19), o carregamento de materiais de construção, o empréstimo de itens diversos e as compras em fiado.

Figura 19 – Moradores cooperando para levar uma canoa ao mar



Fonte: Denise Scótoló, 2014.

Outros pontos de destaque da cultura local são as atividades de pesca artesanal (fig. 20) e o fomento à retomada das atividades na roça e da confecção de artesanatos (fig. 21). Apesar de serem poucos os moradores que sobrevivem apenas da renda obtida com a venda de pescados, quase todos os homens da comunidade pescam para subsistência ou para a venda nos estabelecimentos locais, principalmente durante o verão, onde existe maior volume de peixes, lulas e mariscos nas proximidades do Bonete, e é quando a comunidade recebe maior número de visitantes, demandando, via restaurantes, pescados para o preparo das refeições. O plantio de mandioca e de feijão também tem sido retomado por alguns moradores locais. Em decorrência da venda de terrenos locais e da demarcação do PEIb em parte das áreas anteriormente utilizadas pela população local para a lavoura, são poucas as roças de mandioca e de feijão atualmente existentes no Bonete. Aqueles que ainda possuem terras para a produção, plantam feijão para consumo próprio e mandioca para a fabricação de farinha, também para consumo próprio e para a venda aos visitantes interessados na tradicional farinha de mandioca caiçara-boneteira. Durante a pesquisa de campo, algumas casas de farinha foram visitadas e muitas delas estavam abandonadas, sem o forno e servindo como depósito de materiais. Contudo, foi possível visitar uma casa de farinha em funcionamento (fig. 22).

Figura 20 – Boneteiros pescando



Fonte: Denise Scótoló, 2014.

Figura 21 – Artesanato local feito em madeira



De cima para baixo: família boneteira com barquinho; miniatura (20 cm) de canoa; miniatura (90 cm) de remo tradicional do Bonete.

Fonte: Denise Scótoló, 2013.

Figura 22 – Equipamentos para a produção de farinha de mandioca tradicional caiçara



Da esquerda para a direita: forno de cobre; prensa.

Fonte: Denise Scótolto, 2014.

Alguns outros aspectos característicos da cultura local são: o costume das famílias irem dormir na praia durante as noites de calor, já que a falta de energia elétrica constante as impedem de manter ventiladores ligados; as vestimentas típicas (fig. 23) necessárias para evitar as picadas dos borrachudos; o cuidado da comunidade local com a limpeza do bairro e o descarte do lixo (fig. 24); as fogueiras rodeadas por jovens que se encontram durante à noite para tocar violão, conversar ou tomar cerveja e a religiosidade dos evangélicos, que frequentam os cultos das Igrejas Assembleia de Deus (Ministério dos Santos e Ministério de Provetá) quase que diariamente.

Por fim, é importante ressaltar que a identidade cultural da população do Bonete reflete seu modo particular de vida, com seus sistemas próprios de significação e símbolos, como é entendido por Williams (2007). Essa cultura tem sido comunicada, vivenciada, reproduzida e modificada segundo as relações estabelecidas entre os boneteiros e o contexto em que estão inseridos, incluindo as relações de trabalho existentes no local, sejam essas para subsistência ou para o acúmulo financeiro. Desse modo, corrobora-se Alfredo Bosi (1987), Oliveira (2006) e Martins (2013), que afirmam a estreita relação da cultura com o trabalho e entendem o trabalhador como produtor de cultura. Assim, a partir das mudanças do meio

social, político e econômico e das diferentes demandas por trabalho, boneteiros e boneteiras constroem culturas e identidades que dão sentido às suas existências.

Figura 23 – Boneteira com vestimenta típica: camiseta, saia longa, calça, meias prendendo as bocas da calça e chinelo



Fonte: Denise Scótolto, 2013.

Figura 24 – Manutenção e limpeza do bairro



De cima para baixo: lixo levado pelos moradores para a praia para serem transportados em canoas para o centro de Ilhabela; funcionários públicos limpando a praia.

Fonte: Denise Scótolto, 2014.

4.3 Estratégias locais para o desenvolvimento do Bonete

O segundo bloco de questões (bloco B) buscou identificar as estratégias que a comunidade do Bonete tem buscado para promover o desenvolvimento local. A partir das respostas obtidas com esse bloco que questões foram produzidos quatro diferentes discursos, cujas vinte e duas ideias centrais identificadas podem ser vistas no quadro 7.

Quadro 7. Ideias centrais sobre as estratégias que a comunidade do Bonete tem buscado para promover o desenvolvimento local

<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>	<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>
1	Não participação da comunidade	2	Expectativa de ajuda externa
3	Participação junto à Associação Amigos de Bairro	4	Associação Amigos de Bairro: tem bons projetos
5	Associação Amigos de bairro: não tem bons projetos	6	Participação junto à Associação Bonete Sempre
7	Associação Bonete Sempre: tem bons projetos	8	Associação Bonete Sempre: não tem bons projetos
9	Instituto Bonete não deixa clara sua contribuição para a comunidade	10	Casa do Zezinho pouco contribui com a comunidade
11	Confusão do entrevistado sobre nomes e objetivos das associações	12	Problemas: energia elétrica
13	Problemas: saúde	14	Problemas: educação
15	Problemas: drogas	16	Problemas: Divergência de opiniões entre os moradores
17	Outros problemas	18	Satisfação/Não há o que melhorar
19	Contrário à abertura da estrada / urbanização	20	Favorável à abertura da estrada
21	Favorável à abertura da estrada com ressalvas	22	Comunicação: telefone/rádio/internet

4.3.1 Discurso do Sujeito Coletivo 1b

O DSC 1 do bloco B evidencia a falta de participação dos moradores do Bonete na busca de soluções para os diversos problemas apresentados. O discurso foi composto pelas vozes dos sujeitos 1, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 21, 25, 26, 28 e 29. Considerou-se, para a elaboração deste discurso, prioritariamente as ideias centrais 1, 2, 12, 13, 14, 16 e 19 e ainda, secundariamente, as ideias centrais 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 17, 20, 21 e 22.

Não tem desenvolvimento no Bonete. A gente queria muito que tivesse, mas não tem. Uma coisa que estamos precisando muito é desenvolvimento. O Bonete está muito largadinho, muito abandonado pelo poder público, principalmente. Não querem nada com nada aqui não.

O principal problema da comunidade é a saúde. A saúde podia ser melhor. Tem o postinho de saúde aqui, mas é devagar. É só pra tirar pressão ou dar um remédio pra dor de cabeça. Fora isso, você vai ter que ir lá pra cidade. A gente quer um posto melhor, um atendimento médico melhor, dentista.... O médico vem a cada quase dois meses e fica um dia só. O médico chega aqui na faixa de 9 horas da manhã e 4 horas da tarde já tá indo embora. Esse é o apoio que a prefeitura dá. É muito complicado. Aqui devia ter médico direto, porque mora bastante gente e tem muita gente de idade, só que só tem uma enfermeira pra medir a pressão e quando ela pega férias não fica outra no lugar dela para medir a pressão e pra dar um remédio. Por exemplo, se você ficar doente aqui, se cortar ou acontecer alguma coisa, não tem nenhuma enfermeira hoje. O posto está fechado e você não consegue pegar remédio. Então esse é um problema muito sério pra gente. Se passar mal, se quiser passar no médico, tem que pagar e ir pra lá pra frente da Ilha. Se precisar de alguma coisa a enfermeira encaminha a gente para o médico na Ilha. Aqui você depende tudo do mar. Se o mar tá bom, não tem hora para levar um doente, mas se o mar tá bravo, aí é um pouquinho complicado. Acho que os dois principais problemas, pra começar, é saúde e educação. Eu acho que são os mais importantes.

A escola deu uma melhorada de dois anos pra cá, mas pode ser melhor. Precisa de boas manutenções. Não tem livro na escola. Não tem material didático certo pro professor fazer o que ele pretende fazer. Temos uma sala de informática que não funciona porque não tem uma luz boa e os computadores que têm, não pegam. Eles tão lá só pra dizer que têm. São 5 computadores. Vieram, instalaram, ligaram e desligaram. Levaram a CPU e acabou. Está tudo lá, até alguém entrar lá e... Só tem os monitores, teclados e mais nada. A quadra está toda rústica e precisa de uma boa manutenção e não tem bola – um professor teve que comprar a bola com o dinheiro dele. A quadra não tem cobertura. O projeto era pra ter cobertura e não teve nada disso. E a luz na escola não é boa, então prejudica a visão das crianças. Os nossos educadores são ótimos, porque são educadores, são aconselhadores de pais, são... professores, mães, amigos, enfim, e não são apenas educadores. Os professores são bem qualificados, só que seria melhor se trouxessem um professor mais adequado para o ensino, porque, aqui, o mesmo professor que dá aula pra primeira série, segunda série, ele dá pro primeiro e segundo colegial. São muitas matérias pra poucos professores. Nem todos são formados nas matérias. Eles dão, porque não tem outros professores e tem que ser eles. Por isso que a educação não é muito adequada. É pouco o que a gente tem aqui pros nossos filhos. E não tem um EJA na escola, não tem um supletivo. Se tivesse, quantas pessoas daqui iam pra escola? O Estado não quer saber de nós. Quer que a gente seja ignorante pro resto da nossa vida.

Hoje em dia o que deixa a gente mais preocupado é a luz. Nós não temos uma luz elétrica e a gente precisava de uma energia melhor, principalmente o pessoal que tem comércio. O prefeito não ajuda. O projeto do Governo Federal, Luz para Todos, do Governo Lula não atingiu aqui. Não veio aqui. Não pôs nada aqui. Então nós ficamos assim sem ter uma luz boa aqui no lugar. É uma coisa que todos queriam pagar. Não é uma coisa que ninguém queria pagar. Estamos pedindo uma coisa pra pagar. Você paga pra ter um direito de ser cidadão. Tamo precisando disso aí, mas quem que vai socorrer a gente, né? É difícil! A nossa luz tá muito fraquinha. Podia trazer

um cabo submarino pra cá, ou então pela trilha mesmo, se o meio ambiente legalizasse. Precisava arrumar nosso gerador que é turbina movida à água que vem da cachoeira. Ele tá bem acabado. Ainda funciona não sei como. É um milagre! E a gente tem porque a gente lutou pra ter mesmo. A Petrobras doou um gerador a água que uma outra prefeita mandou pra cá. Queimou e mesmo assim tiramos dinheiro do bolso de caixara, arrecadamos dinheiro pra comprar um novo, que é esse que tá aí. Ele é pequeno e como a comunidade cresceu ele não tá dando conta de sustentar, porque é muita coisa ligada. E agora um turista, dono na pousada Canto Bravo, doou esse outro gerador que é movido a óleo diesel pra nós, que funciona de manhã e à noite, das 18h às 23h. Quando dá onze horas da noite, ou talvez meia noite, ele para e só fica o outro que não dá mais conta do recado e fica uma luzinha muito fraca. São apenas 8 horas de luz por dia e o restante do dia a gente não consegue manter a comida na geladeira. Nos primeiros seis meses ninguém pagou luz. Esse gerador tem um custo alto de diesel. Gasta muito óleo por mês. Agora a gente paga R\$ 30,00 por mês de luz. É muita coisa! Tá caro porque na cidade muita gente paga R\$ 30,00 mas tem luz suficiente pra tudo. Aqui é muito fraca, não presta e a hora que precisa dela, não tem. Imagine se o gerador fosse ligado dia e noite? Se quiser rodar mais, o pessoal vai ter que pagar mais e esse valor já é alto.

Para muitos que pescam o problema é que não tem gelo. Se pega um pouco de peixe a mais, não tem bastante gelo pra gelar. Não tem como ter uma máquina de gelo. O gerador é pequeno, já é velho, então não tem como a gente colocar uma máquina de gelo aqui. Quando pega bastante lula, muitas vezes tem que levar pra lá, pra vender lá. É vendido um pouco aqui. Bastante não tem como vender porque é muita gente pra pescar e não tem bastante gelo. Aí tem que pegar gelo lá em São Sebastião e é muito longe. O pessoal põe o gelo nas caixas de isopor e no máximo em 3 dias acaba o gelo. Se tivesse uma luz de lá, que viesse pra cá, seria muito bom. A gente tem essa geladeirazinha aqui, mas a luz começa a enfraquecer e já tem que desligar. A Associação já entrou em contato com a prefeitura, autoridades para ver se melhorava, mas por enquanto está sem solução.

Podia estar melhor o Bonete, mas a prefeitura faz muito pouco pra nós. Precisava de mais investimento pela prefeitura no lugar. O prefeito aqui da Ilha não tem feito nada e eu acho que a maioria das coisas é de responsabilidade da prefeitura, porque por ser uma área de preservação ambiental, tem muita coisa que a gente não consegue fazer. Tá péssimo, porque dificuldade a gente de vez em quando passa. O prefeito precisa olhar melhor pra gente aqui, mas fazer o que? A gente não pode fazer nada, né. Tem que se conformar. O que cabe a nós, eu acho, é preservar e cuidar do lixo.

Então eu acho que esses são os problemas maiores do Bonete: a saúde, a educação e a luz. E essa falta de união, que vai se acabando cada dia mais. O Bonete não é uma comunidade unida. O povo não está unido. Aqui é cada um por si. Algum pode até ficar meio acanhado e falar “Ah, a gente é unido”, mas não é unido não. O certo é a gente dar a mão e ir à luta. Precisa se unir ainda mais. Sempre tem alguém que não pensa igual. Não tem jeito, mas o problema aqui é que um quer uma coisa e outro quer outra. Daí dá uma confusão! Ano passado chegou a Petrobras aqui, porque tem o pré-sal agora, e falaram “O que vocês precisam? Blá, blá blá, blá” Aí, ao invés de entrar num consenso pra saber o que a gente precisa mesmo, uns queriam melhoria no gerador, outros queriam melhoria no rancho, outro queria melhoria em barco. Entraram num quesito: “Queremos sessenta motores de popa” e eles disseram “Tudo bem, vamos fazer” Alguém jogou areia no molho e nem sei mais se vão trazer. Então aqui um quer uma coisa

e outro quer outra. Uns querem ruas e outros não. Uns querem carro e outros não querem. Tem gente que é a favor da estrada, mas a maioria da população não quis. O prefeito quer mandar abrir a estrada aqui, mas a maioria não é a favor da estrada. Eu vejo assim, o lugar é pequeno – não tem tanta gente aqui – todo mundo conhece todo mundo, então a gente tem tudo pra fazer daqui, mas eu mesma não participo. Mas quando foi pra ir lá brigar pra não ter estrada, nós demos a mão. O prefeito saiu correndo. A comunidade tem que melhorar mais.

Se tivesse uma estrada aqui eu não sei se estaria melhor ou se estaria pior. Tem gente que quer a estrada, porque se o mar tiver manso dá pra sair daqui pra ir lá de canoa ou de lancha, mas se tiver bravo numa hora que uma pessoa aqui tá precisando de atendimento, de um socorro, tem que passar telefone pra chamar o helicóptero Águia pra vir aqui buscar a pessoa. Mesmo com a dificuldade, eles conseguem chegar aqui pra socorrer algumas pessoas. Mas quando tá chovendo muito não tem orelhão aqui. O telefone fica parado. Isso é uma dificuldade e é por isso que muitos daqui do lugar querem a estrada e muitos não querem, já por causa de outra parte. Tem gente que tem comércio que também fala que é difícil, porque todo acesso é pelo mar pra ir lá, comprar, trazer e custa caro de barco para ir lá pegar mercadoria.

Eu, na minha opinião, não queria estrada não. Como morador eu não gostaria, não. Só vai tirar nossa paz. Ia estragar o lugar. Do jeito que está, está bom. Desde que eu nasci é assim: tem o acesso ao mar, porque nosso meio de transporte sempre foi as canoas e agora as lanchinhas, que é bem mais rápido. Se um dia tiver que chegar, vai chegar, só que enquanto a gente puder, a gente vai tentar impedir, porque vai melhorar algumas coisas e vai piorar outro lado. A gente tem que pensar nos dois lados.

Num ponto melhora, mas no outro já piora, porque os filhos da gente não podem ter a liberdade que tão tendo as crianças de andarem aí, brincarem, por que aqui as crianças vivem soltas. Se vier a estrada, aí que a gente não dorme sossegado. Acaba a paz, acaba o sossego. A gente assiste na televisão o que está acontecendo nessa cidade grande aí, e aqui, graças a Deus, não tem acontecido nada disso ainda. Se vem estrada você acha que tem esse sossego? Vem muita droga, roubo. E acaba com a nossa privacidade toda aqui, porque vai aumentar muito o número de turistas e aqui não tem estrutura para isso.

O povo mais velho quer a estrada. Têm umas famílias aqui que é o sonho ter a estrada. Que só falta dar cria por não ter estrada aqui. Não sei se eles vão conseguir realizar esse sonho porque a maioria é contra. Tem gente que é a favor de uma estrada que tivesse um limite de carro com horário para entrar e horário para sair e que antes de chegar na praia, ali perto do morro, tivesse uma guarita, um lugar, tipo um estacionamento para deixar os carros lá e não descer aqui pro lugar. Essa estrada, essa trilha foi aberta em 1982. Eu lembro muito bem. Pra mim era bom que fosse arrumada essa estrada, que o caminho fosse mais limpo, aplanado e com ponte pros pedestres, porque ela tá muito difícil de caminhar e o povo que vem corre risco de cair, quebrar um braço, uma perna, bater a cabeça numa pedra e morrer na estrada. Estando arrumadinha, o pessoal vem a pé e volta a pé.

Tem gente também que acha que tinha que ter uma estrada com uma cancela, uma guarita e que só passasse ambulância, policia, que só viesse algum jipe de atendimento, não estrada mesmo, rodada, que nem lá no Castelhanos. No Castelhanos tá lá a estrada. Você vai no Castelhanos e é só carro e cadê a luz? O povo não tem luz. Não vejo melhoria que a estrada vai trazer. Do Borrifos até chegar à balsa são quarenta e cinco minutos. Agora imagina até aqui? Vai quase duas horas de carro. Eu não vejo cabimento.

Eu acho que não é nossa necessidade. Não é disso que a gente precisa. Bom é o pessoal poder fazer a trilha, poder caminhar, conhecer a cachoeira, desfrutar da mata, ver os pássaros bonitos pros olhos da gente.

Então eu acho que aqui tinha muito mais coisas para melhorar em vez de estrada. Tem que melhorar aqui o saneamento básico pra gente, ter mais saúde, um hospitalzinho melhor com soro de cobra – que não tem – um socorro melhor. Algumas pessoas só pensam em estrada, mas não pensam numa escola melhor pro estudo dos filhos, num posto de saúde que tenha médicos. Então eu acho que se tiver que melhorar alguma coisa aqui, que seja o posto de saúde, que seja uma escola um pouco melhor, com mais recursos, coisa que não tem aqui. Eu até agora eu nunca vi ninguém morrer nessa praia por falta de socorro. Quando o mar não dá, o Águia rapidinho vem buscar, então nunca morreu ninguém. Aqui seria muito melhor se viesse a luz e não a estrada.

Aqui é uma Z2 e o prefeito quer fazer uma zona urbanizada. Querem implantar a Z4, que é a urbanização. Ele quer legalizar pra fazer um monte de coisa e a gente não tá querendo nada disso. A gente quer deixar do jeito que tá. Tá bom demais. O prefeito quer tirar essa mata verde e colocar um monte de prédio, daí vai virar uma favela e a gente não quer isso pra cá, isso de vir asfalto, vir prédio, essas coisas. E tem gente grande atrás disso. Gente que tem terreno aqui, que comprou de algumas pessoas há uns anos atrás. A gente quer uma manutenção pro Bonete, que venha luz da cidade pra cá, mas que não estrague o lugar. O prefeito veio fazer uma reunião e o povo nem deixou ele acabar de falar da Z4. O povo esperou o prefeito vim aqui, foi feita uma reunião, aí uma equipe se juntou e disse “Não, a gente não quer a Z4 no Bonete. Não existe a Z4”. Botaram ele pra correr. Foi em 2013. Agora eu vejo que o prefeito virou as costas de vez para aqui. A maior confusão dos boneteiros é por causa disso. E esse negócio de luz só dá briga porque um quer um negócio, outro quer outro. Um quer luz elétrica e o outro não quer. Um quer por o gerador na cachoeira e o outro não quer, então fica meio dividido, aí fica difícil você conseguir o que é preciso pra trazer pra cá.

E a maioria das pessoas não participa mais de reuniões por dois motivos: primeiro que essas reuniões não tem um foco. Todo mundo fala ao mesmo tempo e você acaba não entendendo nada. Não é resolvido o assunto. Não tem uma pauta. Quando tem reunião é feito na Vargem, ali onde era um bar e aí é briga de gente, é discussão, é bate-boca e acaba não dando em nada; segundo que quase todos os projetos que vem de fora pra cá param na metade. Aí você não sabe mais o que acontece. Você não vê o final de nada e isso faz com que as pessoas não acreditem mais. Nem um projeto a gente vê ir adiante. E qualquer projeto que você vir no Bonete não vai até o final. Não vai. Nós já estamos tão cansados desse negócio de várias pessoas virem aqui e aí começam com um curso ou começam com um palestra e nada chega no final. Tudo pára na metade. Então os boneteiros já são descrentes das coisas. Eu mesmo não participo de nada. Eu não participo não, porque há quanto tempo fazem reunião que não resolvem nada? Hoje eu tô mais atuante com a minha família. Eu acho que o Bonete tinha que ser mais unido pra ter suas melhorias, pra continuar a cultura. A comunidade não está organizada. Não está. Não tem nenhum projeto. Não tem aquele trabalho coletivo de todos juntos pro mesmo objetivo. Tem mais de uma associação aqui, tem ONG, tem outras coisas aqui, outros projetos, mas não é voltado pro pessoal daqui. Não sei qual é a intenção dos projetos que tem, mas você não vê retorno.

Aqui tem uma associação que é antiga, que é a Associação Amigos de Bairro. Eu já participei, agora não mais. Ela foi a primeira que saiu aqui.

Com essa Associação nós conseguimos esse gerador que tem na cachoeira daqui, que é esse que vira à água, que tá aí acabadinho. Depois eu saí, não quis mais. Aí começou a vir muita confusão, o povo não quis mais se unir e aí acabou. Hoje o presidente é o encarregado da prefeitura e ele organiza algumas coisas aí, inclusive o lixo são eles que recolhem, porque a gente leva o lixo para a praia e as canoas levam o lixo lá pra a Ilhabela. Antigamente o lixo era jogado nos quintais, não tinha camping e o pessoal vinha e barracava na praia, então era muita sujeira. Por ser na praia, não dava para ficar no final de tarde por causa do mau cheiro. Daí, teve uma mulher lá na ilha que trabalhava no meio ambiente e começou a lutar pra conseguir gente daqui, que tem barco, pra levar o lixo e tem isso até hoje. Outro problema é a droga, mas a Associação de Bairro trazia policial pra cá toda a temporada. Reveillon, Carnaval e Festa da Santa Verônica. Então uma coisa que precisa vir pra cá é ronda policial, porque eu espero que não venha traficante para o Bonete, que não venha bandido para cá, que não venha roubo.

Agora tem essa nova, que é a Associação Bonete Sempre, mas eu também não faço parte. Não faço parte de nenhuma delas. Já tinha uma associação e hoje foi montada outra e eles não se entendem. As duas não estão juntas. Estão separadas, não se entendem entre si e não querem parceria um com o outro. Essa Associação Bonete Sempre foi feita pra não deixar que o prefeito traga a estrada pra cá. Se apoiam nisso. E também pra mudar a maneira que o presidente da Associação de Bairro tava querendo. Eles têm vários projetos. No começo falaram que iam fazer isso, que iam fazer aquilo, mas até agora não mostraram nada. Eu não vejo dando muito andamento. Aproveitaram que a maioria das pessoas não estavam a fim da estrada e chegaram nesse ponto. Eles fizeram algumas passeatas e teve um pessoal que foi junto. Saíram com as lanchas pra falar que não queriam a estrada e atrasou um pouco isso aí. Aqui também tem um pouco de turistas que têm dinheiro e não querem a estrada, então eles ajudaram a embargar. Engavetaram o processo por um tempo. Quando a associação faz alguns trabalhos ou quando convidam a gente, a gente vai, mas nada de toda vez tá lá. Eu acho que essa Associação Bonete Sempre tinha que fazer uma reunião com os moradores e ver o que cada um quer. Precisa se reunir mais com as pessoas, com os moradores, conversar com cada um e tentar fazer melhorias pro Bonete. Teve uma reunião sobre a energia, sobre a luz e bastante gente foi. A reunião era pra chegar num acordo de ter um aumento de luz, porque até então a gente pagava R\$ 10,00 por mês. Por exemplo, eu pagava R\$ 10,00 e eu tinha uma geladeira na minha casa. Aí outra casa tinha tudo o que não poderia usar na luz e pagava R\$ 10,00, então não é justo. Daí foi feito um acordo para a luz aumentar para R\$ 30,00 nas casas, e para R\$ 100,00 para as casas de turista e para as pousadas maiores. No começo foi difícil porque ninguém concordou. Um falava uma coisa e o outro falava “eu não aceito, não concordo” e o outro falava “tem que ser assim”. Mas no final deu certo. Eles concordaram e deu tudo certo. O rapaz que cuida lá do gerador colocou tudo lá no painel e explicou direitinho quanto de horas iria ser virado o gerador a diesel e por isso que iria aumentar, e então o pessoal concordou. A gente paga para a moça que cuida do dinheiro da Associação Bonete Sempre, que é a responsável, e ela dá o recibo, tudo certinho. Está dando certo. Então o que a associação faz são algumas reuniões de prestação de contas para explicar para onde está indo o dinheiro do gerador, mas vão poucas pessoas nessas reuniões. Fora isso, não fazem nada.

Na verdade o que aconteceu é que dividiu o Bonete. Ninguém se entende. O que um vai fazer o outro barra e faz tudo para não dar certo. Então ficou essa bagunça. Ninguém resolve nada.

Um turista comprou umas pousadas aí, comprou um terreno, comprou uma casinha aqui e fez o Instituto Bonete. Ele não é daqui do local. São tudo gente de fora que tão envolvidos e que abriram essa ONG, mas a gente não sabe qual é o fundamento, o porquê. Dizem que é pra reatar a cultura do Bonete. Eles fazem um trabalho com reciclagem e o pessoal faz um artesanato e coloca ali para vender, mas eu não sei... Tem artesanato das pessoas, mas eles não fazem palestras. Por enquanto, até agora, eu não vi nada mudado. Não vejo. Quase um ano com esse Instituto Bonete, mas fica só nessa do artesanato mesmo. Não ajudam em escola, nada. Eles vêm aqui com mar manso e tempo bom, usufruem do lugar e não cooperam com nada. Aí ele mandou esse gerador a diesel pra gente, pra não debater a coisa certa, pra ter uma luz melhor, mas eles fazem umas coisas que nós, caiçaras, nem tamo sabendo o que eles tão planejando fazer. Eles não se comunicam com a gente e estão com a porta sempre fechada. Eu só sei que eu não vejo vantagem nenhuma porque não beneficia a comunidade em nada.

Tem também a Casa do Zezinho que, até onde eu sei, em São Paulo é muito forte e que é ligada a crianças, mas eu também não vejo fazerem nada aqui no bairro. No começo tudo era perfeito. Eles trouxeram vários cursos aqui pro lugar: de alimentação, pra fazer pão e sobre turismo também, mas depois tudo foi se acabando. Agora tá meio assim, mas eles procuram ajudar algumas pessoas. Já teve apoio de psicólogo, tudo, e eles fazem visita nas casas, mas não vemos nada acontecer.

Tanto o parque quanto a APA Marinha, eu não vejo esses órgãos atuando. O Parque veio aqui comemorar o aniversário e fez algumas atividades de orientação com cinema, principalmente para as crianças, mas a parte de participação da comunidade eu não vi.

Associação dos pescadores não tem, mas esse negócio de pescaria também é bem organizado. Cada um faz a sua parte, porque já se sabe como fazer – o pessoal pesca bastante – de não poder deixar os peixes na praia.

Mas o Bonete, de uns 15 anos para cá que melhorou muito, mas tem que melhorar mais ainda. Antes não tinha a menor possibilidade de ter telefone e internet aqui. Como esse gerador chegou há pouco tempo e telefone também, aqui nós não estamos mais isolados. Eu não sou muito amante da internet, mas é bom para fazer pesquisa. Então seria bom se tivesse um bom sinal de internet e uma torre para celular, porque às vezes a gente fica incomunicável. Naqueles dias de chuva o orelhão, que é a bateria, cai e agente fica incomunicável. Mas até uns anos atrás a gente não tinha telefone e não tinha luz, então a gente usava lampião a gás. Quando fazia compra era um monte de vela, gás e camisinha de farol para dar pra o mês todo. Se vier uma luz boa, aqui vai se transformar porque aqui tem condições de, por exemplo, alguém montar uma mini padaria. Eu acho que vai gerar emprego, porque tem pessoas para mão de obra. Eu já vi aqui crescer muito e eu vejo que a tendência é crescer mais e melhorar em muitos aspectos.

O futuro aqui, vamos ver se melhora, né. Pra frente, vamos ver se chega um prefeito melhor aí pra nós, que olhe melhor pra gente, que cuide mais da saúde do Bonete. Eu imagino o Bonete do mesmo jeito que ele tá, tranquilo como ele é, só que, como eu falei no começo, com uma escola melhor, com um posto melhor, que venha médico pra cá, com uma luz que dê pra gente poder dormir à vontade, que tenha ventilador em tempo de calor. E é isso. Eu vejo o Bonete assim, do mesmo jeito que ele é hoje, só que com algumas melhorias.

4.3.2 Discurso do Sujeito Coletivo 2b

O DSC 2 do segundo bloco de perguntas reflete a participação do sujeito 27 na Associação Amigos do Bairro do Bonete Ilhabela – ASSOBI, principalmente naquilo que diz respeito às buscas de soluções para o problema de falta de energia elétrica. Sua fala apresenta as ideias centrais 3, 8, 12, 13 e 16.

O Bonete é um lugar gostoso de se viver, mas seria melhor se tivesse melhor estrutura. O governo queria fazer uma coisa melhor aqui e esse pessoal não quis. Foram contra, porque eles querem só pra eles. Mas a gente tá batalhando pra coisas melhores no bairro.

Hoje em dia a gente só pensa no futuro. Eu penso muito no futuro do Bonete. Eu tenho meus netos e eu penso muito nas crianças do Bonete no dia de amanhã. O bairro, em 2000, era uma coisa e hoje, em 2014, aumentou quase 80% do Bonete. Evoluiu o turismo e a construção civil também mudou muito. E a gente espera que cada coisa empregue mais gente. Eu desejo que o Bonete seja bem estruturado no ano de 2015 ou 2016.

No ano 2000 a gente, junto com ex-prefeita Nilce, colocou esse gerador aqui, o da rua, mas ele já não aguenta. Não aguenta a geladeira. A gente sofre. A gente doava R\$ 5,00 se não me falha a memória. R\$ 5,00 por mês do pessoal do Bonete que tinha luz na sua casa e R\$ 15,00 ou R\$ 10,00, não tô bem lembrado, dos turistas que tinham casas, restaurantes e pousadas. De 2005 pra cá ela passou a ser R\$ 10,00 pros boneteiros e R\$ 20,00 pros turistas. Agora aumentaram essa luz pra R\$ 30,00 porque trouxeram o gerador a diesel pra cá.

Eu, desde 2004, venho batalhando sobre essa luz. O nosso projeto, que a gente levou pro prefeito, foi vetado. Eu fiz carta lá pra “Luz para Todos”, para o presidente das Minas e Energia. Fiz uma carta pra lá e foi aceito. Depois fizemos uma carta pro diretor geral da Elektro e foi aceito. Fiz uma carta pro presidente-diretor da Hidrelétrica de Furnas. Ele veio aqui verificar erros técnicos e ele falou pra mim “Eu pensei que o seu bairro era pequenininho. Seu bairro é enorme. Merece sim. Tá aprovada a luz, mas tem o seguinte: eu não posso autorizar a começar sem a ordem do executivo. Não posso passar por cima dele” E ele foi uma pessoa que vetou. Agora veio uma funcionária da Elektro e fizeram o cadastramento de todos os boneteiros: RG, lâmpada que ia usar na casa, o que ia precisar, geladeira, chuveiro à gás, chuveiro elétrico, ventilador, enfim, todos os acessórios da casa pra ver a potência de cabo que vinha. Entrei com novos processos. Então, o que a gente quer – nós boneteiros, não turistas, porque quem manda aqui somos nós, quem mora aqui somos nós, que somos os fundadores do Bonete e ainda estamos trazendo aquela bandeira nas costas – nós queríamos uma luz suficiente pra nós, seja pelo mar, seja pelo ar, seja por terra ou enterrado, de qualquer jeito. Aqui tem trezentos habitantes, tem uma escola, temos um posto de saúde que tem uma cadeira de dentista. Agora essa gente da Canto Bravo é contra isso. Eles não querem. Eles acham que vai afundar o Bonete, que o Bonete vai acabar pra eles. Não acaba, não. E o povo do Bonete discorda disso. É assim, né? Vamos ver o que é que vai dar, porque a gente tá pensando no dia de amanhã que são as coisas melhores pra gente.

O problema que a gente tem aqui é por causa de ter se dividido em três religiões. É a Assembleia de Deus, a Assembleia de Provetá e a Católica.

São três religiões. A que tem mais evangélico é a Assembleia de Deus, depois a outra, de Provetá, e a que tem menos é a Católica.

Eu imagino que no futuro seja bem melhor do que eu tô vivendo. Não pra mim, mas pros meus netos, meus bisnetos, que vão ficar. Eu falo “Pessoal, por favor, não larguem fogo em estrada pra não queimar o mato, tá?” Como é que pode o cara ser preservador da natureza e fazer canoa, e derrubar árvores aí? Uma árvore na grossura dessa aqui, ela tá há mais de cem anos e passa batido. Não concordo com uma coisa dessa. Vamos preservar, vamos ajudar e vamos fazer o melhor aqui no Bonete.

4.3.3 Discurso do Sujeito Coletivo 3b

O DSC 3 do bloco B discorre sobre as intenções e ações realizadas pelos sujeitos participantes da Associação Bonete Sempre na busca das soluções para os diferentes problemas enfrentados pela comunidade. O DSC 3b foi composto pelos discursos individuais dos sujeitos 2, 3, 7, 8, 16, 20, 23 e 24 e foi elaborado a partir das ideias centrais 2, 4, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 19.

O Bonete é uma comunidade bem organizada, bem limpa. Tem o pessoal da prefeitura que trabalha, organiza e limpa a praia. Toda sexta-feira eles limpam a praia, então praticamente eu não vejo esse problema, mas problemas tem em todo lugar. Se for olhar aqui para o Bonete, os principais problemas da comunidade são saúde, educação e saneamento básico. A escola tem uma estrutura boa, muito boa. O posto de saúde tem uma estrutura melhor ainda. Falta ter profissionais e investimentos. O posto médico nem sempre tem uma enfermeira. A gente tem uma enfermeira padrão, mas não é o bastante. Quando essa enfermeira não está, quando ela tem folga, férias ou vai fazer cursos, não fica ninguém aqui. Tinha que ter uma substituta pra ficar aqui quando ela vai para lá. Se eu cortar o dedo aqui e precisar dar 4 pontos, não tem uma enfermeira lá. Se você precisar de um remédio, você não poderá pegar e o médico vem aqui a cada 1 ou 2 meses.

A escola está indo bem, mas dá para melhorar um pouquinho. Os professores daqui são em uns 10. São excelentes professores. Ficam aqui direto. Moram aqui, ficam aqui e estão acostumados aqui. Professores que vem de lá pra dar aula aqui é difícil. Eles não se adaptam aqui. Eu acho que isso é o que tem que melhorar na comunidade.

Outra coisa é a luz. Nossa energia não é constante 24 horas. A luz da nossa comunidade vem de uma turbina que gira com a energia da água, mas devido ao crescimento da comunidade essa turbina já ficou defasada e não está suprindo a necessidade da comunidade. A luz fica num sobe e desce, oscilando muito, porque quando fica sem chover, por exemplo, todo mundo fica sem luz. Queima geladeira, queima televisão... A molecada toda reclama que durante o dia a classe fica toda no escuro e eles forçam muito a vista. Tem uns empresários que doaram um gerador a diesel que está funcionando das 9 da manhã ao meio dia e das 18 às 23 horas e depois desse período volta a energia da turbina movida à água, que é muito precária. Depois que você se acostuma com a coisa, é difícil de

desacostumar. Se tivesse uma luz boa, quem pesca poderia guardar seu peixe e seria muito melhor.

Eu falei com o prefeito. Eu acho que ele tem que olhar mais pra comunidade. Infelizmente ele não está com os olhos voltados para o Bonete. Ele praticamente nos abandonou. Eu acho que o prefeito precisava se unir com a gente. Tem muita coisa que precisa melhorar: a escola, o posto de saúde e vir medico mais constantemente. Nós já mandamos vários ofícios para a prefeitura, mas por enquanto estamos só na vontade. Ainda não chegou nada do que a gente quer.

Eu participo da Associação Bonete Sempre. Se a gente não participar a gente não sabe o que está acontecendo, né? Então eu faço parte. Sou membro lá. Eu gosto muito de participar das reuniões. São 3 instituições aqui: o Instituto Bonete, o Bonete Sempre e uma Associação de Bairro que está bastante inativa. Tem a Casa do Zezinho também.

O Instituto tem a sede bem pertinho da praia e está alavancando um monte de coisas bacanas. Vai ter cinema para as crianças, vão levar as crianças para campo, para as trilhas, para fazerem remanejamento de plantas. Tudo bem voltado para a educação ambiental. Inclusive nossas reuniões empresta o espaço deles. Não temos um espaço físico, mas tem um espaço bom lá, então a gente pode usar o espaço deles.

Antes tinha a Associação Amigos de Bairro – ASSOBI – mas não conseguiram legalizar ela. Os membros saíram dessa Assobi aí ela foi abandonada e encerrou por não ter atividade. Era praticamente uma associação morta e a coisa estava muito parada. Então a gente, vendo que nossa vida também fica parada se as coisas não acontecem, resolveu se levantar para poder alavancar essas coisas. Ela já ajudou bastante a comunidade, mas cada vez a gente quer que melhore. Eu estou falando que melhore nessas coisas, não estou falando de colocar uma estrada que venha carro. Isso não é melhorar, é só piorar.

Aí teve um problema de urbanização para cá. Tem um projeto aí que o prefeito tá querendo trazer estrada pro Bonete. Aí a gente se juntou e montamos urgente essa associação. A gente montou em 2013, mas a gente legalizou tudo e a associação está documentada no cartório. Ela foi registrada em maio, mas ela começou com as primeiras reuniões entre os dirigentes, acho que em março. Se eu não me engano são 16 membros. Todos são moradores. Fizemos tudo certinho e batemos de frente nessa coisa que tem aí e com o prefeito.

Ela surgiu porque o Bonete precisa de muitas melhorias, então a gente precisava de uma instituição para ganhar mais força e poder fazer nossos pedidos e não só falar como pessoa física quando a gente fosse reclamar na prefeitura de alguma coisa ou pedir apoio para alguém.

O trabalho da Associação Bonete Sempre está bacana. Foram feitas muitas reuniões internas para pensar no que a gente poderia fazer e quais eram as prioridades. Daí a gente fez uma reunião com toda a comunidade, explicando tudo o que a gente fez e pedimos a opinião para ir atrás de outros objetivos. A gente não prometeu nada pra ninguém porque a gente não é político, então a gente está vendo o que é importante e está tentando correr atrás da melhor forma. Os assuntos que a gente tem conversado são praticamente do interesse de todos. São coisas como o posto de saúde, a escola, a luz e algumas coisas voltadas ao turismo. Estamos pedindo as pontes nas cachoeiras, que também são importantes, porque hoje, se chover um pouquinho a mais, já não dá para passar.

Estamos começando agora, faz pouco tempo e todo mundo gostou do projeto novo que a gente apresentou. Só que agora quem era aliado da antiga associação, da Assobi, não tá batendo com a nossa, porque os caras de fora,

que são nossos patrocinadores, eles querem manter o Bonete do jeito que está. Então os mais velhos, que querem a luz e a estrada, estão do lado da Assobi e os mais novos estão do lado da Bonete Sempre e a gente não quer a urbanização para cá. Muitas pessoas aqui não querem que isso aconteça, se não vai abalar nosso sossego. Então, o povo tá muito dividido.

Eu penso assim: tem o lado bom da estrada, mas tem também o lado ruim. Tem muita gente que tem mais idade que só está pensando no lado bom e não pensa no que pode vir de pior para o lugar. Eu acho que o Bonete, hoje, não tem estrutura pra receber uma estrada. Seria muito movimento pro Bonete. O que me preocupa é que muita gente vive do turismo. Não sou só eu que vivo do turismo. Se abrir uma estrada e vier carro, quem vai deixar de vir de carro, sequinho, pra vir no barco? E o bom do Bonete hoje é você pegar o barco e ter um pouco de emoção. Vale a pena! (risos).

A gente está buscando parcerias com a prefeitura e com outros órgãos do governo para ver se a gente consegue melhorias aqui para a comunidade, mas o prefeito barrou os projetos para a comunidade porque o último projeto dele de urbanizar aqui o Bonete e Castelhanos nós não permitimos. A turma não deixou. Por esse motivo existe muita dificuldade entre o prefeito e a comunidade. Por isso muitos dos projetos para o Bonete foram barrados. A gente vai lá e ele diz que não pode fazer nada, que não sei o que... Inclusive agora estamos preparando ofícios para a prefeitura e para todas as secretarias. São pelo menos uns vinte pedidos. Tem muita coisa que a gente quer. Coisas básicas que são direitos da comunidade, que a gente deveria ter sem precisar pedir e outros projetos a parte que não são obrigações da prefeitura, mas que a gente gostaria que tivesse aqui, então a gente também vai buscar outras parcerias.

Um exemplo básico, que é nosso direito, é o nosso posto de saúde. Nesse momento, a gente está sem nenhuma enfermeira e temos um senhor que está acamado e que precisa de cuidados todos os dias, pois está com ferimentos. Também temos 3 gestantes no Bonete, então não dá para gente ficar sem enfermeira. Estamos sem vários medicamentos e sem alguns equipamentos básicos, como o desfibrilador. Uma outra coisa básica é escola. A gente está tentando solucionar esses problemas da luz, mas enquanto isso eles podiam resolver o pepino, porque a escola tem placa solar, mas está quebrada há um ano e meio.

O projeto de urbanização eu acho um absurdo! Pensa numa urbanização no Bonete. O lugarzinho é um funilzinho. Não tem estrutura para ter urbanização aqui. E outra, o morador nativo vai morar aonde? Lá no morro. Se é que ainda tem terra dos moradores daqui nos morros, porque eles venderam a preço de banana e a maioria dos terrenos que tem lá no morro é tudo de turista. E outra, se vier a urbanização vão desmatar tudo. Vai acabar com o nosso lugar e não vai ser legal. Não vai. Vai acabar com o sossego e vai ser ruim para nós. A gente não tem que pensar só na gente. Eu acho que a minha felicidade é ver todo mundo que mora aqui feliz. Assim, o Bonete tá bom, só precisa melhorar algumas coisas. O Bonete, do jeito que está, você deixa a porta aberta e dorme sossegado, sem medo. Dorme na praia e não tem medo que alguém roube a sua casa, roube a suas coisas.

Toda essa história começou em uma reunião lá em Caraguatatuba, onde foi votado o mapa de Ilhabela. Por mais que lá estivesse a população da cidade, as ONGs e as comunidades de Castelhanos e do Bonete contra esse mapa, a gente viu que ninguém ligou a mínima para a nossa opinião. Votaram o mapa que a prefeitura queria, que urbaniza as comunidades e faz outras coisas, como transformar em zona industrial o canal de São Sebastião. Toda a população, que estava contra a aprovação do mapa, viu

como a coisa é suja. Isso alertou muito a comunidade. Eles comentaram entre eles e se animaram para irem nas próximas reuniões também. Viram que é importante, que tem que se dedicar a essas causas porque senão, quando essas coisas tiverem batendo na nossa porta, já não tem mais o que fazer.

Então, hoje em dia, eu acho que as pessoas daqui estão participando mais. Há uns tempos atrás todas as reuniões ficavam meio vazias. Vinham pessoas aqui interessadas em tentar ajudar em alguma coisa, mas não participavam muitas pessoas. O pessoal já estava desacreditado porque já veio muita gente aqui antes, prometendo e nada aconteceu. Agora eles estão vendo que a coisa está começando a funcionar, que a gente já conseguiu alavancar algumas coisinhas com a Associação e isso está despertando mais o interesse do povo. Os membros da Associação, esses sim, estão bem fortes, participando e se engajando. Quando é para ter reunião com o povo a gente põe um cartaz que diz que tal dia vai ter reunião e o povo vai. Tem bastante gente que vai. Tem alguns que não vão e aí depois querem saber o que aconteceu. Na reunião tem prestação de contas do gerador para ver o que entra, o que sai e o que resta.

A gente está fazendo coisas boas. O Instituto Bonete também está em parceria com a Bonete Sempre. Muitas vezes a Associação mostra o problema para o Instituto e eles ajudam a resolver. Eles têm pessoas competentes para ir atrás de verba e de parcerias para conseguir viabilizar algumas coisas. Nós ganhamos um gerador a diesel pra comunidade, o que ajudou bastante, mas o pessoal mais velho reclamou quando ele foi doado. Quem doou ficou sozinho sustentando o gerador com óleo por seis meses, só que ficava pesado para ele: 600 litros de óleo. Aí nós fizemos uma reunião com o povo para ver até quanto nós podíamos pagar para manter o gerador, porque se ele não estava dando conta sozinho, nós vamos pagar. Somamos quantas horas ia poder ligar o gerador, e aí aumentamos para R\$ 30,00 para pessoas do lugar e R\$ 100,00 para turistas. Mas nós também temos um projeto para a melhoria da luz. A gente precisa de um gerador bom. Se sair o licenciamento e conseguir verba, queremos montar uma nova turbina que vai aumentar em 5 vezes mais a capacidade da turbina atual que temos. Estamos brigando por mais um orelhão e pra ter uma enfermeira fixa no lugar. Nós já entregamos um ofício na secretaria da saúde e até agora não tivemos resposta. Não tivemos resposta da secretaria e do prefeito e estamos aguardando.

Através da Associação Bonete Sempre eu estive ontem na capitania levando um ofício para ver se conseguimos o curso de marinheiro. Nós temos mais ou menos 30 moradores que estão sem a carteira de habilitação, que é a ARRAIS, que é exigida pela capitania de portos de São Sebastião e a Associação Bonete Sempre fez um ofício para ver se consegue fazer o curso aqui no Bonete e damos assistência, comida e hospedagem se for necessário e estamos aguardando a resposta do comandante para ver se a gente consegue.

A gente também não pode falar que a prefeitura só faz coisas ruins. Eles fazem coisas legais também e a gente elogia quando essas coisas acontecem. A prefeitura doou o mapa que a gente fez do Bonete para colocar nos restaurantes e pousadas e nas duas entradas do Bonete. Acabaram de ficar prontos e a gente colocou num bambuzinho bonitinho. Eles doaram um tipo de material plástico, mas eles estão fazendo em madeira plástica. Depois vai ficar bem legal. Além dessas plaquinhas também estão vindo umas placas maiores com a história do Bonete, com as curiosidades e dicas do lugar. Vai ter umas coisinhas espalhadas bem legais. Esse trabalho foi feito pela Associação Bonete Sempre com a Secretaria de Turismo e com um estudo de

arqueologia da Ilhabela. A escola também melhorou bastante. Falta muita coisa ainda, mas melhorou bastante. Agora têm bons professores e ela foi reformada. Também tem muita gente que olha com carinho para o Bonete. Outras ONGs e até pessoas físicas quererem ajudar, como o Instituto Bonete que foi formado pelas pessoas que tem casas de veraneio aqui e que amam o lugar, então querem ajudar.

Aqui precisa melhorar o ensino, a saúde e a energia. A gente não tem uma estrada, mas acho que isso não é o importante. O importante é ter um hospital no lugar, um posto de saúde legal, uma escola legal pras criança estudarem e ter a segurança de viver como a gente tem aqui. A minha filha, no dia a dia, pode brincar no quintal. Eu não tenho preocupação com ela porque eu sei que não tem movimento lá fora.

Hoje em dia já está entrando droga no Bonete. A molecada de 14, 13 anos já estão tudo nas drogas, fumando maconha. Daqui a pouco já vão querer outra coisa pior. O nosso foco é começar a passar isso pra moçada que tá vindo: “Ó, coloca tua cabeça no estudo, faz um artesanato, joga uma bola, um surfe” pra tirar a cabeça da molecada dessas coisas piores. Felizmente no Bonete não tem homicídio. Roubo é muito difícil. É raro acontecer e o Bonete está indo bem, mas precisamos de um posto policial, da visita da policia aqui no lugar. Eles vêm só quando tem festa de Santa Verônica. Eu acho que não é só em tempo de festa que eles deveriam vir. A gente tem que estar com a segurança todo dia.

No geral o Bonete está bom. Agora todo mundo tem o que quer ter. Antigamente não se passava fome, mas tinha necessidade, por que tomar café com farinha e passarinho frito não era passar fome. Agora tem 35 lanchas, tudo com motor de 40. Sai quase R\$15.000,00 cada lanchar. Antigamente ninguém tinha esse dinheiro para comprar. Então quer dizer que agora está todo mundo crescendo e investindo. Eu falo que está muito bom assim, mas não precisa vir estrada para o lugar, não precisa.

O Bonete precisa crescer a comunidade, ter uma boa saúde, ter um saneamento básico e uma boa educação. Infelizmente o Rio Nema, que é o cartão postal do Bonete, já está poluído. O Parque não se mete aqui no lugar porque nós ainda estamos na cota 100. A prefeitura vem interferir com os turistas por causa de esgoto, fossa, essas coisas. O resto é manter o Bonete do jeito que está e não poluir. A gente quer manter o Bonete do jeito que está, com as características do Bonete. O nosso lugar é muito bom.

4.3.4 Discurso do Sujeito Coletivo 3b

O DSC 4 do segundo bloco de questões expõe a satisfação dos sujeitos 6, 14 e 22 com a atual realidade da comunidade do Bonete e mostra o desejo dos sujeitos entrevistados de que o Bonete permaneça como está. Este discurso foi elaborado, considerando predominantemente as ideias centrais 18 e 19 e, secundariamente, as ideias centrais 12, 13 e 15.

Pra mim eu acho que tá tudo bem. Problema aqui é mais de droga e eu acho que o pessoal deveria ser mais unido um pouquinho, pra comunidade mesmo, porque aqui têm muitos que são desunidos. Mas eu acho que assim tá bom, porque se for pra fazer o que querem fazer, de estrada, eu acho que

vai piorar. Aqui já não vai ser como é. Vai mudar muito. Vai vir muito turista, muito mais droga. As crianças não vão ter essa liberdade de ficarem soltas e de brincarem, então eu não quero. Acho que assim já tá perfeito (risos). Eu quero que seja como está. Não quero estrada, não quero nada. Eu só quero uma luz boa e uns médicos bons. É só o que a gente quer. Não quero nada de melhoria. A pessoa tem saúde, tem liberdade e tem paz aqui. O que é melhor do que essa paz, não é? Há dinheiro que pague essa paz que a gente tem? O ar puro que a gente respira? Não tem poluição, não tem nada. A gente respira um ar puro! Pra que melhor? Eu não tenho do que reclamar. Eu vou pensar que vai ficar bem do jeito que tá.

4.3.5 Discussão

O desenvolvimento local endógeno envolve, conforme discutido, a participação da comunidade local na identificação dos problemas locais e nas decisões dos caminhos a seguir para mitigar tais problemas e encontrar meios capazes de conduzir a localidade para um futuro satisfatório. O DLe envolve tomadas de decisões durante o planejamento das soluções, a execução de projetos de melhoria da qualidade de vida da população autóctone e os mecanismos de avaliação e controle sobre o desenvolvimento das ações planejadas e executadas.

Os boneteiros entrevistados, em sua maioria, discorreram sobre os principais problemas da comunidade, contudo, poucos participam ativamente das decisões e dos projetos que envolvem seu território, exceto o grupo integrante da Associação Bonete Sempre e o presidente da antiga Assobi,

Os entrevistados reconhecem a não participação como um problema e a justificam por diversos fatores, dentre eles a diversidade de pontos de vista, as recorrentes confusões durante as reuniões, a não resolução dos problemas enfrentados e, por fim, o esvaziamento das reuniões, como pode ser visto no DSC 1b: *“Eu não participo não, porque há quanto tempo fazem reunião que não resolvem nada? Essas reuniões não tem um foco. Todo mundo fala ao mesmo tempo e você acaba não entendendo nada. Não é resolvido o assunto. Não tem uma pauta [...] e aí é briga de gente, é discussão, é bate-boca e acaba não dando em nada [e] quase todos os projetos que vem de fora pra cá param na metade [...] e isso faz com que as pessoas não acreditem mais”*.

Ainda que assumam a falta de participação, parte dos entrevistados reconhece a importância de uma gestão mais participativa a fim de promover as mudanças sociais que desejam. O DSC 1b mostra a não participação, ao mesmo tempo em que evidencia o potencial do povo do Bonete para conquistar seus interesses: *“Eu vejo assim, o lugar é pequeno – não tem tanta gente aqui – todo mundo conhece todo mundo, então a gente tem tudo pra fazer*

daqui, mas eu mesma não participo. Mas quando foi pra ir lá brigar pra não ter estrada, nós demos a mão”.

A “briga” à qual se refere o DSC 1b diz respeito às manifestações de parte da comunidade contra os projetos públicos de reclassificação do zoneamento municipal e da abertura de uma estrada que ligasse Bonete a Borrifos. A prefeitura do município de Ilhabela propôs, em 2013, um novo mapa de zoneamento ecológico-econômico (ZEE) que pretendia transformar os bairros do Bonete e de Castelhanos – áreas rurais ocupadas por populações tradicionais caiçaras – em áreas urbanas, possibilitando, assim, a regularização dos empreendimentos turísticos já existentes nessas comunidades, como restaurantes, lanchonetes, bares e pousadas e, ainda, permitindo o loteamento de terras, a implantação de empreendimentos imobiliários e a construção de hotéis e *resorts* numa taxa máxima de ocupação direta de 30%. Aprovado pelo Grupo Setorial de Coordenação do Gerenciamento Costeiro do Litoral Norte (GERCO) no dia 28 de junho de 2013, o projeto de recategorização dessas áreas foi “engavetado” após a oposição dos autóctones, veranistas, turistas e demais membros da sociedade civil organizada¹⁶.

Se transformada em lei, a proposta do novo zoneamento poderá implicar a expansão da estrada que dá acesso à comunidade. O bairro Borrifos, localizado a 12 quilômetros de distância do Bonete, é o último bairro da região sul de Ilhabela que conta com estrada pavimentada. O caminho de um ponto até o outro é feito por uma estrada não pavimentada e acidentada que é cortada por três cachoeiras: da Lage, do Areado e do Saquinho. Para atravessar de um lado da cachoeira para o outro lado, o pedestre precisa passar por dentro de poços d’água (fig. 25), exceto na Cachoeira da Lage, a mais próxima à Borrifos e que conta com uma passarela (fig. 26). Em dias de chuva, o volume de água nas cachoeiras aumenta e impede a travessia dos poços.

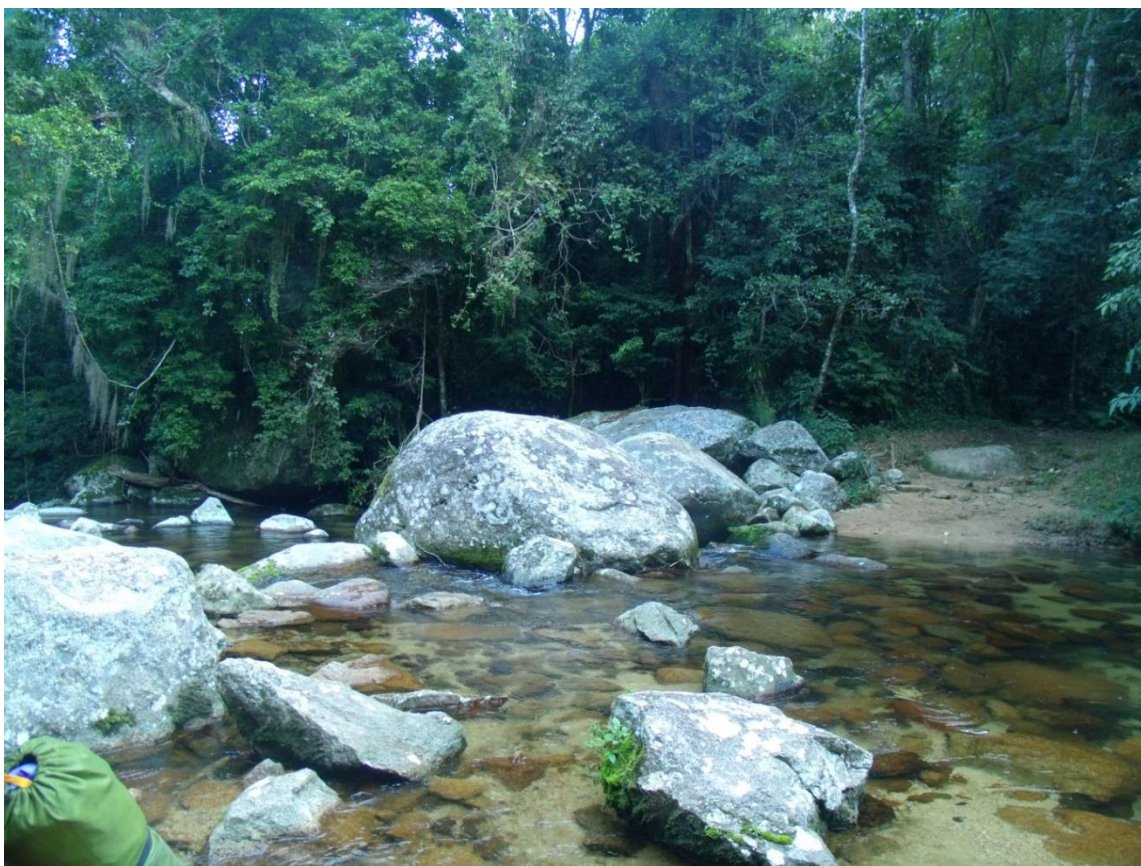
Os moradores do Bonete, assim como os demais atores sociais envolvidos na comunidade, incluindo turistas, veranistas, empreendedores, ambientalistas e representantes de instituições públicas e da sociedade civil organizada, divergem sobre a ampliação da estrada; contudo, a maioria da comunidade é contrária à recategorização do Bonete de área rural para área urbana.

As manifestações contrárias aos planos da prefeitura municipal resultaram em manifestações pacíficas no dia 06 de julho de 2013 durante a abertura da 40ª Semana

¹⁶ Informação obtida nas visitas ao Bonete durante as entrevistas e conversas informais com moradores e turistas, em entrevistas feitas com membros do Conselho do Parque Estadual da Ilhabela, em pesquisas em redes sociais virtuais e em jornais de grande circulação, como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

Internacional de Vela de Ilhabela. Cerca de duzentos manifestantes, dentre eles moradores do Bonete, de Castelhanos e simpatizantes da causa, ocuparam a plateia do evento e viraram de costas para o palco durante a execução do Hino Nacional. Também ocuparam por 30 minutos a SP-131, impedindo o acesso ao centro da ilha. Em 07 de julho de 2013, os manifestantes ocuparam dez canoas e, portando faixas, manifestaram perante o público que assistia à largada do evento a insatisfação com os planos municipais para as mudanças nas comunidades caiçaras (fig. 27). Moradores da comunidade já haviam ido pessoalmente até a sede da prefeitura para manifestar seu descontentamento com as políticas públicas que afetam a vida dos moradores sem que eles sejam consultados¹⁷.

Figura 25 – Poço d'água formado pela Cachoeira do Areado



Fonte: Denise Scótoló, 2014.

¹⁷ As manifestações foram relatadas durante as entrevistas, durante conversas informais com moradores locais e foram veiculadas em mídias impressas e virtuais, como os jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Vale, Jornal Diário do Litoral Norte e portais virtuais como IG, Uol, Rede Nossa São Paulo e R7 Notícias.

Figura 26 – Passarela sobre a Cachoeira da Lage



Fonte: Denise Scótolto, 2014.

Após as manifestações, o prefeito em exercício foi até o Bonete esclarecer a comunidade sobre o projeto de recategorização; contudo, *“o povo nem deixou ele acabar de falar da Z4”* (DSC 1b). *“Por esse motivo existe muita dificuldade entre o prefeito e a comunidade”* (DSC 3b) *“e agora eu vejo que o prefeito virou as costas de vez para aqui”* (DSC 1b).

Cabe afirmar a força e o potencial que existe em uma comunidade organizada para defender seus ideais de desenvolvimento e de trabalhar para alcançá-los. Não se desvaloriza, entretanto, o apoio de organizações exógenas à comunidade. Entende-se que o apoio dos órgãos municipais, assim como dos gestores das demais entidades que exercem influência no Bonete, como o PEIb, a Petrobrás, o Instituto Ilhabela Sustentável, o GERCO, entre outros, são fundamentais.

Organizada através da Assobi, a comunidade conseguiu benefícios inegáveis, incluindo a implantação do gerador de energia elétrica instalado na cachoeira local. Essa entidade também iniciou o processo de organização do turismo no Bonete, retirando campistas da orla da praia e apoiando a instalação de campings aptos a abrigar os visitantes em suas barracas. Também trabalhou para manter a organização e a limpeza do bairro, beneficiando autóctones e visitantes. O DSC 2b mostra que a Assobi *“tá batalhando pra coisas melhores no bairro”*, principalmente para resolver a questão da energia elétrica, pois,

“*nós queríamos uma luz suficiente pra nós, seja pelo mar, seja pelo ar, seja por terra ou enterrado, de qualquer jeito*”. Apesar dos esforços de seu presidente, os membros da Assobi deixaram de participar das ações dessa associação, enfraquecendo-a e desmobilizando-a. Alguns entrevistados apontam que tal desmobilização ocorreu em função das dificuldades encontradas pela Assobi em conseguir apoio de agentes exógenos e respaldo em suas solicitações, uma vez que a associação nunca se formalizou. Outros apontam para a falta de interesse da comunidade em participar, pois “*o povo não quis mais se unir e aí acabou*” (DSC 1b). Integrantes da Associação Bonete Sempre enfatizam a não atuação da Assobi, afirmando que essa “*era praticamente uma associação morta e a coisa estava muito parada*” (DSC 3b).

Figura 27 – Caiçaras e simpatizantes em manifestação pacífica contra a urbanização das praias do Bonete e de Castelhanos durante a largada da 40ª Semana Internacional de Vela da Ilhabela



Fonte: Imprensa livre¹⁸.

¹⁸ Disponível em <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.514867738578967.1073741829.154089444656800&type=3>>. Acesso em 13 setembro 2013.

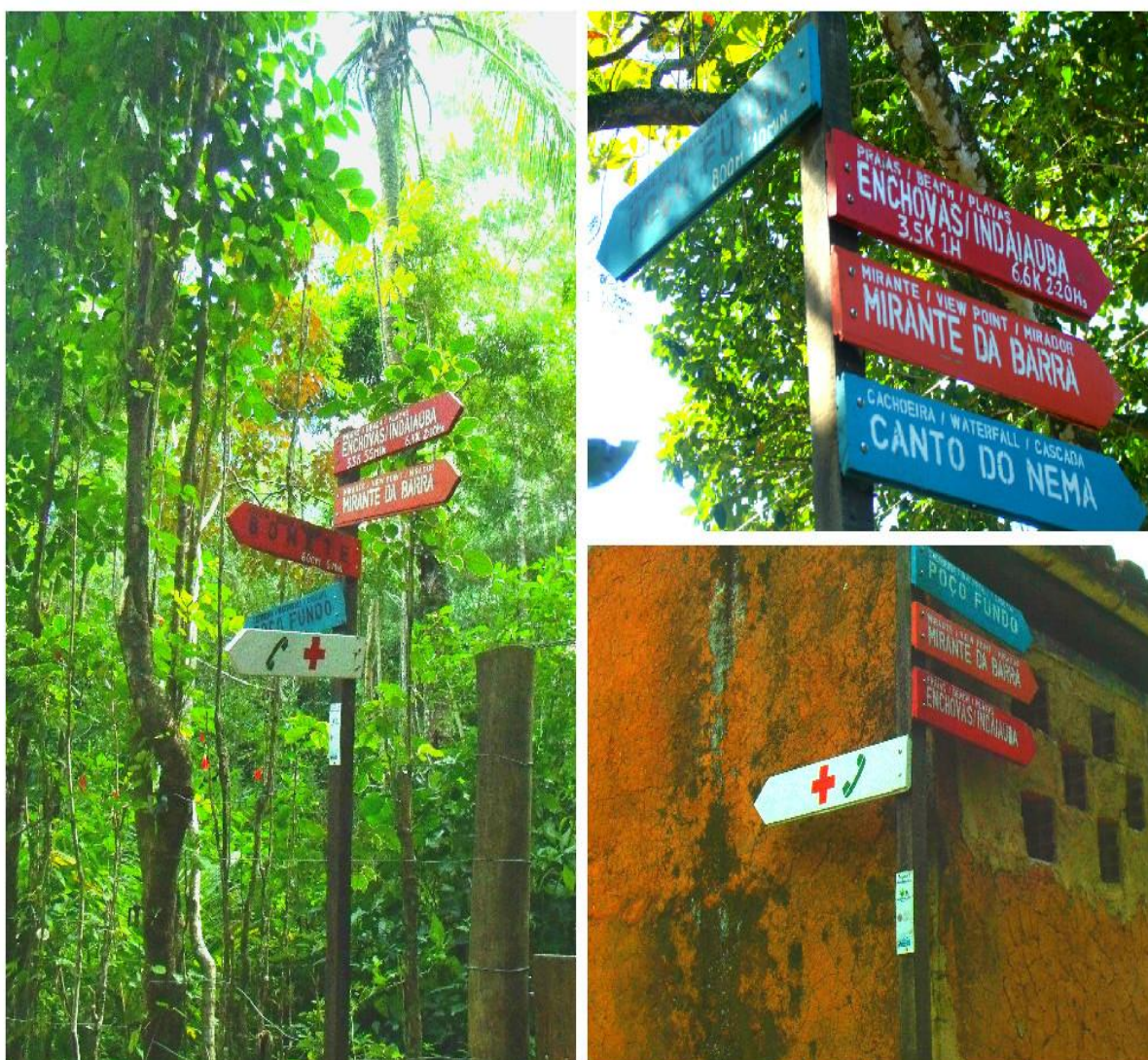
A atuação insuficiente da Assobi, segundo o juízo de alguns moradores da comunidade assim como de alguns veranistas, contribui para a formação da Associação Bonete Sempre. Esta rapidamente se formalizou e abraçou a causa da não urbanização daquele território. A partir da formalização, a Associação Bonete Sempre vem trabalhando para construir parcerias com a prefeitura e com outras instituições da sociedade civil organizada de Ilhabela. Seus membros têm participado de reuniões do Conselho Consultivo do PEIb e da GERCO e têm estado em contato com a secretaria de turismo, solicitando apoio às iniciativas locais de desenvolvimento do turismo, como a implantação de sinalização turística (fig. 28), do mapa do Bonete e da história da comunidade (figs. 29 e 30), assim como a limpeza e melhoria na trilha que liga a comunidade ao Borrifos, incluindo a implantação de outras passarelas sobre os rios que cortam a trilha. A associação também tem buscado parceria com a Capitania dos Portos de São Sebastião, para que os moradores locais que atuam como marinheiros participem de um curso de formação e tenham acesso a Arrais. Outras ações do grupo envolvem a elaboração e envio de ofícios solicitando melhoria na comunicação local, incluindo a implantação de mais um orelhão¹⁹, a melhoria no atendimento médico, incluindo a contratação de mais uma enfermeira e as solicitações junto à defensoria pública para a implantação da energia elétrica na comunidade, assim como a busca de apoio para a implantação de uma nova turbina movida à água.

A falta de energia elétrica é vista como um dos pontos fundamentais para o desenvolvimento local. As soluções já implantadas não têm garantido o abastecimento elétrico suficiente para a comunidade que cresce anualmente e que tem um aumento significativo da população flutuante durante o verão. As mobilizações locais para solucionar o problema existem desde o ano 2000, quando conquistaram a primeira turbina movida à água e a instalaram na cachoeira da comunidade, como afirmam os sujeitos do DSC 1b: *“A gente tem porque a gente lutou pra ter mesmo. [...] Queimou e mesmo assim tiramos dinheiro do bolso de caixara, arrecadamos dinheiro pra comprar um novo, que é esse que tá aí”*. O atual gerador não supre a necessidade elétrica da comunidade que tinha no ano de 2000 cerca de 60 habitações e hoje tem cerca de 150. Dentre os problemas decorrentes da falta/oscilação de energia, destacam-se: a queima de aparelhos domésticos; a falta de vacinas e atendimento médico especializado, já que alguns equipamentos não podem funcionar sem eletricidade; o surgimento de problemas de visão nos alunos que, sem clareza suficiente, forçam a vista

¹⁹ Atualmente existem dois orelhões na comunidade, sendo um na orla da praia, próximo à Praça da Conversa Mole e outro na região da Vargem, em frente a Merceria Mc Bones. Ambos os orelhões têm seu funcionamento interrompido em dias de chuva forte ou de queda de energia.

para conseguir enxergar a lousa e seus cadernos; a desativação dos equipamentos de informática instalados na escola municipal, dificultando o acesso às pesquisas em fontes virtuais e a comunicação de moradores com o mundo conectado; a incapacidade de estocar pescados em freezers ou em caixas com gelo produzido localmente, gerando menor renda para os pescadores; a perda de produtos ou impossibilidade de gelar itens alimentícios nos bares e restaurantes, ocasionando prejuízo para os pequenos empreendedores locais.

Figura 28 – Sinalização turística no Bonete



Fonte: Denise Scótoló, 2013.

Figura 29 – Fotografia do mapa turístico do Bonete



Fonte: Denise Scóto, 2013.

Figura 30 – Fotografia de placa informando a história do Bonete



Fonte: Denise Scótole, 2014.

Solução controversa foi dada por um veranista que possui empreendimentos na comunidade. Ele doou um gerador movido a óleo diesel para a comunidade, o que causou polêmica entre os moradores. Alguns boneteiros ficaram agradecidos com a doação e entendem que o novo gerador beneficia a comunidade. Outros, no entanto, entendem a doação como uma solução paliativa que impede o real desenvolvimento do Bonete, evitando a implantação de uma rede definitiva de distribuição de energia elétrica, como é afirmado no DSC 1ª: *“Ele mandou esse gerador a diesel pra gente, pra não debater a coisa certa”*.

As discórdias entre os moradores têm o problema de energia elétrica como pano de fundo; entretanto os embates giram em torno de uma possível abertura da estrada. Há quem argumente, a partir do exposto pela Eléktró, atual concessionária de energia para Ilhabela, que seria fundamental abrir uma estrada para transportar os materiais necessários para passar o cabeamento elétrico. A Associação Bonete Sempre se disponibilizou a fazer o transporte gratuito dos materiais pela trilha já existente, utilizando mão de obra local e evitando, assim, a abertura de uma estrada pavimentada até a comunidade, mas sua oferta, por ora, não foi aceita.

São muitos os pontos de vista sobre a possível implantação de uma estrada, o que tem dificultado um posicionamento que represente a unidade de interesses da comunidade perante instituições externas ao Bonete e o consequente encaminhamento de ações. O grupo pró-estrada argumenta a favor do desenvolvimento econômico do Bonete e, ainda, expõe as dificuldades enfrentadas pela população em períodos de chuva e mar revolto, que os mantêm isolados e sem atendimento médico emergencial. Outra parcela da população é veementemente contrária à abertura da estrada e defende melhorias na trilha. Esse grupo defende a manutenção das características tradicionais da comunidade, principalmente da tranquilidade que existe ali e afirma que, *“Se vier a estrada, aí que a gente não dorme sossegado. Acaba a paz, acaba o sossego”* e que, *“Quando o mar não dá, o Águia rapidinho vem buscar, então nunca morreu ninguém”* (DSC 1b). Outras opiniões incluem a abertura da estrada desde que houvesse uma cancela e guarita limitando a um número X o acesso de veículos; a abertura de uma estrada que chegue próxima ao Bonete, mantendo os carros estacionados em um bolsão de estacionamento, evitando, assim, a descida de veículos até a comunidade e os possíveis acidentes de trânsito; e a abertura de uma estrada pela qual só pudessem rodar veículos oficiais, como viaturas de polícia e ambulâncias. A possível abertura da estrada e a forma como essa seria operada gera preocupações sobre a manutenção da atual tranquilidade existente na comunidade, como afirmam os entrevistados do DSC 4b: *“Se for*

pra fazer o que querem fazer, de estrada, eu acho que vai piorar. As crianças não vão ter essa liberdade de ficarem soltas e de brincarem, então eu não quero”.

Enquanto as divergências internas seguem, a Associação Bonete Sempre, a única formalizada como representante daquela sociedade, segue atuando contra a estrada, trazendo alívios para uns e aborrecimentos para outros.

Foi possível perceber, tanto pelos discursos, quanto pelas observações de campo e pelas conversas informais com moradores locais, a necessidade que essa população tem de ter seus direitos sociais mínimos atendidos. As falhas nos sistemas públicos de educação, saúde, saneamento básico e fornecimento de energia são entendidas pelos boneteiros como o abandono do poder público e são representadas pelo pensamento coletivo que afirma que “*O Estado não quer saber de nós. Quer que a gente seja ignorante pro resto da nossa vida*” (DSC 1b). Os constantes pedidos de ajuda à prefeitura municipal não significam o desejo de soluções dadas como presentes aos moradores do Bonete. Pelo contrário; o que a população exige é a implantação das estruturas que lhes são de direito e pelas quais estão dispostos a pagar, como as contas de água, de luz e impostos. O trecho “*Você paga pra ter um direito de ser cidadão*” do DSC 1a representa o entendimento daqueles que se percebem à margem da cidadania, pois não podem sequer pagar tais contas, já que as estruturas fundamentais não existem.

A recorrente falta de apoio enfraquece o tecido social, uma vez que muitas das soluções necessárias independem da vontade da população. Discussões, desentendimentos e esvaziamento das reuniões são os resultados das tentativas de mitigar os problemas locais que necessitam, fundamentalmente, de atores sociais externos à comunidade para serem resolvidos. O sentimento de desamparo fica explícito na frase “*Tamo precisando disso aí, mas quem que vai socorrer a gente, né? É difícil! O prefeito precisa olhar melhor pra gente aqui, mas fazer o que? A gente não pode fazer nada, né? Tem que se conformar.* (DSC 1b).

As quatro instituições existentes na comunidade têm trabalhado, cada qual ao seu modo, em projetos que procuram melhorar a qualidade de vida da população. Além da Assobi e da Associação Bonete Sempre, estão instaladas na comunidade o Instituto Bonete para a Sustentabilidade e a Casa do Zezinho. O Instituto Bonete surgiu em 2013 com as manifestações contra a urbanização do bairro. Sediado em uma casa (fig. 31) de frente para praia, o Instituto Bonete possui centro de visitantes, loja de artesanatos locais, sala com resultados de pesquisas na área ambiental e alojamento para pesquisadores. Fundado por veranistas e administrado por Edson Lobato, o Fredê, o instituto exerce pressões públicas contra a recategorização da área e incentiva a manutenção da cultura tradicional caiçara.

Figura 31 – Fachada do Instituto Bonete para a Sustentabilidade



Fonte: Denise Scótolto, 2014.

A Casa do Zezinho é uma organização social sem fins lucrativos que atende crianças de baixa renda no contra turno escolar. A instituição também apoia projetos culturais e de geração de renda para os moradores da comunidade.

Ainda que sejam poucos os moradores do Bonete, muitos desconhecem os objetivos dessas instituições, confundem seus nomes e não validam o trabalho desenvolvido por elas. As informações sobre a atuação dessas organizações parecem não alcançar todos os moradores, gerando desconfiança e falta de credibilidade, como afirmam alguns boneteiros: *“No começo falaram [Associação Bonete Sempre] que iam fazer isso, que iam fazer aquilo, mas até agora não mostraram nada”*; *“Abriram essa ONG [Instituto Bonete para a Sustentabilidade], mas a gente não sabe qual é o fundamento, o porquê”*; *“Tem também a Casa do Zezinho [...] mas eu também não vejo fazerem nada aqui no bairro”*. (DSC 1b).

Entende-se ser fundamental, para que o DLe aconteça, a existência de mecanismos de comunicação assertivos, que amplifiquem os objetivos de cada um dos atores envolvidos nos

processos de desenvolvimento, assim como é imperativo que existam espaços para a efetiva participação da comunidade nas decisões sobre seu futuro. Ao afirmarem que “*O certo é a gente dar a mão e ir à luta*” e que “*essa Associação Bonete Sempre tinha que fazer uma reunião com os moradores e ver o que cada um quer. Precisa se reunir mais com as pessoas, com os moradores, conversar com cada um e tentar fazer melhorias pro Bonete*”, os moradores locais se declaram abertos ao diálogo e à construção conjunta de planos que promovam sua qualidade de vida. As reuniões polêmicas e com quórum reduzido não devem ser encaradas como desinteresses dos moradores pela melhoria do bairro. Pontua-se, contudo, que tais reuniões não devem servir apenas como espaços de informação, mas sim como espaços de participação. Arnstein (1969) enfatiza que participação envolve poder de decisão, planejamento e implementação de ações por parte da comunidade. Portanto, é preciso envolver os atores sociais para a construção do futuro almejado. Com isto, confirma-se Coriolano que, em 2003, já afirmava que o desenvolvimento a partir do homem tem sido um dos grandes desafios da sociedade.

Apesar dos entraves políticos e das divergências de opiniões, a comunidade do Bonete tem caminhado em direção aos seus objetivos de desenvolvimento. Conforme afirmam moradores, “*de uns 15 anos para cá que melhorou muito, mas tem que melhorar mais ainda*” (DSC 1b). Hoje, o turismo tem sido entendido pela população local como uma atividade promotora do desenvolvimento local, como será visto a seguir.

4.4 O turismo e sua relevância para os moradores do Bonete

O terceiro bloco de questões (bloco C) procurou descobrir como têm ocorrido as experiências com o turismo no Bonete e, principalmente, procurou revelar a relevância das atividades turísticas para os moradores da comunidade. Dois DSCs foram produzidos a partir das declarações dos entrevistados e identificam duas ideias centrais principais: 1) relevância do turismo na vida do entrevistado; 2) pouca ou nenhuma relevância do turismo na vida do entrevistado. As demais ideias centrais identificadas podem ser vistas no quadro 8.

Quadro 8. Ideias centrais sobre o turismo e sua relevância para os moradores do Bonete

<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>	<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>
1	Histórico do turismo no Bonete	2	Relevância do turismo para a vida do entrevistado
3	Pouca ou nenhuma relevância do turismo para a vida do entrevistado	4	O turismo traz vantagens para o Bonete
5	Impacto positivo: renda para a comunidade	6	Veranistas não geram renda para a comunidade
7	Impacto negativo: lixo	8	Impacto negativo: droga
9	Impacto negativo: barulho/bagunça	10	Sazonalidade
11	Altos preços praticados pelo trade	12	Fluxo de turistas diminuiu
13	Público: surfistas	14	Público: ecoturistas
15	Público: casais	16	Público: paulistas
17	Público: estrangeiros	18	Importância de receber bem o turista
19	Desejo de crescimento qualitativo do turismo	20	Desejo que o turismo permaneça como está
21	Treinamentos/cursos sobre turismo: já participou	22	Treinamentos/cursos sobre turismo: nunca participou
23	TBC: conhece mas não está envolvido	24	Brigas entre boneteiros e turistas por ondas

4.4.1 *Discurso do Sujeito Coletivo 1c*

O DSC 1 do bloco C evidencia a relevância do turismo na vida do entrevistado. Também apresenta como as atividades turísticas foram iniciadas na comunidade, os problemas enfrentados e a satisfação dos moradores locais com os resultados financeiros proporcionados pelo turismo. Este DSC foi produzido a partir das entrevistas dos sujeitos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26 e 28 e sua elaboração considerou as ideias centrais 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22 e 23.

Já faz bastante tempo que o turismo começou aqui. Tem mais ou menos 15 ou 20 anos atrás que começou. O turismo começou aqui depois que abriram a estrada. Só que a estrada foi aberta e abandonada e aí não tinha mais

como passar e começaram a vir de barco. Antigamente podia acampar na praia. Era liberado, então vinha um tipo de turista que deixava sujeira e bagunça. Ficava uma tremenda sujeira na praia. Era lixo, garrafa quebrada e tudo de ruim ficava na praia. Então não era legal uma praia dessas ficar com tanta sujeira. Aí foi feita a Associação Amigos de Bairro e conseguiram proibir isso e um turista abriu um camping. Daí o pessoal também começou a alugar casas, alugar um quartinho e foram surgindo as pousadas. Acho que a primeira pousada foi a Pousada da Rosa que começou a alugar um quartinho, aí fez outro quartinho, etc. A Pousada da Rosa era uma casa com uma suíte e uma cozinha. Aí vinham os surfistas, o pessoal acampar e eles alugavam a casinha. A Dona Rosa começou a fazer marmiteix para os surfistas e isso deu certo e aí fizeram um salãozinho, começaram a vender comida aqui no Bonete e foram aumentando o espaço que hoje é a Pousada da Rosa. Isso deve ter uns 13 anos. Depois veio a Canto Bravo que era uma casa caiçara e foi vendida e as pessoas que compraram fizeram a pousada. Depois veio a Pousada Margarida, que é de boneteiro, depois a Porto Bonete, que é de um homem de lá da Ilhabela e agora tem a Pousada Nordeste, que também é de boneteiro. Hoje quase toda a comunidade está envolvida com o turismo.

O turismo é muito bom pra gente. Para nós está sendo ótimo! Traz muita vantagem e ajuda bastante o Bonete. Desvantagem eu acho que não tem nenhuma. A gente já teve problema com muito lixo, mas hoje isso tá bem controlado e tranquilo. Inclusive quando acaba a temporada eu sinto falta (risos). Se o turista vem, ele acaba ajudando muitas pessoas daqui. Hoje em dia o turismo é o meio de sobreviver aqui no Bonete. Eu acho que o pessoal do Bonete viu que o turismo é um meio legal da gente ter a renda da gente. Não são só as pousadas que ganham, mas também o camping, o transporte marítimo, os restaurantes locais, os barzinhos, a venda de peixe – já que os pescadores podem vender o peixe aqui em vez de ter que ficar levando para a cidade. Pra quem tem bar e mercearia aqui, também ajuda. Aqui também tem pessoas que vendem uma canoinha, um artesanato ao turista e 90% do comércio tá tudo na mão do pessoal daqui mesmo. Então o turismo, pra mim, é legal. Eu trabalho e vivo do turismo aqui no Bonete. Não tem quem não viva do turismo. Não se vive mais de pesca como antes. Olha, eu estou fazendo artesanato. Quem vai comprar? É o turista. Eu tenho meu barquinho, faço as viagens e passeios e ganho dinheiro com o turismo. As mulheres, praticamente todas, trabalham com turismo. Minha esposa trabalha na pousada em final de ano e isso ajuda na renda. Pra mim e pra minha família, ajuda bastante.

A gente viu que o turismo é uma coisa legal, mas só que a gente tem que ter a consciência de ter o controle. Tem que manter esse tipo de turismo que é hoje em dia, que é um turismo mais selecionado, que é bem voltado para o ecoturismo mesmo, que o pessoal vem pra ver a natureza, pra curtir a praia, pra conhecer a cultura, a tradição e pra surfar – porque aqui é o melhor lugar de Ilhabela para surfar – e não aquele turismo de massa, com caipirinha o dia inteiro na praia, gritaria e balada. No Reveillon, quando tem bastante gente de fora, tem muito barulho e fazem uma bagunça! Eles saem de lá para fazer bagunça no que é da gente e também entra droga no Bonete. A gente não gosta dessa parte. Isso é ruim. Isso não é a característica do lugar. A gente priva muito pela paz, pela tranquilidade e pelo silêncio e hoje em dia a gente tem isso.

Mas do jeito que tá, eu acho que tá bom. Não tem nada que eu possa reclamar e dizer “Isso aqui é ruim”. A bagunça que eles fazem é por pouco tempo, então eu acho que o turismo não pode crescer muito mais do que isso. Se abrir a estrada vai vir muita gente de lá e eu acho que muita gente

aqui não é bom porque o lugar não tem capacidade para acomodar isso tudo de gente. Se vier a estrada acabam as viagens, porque eles não vão mais querer pagar lancha ou canoa para vir aqui, além de também vir gente que vai tomar nosso turismo aqui. Como a gente trabalha com o turismo, nossa expectativa é crescer um pouco mais. Eu quero que cresça, mas que cresça com qualidade. A gente também tem que ter uma estrutura pra poder tá crescendo. Futuramente, com o aumento dessas pousadas e tendo mais facilidade de navegar, melhores marinheiros e melhores embarcações, o turismo vai crescer muito aqui. As pessoas do lugar vão começar a fazer investimentos em si mesmos e a se valorizar mais. Já tá começando a ter esses olhos.

O movimento aqui é muito no verão, em dezembro, janeiro e fevereiro. Todo o ano a gente fica nessa de três ou quatro meses trabalhando com turismo. No Reveillon, principalmente, enche de turista no Bonete. Lota mesmo! Não cabe nas pousadas, não tem mais casa pra alugar... Então eu acho que se viesse mais turistas no inverno seria bem melhor. Na baixa temporada, quando não vêm turistas, não entra dinheiro, daí a gente acaba passando bem apertado, mas quando têm turistas fica um pouco melhor e a gente consegue até juntar e guardar um dinheirinho no banco, ou como dizem os mais velhos, “faz um pé de meia”, para a hora que precisar, pra quando chegar o inverno, ter pra sobreviver. Durante a baixa ninguém trabalha, então tá precisando ainda de se acrescentar o turismo de inverno, para que durante o inverno também tenha bons trabalhos.

Antigamente tinha até mais turistas. Hoje tá fraco em vista de uns anos atrás, mas o mais legal seria conseguir organizar a atividade, porque o turismo movimenta bastante gente. Já vieram alguns cursos pra cá. Já veio curso do Sebrae mas, pra falar a verdade, não são muitos os interessados que aparecem. Algumas das pessoas que fizeram parte, hoje estão todas trabalhando em pousadas. Acho que quem trabalha com o turismo tinha que estar mais preparado, porque cada vez o lugar cresce mais e a gente tem que receber e atender bem que é para eles voltarem sempre, porque se eles não forem bem recebidos, não vão querer voltar mais. O problema é que o pessoal daqui acha que com os anos, trabalhando, se acaba aprendendo a lidar com o público. Mas nós que temos que ser educados para o turismo e pra receber o turista. Teve também um senhor lá da Prainha do Canto Verde falando sobre o turismo de base comunitária. É mais ou menos o que a gente já faz aqui, só que ele deu umas outras ideias. Também teve um curso sobre isso e até eu frequentei umas aulas, mas não foi para frente porque o pessoal do bairro não veio assistir e acabou. Foi só o primeiro módulo, porque como as pessoas foram deixando de participar, então o professor não veio mais. E era um curso bem legal. Acho que faltou um pouco do pessoal querer se dedicar mais, porque sempre é válido. Tudo o que você aprende na vida é sempre válido. Se eu sei o que eu sei hoje é porque eu trabalhei com o turismo. E é isso para muita gente. A gente aprende coisas diferentes e conhece pessoas diferentes.

Tem muitos turistas que são legais, gente boa e que conversam com a gente e sempre vão ser bem-vindos. Têm turistas que gastam e turistas que não gastam. Turistas que são educados e turistas que são mal educados. Tem um ou outro que joga lixo na praia. Eu acho isso uma falta de educação, mas não são todos assim. Tem gente que é bem legal, pessoas educadas e que nos respeitam. Eu fiz um passeio com um turista que falou assim “O que seria do turista sem o caiçara para contar história?” Quando ele falou isso pra mim, eu me senti emocionado. No Bonete vem gente do mundo inteiro. Vem gente de São Paulo, de São José, paraguaio, uruguaio, argentino, vem gaúcho, vem catarinense, santista, vem caiçara da ilha etc., mas a maioria

das pessoas que vem são casais mais novos que vem de São Paulo pra descansar. O pessoal que surfa é que às vezes não respeita o pessoal local e aí sai muita confusão e muita briga aqui. Tem boneteiro que não aguenta e vai brigar com o turista. Aí complica. Já aconteceu várias vezes isso de ter briga por causa de onda. Os locais se sentem donos das ondas. Tem dia que no verão tem pouca onda e são 36 locais querendo surfar. Aí vêm 20 turistas. Imagina tudo isso na água! Os locais se entendem, mas se chega um turista e rabeia a onda, entra na frente e atrapalha, os locais reclamam. Uns pedem desculpa, ficam sossegados e vão conversar depois, aí viram amigos dos boneteiros. Mas tem uns que enfrentam e aí apanham. Aqui tem localismo pesado. O pessoal que tem comércio, restaurante e pousada fala que essas brigas espantam os turistas. Mas durante o inverno também tem muito surfe e o turista do surfe de verão é diferente do turista de surfe de inverno. No inverno são surfista de big waves, de grandes ondas. Os turistas são importantes para mim, para minha família e pra todo mundo. A gente é importante pra eles para contar histórias, para fazer amizade e eles são importantes, porque a gente não vive sem eles. Não tem como eu falar que eu não vivo do turismo, por isso são importantes aqueles turistas que gastam, porque é o turista que gasta que traz o benefício lucrativo pro lugar. O turista que não gasta no Bonete é aquele que tem casa aqui. Não gasta porque ele já traz tudo pra ele de lá.

4.4.2 Discurso do Sujeito Coletivo 2c

O DSC 2 deste bloco reflete a pouca ou nenhuma relevância do turismo para a vida dos entrevistados. Este discurso foi elaborado a partir das ideias centrais 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 21 e 23 dos sujeitos 1, 9, 14, 15, 21, 25, 27 e 29.

Aqui o turismo é muito forte. Vem muita gente aqui. Pra cá vem muito casal jovem que gosta de ficar em contato com a natureza, que vem para curtir a praia, mas eu também vejo pessoas mais idosas. O turista vem porque aqui é bonito mesmo. A praia é linda! O lugar é isolado, é tranquilo e o pessoal vem para descansar. A maioria vem de São Paulo e do interior. Às vezes chegam barcos para passear, se alimentar e ir embora. Então eu acho que o turismo aqui é bom. Eu não vejo desvantagem. Eu só vejo vantagem. A vantagem é o dinheiro que o turista traz quando ele vem. Todo mundo, de alguma forma, ganha um dinheiro do turista daqui. No verão, por exemplo, o turismo é intenso no Bonete e as pessoas, no geral, ganham dinheiro. É bom pra quem tem suas pousadas, camping, seus restaurantes, suas lanchas e suas canoas a motor pra ganharem seu dinheiro e terem seu pão de cada dia na sua mesa. Mas é só no final de dezembro, janeiro e no comecinho de fevereiro que a gente consegue ganhar um dinheirinho melhor. O restante do ano é muito fraco. No verão o pessoal vive muito bem porque fazem muita viagem transportando turista lá da frente da Ilha pra cá, ou levando de cá para lá, apesar de muitas vezes os turistas que vem acharem caro o preço que cobram pra transportar. Por exemplo, sai R\$ 170,00 uma ou duas pessoas de lá pra cá ou R\$ 60,00 por pessoa se o boneteiro levar quatro pessoas. Aí vai dar mais de R\$ 400,00 ida e volta. Tira o combustível e o óleo e sobre um pouco. Pra gente é bom porque meu marido tem lancha e também faz o transporte. Todo mundo aqui tem lancha e faz viagem quando

aparece. Todo mundo tem um parente que trabalha num restaurante ou numa pousada. As pousadas acabam pegando pessoas para trabalhar. Tem duas pousadas aqui que são de turistas, que é a Canto Bravo e a Porto Bonete. Elas são maiores e têm uma estrutura bem melhor porque os donos tem maior poder aquisitivo que nem se compara ao nosso, então eles acabam dando bastante emprego. Mas nos meses que não tem turismo as pessoas acabam vivendo só daquele salário que ganham trabalhando na prefeitura ou de caseiro.

O turismo aqui acaba sendo um serviço extra, como se fosse um hobby. Sempre tem uma segunda opção de trabalho, que na verdade é a nossa fonte principal, porque a maioria das pessoas trabalham para a prefeitura e o restante é caseiro. É só em janeiro mesmo que a gente consegue tirar um dinheiro, então da renda da minha família vem muito pouco do turismo. Tem vezes que meu marido vende um pouquinho de peixe quando tem turista, mas depende da ocasião. Se a gente fosse viver da renda do turismo eu acho que a gente não teria nada do que tem, então pra mim o que vier é lucro. Se não vier, também, não vai fazer diferença, porque o turismo aqui no Bonete é só de três em três meses. Mas que melhorou muito o Bonete, melhorou. Isso é indiscutível.

O turismo já foi melhor antes do que é hoje. Por exemplo, quando não se tinha esse acesso à internet e à previsão do tempo (porque as pessoas vinham pra cá sem saber como ia ficar o tempo), então vinha muita gente. Hoje as pessoas já são mais precavidas. Sabem como vai ficar o tempo e então não vem pra cá quando o tempo fecha. E também diminuiu porque fechou o camping grande. Então, antes o turismo aqui era bem melhor. Aqui ficava lotado e hoje a gente já não vê lotado. Não vê nem metade da metade. Por isso que eu falo que o turismo era mais forte. A gente tinha um turismo forte em todos os feriados e hoje a gente só tem no verão. O pessoal vem aí querendo comprar terreno e vai construindo, mas de visitante, mesmo, não tá aumentando. No inverno é só quando tem a festa de Santa Verônica. 98% dos daqui são evangélicos, mas na época da festa todo mundo ganha dinheiro porque os turistas alugam casas, vão pras pousadas, pros campings, os comércios ganham dinheiro e tem as viagens. Depois é só em feriados prolongados.

O que falta mesmo aqui é um bom atendimento, um local que o turista chegue e tenha uma informação mais adequada para ele. Isso não tem. Nós aqui queremos que o turista chegue e seja bem recebido, mas a gente vê que tem gente que não tem uma visão do que é o turista, que não sabem atender bem, que responde com estupidez. Aqui precisava ter um trabalho bom para o turismo. O cliente está pagando e tem o direito de ser bem atendido. Ele paga e quer ser bem servido. Então falta isso.

Não teve organização nenhuma para o turismo aqui. Foi crescendo aos poucos. Apareceu, acho, que três instituições aqui fazendo curso de turismo empreendedor, pra montar uma padaria, de salga de peixe e frango defumado. Muito tempo atrás fizeram umas palestras de turismo de base comunitária. Eu me lembro que tivemos um estudo disso. Fizeram algumas reuniões e depois sumiram, como todos os outros projetos que vem pra cá. Teve projeto da Petrobras e varias outras coisas que ficaram pela metade.

A única coisa que foi feita foi a proibição do camping na praia. É que antigamente acampavam na praia. Vinham, não pagavam nada e ficavam onde queriam. A gente via que eles deixavam um lixão infernal e a gente ia fazer o que com o lixo? Não tinha essa coleta que tem hoje em dia. Então a gente resolveu dar um basta nisso. Daí que surgiu o camping. Veio um turista de São Paulo que começou a comprar umas terras aqui e começou a querer ajudar a comunidade. Ele montou um camping bem estruturado, com

banheiro e que tinha uma área grande – mais de 2500 m² – aqui do lado da escola, então nesse camping cabia bastante gente. Na época ele arrendou pra um casal aqui do Bonete e era bem organizado. Acho que deve fazer uns 2 ou 4 anos que esse rapaz vendeu o camping para o dono da pousada Canto Bravo que é de um outro grupo de turistas que tão chegando hoje no Bonete e ele desativou o camping. Comprou o camping e fechou porque era muito movimento ao lado da pousada e ele não queria isso aí. A partir daí o Bonete não teve mais aquela estrutura grande pra receber turistas. Hoje a gente tem dois campings: o Camping do Eugênio, na Vargem e o da Roseli, na praia, mas são pequenos. Na minha visão, ter fechado o camping grande prejudicou bastante. Quando o camping vivia cheio de gente, todo mundo ganhava dinheiro com viagens, tanto para ir buscar quanto para ir levar embora. Esses turistas que vinham e acampavam deixavam dinheiro para a comunidade, porque a maioria dos passeios e viagens saía de lá, então como vinha mais gente pro Bonete, todo mundo fazia viagem e todo mundo ganhava dinheiro. Em feriados, todos iam pra água fazer viagens no dia que vinham e no dia que voltavam, então eu acho que isso atrapalhou um pouco. Agora tem turistas optando por alugar casas.

Como é muito caro o transporte, a estadia numa pousada – que é R\$ 200,00, R\$ 300,00 –, uma cerveja – que é R\$ 7,00 – um prato de comida – que é R\$ 25,00 –, então o turista não tem mais aquela condição de poder ficar uma semana aqui. Em vez de ficar uma semana, a pessoa fica três dias. E aqui não tem acesso a uma maquininha de cartão, não tem um caixa eletrônico e não tem como pegar mais dinheiro. Uma pessoa, pra ficar quatro ou cinco dias, não consegue. Em dois dias já tá indo embora porque tá muito valorizado demais o turismo aqui. As pessoas têm que ter muito dinheiro pra ficar aqui. O antigo dono da pousada Canto Bravo montou uma outra pousada lá na Ilha e ele pega os turistas que querem passear no Bonete. O turista paga um “x” ida e volta e ele traz 25 pessoas todo dia. É uma coisa meio restrita, mas gera dinheiro pros estabelecimento que servem refeição. Passam o dia e vão embora. Passeiam, vão na cachoeira, no mirante, tudo por conta própria porque tem muitas placas. É uma boa visão! Eu sempre acreditei no turismo. O turismo no Bonete é tudo de bom. Não tem nada de ruim, porque nem violência o turismo trás pra cá. Quando vem um pessoal, alguns – não todos – eu acho que trazem muito lixo e tem alguns que usam droga. Já tem boneteiro que traz droga, mas os que de vem de fora contribuem para a entrada de entorpecente. Quando tem bastante gente fazem uma zueirazinha. Turista e boneteiro se juntam e fazem bagunça e barulho em temporada, carnaval e virada de ano, mas eu não tenho do que me queixar. Todo mundo ganha dinheiro com o turismo de alguma forma e o turista que chega aqui se encanta com o bairro. Bonete é um lugarzinho abençoado.

4.4.3 Discussão

O turismo no Bonete tem se caracterizado como um potencializador do desenvolvimento econômico local, pois as atividades turísticas têm contribuído direta ou indiretamente para a geração de renda de grande parte das famílias boneteiras. O DSC 1c revela que “Hoje em dia o turismo é o meio de sobreviver aqui no Bonete. Não são só as pousadas que ganham, mas também o camping, o transporte marítimo, os restaurantes locais,

os barzinhos, a venda de peixe [...]. Não tem quem não viva do turismo”. São pequenos empreendedores locais, camareiras, cozinheiras, garçons, ajudantes, marinheiros, monitores ambientais entre outros que trabalham no atendimento aos turistas que chegam até a comunidade, principalmente durante a alta temporada, que vai de final de dezembro até início de fevereiro, e em feriados.

André Queiroz, arrendatário da Pousada Canto Bravo, afirmou que sua pousada possui sete funcionários registrados e, durante o verão, costuma contratar mais três funcionários, a fim de atender à demanda dos hóspedes. Segundo Queiroz, ele e seus funcionários também contribuem indiretamente para a geração de renda para outros moradores, pois incentivam turistas a adquirir peças de artesãs(ões) locais, indicam marinheiros e monitores ambientais para seus hóspedes, compram pescados dos pescadores boneteiros para o abastecimento de seu restaurante e contratam canoieiros para o transporte de materiais diversos para a pousada.

A oferta de equipamentos turísticos do Bonete é composta por pousadas, campings, restaurantes, quiosques, bares e barracas e outros equipamentos de apoio, como pode ser visto no quadro 9. Esses estabelecimentos foram criados, em sua maioria, por iniciativas individuais e familiares de autóctones que identificaram o turismo como uma possível atividade econômica e que colocaram seus saberes domésticos ou a experiência em outros estabelecimentos turísticos locais a favor dos seus pequenos negócios. Dos oito meios de hospedagem existentes no Bonete, cinco são de propriedade de autóctones e os outros três estão arrendados para membros da comunidade. A infraestrutura de transporte e alimentação também é fruto de iniciativas familiares.

O turismo no Bonete não passou por um processo de planejamento e organização. A história do turismo na comunidade começou com a chegada de turistas que vinham pela trilha e que acampavam em baixo das árvores à beira-mar, impactando a comunidade com lixo e barulho. Aos poucos, a comunidade foi encontrando formas de minimizar tais problemas e criando soluções que atendessem à demanda de visitantes, conforme indica o DSC 1c “*A gente já teve problema com muito lixo, mas hoje isso tá bem controlado e tranquilo [...pois...] foi feita a Associação Amigos de Bairro e conseguiram proibir isso e um turista abriu um camping”*”.

Quadro 9 – Oferta de equipamentos turísticos do Bonete

<i>Pousadas</i>	<i>Campings</i>	<i>Restaurantes</i>	<i>Quiosques, bares e barracas</i>	<i>Equipamentos de apoio</i>
Pousada Canto Bravo	Camping da Vargem	Restaurante da Rosa (anexo à Pousada da Rosa)	Barraquinha de pastéis da Rosa	Bar e Mercearia Mac Bones
Pousada da Rosa	Camping da Roseli	Restaurante Canto Bravo (anexo à Pousada Canto Bravo)	Quiosque Swell	Telefones públicos
Pousada Margarida		Restaurante Canto do Nema (anexo aos Chalés Canto do Nema)	Barraca de Pastel da praia	<i>Internet Wi-Fi</i>
Pousada Porto Bonete		Restaurante da Roseli	Bar do Silvio	Marina
Pousada Noroeste			Barzil (anexo à Pousada Canto Bravo)	
Chalés Canto do Nema				

O camping selvagem foi coibido através da organização da Assobi e os pequenos empreendimentos de atendimento aos turistas surgiram. Minimizado o problema do lixo, o turismo é visto, atualmente, como uma atividade que só traz benefícios para a comunidade. Tanto o DSC 1c quanto o DSC 2c deixam clara a satisfação dos boneteiros com relação ao turismo que ali ocorre. Segundo os entrevistados, “*O turismo é muito bom pra gente. [...] Traz muita vantagem e ajuda bastante o Bonete. Desvantagem eu acho que não tem nenhuma*” (DSC 1c). “*Eu não vejo desvantagem. Eu só vejo vantagem*” (DSC 2c).

A vantagem percebida pelos boneteiros diz respeito ao dinheiro que entra na comunidade via visitantes, conforme deixa claro o DSC 2c: “*A vantagem é o dinheiro que o turista traz quando ele vem*”. A dificuldade de acesso e de comunicação e as condições climáticas desfavoráveis durante o inverno tornam o turismo uma atividade sazonal para a comunidade, impactando a renda dos moradores. Aqueles que têm empregos fixos em pousadas ou que são caseiros ou funcionários públicos conseguem manter a renda familiar equilibrada durante todo o ano e conseguem, inclusive, poupar durante o verão, já que “o

turismo aqui acaba sendo um serviço extra, como se fosse um hobby, [...] então [...] o que vier é lucro” (DSC 2c). Mas aqueles que dependem do turismo para a composição da renda familiar, *“acabam passando bem apertado”* (DSC 1c) durante a baixa temporada.

Cabe ressaltar que, mesmo durante a alta temporada, o fluxo de visitante na comunidade depende das possibilidades de acesso ao bairro. Em dias chuvosos, as cachoeiras que cortam a trilha que dá acesso à comunidade enchem, impossibilitando a travessia dos visitantes. Em dias de mar “grosso”, agitado e com forte ondulação, o trajeto marítimo fica comprometido e os visitantes cancelam suas viagens. Os mesmos fatores afetam a saída de visitantes do bairro, obrigando os mesmos a permanecerem na comunidade por mais tempo do que haviam previsto.

Assim, o turismo é compreendido pelos entrevistados como uma atividade que contribui para a melhoria da comunidade. *“Isso é indiscutível”* (DSC 2c). Contudo, entrevistados afirmam que o fluxo de turistas já foi maior e responsabilizam o fechamento do “camping grande”, o Camping Guapuruvu, pela diminuição do número de visitantes e a consequente diminuição de renda para a comunidade, principalmente para aqueles que transportavam campistas e para os trabalhadores de bares e mercearias.

Tendo diminuído o fluxo de campistas, os visitantes do Bonete são, em sua maioria, aqueles que possuem casas de veraneio ou aqueles que têm condições financeiras de se hospedar em uma das pousadas locais, pagando tarifas que vão de R\$ 40,00 por pessoa por dia durante a baixa temporada até R\$ 870,00 por casal durante um feriado de 3 dias. Outra opção é alugar uma das diversas casas colocadas à disposição, principalmente durante os feriados. Segundo os entrevistados que compõem o DSC 2c *“tá muito valorizado demais o turismo aqui. As pessoas têm que ter muito dinheiro pra ficar aqui”*.

As opiniões dos entrevistados se dividem entre aqueles que acreditam que o turismo no Bonete deveria ser acessível a uma maior parcela de pessoas interessadas em conhecer o local, incluindo os campistas, e aqueles que acreditam que as iniciativas de atividades turísticas devem ser voltadas para um público “mais selecionado”, como o público que atualmente frequenta o lugar, evitando, assim, o turismo de massa e minimizando o barulho e a entrada de entorpecentes.

Os entrevistados do DSC 2c afirmam que, antes do fechamento do Camping Guapuruvu, a comunidade tinha grande fluxo de turistas e que, durante os feriados, o Bonete *“ficava lotado”*, mas agora o movimento de turistas ocorre apenas no verão. Segundo esses entrevistados, o referido camping recebia grande quantidade de turistas que deixavam dinheiro para a comunidade, principalmente para os marinheiros que faziam traslados e

passeios. Afirmam, ainda, que atualmente “*O pessoal vem aí querendo comprar terreno e vai construindo, mas de visitante, mesmo, não tá aumentando*”.

O outro grupo de entrevistados afirma que é preciso controlar as atividades turísticas que ocorrem no Bonete e um dos mecanismos encontrados por eles é defender a não abertura da estrada. Segundo o DSC 1c, “*eu acho que o turismo não pode crescer muito mais do que isso. Se abrir a estrada vai vir muita gente de lá e [...] o lugar não tem capacidade para acomodar isso tudo de gente. Se vier a estrada acabam as viagens, porque eles não vão mais querer pagar lancha ou canoa para vir aqui, além de também vir gente que vai tomar nosso turismo aqui*”.

Percebe-se, por esse discurso, que a possibilidade de abertura da estrada produz em alguns entrevistados o medo de perderem parte da renda familiar obtida através do transporte marítimo. Percebe-se, também, a apropriação dos boneteiros das atividades turísticas ali existentes. O trecho “*nosso turismo aqui*” afirma o entendimento que os entrevistados têm de que as atividades turísticas no Bonete devem ser desenvolvidas pelos boneteiros e para os boneteiros. Ainda que existam empreendimentos turísticos cujos proprietários não são moradores do Bonete, a quase totalidade das atividades turísticas ali existentes é oferecida por autóctones e, assim, eles desejam que permaneça. O histórico de ocupação da Ilhabela por segundas residências, hotéis e pousadas de luxo implantadas por forasteiros corrobora a preocupação da população local sobre os rumos de seu território. Assim, esses sujeitos reconhecem e valorizam os investimentos feitos pela população local em empreendimentos turísticos e acreditam que o turismo deva crescer com qualidade.

O crescimento de que falam não se refere apenas ao pequeno aumento do número de visitantes durante a alta temporada, mas sim ao aumento do fluxo de turistas durante os demais meses do ano, como afirmado no DSC 1c “*tá precisando ainda de se acrescentar o turismo de inverno*”. Durante o inverno, as atividades turísticas concentram-se apenas no final de semana em que ocorre a Festa de Santa Verônica, realizada comumente no segundo final de semana de julho, a depender das condições marítimas. Dentre os frequentadores da festa estão moradores, boneteiros católicos que deixaram a comunidade e voltam para rezar para a Santa, parentes de autóctones que aproveitam a ocasião para visitar a comunidade, ilhabelenses de outras comunidades, devotos, pesquisadores e curiosos.

Apesar do desejo de crescimento qualitativo do turismo no Bonete, a população pouco se articula para organizar a atividade. A divergência de opiniões sobre o tipo de turismo/turista que deveria haver no Bonete tem sido resolvida pelo capital financeiro. Autóctones empreendedores iniciam seus pequenos negócios familiares, veranistas compram

casas e terrenos daqueles que desejam vendê-los e empresários externos à comunidade compram os empreendimentos que lhes parecem adequados ao desenvolvimento de seus negócios atuais e futuros.

A pouca organização comunitária também reflete os resultados de projetos iniciados no Bonete. Cursos na área de turismo, hotelaria, monitoria ambiental e alimentos e bebidas já foram iniciados na comunidade, e mesmo sendo gratuitos, muitos desses cursos não tiveram quórum suficiente e foram encerrados, como foi o caso do curso de Turismo de Base Comunitária, oferecido pelo Serviço de Apoio ao Agricultor Rural (SENAR) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que contou com apenas quatro inscritos e foi encerrado logo no seu início.

Cabe, contudo, reforçar a importância das oficinas de Turismo de Base Comunitária oferecidas pelo CEDS/LN, pois essas contribuíram para fomentar o entendimento entre os boneteiros sobre o desenvolvimento endógeno do turismo, sobre as potencialidades locais e sobre a importância de realizarem parcerias adequadas às necessidades da comunidade (SCÓTOLO, D.; PANOSSO NETTO, A., 2014). Segundo os autores,

a iniciativa do CEDS/LN em contribuir para a consolidação de um programa de TBC na comunidade do Bonete foi orientada pelos princípios da conservação ambiental, da valorização da cultura tradicional e da economia solidária, corroborando com os valores fundamentais daquilo que tem sido entendido como TBC, tanto pela comunidade acadêmica, quanto por iniciativas endógenas de desenvolvimento local. O desenvolvimento do projeto foi conduzido, considerando a participação da comunidade local que, convidada a construir conjuntamente o entendimento sobre o turismo e sobre sua própria tradição, pôde identificar os valores e recursos locais destinados a compor um produto turístico de base comunitária. (SCÓTOLO, D.; PANOSSO NETTO, A., 2014, p. 10).

Ainda que a gestão do turismo no Bonete não ocorra de forma organizada pela coletividade de seus moradores, o turismo que ali ocorre tem muitos dos elementos do turismo de base comunitária conforme discutido no capítulo 3, principalmente no que diz respeito à reapropriação do território pelos moradores locais, à valorização dos patrimônios naturais e culturais, como será visto adiante, e ao estímulo aos micros e pequenos empreendimentos turísticos de autóctones que aproveitam as oportunidades geradas localmente.

Além da gestão do turismo, que não é feita a partir de um projeto comunitário, outros elementos característicos do TBC ainda não estão presentes na comunidade, como a não efetividade de parcerias com órgãos e instituições capazes de colaborar com as necessidades locais, incluindo assistência técnica, jurídica e financeira. As parcerias locais que interferem

diretamente nas atividades turísticas estão reduzidas aos eventuais apoios da Secretaria de Turismo de Ilhabela e às ações do Instituto Bonete.

A gestão individual/familiar das atividades turísticas e o pouco apoio externo recebido contribuem para a não consolidação das informações sobre o destino. A comunidade não conta com um Centro de Atendimento ao Turista (CAT) e o Centro de Visitantes do Instituto Bonete permanece aberto durante poucas horas aos finais de semana. Moradores apontam a importância de existir um local em que seja possível se obter informações sobre o bairro: “*O que falta mesmo aqui é [...] um local que o turista chegue e tenha uma informação mais adequada para ele*”. (DSC 2c). Também não existe um sítio virtual específico sobre a comunidade, informando aos interessados em visitar o local sobre quais são os atrativos ali existentes, sobre como é o acesso ao bairro, sobre onde se hospedar, onde comer e o que fazer. As informações estão fragmentadas nos sites dos meios de hospedagem local e em blogs de viajantes.

A divulgação do destino e dos equipamentos turísticos ali existentes é feita, em sua maioria, por visitantes que já estiveram no local por meio da propaganda “boca-a-boca”. Assim, os moradores locais reconhecem a necessidade de atender bem os visitantes, apesar de poucos deles terem passado por treinamentos, pois acreditam que “*com os anos, trabalhando, se acaba aprendendo a lidar com o público*” (DSC 1c).

Os boneteiros costumam fazer amizade com turistas e veranistas, desde que se sintam respeitados por esses. Próximo à praia, foi afixada uma placa informando aos visitantes algumas dicas para uma estadia tranquila (fig. 32). Largar lixo pela comunidade e “rabear” ondas são atos considerados desrespeitosos e podem gerar brigas entre visitantes e moradores locais, como exposto no DSC 1c: “*Tem um ou outro que joga lixo na praia. Eu acho isso uma falta de educação*” e “*O pessoal que surfa é que às vezes não respeita o pessoal local e aí sai muita confusão e muita briga aqui*”. O trecho mostra a relação dos boneteiros com seu território, o que inclui as ondas do mar. Há uma regra local que determina quem e quando se deve surfar e os boneteiros entendem que eles sempre terão prioridade, já que “*os locais se sentem donos das ondas [...] aqui tem localismo pesado*” (DSC 1c).

Figura 32 – Placa informando dicas para uma boa estadia



Fonte: Denise Scótolto, 2014.

De forma geral, existe empatia entre boneteiros e visitantes. Os entrevistados reconhecem os turistas como colaboradores do desenvolvimento econômico local, uma vez que esses gastam dinheiro durante sua estadia no Bonete, com exceção dos veranistas, como afirmado no DSC 1c: “*O turista que não gasta no Bonete é aquele que tem casa aqui. Não gasta porque ele já traz tudo pra ele de lá*”.

4.5 As relações existentes entre identidade cultural, turismo e o desenvolvimento do Bonete

As respostas para as questões do bloco D, que procurava identificar nos discursos dos entrevistados as relações existentes entre as características da identidade cultural dos moradores do Bonete, o turismo e o desenvolvimento local, resultaram em dois diferentes DSCs criados a partir do encontro das ideias centrais apresentadas no quadro 10.

Quadro 10 – Ideias centrais sobre as relações existentes entre identidade cultural, turismo e o desenvolvimento do Bonete.

<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>	<i>Cód.</i>	<i>Ideia Central</i>
1	Contribuição do turismo para o desenvolvimento local	2	Relevância do transporte marítimo para geração de renda
3	Perda da cultura tradicional caiçara	4	Implantação da UC modificou a cultura tradicional
5	Turismo contribui para o enfraquecimento da cultura	6	Importância da valorização/preservação da cultura para o desenvolvimento local
7	Interesse dos turistas pela cultura local	8	Desinteresse dos turistas pela cultura local
9	Veraneio pode prejudicar a comunidade	10	Venda de terrenos e imóveis para veranistas
11	Veranistas são contrários à abertura da estrada/urbanização	12	Necessidade de união entre os boneteiros
13	Bairrismo	14	Incerteza sobre o futuro

4.5.1 *Discurso do Sujeito Coletivo 1d*

O DSC 1 do bloco D apresenta a ideia de que o turismo contribuiu para o desenvolvimento local, ao mesmo tempo que enfraqueceu a cultura tradicional. Revela, também, que os veranistas estão interessados na preservação das características dessa cultura. Este discurso foi composto pelas falas dos sujeitos 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 18, 20, 22, 23 e 24 e considerou-se, para sua elaboração, as ideias centrais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12 e 14.

O que a gente vê é que hoje em dia a comunidade esta numa situação bem melhor do que era antigamente. Antigamente tinha mais dificuldade e hoje em dia a gente vê que todas as famílias têm suas rendas.

O turismo é importante porque viver da pesca se vive pouco, então se ganha com a pesca e também se ganha com o turismo. O transporte marítimo dá um bom lucro porque, com essa dificuldade de vir pra cá, o pessoal ganha com as canoas para trazer os materiais de construção, ganha pra trazer turistas e até entre os próprios boneteiros pra fazer as compras. Os turistas vêm pra cá e o pessoal faz viagem. Os turistas também compraram terrenos e construíram aqui, então eles dão emprego. Tem muita gente que trabalha de caseiro e esse é um modo da pessoa ter um emprego.

Antigamente era tudo dos caiçaras. A praia inteira. Se você for ver, hoje tem casa mais de turista do que de morador daqui. Aí às vezes chega uma pessoa, oferece um dinheiro pra aquela casa e já vendem. Isso vem acontecendo já há muitos anos. No Reveillon e no Carnaval a gente fica meio sufocado, porque é muita gente, mas aqui tem tudo pra o turismo dar certo. O bom do turismo é esse que vem mais pra ajudar. Não sei onde isso vai chegar. Espero que eles não tirem nós daqui e que a gente possa saber lidar com a situação e tratá-los bem. A gente tem uma boa convivência com o pessoal que vem pra cá porque a gente conhece todo mundo que vem. Eles são bem recebidos. E eles têm ajudado a gente e têm olhado para o lugar. Que nem, esse gerador, é uma boa, né? Foi o rapaz que é sócio da pousada que comprou esse gerador a diesel. Ele gosta de ajudar. Eu acho que ele tem o coração bom e quer o bem pra comunidade.

O turismo vai acabar no Bonete – aquele turista que gasta no Bonete – vai acabar se vier a estrada, então é melhor deixar do jeito que está, que é legal e que ajuda bastante o caiçara que tem barco pra fazer viagem e passeio, porque a maioria tá vivendo de viagem pra pegar os turistas. A maioria do pessoal que mora no Bonete não quer estrada. Não sou só eu que não quer. Se vier estrada boa aqui é lógico que eles vão vir de carro. E as nossas viagens? O pessoal das lanchas não vai ter viagens. Quando a máquina desceu aqui na praia, meu pai falou assim “Nossa! Meu Deus! O que vai ser desse lugar? O que vai ser desse lugar? A gente não vai ter paz!”. Eu lembro do meu pai falando isso. E meu pai foi um homem do mato, um canoieiro, um lavrador que vivia da terra. Trabalhava na roça e fazia canoa pra sobreviver.

Os turistas que têm casa aqui também querem que continue assim, sem estrada, porque eles vêm pra cá pra descansar. Eles não querem movimento. Bastante turista fala que preferia ver o Bonete como era antigamente, porque o Bonete perdeu bastante coisa.

A cultura do Bonete se perdeu um pouco. A comunidade está deixando muita coisa pra trás. Eu acredito que se continuar perdendo, daqui uns 5 ou 10 anos, da cultura local não vai ter mais nada. Antigamente as pessoas comiam o que plantavam. O pessoal ia pra roça, plantava feijão, plantava mandioca, fazia as plantações da horta, fazia farinha e fazia artesanato. Eu plantei muita mandioca e fiz muita farinha. Hoje a gente não faz. A gente compra na cidade. Hoje 10% dos boneteiros plantam mandioca e muita gente já vendeu os fornos de fazer farinha. Hoje aqui só tem três fornos pra fazer farinha. Antes todo mundo aqui tinha seu forno, tinha o seu trafego de farinha e tinha a roda na mão. Meu avô trabalhava na roça e ele fazia balaio, ele fazia peneira e tudo aquelas coisas de palha. Hoje em dia não tem mais isso. São poucos, hoje, que fazem as canoinhas, que fazem cesto e bem poucos que fazem os remos. A gente vê bem pouquinho. Quase mais

nada, na verdade. A nossa cultura local está acabando. Os turistas compram os fornos da turma.

Ninguém mais conta histórias pros netos, pros filhos e pras crianças. Hoje em dia estão deixando isso pra trás. Eles estão se apegando noutras coisas novas. Se você chamar uma menina, que nem minha filha, e perguntar se ela sabe costurar, ela não sabe.

Na época que eu era criança eu fui muitas vezes com o machado pro mato com o meu pai pra fazer canoa. Agora um ou outro que tem canoa e deixa guardada pra na hora mais necessária, que é pra buscar material, poder usar. Tem gente de outras praias que, quando precisa comprar uma canoa, vem aqui no Bonete procurar porque ele sabe que aqui tem. Aí eles vendem. Antes ninguém tinha lancha aqui no Bonete. Só tinha canoa. O fazimento das canoas e das casas de pau-a-pique acabou. Hoje não pode mais fazer canoa porque o meio ambiente não deixa. De certo mesmo não pode desmatar, mas se um morador daqui está precisando de uma canoa, a gente devia poder fazer. Agora para comércio eu sou contra. Eu acho que as matas mais conservadas tão aqui, porque nós não desmatamos, não. Bonete é cota 100. De cota 100 para cima é Parque, então até que não temos sofrido muito as consequências do Parque. São 100 metros do nível do mar e isso vai lá para cima, no morro. Dificultou pra fazer roça e canoa, mas a comunidade vive bem. Graças à Deus essa é uma comunidade abençoada.

Com essa entrada do turismo no Bonete, as pessoas acabaram deixando essas coisas de cultura meio que de lado, só que a maioria das pessoas com quem eu tenho tido contato sempre procuram saber o por quê de as pessoas não terem mais interesse de fazer essas as coisas. Mas são eles, os turistas que tão tirando daqui, entendeu? Só que eles tão tirando porque os boneteiros não querem mais e tão vendendo.

Algumas pessoas que vem para cá tão interessadas na cultura do Bonete, mas algumas não estão. Tão interessados na praia, no surfe e não ligam muito pra cultura, não. Eles querem curtir. Alguns tão interessados que venha a estrada e que tenha todas as mordomias que tem numa cidade grande, então tem algum turismo que enfraquece a cultura. Os turistas que gostam daqui querem preservar a cultura e o jeito do lugar, porque eles se interessam pela cultura e pelo lugar, ou seja, pelo conjunto todo. Eles não querem que acabe. Querem que volte a fazer canoa e que o Bonete seja do jeito que era há 20 anos atrás. Só que tá acabando. Eles ficam tristes com cada canoa que é vendida. A maioria dos turistas ficam preocupados com o lado caiçara e com a nossa tradição. Eu falo porque eu conheço muitos turistas que se preocupam com o Bonete. Um senhor aí queria vender uma canoa por 12 mil reais e um turista que tem casa aqui comprou. Não tem interesse para nada para ele, mas ele comprou a canoa pra canoa ficar no Bonete, pra canoa não sair do Bonete, mas se as canoas não forem usadas, não vai ter graça. Então ele quer que a canoa seja usada, pra fazer passeio, pra pesca, etc. E a maioria dos turistas estão preocupados com isso, com a tradição caiçara. Eles perguntam se tem farinha. Inclusive esses dias passou um senhor perguntando se tinha farinha. Ele queria farinha caiçara. Não é porque eu sou caiçara não, mas a melhor farinha aqui da Ilha era a do Bonete. Acho que ele não conseguiu. Eles não querem que acabe a cultura, mas infelizmente está acabando. Os jovens não tão muito interessados. Tão interessados em ficar no facebook, na internet e no Whatsapp. Tão interessados em coisas novas.

Eu acho que a cultura da comunidade dos tempos antigos, que é fazer uma farinha de mandioca, fazer uma canoinha, um artesanato ou um barco, não pode ser esquecida. Se a gente deixar morrer, quem vem de fora já não sabe e aqueles que tão crescendo, nunca vão saber. Agora a gente tá fazendo de

tudo pra que ela retorne de novo. Aos poucos o pessoal daqui mesmo tá ajudando a preservar a cultura. Tem muita gente também querendo resgatar a cultura. Há uns anos atrás, em 2005, já teve uma casa de cultura aqui no Bonete. Foi muito bom, só que acabou por falta de motivação e de ter alguém aqui que levasse adiante. Agora a ONG, o Instituto Bonete, diz que o foco é resgatar a cultura tradicional. Eles tão ajudando a incentivar a gente a não perder de vez a cultura. Tanto é que tem umas coisinhas que o pessoal daqui fizeram de artesanato e tá lá pra vender. E tem vendido algumas coisinhas. Também disseram que iam trazer um forno comunitário. Vamos ver o que vai acontecer. Se o pessoal se conscientizar pra manter a cultura de pesca, roça, artesanato e essas coisas locais, eu acho que dá tempo de resgatar tudo isso. Mesmo que o Bonete se desenvolva, eu acho que dá pra resgatar e dar continuidade.

A história da urbanização e toda a mobilização que teve serviu para fortalecer as pessoas e fez com que os boneteiros dessem mais valor para a cultura e tradição e agora tem gente plantando mandioca de novo, fazendo farinha e fazendo artesanato novamente, inclusive eu faço artesanato aqui. Esse reminho fui eu que fiz. Tá a venda aí. E eu faço remo grande pra lancha e pra canoa também. Faço gamela pequena para colocar fruta. De uns tempos pra cá os jovens daqui tão aprendendo. Eu mesmo não sabia mais como fazer porque as pessoas de mais idade que faziam já morreram. Aí eu fui no mato com meu irmão e ele me ensinou a fazer. Aí eu comecei a fazer. Minha mulher mesmo disse que estava com saudades de fazer farinha e ela plantou um pouquinho de mandioca. A gente, eu e minha mulher, já fizemos muita farinha pra gente e pra vender. A gente não pode deixar perder a cultura. Depende da gente, né?

O futuro a gente não sabe ainda. Não posso dizer porque o mundo dá muita volta e o futuro só pertence à Deus. Não sei se vai tá melhor do que agora, não sei se vai ter mais pousada, não sei se vai ter mais restaurante, não sei se vai ter mais mercado, não sei que vai ter mais movimento, se vai ter estrada... Não sei. Eu acho que vai ser bem diferente do que eu já vivi e bem diferente do que a gente tá vivendo agora. A geração que tá agora já é diferente da minha geração. A geração que vai vir já vai ser diferente dessa geração que tá agora. O Bonete vai crescendo, vão saindo mais casas, as pessoas vão chegando e vai mudando um pouco, mas que não mude pra pior. Eu gostaria do Bonete do jeito que tá, não sendo destruído. Eu sonho assim.

4.5.2 Discurso do Sujeito Coletivo 2d

O segundo DSC deste último bloco reforça a ideia do DSC anterior de que a cultura tradicional enfraqueceu; contudo, desvela a preocupação dos entrevistados quanto ao futuro do Bonete ao afirmarem que o veraneio prejudica o desenvolvimento local. Este discurso foi elaborado a partir das entrevistas cedidas pelos sujeitos 1, 4, 5, 13, 14, 15, 17, 19, 21, 25, 26, 27 e 29 e pelas ideias centrais 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 13.

A tradição do Bonete tá sumindo. Essa cultura do caiçara nasceu e ir pro mato, fazer sua canoa e de cultivar, tá se perdendo. Essa cultura não tá viva. A informação, a internet, a tecnologia, a mistura do caiçara com o paulista e o tempo que você tinha disponível pra fazer arte e pra tá

aprendendo, isso vai acabando com a cultura. Os mais novos não querem saber de por a mão na massa.

Antigamente era bem diferente. Tinha a roça, tinha a pesca, tinha o cerco e tinha as festas que faziam na Igreja, mas agora foi acabando tudo. Acabou a roça, porque começou devagarinho a entrar o turismo aqui e o pessoal começou a vender as terras e aí veio essa lei do parque, do meio ambiente, que ninguém pode derrubar nada, que ninguém pode fazer nada, aí o povo parou de trabalhar porque agora pertence ao Parque Estadual,

Como não pode tirar madeira, aí veio a briga por causa da canoa. Toda vez que era pra fazer canoa era uma briga. As polícias vinham pra cá e se pegassem fazendo canoa eles apreendiam. Aí o povo foi se deixando, se deixando e a tradição de fazer a canoa acabou. Fazem uma canoinha, uma esculturazinha de canoa pequena, um reminho pequeno, um prendedor de cabelo. Ainda tem uns canoeiros que ainda fazem a canoa a remo pra vender, daquelas menorzinhas que cabe no máximo três pessoas, mas canoa mesmo, a motor, de poder levar bastante gente, não tem mais. A canoa a remo é pra brincar aqui na praia ou ali no Rio Nema. Da grande não fazem São muito poucas pessoas que têm canoa. Todo mundo trocou a canoa pela lancha, porque a lancha é mais prática, é menos pesada e porque dá mais dinheiro. Tem só mais cinco ou seis canoas aqui no Bonete. Antes tinha umas cinquenta. Eu acho uma pena que agora só poucas pessoas têm canoas. No Bonete têm umas cem famílias e toda família tinha canoa. Agora toda família tem lancha. Só têm três famílias no Bonete inteiro que não tem nem lancha nem a canoa. São só os canoeiros da prefeitura, que levam o lixo e a sucata daqui pra lá, que ainda têm canoas. Isso é uma coisa que eu acho que deveria ter mais no Bonete porque a canoa é nossa cultura. Tem gente que compra a canoa e fala que é pra guardar, mas tem muita gente que compra aqui, por exemplo, por dez mil e vende por vinte mil em São Paulo ou no Rio. Eu conheci um cara que comprou uma canoa aqui e tirou a buçada dela pra colocar umas almofadas pra deitar. Rico tem essas coisas! Aqui, por ser uma comunidade caiçara tradicional, ainda preservam a cultura da pesca artesanal e do cerco. Isso a gente não perdeu. Tem quatro cercos aqui ainda, que é da cultura de antigamente, que era do que os pais da gente sobreviviam. Antigamente até a rede que largam no mar eles costuravam. Agora não. Agora, se pegar um moleque desse, ele não sabe arrumar uma rede. Então foi acabando tudo.

Quando não tinha o turismo aqui a gente trabalhava na roça. Em vez de comprar lá na cidade a gente plantava aqui e colhia aqui a verdura, a mandioca e o feijão. Farinha é bem pouca gente que faz porque tem que ter aquela plantação de mandioca e não tem mais onde plantar. E também tem que ter o forno e devem ter só uns três fornos no Bonete. Antes cada família tinha o seu forno de cobre e era legal. Aconteceu que eles derrubam a casa de farinha pra construir outra coisa. Muita gente derrubou a casa de farinha e vendeu o forno porque não tem mais lugar pra plantar a mandioca. A gente fazia 10 alqueires de roça. O dia de fazer farinha era uma festa, porque era só aquilo o dia todo. A gente colocava na prensa a massa à tarde e a gente só ia começar a fornear de madrugada, lá pelas três horas, quatro horas. Aí a gente levava pra lá, vendia, fazia compra do que precisava e vinha embora. Aqui não tinha emprego. Não tinha onde ganhar. Agora os caiçaras daqui compram a farinha de mandioca na cidade para comer. Também tinha muitos aqui que faziam balaio, samburá, tipiti e peneira. A gente ajudava os avós da gente a peneirar feijão e fazia a goma de tapioca. Agora não tem quem faça isso aqui no Bonete. Tá acabando bastante a cultura e o pessoal tá indo mais pro lado do turismo.

O turismo contribui pra acabar a cultura porque as pessoas vão se dedicar mais ao turismo do que a si mesmo. O crescimento, o desenvolvimento, o mundo capitalista é assim e o turismo vai contribuir pra isso. A minoria dos turistas tão interessados na cultura local. Alguns turistas que vem visitar o Bonete tão interessados na cultura. Gostariam de ver a pesca, de saber como faz a farinha, de conhecer a canoa. O restante vem mesmo é pra disputar o lugar, que é bonito e é encantador. O turista que já tem casa aqui não se interessa por nada. A gente só vê o turista aí na praia. Eles não se interessam em conhecer a cultura. Eles querem trazer as tradições do lugar deles e aí vai perdendo um pouco a nossa. Pelo jeito que anda, eu acho que mais pra frente vai ter outras coisas novas no lugar. Coisas que vão vir de outros lugares.

Eu acho que não seria bom, não. Eu queria que a cultura do Bonete cada vez aumentasse mais e não diminuísse que era pra mostrar pras pessoas que vem, o que a gente faz aqui e do que a gente vive, porque cada lugar tem sua cultura, cada lugar tem um jeito de falar e tem um jeito de viver. Eu queria que as pessoas que viessem de fora vissem isso, mas por causa do dinheiro muita gente tá se desfazendo da cultura aqui no Bonete.

Tem muita gente que vem pra cá que quer preservar a cultura do Bonete, só que também tem muita gente que vem pra cá querendo acabar com a cultura do Bonete. Isso é uma coisa que tá vindo bastante pra cá agora. Tem muita gente que, porque tem dinheiro, quer comprar as casas dos boneteiros. Tem gente que quer comprar aqui a praia inteira pra jogar os boneteiros tudo lá pro morro, pra poder ficar com a frente da praia pra eles e isso vai mudando a tradição do lugar. O que aconteceu aqui é que tudo era nosso, então a influencia dos turistas era fraca. Aí foram comprando, construindo e a influencia do turismo aqui é muito forte, então essa cultura está se acabando.

Agora a maioria das casas daqui são casas de turistas. 70% dos terrenos daqui do Bonete são de pessoas de fora. A maioria é de veraneio. Os daqui venderem por pouco dinheiro e agora a maioria trabalha de caseiro ou toma conta de terreno pras pessoas de fora. Acho que antigamente o pessoal nunca tinham visto dinheiro e aí começaram a vender terra e terra e daí os turistas foram entrando e tomando conta e todo o turista que aparecia e oferecia um dinheiro, eles vendiam a terra. Parecia que era muito dinheiro e o pessoal ia se iludindo e ia vendendo. Agora se arrependem, mas não tem mais jeito. Já foi. Hoje em dia tem muito morador daqui que tem filho, mas não tem terra para construir a casa dos filhos. Alguns boneteiros viram que isso estava acontecendo, pensaram bem e ao invés de venderem suas terras, construíram casas a mais e agora alugam para quem vendeu. Turista que comprou também tá alugando. Já tem filhos de boneteiros que mora de aluguel na casa de turista, porque não tem onde construir casa e não tem onde morar. Os pais venderam tudo. Muitos caiçaras aqui preferiram vender suas casas e terrenos pra trabalhar pro turista de caseiro do que ser o próprio dono. Esse foi o grande erro dos caiçaras: vender as terras que tinha e agora ser caseiro daquilo que tinha. Sobrevivem dessa renda, então a pessoa fica num ciclo que acaba precisando deles, entendeu? E eles não querem estrada porque viriam outras pessoas e eles não querem abrir espaço pra outras pessoas. Então as pessoas que vêm pra cá são selecionadas.

Tem gente que vem pra cá há 20 anos, empresário forte, rico mesmo e que traz tudo pra cá. Não compram nada aqui. Não dão benefício nenhum para o bairro. Eu vejo que para a comunidade, eles não têm importância nenhuma.

Quando tava pra vim a luz da cidade pra cá, um cara de fora pagou gente pra falar “Não, a gente não quer”. Pagou boneteiro pra falar isso. Um suborno pra não vim estrada, pra não vim luz pra cá, porque ele não quer. Só que assim, ele não pensou nos boneteiros.

Esses ricos que compram essas terras querem tomar o Bonete. Muito rico que tem casa aqui quer tomar o Bonete. Quando um turista vem e tenta fazer qualquer coisa, às vezes até algumas coisas boas, nem sempre ele é bem visto, porque a gente é muito bairrista. Mas tem vezes que boneteiro se ilude e vai na conversa de alguns de fora que falam “Poxa, não deixa fazer isso, não deixa fazer aquilo”. E tem alguns boneteiros que acreditam. Só que o turista não sabe que a gente nasceu aqui e que entra janeiro e sai janeiro e nós estamos aqui. O turista chega no sábado e vai embora no domingo. Ele não sabe o que a gente passa na segunda, na terça, na quarta, na quinta e na sexta. Ele não sabe se morre alguém ou se precisa levar um doente quando o mar tá bravo e a gente tem que pôr o doente no ombro e levar na estrada até o Borrifos pra pegar o ônibus pra ir lá. O turista não sabe disso porque ele só vem de final de semana, final de mês, feriado, final de ano e as casas passam a maior parte do tempo fechadas.

Tem gente daqui que fala “Ah, a gente não vai deixar vim melhoria pro Bonete porque o Bonete tem que ser como ele é”, só que a pessoa fala isso da boca pra fora porque compra lancha, vende casa pra rico e vende terreno pro rico.

Se for aprovada a Z4 vai poder construir lá em cima desse morro que tem o mirante. Esse morro aí, de vez em quando, não sei se passa alguém, larga fogo e tá ventando e aí queima. Há 30 anos já era assim. Pelo menos uma vez por ano eles queimam essa mata aí. Não sei por quê. A gente não sabe se é o pessoal daqui ou se é pessoal de fora. A gente não sabe quem é, mas sempre, pelo menos uma vez por ano, queima esse morro aí. Então não cria árvore. Inclusive isso aí é de turista. Tá vendido. Os antigos, que eram donos, venderam baratinho. Na época não sabiam o preço que valia e venderam. A raiva dos caiçaras é que o cara comprou todo esse morro e já tá com projeto aí. Saiu até no jornal Imprensa da Ilha que ia ter prédio aqui nesse morro todo e que o prefeito ia autorizar fazer. Pelo amor de Deus! O dono dele queria fazer um resort, só que a gente não deixou. Já tem um projeto armado e loteado em computador e depois se vende pras pessoas que têm muita grana. E pronto. Se ganha muito dinheiro com isso. Agora chegou um corretor de imóveis aqui no Bonete! Não é possível, né?

O pessoal do Bonete, se comparado com outras comunidades tradicionais que tem aqui em Ilhabela, vive muito bem. Têm lugares que ainda têm casas de pau a pique e aqui no Bonete não tem mais. Melhorou muito. Melhorou. Isso é indiscutível e eu vejo que o que melhorou muito a vida das pessoas daqui foi o turismo. Então o turismo aqui no Bonete só veio para melhorar. E o Bonete dá para se desenvolver bastante com o turismo porque é um lugar muito bonito e próximo de São Paulo, mas eu acho que o turismo ajuda, se for um turismo sustentável. Eu acho ótimo um turismo que venha pra ajudar uma comunidade, que quem vier saiba compartilhar com a gente. No mês de janeiro, por exemplo, que é um mês que faz bastante Sol, o ganho das pessoas daqui melhora bastante. O que faz muitos comércios daqui fecharem é a falta desse turismo durante o ano. Não dá para você viver só de um mês durante o ano. A gente tem 12 e o que você ganha em 1 não dá para viver os outros 11 meses. Eu acho que tinha que ser incentivado pra comunidade fazer esses trabalhos de mostrar a cultura, as canoas, porque eu acho que ia trazer mais turistas e ia manter a cultura viva. Podia ter um projeto para levar o turista para conhecer o tráfego de farinha, a roça de mandioca, apresentar mais o artesanato, um guia para levar na mata e

mostrar as árvores típicas, um observatório de pássaros, etc. Acho que falta isso. Acredito que muitos turistas iriam gostar.

A gente pode fazer um trabalho pra cultura local. Tem que ter iniciativa. A ONG retomou alguns ensinamentos pras crianças voltarem a fazer canoa, a brincar e a ter o artesanato como o melhor brinquedo. Mas tem que ter todo um trabalho em cima. Tem que ter um projeto de reeducação, senão você não vai ter resultado. As crianças aqui tem um potencial que não pode ser desperdiçado. A gente tenta fazer de tudo pra que a cultura não saia de nós e de dentro de casa, porque a cultura, na verdade, vive dentro de nós. É a gente que faz ela e é uma coisa que a gente tem que continuar pra que não suma.

Na minha opinião, acho que quanto mais desenvolvimento, mais fortalece a cultura. Tem que saber levar o Bonete à frente. Tem que saber desenvolver ele. Não é qualquer um que chega aqui e fala “Ah não, vamos fazer isso, isso, isso e pronto”. Acho que se a gente fortalecesse a cultura, o Bonete com certeza ia mais pra frente. Os de fora vêm pra cá e querem fazer o que eles quiserem. Não respeitam mais os moradores locais porque os boneteiros não tão se dando respeito. Daí eu acho que se fortalecesse a cultura do Bonete teria mais desenvolvimento. Podia vim bastante melhoria, mas sem estragar a cultura do Bonete. Dá pra vim. É só a gente querer e o turismo pode contribuir.

Eu imagino o futuro do Bonete assim com esse mundaréu de casas nas terras e morros que foram vendidos. Por enquanto a gente consegue ir freando, mas daqui a pouco a gente não consegue.

Meu sonho é muito simples: em algum lugar aí deve ter um baú escondido com várias moedas. Aí eu quero achar as moedas aí eu tentava comprar algumas coisas aqui e mandava um bocado de gente embora (risos). Meu sonho é que as pessoas aqui continuassem felizes para sempre, porque a felicidade existe. Em todos os lugares tem a felicidade, mas aqui é igual todo lugar e tem problema também. Tem problema de saúde, tem problema de saneamento, tem problema de turismo, tem problema de ignorância, etc., mas graças à Deus não tem morte e não tem roubo. Essa maldade nós não temos. Então eu quero que fique assim.

4.5.3 Discussão

As percepções e representações sociais sobre a identidade cultural dos moradores do Bonete tem se modificado nas últimas décadas muito em função da chegada de visitantes à comunidade. Entrevistados afirmam que “*A tradição do Bonete tá sumindo*” e que “*e o pessoal tá indo mais pro lado do turismo*” (DSC 2d). Afirmam também que “[...] *se continuar perdendo, daqui uns 5 ou 10 anos, da cultura local não vai ter mais nada.*” (DSC 1d).

As atividades diárias dos boneteiros do século passado, principalmente aquelas ligadas à subsistência, foram sendo substituídas pelas atividades econômicas geradas pelo turismo. Os espaços destinados às lavouras e às roças de mandioca perderam espaços após a demarcação das terras do PEIb, e muitas das áreas que permaneceram sob posse da população local foram

vendidas para investidores e para veranistas interessados em construir segundas residências. Leis ambientais obrigaram os caiaçaras do Bonete a encontrar novas formas de conduzir suas vidas. As tradicionais canoas boneteiras feitas de árvores retiradas dos arredores da comunidade e utilizadas para a pesca e para o deslocamento da população local cederam lugar para as novas lanchas voadeiras feitas de fibra. O acesso aos meios de comunicação, incluindo a televisão, a *internet* e o telefone, assim como a troca cultural entre boneteiros e visitantes de diversas partes do mundo, têm contribuído para a contínua transformação do modo de vida daquela população.

Ao mesmo tempo em que a chegada de turistas no Bonete provoca mudanças culturais naquela comunidade, as adaptações da comunidade a uma vida economicamente ativa, incluindo a implantação de equipamentos turísticos e infraestrutura básica, fomenta a chegada de novos grupos de turistas. Esses turistas, por sua vez, contribuem para modificar ainda mais a cultura local. Esse ciclo se iniciou no final do século XX e tem se mantido até os dias de hoje.

Boneteiros, turistas e veranistas percebem esse processo e alguns tentam minimizá-lo, esforçando-se para manter vivas algumas das tradições locais. Enquanto uns tentam reforçar a identidade cultural, outros, principalmente os mais jovens, pouco se interessam pelas histórias e pelo modo de vida de “antigamente” e se afastam das práticas tradicionais. Existe no Bonete um movimento inicial de resgate e manutenção de algumas tradições, como é afirmado no DSC 1d: *“Agora a gente tá fazendo de tudo pra que ela retorne de novo. Aos poucos o pessoal daqui mesmo tá ajudando a preservar a cultura”*. A cultura da pesca artesanal e de cerco ainda se mantém viva e alguns moradores voltaram a plantar mandioca, a plantar feijão, a fazer farinha e a fazer canoas de pequeno porte, como brinquedos ou enfeites. Apesar de serem pouco práticas em comparação com as atuais lanchas, as canoas são consideradas símbolos da cultura boneteira, como pode ser percebido no DSC 2d *“a canoa é nossa cultura”* e, portanto, deve ser preservada; contudo, muitas das canoas boneteiras foram vendidas para moradores de outras comunidades tradicionais e até mesmo para turistas que as compram para uso próprio, para utilizá-las como móveis ou mesmo como enfeite.

A preocupação com o local em face ao estreitamento do mundo é explicada por Hall (2007) como uma consequência do mundo globalizado que, após perceber o movimento homogeneizador que desintegra as identidades nacionais, acaba por, contrariamente, reforçar as identidades locais como forma de resistência à globalização. Deste modo, os laços de lealdade entre os indivíduos de uma mesma comunidade se tornam mais fortes, assim como os vínculos (histórias, eventos e símbolos) que os unem ao lugar.

Percebe-se que o turismo contribui significativamente para o processo de transformação cultural do Bonete; entretanto, o tipo de turismo que ali ocorre depende da manutenção de alguns aspectos da cultura e da identidade local. Segundo os relatos dos entrevistados, existem turistas que se preocupam com as tradições locais, que se interessam pela cultura boneteira e que apoiam iniciativas de resgate das tradições, como pode ser visto no DSC 1d “*Bastante turista fala que preferia ver o Bonete como era antigamente*”; todavia, “*são eles, os turistas que tão tirando [as manifestações da cultura tradicional] daqui*” Os entrevistados afirmam que também existem turistas que não se interessam pelos aspectos da cultura local, desejando apenas desfrutar do cenário natural e da tranquilidade que ali existe.

Cabe ressaltar que os entrevistados, por vezes, misturam em seus discursos as diferentes categorias de visitantes, chamando de turistas tanto aqueles que permanecem hospedados na comunidade, quanto os veranistas que possuem segunda residência, os excursionistas que permanecem no destino apenas por algumas horas e os moradores não nativos. Tal mistura pode, num primeiro momento, conduzir a um entendimento de que determinado grupo de visitantes não está interessado na cultura local e pouco contribui para o desenvolvimento local, enquanto outro(s) grupo(s) se interessa(m) pela tradição boneteira e colabora(m) para o desenvolvimento da comunidade. Contudo, é preciso esclarecer que os dois DSCs produzidos apontam para os mesmos grupos de turistas de forma contraditória.

Os turistas que “*têm ajudado a gente e têm olhado para o lugar*”, conforme o DSC 1d, são os veranistas, ou seja, aqueles que possuem segunda residência no bairro. Segundo os entrevistados, “*os turistas que gostam daqui querem preservar a cultura e o jeito do lugar [...]. Querem que volte a fazer canoa e que o Bonete seja do jeito que era há 20 anos atrás*”. Os integrantes do DSC 1d entendem que outros turistas, aqueles que não possuem vínculos afetivos com o Bonete, “*Tão interessados na praia, no surfe e não ligam muito pra cultura, não. Eles querem curtir*”. Os componentes do DSC 2d entendem que os turistas e os excursionistas possuem interesse na cultura tradicional caiçara do Bonete, enquanto os veranistas tentam impor sua própria cultura e “disputam o lugar” com os boneteiros.

Essa disputa de que fala o DSC 2d diz respeito a tudo o que envolve aquilo que é simbólico para aquele povo, que representa sua história, suas tradições e seu meio de subsistência e que tem sido comprado pelos visitantes: canoas, fornos de cobre para o feitiço de farinha, áreas de porto, moradias caiçaras, terras usadas para a lavoura, morros e áreas de acesso entre o Bonete e outros bairros. Há uma disputa pelo território. Dentre as dezessete comunidades tradicionais existentes em Ilhabela, Bonete é apontada como a comunidade “que apresenta a mais intensa especulação imobiliária. Placas identificando nomes de novos

proprietários (fig. 33) podem ser vistas até nos morros, antigas áreas de cultivo dos moradores.” (SILVA, 2006). De acordo com levantamentos realizados em 2005 para a elaboração do Plano de Manejo de Ilhabela, Bonete possuía 59 casas de moradores locais e 57 casas de veranistas. A especulação imobiliária, já apontada por Silva em 2006, continua intensa e moradores locais afirmam que, atualmente, o número de casas de veranistas é maior que o número de casas de autóctones: “70% dos terrenos daqui do Bonete são de pessoas de fora. A maioria é de veraneio” (DSC 2d). No final do ano de 2014, foi inaugurada a primeira imobiliária local, administrada por um morador não nativo do Bonete, indignando alguns moradores locais: “Não é possível, né?” (DSC 2d). Placas indicando terrenos e residências à venda são vistas por toda a comunidade (fig. 34).

Figura 33 – Placas indicando áreas de propriedade particular



Fonte: Denise Scótolto, 2014.

Figura 34 – Placas indicando propriedades à venda



Fonte: Denise Scótolto, 2013.

Percebeu-se, durante as pesquisas de campo, que alguns boneteiros se sentem incomodados com as atividades imobiliárias que aconteceram e que ainda acontecem naquele território, como pode ser visto no DSC 2d *“Tem muita gente que, porque tem dinheiro, quer comprar as casas dos boneteiros. Tem gente que quer comprar aqui a praia inteira pra jogar os boneteiros tudo lá pro morro, pra poder ficar com a frente da praia pra eles”*.

Haesbarth (2004, p. 73) compreende o território como um construtor de identidade; logo, “perder seu território é desaparecer” (HAESBARTH, 2004, p.73). Tuan (1980) também discute questões sobre familiaridade e pertença dos seres com os locais em que vivem, afirmando que as pessoas investem parte de suas vidas em seus lares e bairros e, portanto, “ser despejado [...] da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro que, devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior” (TUAN, 1980, p. 114).

Compreende-se que o território se faz a partir da existência de atores que nele estabelecem valores simbólicos, laços afetivos e relações espirituais e de poder. Assim, o território vai além do entendimento de espaço. O território é construído e construtor de

identidades e, assim, é o espaço de ação daqueles que nele vivem.

O veraneio no Bonete tem sido percebido por parte da comunidade local como algo benéfico, pois contribui para a geração de renda, já que *“Os turistas [...] compraram terrenos e construíram aqui, então [...] tem muita gente que trabalha de caseiro e esse é um modo da pessoa ter um emprego.* (DSC 1d). Alguns moradores também entendem o veraneio como colaborador do desenvolvimento local, já que alguns dos veranistas contribuem com seus saberes técnicos, dinheiro, equipamentos e influências externas para ajudar a comunidade a resolver alguns dos problemas do bairro. Exemplos de apoios de veranistas são a fundação do Instituto Bonete, a doação do gerador de energia, a doação por seis meses do diesel para abastecer o novo gerador entre outros.

Outros moradores, contudo, percebem o veraneio como um problema social, pois ele modifica a paisagem, gera desacordos entre a população e mantém as pessoas num ciclo de dependência. Segundo o DSC 2d *“Esse foi o grande erro dos caiçaras: vender as terras que tinha e agora ser caseiro daquilo que tinha. Sobrevivem dessa renda, então a pessoa fica num ciclo que acaba precisando deles”*. Alguns moradores afirmaram que algumas das áreas de porto que foram compradas por veranistas e/ou investidores se tornaram segundas residências ou têm seus terrenos cercados, dificultando o acesso dos boneteiros à praia. O morro do Mirante da Barra, localizado ao lado esquerdo da praia e todo pertencente a pessoas externas à comunidade, tem sua área constantemente queimada (fig. 35) e *“então não cria árvore”* (DSC 2d). Segundo os moradores locais, já existe um projeto de um empreendimento imobiliário a ser erguido nesse morro. Esse grupo de entrevistados afirma, ainda, que os veranistas são os que menos contribuem para o desenvolvimento econômico do Bonete, pois eles não consomem produtos e serviços locais e, ainda, prejudicam o desenvolvimento endógeno da comunidade, pois influenciam negativamente os rumos do bairro. Segundo alguns entrevistados, *“Esses ricos que compram essas terras querem tomar o Bonete”* e subornam moradores a favor de seus próprios interesses, como a não abertura da estrada.

Ainda que tenham boas intenções, as propostas e projetos de “turistas” nem sempre são aceitas pela comunidade, justamente pelo histórico de ocupação que vem ocorrendo naquele território e que tem afetado de diferentes formas o modo de vida dos boneteiros. A crítica dirigida às intenções dos veranistas é validada pelo discurso que afirma que *“o turista não sabe que [...] entra janeiro e sai janeiro e nós estamos aqui. O turista chega no sábado e vai embora no domingo. Ele não sabe o que a gente passa na segunda, na terça, na quarta, na quinta e na sexta”* (DSC 2d).

Figura 35 – Imagens do morro do Mirante da Barra com a vegetação queimada



Fonte: Denise Scótolto, 2014.

Percebe-se, no entanto, que ambos os discursos apontam o turismo como propulsor do desenvolvimento local. Moradores comparam suas condições de vida com as de outras comunidades tradicionais e concluem que vivem muito bem e responsabilizam o turismo pela contínua melhoria da comunidade, afirmando que *“o que melhorou muito a vida das pessoas daqui foi o turismo. Então o turismo aqui no Bonete só veio para melhorar”*. (DSC 2d).

O futuro do Bonete é incerto, já que *“o futuro só pertence a Deus”* (DSC 1d). Entretanto, os entrevistados acreditam que o turismo pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento local, mas que é preciso valorizar as tradições culturais do lugar. *“Daí eu acho que se fortalecesse a cultura do Bonete teria mais desenvolvimento. Podia vim bastante melhoria, mas sem estragar a cultura do Bonete. Dá pra vim. É só a gente querer e o turismo pode contribuir”* (DSC 2d).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo tem sido entendido por muitos como uma atividade propulsora do desenvolvimento. A comunidade do Bonete, no município de Ilhabela, vem recebendo desde o final do século XX constantes fluxos de turistas interessados em usufruir de seu cenário natural, da tranquilidade ali existente e da hospitalidade de sua população.

As atividades turísticas, contudo, nem sempre resultam apenas em impactos positivos para as comunidades que as desenvolvem e, portanto, devem ser avaliadas e geridas de forma a maximizar seus benefícios e minimizar seus impactos negativos. A literatura tem apontado diferentes impactos negativos surgidos a partir da entrada do turismo em comunidades tradicionais, tais como: descaracterização da identidade cultural, dificuldade da população local em ter acesso aos meios de subsistência, subemprego, expulsão da população de seu território e degradação ambiental.

Compreender o potencial do turismo de gerar problemas e/ou soluções para comunidades implica analisar como os autóctones de comunidades receptoras de visitantes entendem sua cultura, seu modo de vida, sua identidade, sua relação com o território em que vivem e suas pretensões de desenvolvimento.

Assim, este trabalho intencionou compreender, a partir das representações sociais dos moradores do Bonete e sob a perspectiva dos estudos culturais, os processos de desenvolvimento local marcados pela inserção de atividades ligadas ao turismo, assim como as transformações da identidade cultural daquela população.

Como objetivo geral, esta pesquisa buscou identificar as representações sociais que emergiram dos discursos dos sujeitos pertencentes à comunidade do Bonete sobre as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local. O foco nos discursos dos boneteiros permitiu à pesquisadora captar como esses sujeitos se percebem e significam sua realidade e, ainda, como compreendem as relações existentes em seu grupo social.

As representações sociais orais reunidas em DSCs possibilitaram compreender as aspirações, as dinâmicas das interações sociais, as articulações e os mecanismos que a comunidade tem encontrado para promover o desenvolvimento local. Também possibilitou compreender as transformações culturais e identitárias daquele povo a partir da inserção do turismo em seu cotidiano.

A hipótese “a” desta pesquisa afirmava que o turismo tem contribuído para o desenvolvimento do Bonete; contudo, a dedicação da população local às atividades turísticas tem contribuído paulatinamente para a extinção das atividades tradicionais locais. Tal

hipótese foi confirmada. Percebeu-se, através das entrevistas cedidas por moradores locais e das observações de campo, que as atividades tradicionais relacionadas à lavoura, à roça, à pesca, à fabricação de farinha de mandioca e à confecção de canoas e de artesanatos têm sido colocadas em segundo plano e realizadas apenas por alguns poucos moradores locais. As atividades relacionadas ao turismo, contudo, têm se destacado na comunidade como geradoras de desenvolvimento e, portanto, têm sido priorizadas pela maioria das famílias boneteiras.

Ressalta-se, todavia, que a diminuição das práticas tradicionais não é reflexo apenas da inserção do turismo na comunidade. A dedicação da população do Bonete às atividades turísticas é consequência de outros fatores macroambientais que independem dos interesses dos moradores locais em manter suas práticas tradicionais, como a demarcação do PEIb em áreas que anteriormente eram utilizadas como roça; a criação de leis ambientais que proíbem a caça de animais silvestres e a derrubada de madeira para a fabricação de canoas e; a pesca industrial que diminui a quantidade de peixes nas proximidades da comunidade. Reprimidas, as atividades de subsistência foram substituídas por atividades econômicas, principalmente por àquelas ligadas ao turismo.

Corroborando Williams (1992) que entende a cultura como um sistema de significados que é comunicado, reproduzido e vivenciado, o presente trabalho também buscou identificar os aspectos culturais predominantes nessa comunidade e as relações simbólicas existentes entre essa população e o território em que vivem.

Apesar de preservarem parte de suas tradições caiçaras, as mudanças no modo de vida e de subsistência da população do Bonete refletem novas práticas e fazeres que afetam suas identidades. Novas formas de interagir com o território foram criadas, novas configurações na rede de poder surgiram e novas possibilidades de desenvolvimento local emergiram. Pescar, caçar, cuidar da roça, fabricar canoas ou cuidar exclusivamente da casa e da família já não são tarefas diárias ou comuns a todos os membros da comunidade. Mudanças na estrutura social local trouxeram necessidades e oportunidades de novos trabalhos, ao mesmo tempo em que outras atividades foram deixando de se realizar. Profissões como as de marinheiros, caseiros(as), garis, administradores(as) de meios de hospedagem, professores(as), cozinheiros(as), recepcionistas, camareiras, agentes de saúde, educadoras sociais etc surgiram ao longo das últimas décadas e modificaram, por sua vez, as relações sociais, a cultura local e a identidade dos sujeitos do Bonete.

O território e sua paisagem também sofreram modificações: a área de uso tradicional foi limitada pela demarcação do PEIb; novas construções foram erguidas para servirem de moradia para novas famílias locais ou para veranistas; pousadas, bares, restaurantes e

quiosques foram inaugurados para atender tanto à população local quanto aos visitantes; uma marina foi construída, uma vez que os ranchos tradicionais já não comportavam a quantidade de embarcações existentes no bairro; as canoas tradicionais têm sido substituídas por lanchas motorizadas; orelhões e um grande gerador a diesel passaram a fazer parte do dia-a-dia da comunidade; casas de bambu e pau-a-pique deram lugar a casas de alvenaria, etc.

Apesar de todas essas alterações, a comunidade do Bonete ainda mantém muitas das características tradicionais da cultura caiçara. Seus valores, símbolos, saberes sobre a natureza e as relações com o mar e com a família continuam existindo, ainda que outros elementos como a televisão, a *internet*, as atividades econômicas e turísticas façam parte do seu atual modo de vida.

É preciso compreender que há um processo contínuo de transformação pelo qual os grupos culturais estão sujeitos. É preciso evitar o pensamento condicionado que pretende aprisionar a cultura e a identidade como algo estático, impermeável e ‘coisificado’. Ao contrário, é preciso entender que as identidades transformam-se continuamente pela interação entre os indivíduos do próprio grupo, mas que é possível ajustar tais transformações de forma criativa, permitindo aos indivíduos desses grupos, decidirem que transformações desejam, quais características de outros grupos pretendem abraçar ou refutar e quais características de seu próprio grupo pretendem transmitir ou guardar. Estas decisões não impedem o processo contínuo de transformação dos grupos, mas minimizam rupturas drásticas e direcionam os caminhos que levarão as modificações culturais desejadas pelos grupos.

Também é preciso reafirmar o valor dado pelos boneteiros ao seu território. Percebeu-se uma forte identificação da população local com o bairro onde vivem. Essas pessoas se afirmam boneteiras porque têm naquela comunidade as referências de quem são. Não se identificam como paulistanos ou ilhabelenses. São boneteiras porque cresceram ali e criaram vínculos com sua terra, com o mar que os cercam e com seus vizinhos-parentes. São caiçaras, mas, acima dessa herança ancestral, são boneteiras, pois é no seu território que constroem diariamente seus valores e se percebem como sujeitos. É no Bonete que decidem quais atividades tradicionais devem ser mantidas vivas e quais devem ser descontinuadas, quais as atividades de lazer que mais lhes agradam, quem e quando se pode surfar nas ondas que quebram na “sua” praia, quais atividades profissionais são mais adequadas para a manutenção ou para a alteração de/para um modo de vida que lhes faça sentido, quais as relações que estabelecem com os agentes exógenos à comunidade e quais propostas de melhoria para o bairro são aproveitadas ou rejeitadas. Assim, esta pesquisa também pretendeu identificar as estratégias que essa comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local.

Os homens se preocupam em aprender como o modo de vida de outros homens pode convergir em lazer, comunhão e melhoria da sua própria qualidade de vida. Os homens também se preocupam, de maneira solidária, em introduzir propostas, projetos e programas que melhorem a qualidade de vida de outros homens. Todavia, propostas de desenvolvimento local devem estar pautadas no entendimento que os sujeitos têm de si mesmos, nas representações que têm do mundo em que vivem e nos desejos, necessidades, capacidades, habilidades e potencialidades percebidas pelo conjunto de sujeitos que formam uma sociedade.

O desenvolvimento local do Bonete ocorre segundo as formas de organização e participação lá existentes e conforme o aproveitamento dos apoios externos oferecidos por organizações sociais e por órgãos públicos. A comunidade conta com duas associações de bairro, a Associação Bonete Sempre e a Assobi, com o Instituto Bonete para a Sustentabilidade e com a ong Casa do Zezinho, voltada ao atendimento de crianças, além das eventuais parcerias com agentes externos. Percebeu-se, contudo, a baixa participação da comunidade nos assuntos que afetam o bairro como um todo. Cursos, palestras e treinamentos despertam o interesse de poucos moradores locais e, portanto, costumam ser descontinuados por falta de quórum. As atividades das organizações locais não são percebidas como relevantes por parte dos moradores, ainda que seus gestores tenham afirmado os benefícios dos trabalhos realizados por suas instituições. Ressalta-se ser de extrema importância que tais instituições encontrem formas mais assertivas de comunicar aos moradores locais quais são os seus reais objetivos e criar mecanismos de escuta e de efetiva participação da comunidade nas decisões sobre seu futuro.

Moradores divergem sobre quais são os caminhos mais eficazes para o desenvolvimento da comunidade e divergem, sobretudo, sobre que tipo de mudanças pretendem para o Bonete; não obstante, são poucos os que se mobilizam a fim de alcançar seus objetivos de desenvolvimento. Divergências sobre a melhor forma de se conseguir energia elétrica constante no bairro, sobre uma possível estrada que ligue o bairro do Bonete ao bairro do Borrifos, sobre que tipo de turismo é o mais promissor para a comunidade, entre outros temas são recorrentes entre os moradores locais; entretanto, esses assuntos dificilmente são discutidos formalmente pela coletividade de moradores. As poucas reuniões que acontecem são conduzidas pela Associação Bonete Sempre e resultam, segundo alguns entrevistados, em longas discussões e em poucas resoluções, culminando no desinteresse dos moradores em participar das decisões que os afetam.

A pouca articulação comunitária implica a tomada de decisão sobre os rumos da comunidade pelos poucos atores sociais que estão interessados em defender seus ideais de desenvolvimento. A Associação Bonete Sempre é a única associação de bairro local formalizada e, apesar de não contar com o apoio da totalidade da população, conta com membros de diversas famílias locais e com o apoio do Instituto Bonete e de veranistas. Essa associação tem trabalhado principalmente para resolver o problema da falta de energia elétrica na comunidade sem que, para isso, seja necessária a abertura de uma estrada ou a recategorização do bairro de zona rural para zona urbana. Apesar da pouca participação comunitária, a pauta da recategorização do zoneamento local despertou, em alguns boneteiros, o ímpeto para discutir os rumos de sua comunidade e para pleitear a manutenção do zoneamento atual. A Associação Bonete Sempre também atua pressionando órgãos públicos municipais, visando à melhoria dos serviços básicos de saúde e educação, entre outros.

De forma geral, o desenvolvimento local da comunidade não é percebido como sinônimo de desenvolvimento econômico. A população entende ser relevante o desenvolvimento econômico desde que esse não coloque em risco a tão valorizada paz, tranquilidade e liberdade existente atualmente na comunidade. Assim, empreendedores individuais e/ou iniciativas familiares iniciam pequenos negócios capazes de gerar renda para sua família e muitos moradores se posicionam contrários ao turismo massificado que pode surgir a partir da abertura de uma estrada e da implantação de grandes empreendimentos hoteleiros e imobiliários.

Isto posto, o atual desenvolvimento Bonete tem ocorrido segundo o sucesso ou fracasso das articulações feitas pelas instituições locais e pelas iniciativas individuais e familiares daqueles que aspiram ter condições econômicas para continuarem vivendo naquele território. Durante a pesquisa, foi possível perceber a pouca atuação da prefeitura municipal como parceira do desenvolvimento daquela comunidade. Alguns dos problemas de infraestrutura básica têm sido parcialmente resolvidos pelos próprios moradores ou por doações de terceiros; contudo a comunidade ainda sofre com a falta de saneamento básico e de energia elétrica, com os precários e insuficientes serviços na área de saúde e com a pequena quantidade de professores especializados.

A população do Bonete tem visto, por vezes, seus interesses de desenvolvimento colocados à margem dos interesses daqueles que detêm poder político ou recursos financeiros para delinear os rumos desse território. As desavenças entre parte da população e a prefeitura local são reflexos das tentativas do poder municipal em determinar quais, como e quando certos serviços serão oferecidos à comunidade, ainda que tais decisões atropelem os anseios

dos boneteiros sobre que tipo de desenvolvimento pretendem para sua comunidade. Tal prática vai na contramão daquilo que se discutiu na revisão de literatura deste trabalho sobre desenvolvimento local, principalmente sobre desenvolvimento local endógeno e emancipatório. É fundamental que a comunidade do Bonete receba os serviços mínimos que entendem como seus direitos e, ainda, que receba apoio e assistência para desenvolver sua comunidade segundo suas pretensões e vocações, considerando as habilidades, as competências e as capacidades já existentes ou latentes em seus moradores.

O desenvolvimento local endógeno tem como referência as características sociais, ambientais, culturais e econômicas de um determinado local e são essas características que suportarão o estabelecimento das relações mais adequadas às mudanças positivas no local.

A vocação turística do Bonete tem atraído diferentes tipos de visitantes, possibilitando que a comunidade vivencie alguns dos benefícios econômicos e sociais que as atividades turísticas proporcionam, incluindo a geração de trabalho e renda e a implantação de infraestrutura turística que também beneficia a comunidade local. Moradores locais têm investido suas economias e esforços na criação de produtos e serviços que atendam aos visitantes e que resultem em renda para suas famílias. Cabe ressaltar, todavia, que tal vocação turística, somada às características naturais e culturais do Bonete, tem culminado em um expressivo aumento da especulação imobiliária e, como consequência, outros impactos negativos têm surgido na comunidade. Assim, este trabalho também teve como objetivo específico compreender a relevância do turismo para a comunidade do Bonete.

Foi possível concluir que o turismo é atividade relevante para a maioria dos entrevistados. Através das atividades turísticas, os habitantes do Bonete compõem suas rendas, garantem o sustento de suas famílias e adquirem produtos que consideram adequados para a melhoria da sua qualidade de vida. Os entrevistados reconhecem o turismo como atividade promotora do desenvolvimento do bairro. Mesmo aqueles que não trabalham diretamente com o turismo e que não dependem da renda vinda a partir da prestação de serviços turísticos reconhecem a importância do turismo para o Bonete. O turismo é visto como atividade promotora de diversos benefícios e os entrevistados não identificam malefícios provenientes das atividades turísticas. Problemas pontuais, como lixo e barulho, foram apontados; entretanto, esses problemas têm sido minimizados através da coleta de lixo e da orientação dos boneteiros aos turistas. Outros problemas, como a sazonalidade do turismo e os impactos negativos do veraneio também foram levantados.

Também foram levantadas outras duas hipóteses: a hipótese “c” afirmava que o veraneio que ali ocorre tem comprometido o desenvolvimento da comunidade e a hipótese “b”

afirmava que a valorização das atividades tradicionais pudesse contribuir para o aumento do fluxo turístico em períodos de baixa estação e, conseqüentemente, para a promoção do desenvolvimento local

A hipótese “c” foi construída a partir da perspectiva de que a especulação imobiliária e o veraneio concentram o capital, fragilizam a identidade cultural das populações tradicionais e podem diminuir a qualidade de vida dos munícipes. Todavia, não é possível afirmar que o veraneio seja um fator comprometedor do desenvolvimento do Bonete uma vez que essa comunidade encontra-se num momento de intensa discussão sobre os rumos do desenvolvimento que pretende seguir, principalmente após os episódios de manifestação contra a recategorização do zoneamento local. Outros fatores que não o veraneio, principalmente aqueles relacionados à pouca atuação do poder público, à divergência de opiniões e à falta de união da comunidade, foram apontados pelos entrevistados como os principais responsáveis pelas atuais dificuldades em se alcançar alguns dos objetivos de desenvolvimento. Todavia, os entrevistados reconhecem os impactos culturais causados pela entrada de turistas e veranistas na comunidade. Segundo os entrevistados, a venda de terrenos de autóctones para veranistas e investidores modificou, há anos, o modo de vida local, principalmente no que diz respeito à diminuição das atividades tradicionais; contudo, a influência do veraneio na comunidade é, atualmente, percebida pelos entrevistados a partir dos esforços dos veranistas em contribuir ou não com recursos financeiros e em impedir ou apoiar a implantação de infraestrutura básica na comunidade. Alguns entrevistados entendem os veranistas como amigos e adoradores do Bonete, colaboradores do desenvolvimento e patrocinadores/financiadores de recursos que favorecem a comunidade. Outros entrevistados afirmam que os veranistas disputam aquele território com os autóctones, subjagam a cultura local, não contribuem economicamente com a comunidade e exercem influências para que o desenvolvimento do lugar não aconteça, numa tentativa de assegurar seus interesses de desfrute e de descanso em uma comunidade isolada e tranquila.

A hipótese “b” foi elaborada a partir dos referenciais teóricos sobre turismo de base comunitária. Entende-se que a comunidade pode gerir as atividades turísticas conforme seus objetivos de desenvolvimento e segundo seus atrativos naturais e culturais, principalmente aqueles relacionados à identidade cultural.

Apesar de os entrevistados afirmarem que o turismo tenha contribuído para a diminuição das manifestações materiais da cultura tradicional boneteira, os entrevistados acreditam que o turismo possa fortalecer algumas das tradições locais. Isso porque os entrevistados afirmam que as características culturais do Bonete são percebidas como

relevantes pelos turistas e que estes se preocupam em mantê-las vivas e gostariam de ter maior contato com determinadas atividades tradicionais. Ainda que a *praia* do Bonete seja percebida pelos boneteiros como o principal atrativo para visitantes, a comunidade possui características culturais únicas e capazes de despertar o interesse de outros públicos além daqueles interessados em apenas tomar sol e banhos de mar. O desenvolvimento de diferentes atividades no ambiente natural ou de cunho cultural e esportivo pode fomentar o crescimento da demanda de visitantes interessados em aspectos pouco explorados pela comunidade e pode, ainda, aumentar o fluxo de turistas durante o período de baixa temporada. Exemplos dessas atividades são: as rodas de conversa com histórias daquele povo, o tráfego de farinha, a confecção de peças de artesanato e de pequenas canoas e remos, oficinas de leitura e elaboração de pasquim²⁰, oficinas de culinária caiçara, trilhas guiadas para observação da flora e da fauna local, atividades outdoor para equipes de empresas e atividades relacionadas ao surfe.

O turismo, ainda que não tenha sido planejado coletivamente, tem contribuído com o desenvolvimento local. Os esforços endógenos de indivíduos e famílias no planejamento e operação de pequenos empreendimentos turísticos têm se apoiado nas potencialidades locais e nas capacidades e habilidades dos autóctones em realizar atividades capazes de atender à demanda de visitantes. As intervenções exógenas, como cursos e oficinas, não têm sido bem aproveitadas pelos moradores, fazendo-os perder a oportunidade de aprimorar seus pequenos negócios, ou ainda, de gerir coletivamente algumas das atividades turísticas locais. Apesar de seu potencial latente, a comunidade do Bonete precisa, ainda, se tornar mais participativa durante os processos que envolvem o desenvolvimento de seu território, desde o planejamento até a execução e gestão das atividades que entendem como capazes de promover a melhoria de sua qualidade de vida. Reafirma-se, todavia, que a recorrente falta de apoio do poder público tem enfraquecido o tecido social, uma vez que muitas das soluções percebidas pela população local dependem da ação de órgãos externo à comunidade.

Por fim, conclui-se que a identidade e a cultura dos sujeitos moradores do Bonete são reflexos das imagens que esses sujeitos têm de si e, portanto, são construídas e construtoras por/de sua história, suas famílias, seus saberes e fazeres, organizações locais e relações sociais internas com agentes externos à comunidade. Assim, a identidade cultural dos boneteiros é transformada continuamente, gerando novas perspectivas de mudança social, novas aspirações de desenvolvimento e novas atividades capazes de fazer com que a população alcance a

²⁰ O pasquim era prática comum no Bonete em meados do século XX.

qualidade de vida que deseja. O turismo tem se apresentado como uma dessas atividades e o Bonete tem potencial para aproveitar os benefícios do turismo. Resta à comunidade se organizar em torno de um projeto comum que valorize sua identidade e que fomente suas características culturais e naturais. Para tanto, é preciso fortalecer as lideranças locais, envolver diferentes atores sociais locais e criar parcerias efetivas com alguns agentes exógenos, incluindo o poder público municipal, a fim de se construírem o futuro almejado para o Bonete.

REFERÊNCIAS

- ALFONSO, M. J. P. e LÓPEZ, D. G. *Impactos socioculturales en el turismo comunitario: una visión desde los pueblos implicados (Selva Lacandona, Chiapas, México)*. Chiapas (México): Editorial AguaClara, 2010.
- ALMEIDA, G. *Gentílicos do Brasil: uma investigação discursiva*. Anais do II Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito. nº2, Niterói, 2013; Niterói: Universidade Federal Fluminense. p. 56-65.
- ARNSTEIN, S. *Ladder of citizen participation*. Journal of American Planning, v.35, n.4, 1969.
- ÁVILA, V.F. *Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local*. Sobral-CE: Edições Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2006.
- _____. *Noções básicas sobre o desenvolvimento local endógeno emancipatório* [suporte eletrônico]. Campo Grande: [sn], 2011. [acesso 22 março 2013]. Disponível em <<http://www.desenvolvimento-localvfa.com.br/textos/nocoebasicasemancipatorio.pdf>>.
- BARRETTO, M. *Planejamento e organização do turismo*. Campinas: Papirus, 1991.
- BOSI, A. Cultura como Tradição. In BORNHEIM, G. et al. *Cultura Brasileira, Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Funarte, 1987.
- BRANDÃO, A.C. *Territórios & Desenvolvimento: As múltiplas escalas entre o local e o global*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2007.
- BRANDÃO, C.R. *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- BREITBACH, A.C.M. A Experiência de Desenvolvimento Local nos Municípios da Região de Caxias do Sul (RS): diversificação ou especialização? In FAURÉ, Y. A.; HASENCLEVER, L. *O desenvolvimento local no Estado do Rio de Janeiro: Estudos avançados nas realidades municipais*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.
- BUARQUE, S.C. *Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CANCLINI, N.G. Diferentes, desiguais o desconectados. In: *Revista CIDOB D'afers Internacionals*. Outubro 2004, vol.66-67, p. 113-133.

CÂNDIDO, G.A. Experiências de desenvolvimento local na Paraíba: o caso do programa Pacto Novo Cariri. In FAURÉ, Y. A.; HASENCLEVER, L. *O desenvolvimento local no Estado do Rio de Janeiro*. Estudos avançados nas realidades municipais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Campinas-SP: Papirus, 1995.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Os limites do desenvolvimento e do turismo. *Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* [suporte eletrônico], 2003, vol. 1, nº 2, p. 161-171. [Acesso 01 maio 2013]. Disponível em < <http://www.pasosonline.org/Publicados/1203/PS040603.pdf>>.

_____. *Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança*. Coriolano. Fortaleza. EdUECE, 2009.

_____. A contribuição do turismo ao desenvolvimento local. In PROTUGUEZ, A.P. et al. *Turismo, espaço e estratégia de desenvolvimento local*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras. *Série documentos e relatórios de pesquisa*, nº 5. São Paulo: NUPAUB/USP, 1988.

_____. Enciclopédia Caiçara. vol. 4. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2005.

_____. Aspectos Sociais e Culturais do Uso de Recursos Florestais da Mata Atlântica. In: SIMÕES, L. L. e LINO, C. F. (orgs.). *Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisa qualitativa. *Educar*. Outubro 2004, nº 24, p. 213-225.

EAGLES, P.F.J.; MCCOOL, S.F.; HAYNES, C.D.A. *Sustainable Tourism in Protected Areas: Guidelines for Planning and Management*. IUCN: Gland, Switzerland and Cambridge, 2002.

EAGLETON, T. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

EMBRATUR. *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo*. Publicação do grupo de trabalho interministerial MICT/MMA. Brasília: Embratur/Ibama, 1994.

FAURÉ, Y.A. e HASENCLEVER, L. (org). *O desenvolvimento local no Estado do Rio de Janeiro*. Estudos avançados nas realidades municipais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

_____. *Caledoscópio do desenvolvimento local no Brasil: Diversidade das abordagens e das experiências*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

FAURÉ, Y.A., *et al.* Configurações produtivas locais e desenvolvimento municipal: explorações no interior fluminense. In FAURÉ, Y. A.; HASENCLEVER, L. *O desenvolvimento local no Estado do Rio de Janeiro*. Estudos avançados nas realidades municipais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

FERRARI, A. e MEDEIROS, V. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício. In *Revista da ANPOLL*, Janeiro/Julio 2012, nº32, p.81-105.

FIGUEIREDO, M.Z.A; *et al.* Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta qualiquantitativa. In *Distúrbios da Comunicação*. Abril, 2013, nº 25, p.129-136.

FURTADO, C. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas* [suporte eletrônico], São Paulo, v. 35, n. 3, 1995. [acesso 04 fevereiro 2015]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm=iso>.

HAESBAERT, R. *O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. Quem precisa de identidade. In SILVA, T.T. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. São Paulo: Editora DP & A, 2007.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Declaração do México. [suporte eletrônico], [S.l.]: [sn], 1985. [acesso 13 fevereiro 2013]. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=255>>.

Instituto Ilhabela Sustentável. Mapeamento dinâmico da situação da criança e do adolescente da estância balneária de Ilhabela (SP): relatório da primeira fase do projeto. Ilhabela. 2012

Instituto Visão Futuro. *Histórico do FIB*. [suporte eletrônico], [acesso 11 fevereiro 2015]. Disponível em <<http://www.visaofuturo.org.br/pdfs/2/Hist%C3%B3rico%20do%20FIB.pdf>>.

LEFEVRE, F., e LEFEVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. 2a ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

_____. O sujeito coletivo que fala. In *Interface Comunicação, Saúde, Educação* [suporte eletrônico], [S.l.], vol. 10, n° 20, p.517-24, 2006. [acesso 02 fevereiro 2013]. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832006000200017&lng=en&nrm=iso>.

_____. *Pesquisa de Representação Social: um enfoque quali-quantitativo*. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012. Série Pesquisa, n° 20.

Litoral Sustentável. *Diagnóstico Urbano Socioambiental*. São Paulo: Instituto Polis, 2013. Relatório Regional.

_____. *Turismo, segurança alimentar e nutricional e segurança pública*. São Paulo: Instituto Polis, 2014. Cadernos Temáticos.

Loucos Por Praia. *Praia do Bonete* [suporte eletrônico]. 1 fotografia aérea. [acesso em 15 mar. 2014]. Disponível em: <<http://www.loucosporpraia.com.br/praiado-bonete-ilhabela/>>.

LOPES, L.P. da M. *Identidades Fragmentadas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

LINS, H.N. Desenvolvimento Local em Santa Catarina: um breve perfil da pesquisa. In FAURÉ, Y. A.; HASENCLEVER, L. *O desenvolvimento local no Estado do Rio de Janeiro: Estudos avançados nas realidades municipais*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

MARTINS, C. Identidade: percepção e contexto. In MARTINS, C. *Turismo, Cultura e Identidade*. São Paulo: Roca, 2003.

MENDONÇA, T. C. M. *Turismo e Participação comunitária: Prainha do Canto Verde: a “Canoa” que não quebrou e a “Fonte” que não secou*. Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MENEGUIN, F. *Como construir um indicador de desenvolvimento sustentável?* [suporte eletrônico]. 2013. [acesso 11 fevereiro 2015]. Disponível em < <http://www.brasil-economia-governo.org.br/2013/02/25/como-construir-um-indicador-de-desenvolvimento-sustentavel/>>.

MICHAELIS: pequeno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIELKE, E.J.C. *Desenvolvimento Turístico de Base Comunitária: uma abordagem prática e sustentável*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

MILLS, W.C. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MINAYO, M. C. S e DESLANDES, S. F. *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

MUSSOLINI, G. *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.

NEVES, B.A.C. Patrimônio cultural e identidades. In MARTINS, C. *Turismo, Cultura e Identidade*. São Paulo: Roca, 2003.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração* [suporte eletrônico], São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. [acesso 04 fevereiro 2015]. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>.

OLIVEIRA, P.S. *Cultura Solidária em Cooperativas: projetos coletivos de mudança de vida*. São Paulo: EdUSP, 2006.

Organização das Nações Unidas. Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. [suporte eletrônico], [S.l.]: [sn], 1987. Relatório Brundland. [acesso 25 abril 2013]. Disponível em <<http://futurocomum.spruz.com>>.

ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PANOSSO NETO, A. e PIERI, V.S.G. *O lugar do turismo no sistema nacional*. Rio de Janeiro: CENEGRI – Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais, 2013.

PEREIRA, F.R.S. *et al. Avaliação do impacto antropogênico no litoral norte de São Paulo utilizando técnicas de geoprocessamento*. XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. 25-30 abril 2009; Natal, Brasil: INPE. Anais. p. 4223-4230.

PIRRÓ, M.S.A. *Relatório Socioambiental das Comunidades Tradicionais Caiçaras do Arquipélago de Ilhabela: impactos do projeto de saneamento ambiental nas comunidades contempladas*. Ilhabela-SP: Projeto Bela Ilha, 2008.

Portal do Desenvolvimento. [suporte eletrônico]. [acesso 01 mai. 2013]. Disponível em <<http://www.portaldodesenvolvimento.org.br/institucional/>>.

PORTUGUEZ, A.P et al. *Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

QUEIROZ, A. *Entrevista sobre o roteiro de turismo de base comunitária do Bonete*. [mar. 2014]. Entrevistador: D. Scótoló. São Paulo, 2014. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

RUQUOY, D. Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In ALBARELLO, L. et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1997.

RODRIGUES, A.B. *Turismo Desenvolvimento Local*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RUSCHMANN, D. e SOLHA, K. T. *Planejamento turístico*. São Paulo: Manole, 2006.

SALVADOR, M.C.C; PEDROSO, R.; BASTOS, F.B. *Projeto de turismo de base comunitária: comunidade tradicional do Bonete, Ilhabela (SP)*. Revista Brasileira de Ecoturismo. São Paulo, v.6, n.5, nov-2013/jan-2014, pp.1052-1069.

SANTOS, V.C. Populações tradicionais litorâneas: o modo de vida caiçara. *Revista de Geografia* [suporte eletrônico]. 2013, v.2, n^o2, p. 1-6. [Acessado em 10 fevereiro 2015]. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistageografia/files/2013/12/Artigo-09-Revista-Geografia-Nov2013.pdf>>.

SCHOLZ, R.W. e TIETJE, O. *Embedded case study methods: integrating quantitative and qualitative knowledge*. California: Sage Publications, 2002.

SCÓTOLO, D. e PANOSSO NETTO, A. *Iniciativas de Turismo de Base Comunitária no Bonete, Ilhabela, São Paulo, BrasiL*. IX Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. 9-12 novembro 2014; Juíz de Fora, Brasil: UFJF. Anais. p.1-13.

SÊGA, R.A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90* [suporte eletrônico]. Julho 2000, n^o13, p. 128-133. [Acessado em 24 março 2014]. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>.

SEGRERA, Francisco Lópes. Alternativas para a América Latina às vésperas do século XXI. In: HELLEN, Agnes et al. *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro. Contraponto. 1999.

SILVA, M.B. *Consumo alimentar na Comunidade Caiçara da Praia do Bonete, Ilhabela, São Paulo*. Campinas – SP: Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, 2006. 122 p. Dissertação de Mestrado em Ecologia.

SILVA, T.T. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

SÍTIO São Francisco. *Mapa da região do litoral norte de São Paulo*. Disponível em <http://www.sitiosaofrancisco.org.br/cdr/files/Ositio_textos/aspectos_historicos.htm>. Acesso em 25 mar. 2014.

SOUZA, M.J.L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In RODRIGUES, A. B. *Turismo. Desenvolvimento Local*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA, S.M.R. *A emergência do discurso do agrônomo e a expansão da atividade canavieira: estratégias discursivas para a ação do capital no campo*. Presidente Prudente-SP: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2011. 275 p. Tese de Doutorado em Geografia.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TONETO, L.C. *Bumba Meu Boi e suas manifestações urbanas: uma análise a partir dos estudos culturais*. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2014. 88 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais.

TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

TURNER, G. *British Cultural Studies: an introduction*. London: Routledge, 1996.

WERTSCH, J. *Voices of the mind*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1991.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WWF-BRASIL. *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. Publicação do Programa de Turismo e Meio Ambiente do WWF Brasil. Brasília: WWF Brasil, 2003.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4ed. Porto Alegre,RS: Bookman, 2010.

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: **Identidade Cultural, Turismo e Desenvolvimento Local na Comunidade do Bonete, Ithabela – SP, Brasil.**

Meu nome é **Denise Scótolto**, sou mestranda no **Programa de Estudos Culturais** da Universidade de São Paulo - **USP** e responsável pela realização desta pesquisa.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que está em **duas vias** de igual teor. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de **dúvida sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato comigo pelo e-mail **denisescotolo@usp.br** ou pelo telefone **(11) 95288-5353**. Você será **esclarecido(a)** sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar.

O **objetivo** desta pesquisa é identificar as representações sociais existentes na comunidade do Bonete sobre sua identidade cultural, sobre o turismo e sobre seu desenvolvimento local e, ainda, sobre como estes três temas se relacionam.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de **entrevista**. A entrevista terá duração aproximada de 30 minutos e será gravada em gravador digital para posterior transcrição.

Sua participação é **voluntária**, isto é, o Sr.(a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras** por participar desta pesquisa.

O **benefício** relacionado à sua participação será o de aumentar o conhecimento científico para as áreas das Ciências Sociais, Turismo, Geografia e de outras áreas interessadas em compreender a dinâmica existente em comunidades tradicionais, a exemplo do Bonete, para colaborar com o desenvolvimento de mecanismos que visem a melhoria da qualidade de vida de suas populações.

Toda pesquisa possui riscos mínimos potenciais. Esta pesquisa pode envolver risco de constrangimento ou risco de dano emocional por razão de alguma pergunta feita durante a entrevista, portanto, a qualquer momento você poderá **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou **desistir** de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição na qual você trabalha.

A pesquisa terá **duração** de 2 anos, com o término previsto para outubro de 2015. A pesquisadora se compromete a deixar uma **cópia do resultado final da pesquisa** para a comunidade na Associação Comunitária que a represente até dezembro de 2015.

O Sr.(a) pode **permitir ou não permitir** o uso de seu nome ou material que **identifique sua participação** nesta pesquisa, assinalando uma das opções abaixo:

- Permito ser identificado como participante desta pesquisa.
- Permito que apenas as iniciais do meu nome apareçam nesta pesquisa.
- Não permito ser identificado nesta pesquisa, solicitando que meu nome seja substituído por outro, de forma aleatória.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Recebi uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

_____, ____ de _____ de 2013.

Participante da pesquisa:

Nome: _____

RG: _____

Responsável pela pesquisa:

Nome: _____

RG: _____

APÊNDICE B
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu _____, CPF _____, RG _____,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, a pesquisadora **Denise Scótolo**, responsável pela pesquisa intitulada “**Identidade Cultural, Turismo e Desenvolvimento Local na Comunidade do Bonete, Ilhabela, SP, Brasil**” a realizar as **fotos** que se façam necessárias e/ou a colher meu **depoimento** sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos e/ou depoimentos para **fins científicos e de estudos** (livros, artigos, slides e transparências), em favor da responsável pela pesquisa, acima especificada, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 196/96.

_____, ____ de _____ de 20____

Pesquisador responsável pelo projeto

Sujeito da Pesquisa

Responsável Legal

APÊNDICE C

INSTRUMENTO DE ANÁLISE A

Quadro 11 – Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões A: Identificar as características da identidade e da cultura local, assim como as proximidades do entrevistado com essa cultura e seu senso de pertença ao território

Sujeito	Discurso individual, <u>expressão-chave utilizada</u> , (ideia central) e ancoragem .
S1	<p>(1) <u>Eu sou Boneteira</u>. Eu sou filha de Boneteiro mesmo, então eu acho que sei bastante coisa sobre o lugar. Eu moro bem aqui no centro. Tudo o que acontece eu sei. Às vezes eu nem saio da minha casa e a notícia chega lá.</p> <p>(1) <u>Quando a gente vai daqui lá para frente da Ilha, a gente fala assim: “Eu vou para Ilhabela”</u>. Só que eu estou em Ilhabela <u>A gente faz com que o Bonete seja o nosso município. Dá impressão que a gente é só Bonete. Então a gente fala boneteiros, a gente não fala ilhabelense, nunca</u>. Você não vai ouvir de nenhum boneteiro isso. De ninguém que mora aqui! É considerar esse aqui o nosso lugar. <u>Essa é nossa terra, entendeu?</u></p> <p>(13) Eu sou professora. Eu dou aula há 12 anos na escola aqui e (9) eu também trabalho com a pousada.</p> <p>(10) <u>Aqui tem bastante gari</u>. Eles acabam batendo um com o outro aí sem ter o que fazer, porque tem bastante gari. <u>Pra uma comunidade pequena igual essa, deve ter uns 13 (risos)</u>. E eles varrem rua e cuidam da trilha pra não fechar. <u>Então o serviço deles é fazer a manutenção do bairro. É do que as pessoas vivem</u>. (11) E de caseiro, porque <u>tem muitos que trabalham como caseiro</u>.</p> <p>(1) <u>Eu gosto de viver aqui</u>. (6) <u>Tem hora que eu tenho vontade de sair, mas (5) eu tenho muito medo de cidade, porque na cidade tem muita violência. A droga é uma coisa muito forte na cidade. Aqui tem, não vou dizer que não tem</u>. Tem bastante droga, mas você sabe quem é que usa, quem não usa. Dá para você saber e diferenciar. Eu posso chegar pra minha filha e falar: “Olha não vai em tal lugar, não são legais essas pessoas”. <u>A gente acaba conseguindo diferenciar</u>, mas em cidade não. Em cidade a violência é muito forte, então eu tenho medo disso. (3) <u>No Bonete as crianças são livres. Na cidade já não são. Eu tenho medo disso. Mas em compensação, tem uma limitação a respeito de estudo</u>. É diferente, por exemplo, aqui as crianças vão até o oitavo ano super bem, porque os professores se empenham bastante. No ensino médio os professores já vêm de lá. É bom, mas tem um ou dois professores para dividir todas as matérias e <u>a gente sabe que a qualidade não é igual. Não tem professores específicos para a matéria. Quando chega no ensino médio, que são muitas matérias importantes, são 1 ou 2 professores pra dividir. Ai você sabe que a qualidade cai</u>. Não tem como. Por exemplo, o professor de língua portuguesa que não tem afinidade com matemática, vai ter que dar matemática e então a qualidade cai. Em alguma matéria não vai sair bem feito. (6) E aí isso faz com que a gente pense em ir pra parte mais de cidade, pra dar um estudo melhor. (25) <u>E saúde também, porque a saúde aqui é um postinho e agora a gente tem, graças à Deus, uma enfermeira. Mas antes nem tínhamos isso</u>. E aí, quando alguém fica doente e o mar tá bravo, como é que se faz? (5-6) <u>Então são essas coisas que faz com que a gente pense em sair, mas a violência lá fora faz com que a gente pense em ficar</u>.</p>

S2	
S3	<p>(1) <u>Sou boneteira. Tenho orgulho de ser daqui. (1) Ser boneteira é ter uma vida simples, com as coisas simples que tem aqui, (3) o sossego, a paz. Acho que é isso. Não sei... Acho que é isso. A gente não busca a felicidade nas coisas materiais.</u></p> <p>(1) <u>Gosto muito de viver aqui. (2) Não trocaria aqui por nada. Já viajei para alguns lugares e não trocaria</u></p> <p>(2) <u>Eu acho que se não tivesse turismo eu ficava aqui do mesmo jeito.</u></p> <p>(16) <u>Eu acho que não tem coisa melhor que o surfe! É muito bom!</u></p>
S4	<p>(1) <u>Eu nasci aqui. Nasci aqui e nunca sai daqui. Eu sou uma boneteira mesmo. (1) Eu acho que uma boneteira mesmo, é quando a pessoa cresce no lugar, passando as mesmas dificuldades que agente passa aqui. Isso é ser boneteiro. (1) É gostoso!</u></p> <p>Ah, <u>alguns vivem do (9) turismo, outros vivem da (12) pesca e outros são (11) caseiros do pessoal de fora. Por exemplo, (11) meu esposo cuida de uma casa, (10) o meu pai trabalha na prefeitura, (12) tenho irmãos que vivem da pesca, (12) tios que vivem da pesca e (9) uns que dependem dos turistas pra poder ter dinheiro.</u></p> <p>(6) <u>No começo eu pensei em sair daqui para achar um recurso um pouco melhor, (5) só que ao mesmo tempo a gente pensou na violência que a gente acaba vendo e esse mundo lá fora não dá para confiar, (5) então eu não tenho vontade de sair daqui. (5) Não é que eu não tenho vontade, é que eu tenho medo. Daí eu prefiro ficar aqui.</u></p> <p>(3) <u>O Bonete é silencioso. Você só escuta o barulho do mar, dos pássaros, das galinhas. Na cidade você escuta muita buzina, então é muito chato (risos). É muita gente, é muito carro, é ônibus, é caminhão... Eu, por exemplo, quando eu saio de casa já fico um pouco irritada.</u></p> <p>(25) <u>Antigamente a gente era bem mais pobre. A população agora deu uma enriquecida, então é difícil alguém ficar sem comida em casa. (7) E aí a população uma ajuda a outra. Se na minha casa não tem, eu vou na casa do meu vizinho e meu vizinho empresta. Empresta arroz e feijão.</u></p> <p>(7) <u>A gente faz uma compra para dar para o mês todo Daí as vezes falta, então vamos na casa do vizinho e se o vizinho tem, a gente fala “Semana que vem, se der, a gente vai comprar e aí a gente já te paga”. E assim a gente vai fazendo.</u></p> <p>(21) <u>Eu comia muita sopa d’água quando era pequena. Minha mãe, quando não tinha arroz e feijão ela fazia uma sopa d’água. Ela colocava farinha que a gente faz, misturava com água e aí ficava uma sopa d’água. Daí ela fritava o peixe e dava para a gente comer no lugar do arroz e do feijão.</u></p> <p>(22) <u>A gente vai na igreja evangélica, no Ministério de Provetá. Lá tem o grupo de jovens, das crianças e o circulo de oração.</u></p>
S5	<p>(11) <u>Eu trabalho pra um homem lá de São Paulo, que tem um terreno, eu limpo o terreno dele, e (9) trabalho na pousada. Eu já nasci trabalhando. Eu gosto de trabalhar. Não gosto de ficar parado.</u></p> <p>(1) <u>Sou Boneteiro caçara. (1) Eu gosto muito daqui. (4) Eu já fui para São Paulo, mas não acostumei. Tive que voltar rápido. (3) Aqui é mais sossegado. Não tem aquele barulho de carro, aquele movimento todo e aqui a gente respira um ar mais puro, né? É melhor. Tem pouco movimento. (1) A gente vive melhor, né? (2) E Eu não tenho vontade de viver em outro lugar, de jeito nenhum.</u></p> <p>(3) <u>Aqui, no verão, você pode dormir com tudo aberto, com a porta, janela, tudo aberta. (21) Quando tá muito calor no verão, a gente pega um colchão e leva para a</u></p>

	<p>praia e dorme na praia. Só vem de manhã. Quando o dia tá clareando eles vem pra casa deles. Dormem na praia, aí. <u>Você vai na praia de noite, é só gente dormindo. E é gostoso! E não tem nenhum borrachudo. Nem pernilongo não tem a noite.</u></p> <p>(1) <u>Viver aqui é muito bom! (19) Principalmente no verão. No inverno não é tão bom, mas no verão é melhor. No verão a gente tem um meio de ganhar um dinheirinho a mais. No inverno é só mesmo o salariozinho e pronto.</u> Não tem mais como ganhar um dinheiro avulso. (12) <u>No verão a gente vende uma lulazinha lá na praia e já dá para ganhar um dinheirinho a mais.</u> E vende aqui mesmo! A gente vende <u>nas pousadas.</u> (14) No inverno não tem lula nenhuma, porque no inverno o mar é bravo e ela sai pra fora, e aí é difícil de pegar. E a água também é muito turva, e no verão a água é bem limpa. <u>Eu pesco lula, pesco garoupa também,</u> porque aqui tem garoupa também no verão.</p> <p>(14) <u>Pego lagosta também quando é tempo de pegar, porque tem um tempo, que é da desova, que não pode. A gente respeita a desova, né.</u> Então não pode pegar. Então é isso aí, (19) no verão dá para pegar essas coisas assim e ganhar um dinheirinho a mais.</p> <p>(14) <u>Aqui cada um tem um rancho. Agora é que tem bastante gente que não tem, porque não tem lugar de fazer mais. O rancho tem 10,5m e a canoa tem 9,5m.</u></p> <p>(22) <u>Eu sou membro da igreja Assembleia de Deus, Ministério dos Santos. Do Pastor Benedito. Nós somos membros da igreja. Gosto de fazer parte. Minha família toda é evangélica.</u></p> <p>(2) <u>Pretendo sempre estar morando aqui. Não pretendo sair porque (1) acostumei muito aqui.</u> A minha família mora aqui e aqui é legal pra caramba. Minha família mora aqui e a gente mora pertinho da igreja.</p> <p><u>O meu sonho é aposentar e parar um pouquinho de trabalhar.</u> (risos). Vamos ver se dá certo, né?</p>
S6	<p>Eu estou aqui desde 55 e (2) nunca mais quis sair daqui. E os filhos nasceram tudo aqui. (1) Olha, <u>eu me considero boneteira.</u> Não tem como fugir, né? (risos). (1) <u>Ser boneteira, pra mim, é uma pessoa que nasce aqui, e se criou aqui e está aqui até agora.</u></p> <p>Aqui a gente vive... (12) meu marido vivia da pesca, depois ele aposentou, mas foi aquela aposentadoria rural, sabe? (15) E a gente <u>trabalhava na roça. Trabalhei muito tempo na roça. A gente vive assim. O pessoal (12) pesca, (9) faz viagem. (11) Aqui o povo trabalha muito de caseiro. (12) Pesca, (9) faz viagem, aluga casa, sempre aluga casa. Essa casa mesmo eu alugava muito, mas agora não tem aparecido gente. E eu vivo aqui. (1) Graças a Deus que eu vivo aqui. (22) Eu congrego nessa igreja aqui A Assembleia de Deus, do Pastor Ditinho. Quando precisa ir pra lá eu vou. Ainda guardo um dinheirinho ainda. Guardo uns trocados. Eu aqui não pago aluguel. É meu, né? Eu só pago a luz. Água a gente também não paga.</u></p> <p>(25) <u>Aqui mudou bastante, viu, porque era mais difícil. (18) Naquele tempo que eu casei não tinha barco a motor. Era tudo a remo, a vela. Tinha vela que viajava. Viajava de canoa pra Santos, mas era a remo e a vela. Não tinha motor naquele tempo e agora tudo tem motor. Todos têm a sua lanchinha ou canoa com motor. A canoa é mais cumprida. A lanchinha é menor. Quase todo mundo tem lancha. O pessoal gosta porque é mais rápido. Aí vai rápido e volta mais rápido. Anda mais do que a canoa. A canoa a gente ainda usa para buscar material. A lancha não pega material igual a canoa. A canoa pega mais carga. Por exemplo, telha, madeira, cimento, e outras coisas pesadas ocupam a canoa. Não vão de lancha, vão de canoa. Agora pra viajar, fazer uma compra mais rápida, o pessoal prefere a lanchinha. Vai mais rápido e vem mais rápido, entendeu? No verão, quando O mar está manso , saindo de lá 5 e pouca, chega aqui ainda é dia, porque de lanchinha é rápido.</u></p> <p>(12) <u>O povo vivia da pesca e levava tudo na canoa a remo. (21) Já alcancei muito</u></p>

casamento aqui, que iam casar de canoa de remo de voga. Por exemplo: isso aqui é uma canoa, né. Aqui, numa borda eles punham um negocio. Tinha um furo aqui e eles colocavam um remo que ficava ali amarrado pra não soltar. A pessoa sentava ali no banco e remava assim, assim, naquela vogada - chama vogada - e a canoa vai andando. E quando não era suficiente, armavam a vela. Alcancei muito casamento esse tempo. A pessoa ia pra lá casar no civil e voltava. O noivo, a noiva, a testemunha...Tinha uma casa lá que o pessoal se trocava, porque com a roupa que ia daqui não ia pro civil, porque o pessoal sempre se molha, né? (18) Quem anda na água se molha! (21) Então a pessoa ia lá, tomava um banho, se trocava, ia no civil, assinava o casamento, pegava a canoa e vinha embora de novo. Aí fazia o banquete aqui. A festa. A gente tinha uma janta, um jantar. Eu alcancei muito casamento aqui assim. Quando não era um almoço era uma janta a noite pros convidado, pra família. Ia tudo à noite pra lá, naquela festa.

(25) Mudou que agora tem mais emprego aqui e as pessoas vivem melhor. (20) E agora tem também a canoa que leva o lixo. Faz a coleta do lixo aqui e leva. Quando não levava a gente enterrava. Queimava papel e enterrava. Mas aí o negocio foi mudado, né. Agora levam o lixo. A gente manda tudo pra lá, porque a gente separa tudo aqui. Pele de frango e peixe que a gente limpa a gente não mistura, a gente enterra, porque as vezes demoram para pegar e fica com mau cheiro, não é? A gente vai ali nos fundo, na terra, enterra aquilo ali e separa o lixo seco. Poe em saco plástico e manda. Assim que a gente faz, né. Então você vê que é tudo limpinho. Tudo limpinho. Não tem muita sujeira não. A gente também cuida, não deixa coisas jogadas no quintal. A higiene faz parte da nossa saúde, então a gente faz assim. Separa o lixo. Não misturamos. Muita casa eu sei que separa o lixo. Resto de comida a gente joga num lugarzinho e o passarinho come. Arroz a gente joga pro passarinho. Vem até Sariri ali comer. O passarinho vem e come tudo!

(25) Mas o negocio que mudou agora no Bonete foi que melhorou. As pessoas tem uma vida melhor. Melhor. Eu acho que teve uma mudança sim, porque agora o pessoal tem uma vida melhor do que antigamente. (25) A pessoa sempre tem um dinheirinho a mais pra fazer uma compra, e também tem a embarcação. Não depende de ninguém, né. Antigamente a pessoa não tinha sua própria embarcação e pra fazer compra tinha que reunir 3 ou 4 pra ir numa embarcação só pra comprar. Agora não. (25) Todo mundo tem sua lanchinha aqui pra ir pra lá e pra voltar, não dependem de ninguém. Então eu acho que nisso também é melhor.

(7) O povo aqui é tudo unido. (18) Quando é pra puxar uma canoa ou uma lancha lá o pessoal vai lá ajudar. Quando o mar fica bravo, o povo traz as lanchas tudo aqui pra cima, porque o mar invade. Às vezes à noite dá um vento e chove e o mar sobe e a pessoa tem que tirar todas as embarcação de lá e por tudo cá pra cima onde o mar não vem, porque ali é seguro, entendeu? Então a pessoa se previne. À tarde o pessoal já se previne. Põe tudo cá pra cima onde o mar não vai invadir. É assim que o pessoal faz.

(1) Eu gosto de viver aqui. (2) Por incrível que pareça, não tenho vontade de sair daqui. (3) Por causa da paz. Verdade. Eu peço a Deus que Deus guarde meus filhos que estão lá trabalhando, (2) mas eu não saio daqui por nada. Eu vou lá quando há necessidade. (3) A tranquilidade que você tem aqui... Aqui você não tem problemas, não dorme preocupada, não fica pensando que vão entrar na sua casa, que vai ser assaltada, entendeu? Isso é a tranquilidade que eu tenho. Nunca chegou ninguém aqui pra me perturbar, nunca. Então eu agradeço à Deus por isso.

Olha, o tempo todo que eu estou morando aqui, eu vou falar pra você, Denise, não faltou comida até agora, graças à Deus! (25) Desde que veio esse gerador movido a água, todo mundo comprou geladeira. Antes disso tinha que comprar tudo seco. Era mais difícil. Tinha que comprar mistura seca, carne seca. (14) A gente secava peixe. Punha no Sol e secava o peixe no Sol. Ainda fazem peixe seco. Agora está mais difícil porque o pessoal leva o peixe fresco para a peixaria. Pega o peixe e vende fresco, não seca. Fica mais fácil não ter trabalho de salgar. Salgado fica igual

	<p><u>bacalhau. Quem faz esse processo é quem tem rede e pega bastante Tainha agora no inverno. Mês de maio, junho e julho. São três meses que dá Tainha aqui no Bonete. (21) Também tem a festa da Santa Veronica dia 9 de julho, então vem muita gente pra cá e o pessoal procura o peixe seco pra levar pra lá. (21) Faz igual bacalhau. A mesma coisa. Desfia e faz com batata. Tira toda a espinha e faz com batata. É gostoso. É muito gostoso.</u></p> <p><u>Meu sonho?... olha minha filha, meu sonho é ver os meus filhos, os meus neto bem, com saúde, a minha família e o meu lugar nessa paz. (3) Eu já falei pra você que eu moro nessa paz que está aqui até agora. Que a gente tenha essa paz por muito tempo. Não sei até quando, que Deus é quem sabe, mas eu pretendo que essa paz continue, continue, continue. Porque eu tenho meu neto aqui, tenho sobrinho, irmão, minha família, (1) que todo mundo é a família que mora aqui, (3) e eu pretendo ver aqui, na paz que está, do jeito que está, que não mude. Que as pessoas tenham essa paz, essa liberdade que a gente tem hoje. É isso que eu quero. É isso que eu mais quero.</u></p> <p><u>(3) Nós vivemos aqui numa paz. Por isso que eu digo que não tem o que pague essa paz que a gente tem. Não tem. Tem dia que eu saio e deixo a casa assim toda aberta. Se eu saio de pra ir na casa do vizinho, pra fazer alguma coisa, deixo a casa toda aberta assim. Não some nada. Nada some. Ninguém pega nada. O botijão de gás fica aí pra fora e ninguém mexe não. (7) Às vezes vem uma pessoa pedindo emprestado. Leva, depois faz as compra e devolve. Mas é assim. (3) Então a gente tem uma paz, minha filha, que não há o que pague. Nada paga. (5) Na cidade você não tem essa paz. Não tem. De jeito nenhum. É roubo, é assalto e você não tem essa paz na cidade que nós temos aqui. Então nada paga, não é verdade? Não tem o que pague.</u></p>
S7	<p>Eu moro no Bonete. (1) <u>Sou local me criei aqui, estudei um pouco e (1) sou feliz aqui.</u></p> <p><u>A condição de vida, do dia a dia da gente lá é muita correria, é muito movimento. (3) A gente tá acostumado sempre com o lugar paradão, e muda um pouco. Quando eu era adolescente, aqui pra mim era muito chato. Porque adolescente, você sabe como é que é, quer ver muita coisa, quer aprender e aqui não tinha muita coisa naquela época. (25) Hoje em dia já mudou bastante. Já tem mais crianças, tem mais gente de fora que vem. (17) Na minha época, na infância da gente, eu fazia esses tipos barquinho aqui, de canoinha e a gente arrastava na areia. Aí era a vida da gente, (1) mas estou aqui até hoje, graças à Deus, sou feliz. Pra morar lá fora é mais difícil porque você tem que ter um emprego fixo pra manter a sua vida. (12) Na pesca, um dia dá, outro dia não dá, e hoje aqui eu estou feliz porque eu tenho um emprego fixo, (11) trabalho de caseiro e a gente está feliz. (11) Eu trabalho com carteira assinada, direitinho. Ele paga tudo certinho, então é legal pra gente. É uma segurança. (09) E eu também trabalho de marinho. Tenho o meu barquinho também, tenho a minha carteira de marinho e (1) a gente vive na felicidade!</u></p> <p><u>(17) O artesanato eu não faço muito. De vez em quando eu pego pra fazer pra não esquecer o jeito (risos). Mas dá dinheiro também o artesanato. Eu fiz um barquinho maior do que esse e vendi e deu um dinheiro bom. O barquinho que eu fiz era bem grandão. Pra falar a verdade são duas fonte de renda que eu tenho: (11) o emprego de caseiro e (9) de marinho. A de marinho dá até mais do que o meu emprego de caseiro. Quando chega final de semana que faz tempo bom eu faço bastante viagem. Em feriado também. (1) Então a gente vive assim, nessa felicidade (risos).</u></p> <p><u>(1) Eu sou feliz vivendo aqui, entendeu? Eu trabalho, pago as minhas contas, então aqui, a gente vive com qualquer coisa. (15) Tem a roça de mandioca, então (1) a gente é feliz. (1) Eu acho que todo boneteiro é feliz.</u></p> <p><u>Tem gente que trabalha de (11) caseiro, como eu, e (12) muitos trabalham da pesca.</u></p>

	<p>(25) <u>Aqui evolui bastante. (12) Antes todo mundo vivia da pesca, porque (24) não tinha vindo muita gente de fora que tinha comprado terreno. Aqui tem muita casa de paulista. Hoje em dia tem bastante. Então eu acho que é metade e metade. Uns trabalham com (12) a pesca e outros vivem da renda de (11) caseiro.</u></p> <p>(14) <u>Às vezes a gente sai um pouco pra pescar lula. A gente passa a noite no barco, largando a rede e colhendo, e é legal.</u></p> <p>(22) <u>Eu sou evangélico, da Igreja Assembléia de Deus, ministério de Provetá.</u> O meu sonho? (2) <u>Continuar vivendo no Bonete com a minha esposa e com a minha filha, e ter saúde. O resto a gente corre atrás. Eu pretendo continuar morando no Bonete. Esse é meu sonho.</u></p>
S8	<p><u>Eu nasci aqui no Bonete. (16) Eu surfo, às vezes eu jogo bola, às vezes eu jogo taco e às vezes também tenho um tempinho pra estudar em casa. (1) É muito legal morar aqui no Bonete. (1) Eu amo morar aqui</u></p> <p>(1) <u>Eu acho muito legal ser boneteira. Muitas coisas culturais. Muito legal aqui. Eu gosto daqui.</u></p> <p>(6) <u>Tenho vontade de sair daqui para fazer faculdade, mas também queria voltar.</u></p> <p>(11) <u>Tem algumas pessoas aqui que trabalham de caseiro. Eles vivem de (12) pesca também, e coisas (17) artesanais também. (9) Ah, eles fazem viagem de canoa com turista, sabe? Levam daqui até lá, trazem de lá até aqui também.</u></p> <p>(22) <u>Eu vou pra igreja Assembleia de Deus, lá em baixo, perto do Rio Nema, sabe?</u></p>
S9	<p><u>Eu nasci aqui, me criei aqui, (4) dei minhas voltas e tô aqui. (1) Ser boneteiro é ser pescador, ser lavrador, carpinteiro. É tudo isso.</u></p> <p><u>Trabalhei muito. (15) Já fiz muita farinha, Denise. Era mais mandioca que plantava. Colhi batata doce, mandioca doce, mandioca pra farinha. A gente fazia de alqueire de farinha Tem gente aí que faz farinha, Denise. Tem roda, tem forno. Agora, pra eu comer, eu tenho que comprar no mercado. Vê como são as coisas! (risos) É assim a vida da gente e assim (1) estou feliz, graças à Deus, né. Tem momentos bons. Tem momentos difíceis. A vida é assim aqui na Terra. Nem tudo é um mar de rosa. Isso é tanto pra quem é crente e pra quem não é. Pra quem é rico e pra quem é pobre. Não sou rica, mas graças à Deus não falta o pão na minha mesa.</u></p> <p>(22) <u>Eu congrego aqui Assembleia de Deus, Ministerio de Provetá.</u> <u>Meu marido foi pescador, pescou muito, matou muito peixe de tremálio, de cerco, de linha de mão.. O ponto de venda era São Sebastião. (14) Quando ele ia cedo, de manha cedo, aí dava pra voltar. Chegava lá, falava com o peixeiro, pesava o peixe, pegava a nota e vinha embora pra cá. (18) Tinha vez que o vento era de Sul, o mar tava bravo e não dava pra voltar. Ficava lá 1 dia, 2 dias...</u></p> <p>(21) <u>Aí eu escalava o peixe. Escalar é abrir o peixe, ou pela barriga ou pelas costas, abrir a espinha assim, virar e salgar bem salgado também pra não estragar, pra não dar bicho, não dar mosca também, que a mosca sente o cheiro ali, começa a voar ali. Aí se tiver tempo bom, aí já no outro dia colocava no Sol. Uns 3 dias de Sol, 4 dias. Tinha que estar bem sequinho pra levar pro peixeiro. E assim ,minha filha, a gente vivia. Era esse o ganho. Não tinha trabalho fixo.</u></p> <p>(21) <u>Meu neto gosta de fazer bolinho de banana: você pega o trigo. Se já é fermentado não precisa colocar fermento. Amassa bem a banana, bem amassadinha, e põe ali junto e molha ali, com água, com leite e prepara a massa já em ponto de fazer o bolinho na frigideira com óleo. E é gostoso. Com canela é gostoso. Um pouquinho assim de açúcar por cima e canela.</u></p> <p><u>Essa casa aqui é de bloco. Foi meu marido que construiu. Foi ele mesmo que construiu. Esses blocos grande. Tem um pouco de também de terra.</u></p>

	<p>Viver aqui no Bonete a gente já tá acostumado, (1) porque é o lugar da gente, né. (18) A condução que é difícil. Se você quer comprar alguma coisa, tem que ir lá na cidade, no mercado. Tem que depender de uma lancha. Porque só <u>agora que tem lancha</u>. A gente tem canoa a motor, que é a condução que a gente vai na cidade e vem.</p> <p>Como que você, (3) depois de estar <u>aqui tão sossegadinha, que sai da sua casa, vai ali, sem perigo nenhum, vai na praia, ali no porto, nada acontece</u>. (5) Você sair daqui pra ir pra cidade, muitas vezes pra perder a vida lá? Não é justo, né? Não é justo! (2) <u>Então eu prefiro ficar aqui no meu lugar, que eu nasci até o final da minha vida</u>. (1) <u>Eu gosto, porque se eu nasci aqui, tenho que gostar da minha terra caçara</u>. É aqui que vou ter meu umbigo enterrado e onde eu nasci. É aqui!</p>
S10	<p>(1) Eu sou boneteiro! (1) <u>Eu sou boneteiro porque minha família é daqui, né</u>. Meus avós, minha família toda é daqui, meu pai nasceu aqui, meu pai casou com a minha mãe que é da ilha também e veio morar aqui, então eu nasci aqui e sou boneteiro. Minha esposa é daqui e agora a filha é daqui. Meu pai nasceu aqui. <u>Eu nasci... só nasci em São Sebastião, mas moro desde que nasci aqui</u>.</p> <p>(1) E Bonete é legal. Bonete é bem legal. Tem muito pra melhorar, mas é um lugar muito bom pra morar.</p> <p>(4) Eu tentei sair umas duas vezes, mas por pouco tempo. 4 meses, 5, mas depois voltei. (6) A gente <i>tava</i> até tentando ir pra frente da ilha, na cidade, mas <u>a gente tava querendo e já estamos desistindo também</u>. <u>A gente queria sair</u>, mas a gente está desistindo. Mas a gente <i>tava</i> querendo sair <u>pra colocar a menina na escola lá na frente e procurar algo a mais, um trabalho a mais</u>. <u>Mas a gente já tá com um projeto...</u> como eu (9) trabalho aqui e (9) eu tenho um barquinho que eu faço passeios também, (19) <u>então a gente está na expectativa da próxima temporada, né?</u> <u>Aí a gente tá tentando bolar alguma coisa pra dar continuidade ao turismo aí</u>. Vamos ver o que vai rolar. Eu tenho (9) a lanchinha, (11) eu trabalho de caseiro pra um amigo que tem casa aqui na frente da praia – ele é de São Paulo. <i>Tô</i> buscando mais, pra poder ter um lucro maior. E... a expectativa do turismo, aí, de aumentar. De estar fazendo as propagandas aí pra poder ver se consegue um lucro a mais, uma renda melhor. (11) <u>De caseiro eu ganho 1 salário, porque aqui a gente não trabalha todo dia, então como a gente tem um registro, a gente ganha um salário de caseiro</u>. <u>A maioria hoje trabalha (11) pra turistas, cuidando de casas</u>. (10) Tem um grupo grande também da prefeitura. <u>A prefeitura tem colocado bastante gente pra trabalhar, pra cuidar do lugar e (20) tem melhorado bastante e tem mantido a comunidade bem legal, bem organizada e a maioria é isso</u>. (11) Caseiro e (10) prefeitura. E alguns vivem (12) da pesca. Mesmo aqueles que trabalham de caseiro, quando dá pra pescar, vai pescar.</p>
S11	<p><u>Eu moro aqui desde pequenininha, mas eu já fui pra frente da Ilha terminar meus estudos</u>. Aí estudei lá e voltei pra cá de novo, (1) <u>não consigo ficar longe daqui</u>. (1) <u>Sou boneteira (risos)</u>. Eu gosto de ser boneteira (risos). <u>É bom e um pouco complicado</u>. O bom é que, tipo, todo mundo é família, todo mundo é amigo. <u>Então, eu posso falar do meu dia a dia. Trabalhar de manhã e de tarde</u>. (16) Chega de <u>tarde vai surfar</u>. Sou solteira, <u>trabalho e curto a praia durante o dia (risos)</u>, é o que me resta. <u>Ou praia o dia todo quando tô de folga</u>. <u>E internet, cachoeira</u>. Só isso. Assim, nada mais pra fazer (risos).</p> <p><u>O que eu vejo é que a maioria das meninas da minha idade que, tipo, cresceu aqui e tá aqui até hoje, o que elas fazem?</u> (21) <u>Casaram, tiveram filho e, tipo, não trabalham</u>. E eu não quero isso pra mim tão cedo. Eu quero terminar meus estudos,</p>

	<p><u>eu quero arranjar um bom trabalho. É isso. (6) Eu não quero ficar aqui <i>pro</i> resto da vida, porque eu não vejo que, tipo, não tem um bom futuro. Ter, tem, porque, tipo, eu moro no paraíso, né. Mas, por um lado, não é um bom futuro (risos), porque aqui não tem muitas opções de coisas. Fora daqui tem.</u></p> <p>(6) É por isso que eu não quero ficar aqui mais pra frente. Quem sabe vir aqui só em época de férias, feriado. Assim, eu quero vir aqui só passear. Aí eu faço minha casa aqui, tenho minha própria casa aqui. Mas aí na minha casa eu só venho no fim de semana, fim de ano, feriado, temporada. Aí venho esses dias só.</p> <p>Meu sonho é terminar meu estudos, fazer minha faculdade e (6) ir embora daqui e ajudar meus pais. Ter minha própria casa (risos). Esse é meu sonho.</p>
S12	<p>Eu <u>cresci aqui</u>, nunca mais saí daqui. (4) <u>Eu fui</u> pra frente da ilha, <u>morar na cidade um pouco</u>. Eu gostava de tá lá. Voltei por causa da minha filha, que ela não gostou de ficar na cidade, ela chorava pra vim embora. (2) <u>Eu pretendo ainda continuar aqui</u>, né. (6) Tenho, sim, vontade de um dia poder ir pra frente, né, mas... (2) ah, <u>eu tô satisfeita aqui</u>, pra falar a verdade, quero continuar aqui (risos). (1) <u>Acho que o que mais envolve é o sentimento, né, de tá aqui, de crescer aqui, ter estudado. Minha família é daqui. Eu acho que é o sentimento mesmo, né?</u></p> <p>Meu sonho é (2) continuar aqui, ver meus filhos, meus netos crescendo. A gente poder viver bem, em paz. É o que eu tenho procurado.</p> <p>(22) <u>Sou membro da Assembleia de Deus</u></p>
S13	<p>Sou nascida aqui. (1) <u>Sou boneteira</u>. (1) Ser boneteira é ser uma raiz da terra, né? Raiz da terra... <u>meu pai já era daqui, minha mãe já era daqui. Então foram umas árvores que foram plantadas e deram os frutos, e aqui nós estamos, os filhos, os netos.</u></p> <p>(1) <u>Eu gosto de viver aqui</u>. (2) Penso em ficar aqui, né, <u>terminar meus tempos aqui, que nem o meu pai terminou. Na cidade tem muito barulho</u> (risos). Muito barulho. <u>É bom pra você ficar só pra passar dias, né. Pra ficar e pra morar já é difícil se acostumar.</u></p> <p>Olha, o meu dia a dia é puxado, hein (risos). A minha rotina é puxada, hein. Tem que trabalhar o dia todo. Levantar, trabalhar, aí à noite tem que ir na Igreja, vir, então você... chega a noite você tá super cansado. (21) Os homens, ficam muito na televisão. Eu falo que viraram tudo vagabundo (risos). <u>Ficam mais na televisão assistindo novela. Chega meio-dia fica todo mundo vendo jornal, vendo o jogo que tá passando lá. (16) Os jovens, muitos ficam surfando. Os maridos trabalham, as mulheres ficam mais em casa, poucas querem trabalhar, né, e vão vivendo.</u></p> <p>(22) <u>Sou evangélica há 16 anos já da Assembleia de Deus de Provetá. A de Provetá tem 4 anos. A Assembleia de Deus Ministério de Santos é bem velha, deve ter uns 80 anos. Tem mais, porque minha vó já morreu já na Evangélica.</u></p> <p>(21) Não, <u>a gente não participada festa (Santa Verônica). A gente fica na da gente e eles ficam na deles, né? A gente não participa. Não participa e nem se incomoda com eles, né, a gente deixa. Cada um...</u></p>
S14	<p>Nasci aqui. Meu pai é pescador aí. Aprendi a pescar com meu pai quando eu tinha uns 11 anos. (1) Sou boneteiro, do roxo (risos). (1) Gosto mesmo! (12) <u>Vivo da pesca o ano todo. Pesca artesanal, de arpão, de rede. No verão, agora, é bem melhor. Lula é só no verão.</u></p> <p>(14) <u>O cerco é uma rede grande, só que é diferente das outras. Você joga e deixa e</u></p>

	<p>só vai visitar quatro vezes ao dia. O peixe fica preso. <u>Antigamente faziam, mas agora é mais difícil. Agora é mais de rede. Aí você vai lá, larga, aí você vai no outro dia visitar, de manhãzinha. É mais fácil. Bem mais fácil. Pesca de linha é mais pra lula, garoupa.</u></p> <p><u>(14) Acordo umas cinco horas, seis horas da manhã e já saio. De três em três horas, quatro em quatro horas, tem que ficar colhendo ela, então tem que esperar e a gente fica conversando com o companheiro (risos). Vamos em cinco, seis pessoas. De lanchinha.</u></p> <p><u>(14) Depois a gente vem, gela o peixe e vende pras pousadas. Às vezes a gente leva pra lá também, na peixaria, no restaurante e aí separa o dinheiro certinho igual pra todo mundo. Tira o dinheiro da gasolina, do óleo, e o resto a gente divide certinho.</u></p> <p><u>(14) Tem cooperativa em São Sebastião, no bairro. Aí é uma cooperativa que compra de vários pescadores, de vários lugares. Às vezes, quando a gente pega bastante, a gente leva, eles levam pra São Paulo também, pra vender. (1) Eu gosto bastante. É um pouquinho corrido, mas a gente leva, né?</u></p> <p><u>(14) Viver bem só da pesca aqui é difícil. É muita concorrência, sabe? Tem muito pescador. Um querendo matar mais do que o outro. Tem menos peixe também. Tem muita embarcação, né? Afugenta muito os peixes. Antigamente, não. Antigamente era mais tranquilo, assim. Tem vezes que no peixe dá bem mais dinheiro, mas tem vezes que trabalho mesmo dá mais. Às vezes uma pescaria dá mais.</u></p> <p><u>(3) É sossegado aqui. (22) Eu vou na igreja. Eu gosto. É bom. Minha família, a maioria é evangélica, então a gente sempre pega um pouquinho do caminho, né? Tento seguir.</u></p> <p><u>(7) A gente tenta se ajudar. Se tá precisando de alguma coisa, tentar ajudar de um jeito e de outro, de alguma forma.</u></p>
S15	<p>Ah, eu moro aqui desde que eu nasci. Eu sou caiçara. (1) <u>Sou boneteira... sou boneteira. (1) Dá um orgulho na gente de ter esse negócio de... muita gente, por exemplo, muita gente fala (14) “Aí eu vou pra cidade pra comer um peixe tem que andar comprando”. Aqui não, a gente quer um peixe é só ir ali no mar, pegar e já tem o peixe fresco. (3) Tem esse sossego aqui, tem a... (15) pode plantar, colher, assim, com... sem saber que, tipo, vai ter alguém que vai roubar. A gente pode criar o que a gente quiser aqui, galinha, pode ter cachorro à vontade – que é uma coisa que tem bastante aqui no Bonete. Todo mundo conhece todo mundo, tem essa harmonia de...(1) todo mundo ser uma família só, aqui.</u></p> <p><u>Lá na cidade tudo tem que ter carro. Você quer uma coisinha, vai ter que ir ali no mercado. Quer outra coisinha, volta no mercado, vai pro médico e não sei o quê. Aqui não, (3) aqui a gente tem esse sossego. Lá é barulho noite e dia por causa de carro, caminhão e não sei o quê. Aqui não, (3) aqui a gente tem essa paz de poder ir ali tomar um banho no mar, sem perigo. Poder tomar um banho na cachoeira, tomar água da cachoeira mesmo. Aqui é uma coisa muito diferente. (1) A gente diz que aqui é outro mundo, porque é um lugar paradisíaco.</u></p> <p><u>Se um dia eu tiver que sair daqui, eu vou morar na Ilha, ali. Mas eu não quero sair da Ilhabela. É uma coisa que eu não quero. Que mesmo estando ali, ainda fica mais perto pra vim pra cá no final de semana, essas coisas. Eu penso assim, se um dia eu tiver que sair daqui e ir pra frente da Ilha, ali pro Perequê, pra Vila, mas, de São Sebastião pra lá, não. Uma coisa que eu não gosto é asfalto, carro, prédio. Não consigo, acho que por causa de tá aqui, assim, uma casa grudada com a outra, acho que não (risos).</u></p> <p><u>Eu estudo aqui, trabalho aqui e (2) não pretendo sair daqui. Eu pretendo ficar aqui por causa que é um lugar onde é mais... (3) bem sossegado, onde todo mundo conhece todo mundo.</u></p> <p><u>Trabalhar, trabalhar no ano inteiro a gente não trabalha. É difícil. (9) É mais</u></p>

	<p><u>temporada em pousada, restaurante. Assim, mas um emprego fixo é difícil ter aqui no Bonete. Só pra quem é (11) caseiro ou pra quem (10) trabalha na prefeitura, essas coisas. (9) Eu estou trabalhando em pousada, mas sempre tem o restaurante que eu dou uma força. Aí é isso. Mas nada de ter aquele emprego todo o mês certo, dinheiro certo.</u></p> <p>A gente tem que saber fazer as coisas pra poder sobreviver também. Então, a cultura na nossa... aqui em casa é uma coisa que faz parte de nós.</p> <p>A cultura boneteira, como eu posso dizer? É igual às outras culturas caicara, que todo mundo conhece, tipo, (14) tem a canoa que é um barco que eles tiram no mato e os próprios boneteiros fazem. Eles juntam um dinheiro, compram o motor, colocam. Esse negócio de pesca, toda a pesca artesanal tem aqui. (15) De poder plantar, fazer a farinha na mandioca, é isso. (14) Quem fazia canoas pra motor, daquelas grandonas, é o Emanuel. Ele já é falecido. Emanuel Branco. Ele é a pessoa que mais fez canoa aqui. Ele fez mais de cem canoas.</p> <p>Ah, <u>meu sonho é ter minha casa, Assim, ter meu trabalho e (2) continuar morando aqui até envelhecer. Morar aqui pro resto da minha vida</u>, que meu sonho é, assim, que o Bonete continue do jeito que ele tá. É isso.</p>
S16	<p>(1) <u>Eu sou daqui, graças a Deus. Tenho orgulho de morar aqui. Casei aqui, tenho dois filhos aqui, trabalho aqui.</u> (1) Eu gosto daqui.</p> <p>(11) <u>Eu cuido de dois terrenos de turistas e uma casa e (12) vivo um pouco da pesca.</u> No verão é (12) pescar e (9) fazer os trabalhos com os turistas. Mexo com turismo. Eu tenho uma lancha e uma canoa.</p> <p>(1) <u>Sou boneteiro.</u> Eu sempre falo que é uma comunidade isolada, de difícil acesso. Ou por trilha, mar ou helicóptero. Pra mim, ser boneteiro <u>é viver o que a gente está vivendo.</u> Passar as necessidades, <u>boas ou ruins.</u> Morar no Bonete é isso. Ser boneteiro é passar por todos os problemas da vida aqui.</p> <p><u>Aqui tem muito problema.</u> O Bonete é pequeno. Deve ter umas 300 pessoas e um tem inveja do outro. São todos invejosos. Um não pode crescer que todo mundo tem inveja. <u>Isso é problema. É um problema muito grande, porque é todo mundo parente. Aqui é todo mundo família.</u> Se for pôr na ponta do lápis, um é primo do outro, um é tio do outro e eu acho muito ruim um problema desse, mas a gente quebra o orgulho de todo mundo.</p> <p>(8) É difícil ser ajudado, viu. É muito difícil. Se você ajuda um, o que você ajudou te ajuda, se não, não ajudam. Às vezes, se você não ajudou ele e for pedir ajuda, ele não ajuda. É assim, né? Acho que em todos os lugares deve ser assim. Em todos os lugares rola esses problemas, independentemente de ser comunidade isolada. (18) <u>Mas têm épocas que a maré é assim mais difícil, (7) aí tá todo mundo junto, todo mundo alinhado. Mas chega no inverno, eu não sei o que acontece, (8) que um tá de bico para o outro. Dá para notar isso muito fácil.</u> No inverno <u>ta</u> todo mundo de bico. (7) Nessa época todo mundo ajuda a descer uma canoa. Você está lá e ajuda. Se o cara descer e não tiver ninguém, ele vai sofrer sozinho lá. Então tem que ver o movimento que vai estar na barrinha lá para você sair, aí todo mundo aproveita e ajuda.</p> <p>(19) <u>A nossa rotina é mais no inverno.</u> Nosso dia-a-dia é mais puxado. Acorda cedo, tem que ir para a roça no inverno, pesca mais ou menos. <u>Acorda cedo e vai ver o mar, as lanchas, as canoas. Tem que procurar alguma coisa para fazer</u> na nossa rotina, senão... <u>Aí, é o carpinteiro que quer fazer uma canoa, já vai fazer uma canoa para pescar, já vai na mata ver a madeira.</u> (17) <u>Eu gosto mais de fazer artesanato no inverno. No verão eu não faço. Aí a nossa rotina é mais ou menos assim.</u> Todo mundo faz o que tem que fazer no inverno.</p> <p>(19) No verão (16) surfa, (12) pesca lula, (9) faz traslado de turista. (19) Aproveita o verão, porque o mar é mais calmo. <u>Aproveita quase tudo o que tem que fazer no</u></p>

	<p><u>verão para (19) no inverno ficar... Vamos supor, para fazer as coisas que não mexe com turismo, porque <u>no inverno é muito pouco turista</u>. E pesca muito pouco. <u>Muito pouca pesca no inverno</u>. Muito pouco. Vamos supor: são seis pessoas que pescam no inverno e antigamente era quase todo mundo que pescava no inverno. <u>O turismo para nós no verão</u>, a gente fala que é 100% para nós no verão. No inverno o turista que vem é só da pousada, mesmo. Aí os barqueiros da pousada que ganham, porque são particulares. São moradores daqui, mas são os caras que já são contratados. (19) Aí no inverno a gente vai fazer um bico para alguém, um turista que tem terreno e que precisa limpar, capinar e a gente vai lá. (19) No inverno tem mais coisas que no verão. O pessoal trabalha mais pesado. (19) <u>No verão curte o mar. Ganha dinheiro para no inverno ficar sossegado, porque no inverno não ganha muito</u>. Quem gosta, quem não tem trabalho fixo, no verão trabalha mais, guarda o dinheiro pra no inverno ter.</u></p> <p>(1) <u>Eu gosto de morar aqui. Gosto pra caramba</u>. Aí eu me sinto muito bem aqui. Eu sempre falo (1) <u>“não tem melhor lugar do que o lugar da gente”</u>. Não tem. Quem vem de São Paulo passa pouco tempo, mas a vida deles é lá. (1) A minha é aqui.</p> <p>(3) <u>Aqui é eu falo que eu não me preocupo em sair correndo, não me preocupo com farol, com carro nenhum, posso andar de olho fechado</u>, Vamos supor, lá tem muita gente, e você fica mal. Eu tô num ar tão bom e lá tem um ar pior que eu nem consigo respirar direito. Eu passo mal. Eu me sinto preso numa garrafa pet. É como se tivessem me colocado numa garrafa pet e fecharam. Eu me sinto sufocado.</p> <p>(2) Eu não penso em um dia ir embora daqui</p> <p>(22) <u>Eu vou mais na igreja evangélica</u>. Visito. Gosto. Tem muitos jovens e o líder dos jovens me chama para ajudar os jovens – não sei porque me chamam, mas eu vou. Eu gosto de lidar com jovens, me dou bem com eles pra caramba.</p>
S17	<p><u>Eu nasci aqui</u>, sou solteiro. (1) <u>Sou boneteiro</u>. (1) <u>Boneteiro é um caiçara que nasce aqui na praia do Bonete. Caiçara Boneteiro é só por nome do Bonete. Tudo que nasce na praia e vive do mar, da roça</u>. (4) <u>Eu já sai e voltei logo, porque não me acostumei muito não</u>. Não gostei. Aí vim pra cá de volta e tô aqui a “<i>mó cota</i>” agora. Faz bastante tempo que tô morando aqui.</p> <p>(6) <u>Eu tenho vontade de sair, mas só por um tempo. Viver um pouco lá fora, trabalhar e depois voltar</u>. Eu não saio daqui pra quase nada. Então tá na hora de eu viver um pouco lá fora e ver alguma coisa, pelo menos ser alguém um pouco, né?... Trabalhar, <u>levantar um dinheiro e guardar pra ficar tranquilo depois</u> pra você viver tranquilo, entendeu? <u>Porque hoje em dia sem dinheiro você não vive. Você precisa comer, você precisa comprar suas coisas, precisa comprar roupa</u>. Se você tiver família tem que comprar leite, tem que comprar isso e aquilo.</p> <p>(13) <u>A maioria do pessoal faz muito (9) turismo, também, de viagem de barco, essas coisas, passeio. E não tem muita coisa a fazer aqui</u>, então eu faço um pouco de tudo, né? O que tiver pra fazer, a gente vai fazendo. Fora isso, a gente faz pra gente mesmo. (17) <u>Artesanato, essas coisas, enfraqueceu bastante. Uns fazem outros não</u>. Não é muita coisa, mas é o que a gente ainda faz. (16) Pegar onda, (12) a pesca...Eu também não pesco, mas tem muitos caiçaras que pescam. E eu vivo... vou vivendo aí assim.</p> <p>(12) A pesca dá mais dinheiro. <u>A pesca dá mais dinheiro porque é muito mais caro o peixe, né? O valor que você faz de dinheiro pescando é muito maior e o tempo despendido é muito menor. Só que peixe também não dá todo dia, toda hora</u>. (11) <u>O caseiro, ele ganha por mês um salário e tem que depender o mês. Se ele ficar dependendo por mês ele acaba passando fome se ele não parar pra pescar também</u>.</p> <p>(21) Os caras sempre botam fogo nesse morro. Os caiçaras idiotas, que não tem noção da vida, entendeu? Não tem noção de nada. E a desculpa é que eles precisam passar pra ir pescar e tá sujo o caminho, aí ele bota fogo. Por que não leva uma</p>

	<p>foice então, e abre o caminho? Mas aí os caras tacam fogo pra ver queimar mesmo. <u>Aqui, de diferente da cidade é o (3) sossego, a liberdade, as pessoas. Tudo diferente. Aqui todo mundo conhece todo mundo.</u> E a liberdade é outra, meu. <u>Você tá aqui, tá em casa. Não tem barulho de nada, de carro. É diferente. É muito diferente. A cultura é outra. Não tem nada a ver com a cidade.</u> A gente só vai pra cidade e acaba sendo... tem que se transformar um pouquinho pra ficar igual ao pessoal da cidade também. E aqui a gente anda largado, de qualquer jeito, tranquilo, igual caçara mesmo. (1) É a nossa raça (risos). (19b) <u>E enquanto não chegar estrada, vai ter esse sossego, porque, se chegar estrada, vai acabar com a nossa paz aqui.</u></p> <p>É que muitos vão e vem, né. Muitos vão embora, muitos vem. Vai crescendo mais, muitas crianças nascendo também, e vai aumentando, pô.</p> <p>(21) <u>Aqui a balada é no Reveillon e Carnaval, aí tem mais baladinha.</u> Fora disso, à noite a gente mesmo inventa uma fogueirinha, um violãozinho, fica tomando uma cervejinha. A gente sempre faz. Deu na ideia, se alguém tiver a fim, a gente faz.</p> <p>(21) <u>Todo mundo dorme na praia.</u> Olha o colchão lá largado. Outro ali do lado. Todo mundo dorme. À noite <u>não tem borrachudo. Logo cedo você tem que acordar, que o borrachudo já te acorda mordendo, bem cedo. Aí você desperta cedo, vai embora e já faz a atividade que tem que fazer.</u> Umas nove, dez horas, (21) <u>depois da novela, tá todo mundo.</u> (21) <u>Você encontra tudo embaixo das árvores.</u> “Mó” galera, família, tudo, porque dentro de casa fica “mó” calor e tem os pernilongos chatos. E na praia não tem pernilongo, <u>aí você dorme tranquilo com essa brisinha gostosa.</u></p> <p>(21) <u>As famílias assistem novela.</u> Eu não tenho hora. (21) <u>venho com o meu colchão e fico ali.</u> Às vezes nem durmo. Quando já tá clareando, eu levo ele embora (risos). Meu sonho aqui é ter minha casa própria, fazer minha família aqui e (2) viver para sempre.</p> <p>(21) <u>Outro sonho seria ser milionário e pagar alguém pra matar borrachudo em mim todo dia (risos).</u> Nossa, coça demais aí. Pior parte, no pé, no vão do dedo.</p>
S18	<p><u>Eu nasci aqui no Bonete. Na época que minha mãe me teve aqui, era parteira. Não ia para a cidade, então eu nasci aqui no Bonete.</u> (1) <u>Eu sou boneteira,</u>(1) nasci aqui. (1) <u>Ser boneteira eu acho que tem a ver com nascer aqui mesmo.</u> Boneteira, nasce aqui. <u>Eu gosto, me sinto feliz de falar que sou boneteira, que moro no Bonete. Falo isso com toda a felicidade, com todo orgulho.</u></p> <p>(9) <u>Trabalho aqui na barraquinha e eu (11) trabalho de caseira</u> também com um pessoal que mora em São Sebastião e cuida da casa já vai fazer 17 anos. Eu cuida da casa, do quintal, (9) <u>trabalho aqui na barraquinha, trabalho em casa, cuida do marido, dos filhos... trabalho bastante!</u></p> <p>(1) <u>Gosto muito viver aqui no Bonete.</u> (4) <u>Eu sai daqui</u> para morar um pouco com a minha cunhada. Eu até tive vontade de sair e depois eu (2) não tive mais vontade. Não tenho vontade de sair daqui. <u>Quero ficar aqui.</u></p> <p>(2) Ah, <u>meu sonho é continuar morando aqui,</u> ver meus filhos bem. Meu sonho é esse, continuar morando no Bonete, (3) <u>nesse lugar tranquilo</u> como ele é. Ver meus filhos bem, minha família. E conviver com as pessoas que eu convivo aqui que são muito boas. <u>Pessoas hospitaleira, pessoas amorosa, (7) que ajuda uma a outra.</u> Esse é meu sonho. (2) <u>Eu não tenho outro sonho de sair daqui. Quero continuar aqui, ver esse mar bonito, essa praia, as cachoeira.</u> É isso! (21) <u>Chega à noite vai pra praia, dormir na praia, ver as estrelas,</u> (5) não se preocupa que alguém vai entrar na casa, porque isso não acontece. <u>Meu sonho é esse, (2-3) continuar nesse lugar tranquilo assim.</u></p>
S19	(1) <u>Hoje, o boneteiro, pra você ter uma noção, eles se consideram mais boneteiros</u>

	<p>do que ilhabelenses. Aos olhos deles é boneteiro e não é ilhabelense. Por quê? (1) Porque não tem... a Ilha não olha pra cá com olhos que deveria olhar. <u>E não só a comunidade do Bonete, todas as comunidades.</u> (1) Esse pessoal que tá aqui atrás são o pessoal que mais fizeram a Ilha. Foram eles que começaram a fazer a Ilha. Quem vem do continente, veio do continente. Não existia balsa no passado. Então quem é ilhabelense é ilhabelense, e <u>quem é ilhabelense nasceu nas comunidades, não nasceu na frente da Ilha. Se misturaram depois.</u> Então é necessário que eles olhem melhor, pra que as pessoas tenham uma identificação com lá, senão nunca vão ter. Os meus filhos não vão ter uma identificação com a Ilhabela. Eles são dessa geração, 2000, 2010. Essa geração é outra geração. Eles vão dominar o mundo no futuro. Imagina você morando no paraíso e ter o domínio do mundo às suas mãos? Étudo de bom!</p> <p>As crianças hoje, no Bonete, são crianças que interagem muito mais que as crianças do passado. Sempre há esse parâmetro. No passado as crianças do Bonete eram tímidas, um pouco acanhadas, mas <u>são todos parentes</u>, então não se chega a acrescentar muito, não há uma mudança drástica. <u>O boneteiro é um caiçara rústico, mas muito rústico.</u> (1) <u>E só os que nascem mesmo e crescem aqui dentro podem ser considerados.</u> O <u>aprendizado caiçara, do boneteiro, é muito extenso.</u> É bem maior do que se imagina. (14) <u>Imagina que uma criança, que no passado, pegava uma faca, via o pai, o avô pegando uma faca, um martelo, batendo... abrindo uma canoa? Então eles viam que... que tinha que se aprender, tinha que se fazer.</u> (17) <u>E assim ele fazia a canoa, ele fazia cadeira, ele fazia a mesa. Eles faziam tudo. Faziam tudo e construía suas casas, fazia seus ranchos. Era pouco tempo pra surfar e mais pro trabalho.</u> Hoje em dia não, hoje em dia mudou tudo. Hoje em dia é mais (16) <u>surfe, menos trabalho, menos artesanato.</u> (12) <u>E a pesca ainda continua. A pesca ainda é importante.</u> <u>Enfim, esse é o caiçara. O cara que vai pro mato, tira a madeira, faz a canoa, faz sua casa, faz sua família.</u></p> <p>(1) Sou apaixonado por isso, cara. Queria que isso daqui fosse melhor, mas sou apaixonado pelo lugar. Aqui existe uma qualidade de vida, por incrível que pareça. Eu acho que aqui seria um lugar interessante pra se morrer devido à água, minério. Então, assim, é um lugar importante, que tem uma água boa. Não há dificuldade em se ter água. Num país grande igual ao Brasil, você morar num lugar que tem fartura e desperdício de água, é um lugar bom de viver. Se tem água, tem vida. Se tem vida tem planta. Se tem planta, tem animais. Enfim, é bom, bom demais.</p> <p>Não sonho mais. Eu tinha um sonho. Bons amigos, boa qualidade de vida. Hoje eu já tenho, agora é só melhorar meu sonho, realizar alguns sonhos que todo mundo tem. Tenho família, organizado. Isso é praia, isso é vida.</p>
S20	<p><u>Nasci aqui.</u> (1) <u>Ser boneteira para mim é um grande orgulho. É muito orgulho ser boneteira.</u> (1) <u>Eu amo o Bonete.</u> (2) <u>Olha, sinceramente eu não trocaria esse lugar por nenhum outro lugar. Não tem! Esse lugar é abençoado. Lógico que todos os lugares têm as suas divergências, nem todo mundo vai pensar uma coisa só. Cada um tem seu modo de pensar, mas (7) as pessoas aqui são unidas. Se acontece alguma coisa todo mundo se une. Se acontece alguma coisa em alguma família, todo mundo apoia, se une, mas para mim, (1) morar aqui no Bonete é um orgulho. Eu me orgulho de morar aqui. Com muita honra.</u></p> <p>(3) <u>Aqui é sossego! Aqui tem paz. Quando eu vou para Dão Sebastião eu levo dois dias... meu Deus do céu, (1) tenho vontade de ir embora, eu quero logo voltar para casa, quero vir para o Bonete. Não dá! Não tem explicação. O nosso lugar é outra coisa. Cidade é muito difícil de viver. Quando você acostuma com o sossego... é que nem a gente aqui. (1) É tudo família. Minha sogra mora aqui atrás, essa casinha aqui é minha, aqui é minha sobrinha, aquela é da minha cunhada, aquela é de outra sobrinha etc. (3) <u>Então a gente vive aqui no sossego.</u></u></p> <p>(22) <u>Eu sou evangélica, sou crente da Assembleia de Deus.</u></p>

	<p>(9) Já trabalhei na Pousada Canto Bravo como camareira e agora (13) estou na escola e eu ajudo meu filho. Eu estou ali na escola porque eu gosto de trabalhar. Não sei ficar parada só esperando que chegue. Eu tenho, no dia a dia, que fazer alguma coisa.</p> <p>Praticamente a maioria das pessoas daqui (12) <u>vivem de pesca</u>, (9) do turismo, (11) <u>tem muitas pessoas aqui que trabalham para outras pessoas que tem casa aqui</u>, que são <u>de fora</u>. Quando eu era menina, era muito diferente de como é agora. (15) <u>Eu trabalhava na roça, ajudava minha mãe. Isso até bem pouco tempo, porque há uns 13 anos, antes de eu começar a trabalhar fora, a gente ia para a roça, tratava a mandioca, buscava lenha. Tinha essa cultura de fazer farinha. Depois que eu comecei a trabalhar fora, aí eu não fiz mais isso, porque não dava para fazer as duas coisas. Então a gente tinha essa cultura, de fazer farinha, de ir para a roça. Eu me criei assim. Ia para a roça com a minha mãe de manhã, vinha, ajudava a limpar a casa. (25) A gente não tinha água encanada, então a gente pegava as louças e ia para o rio. Esse riozinho que passa aqui tinha muita água. Agora no Bonete está acabando a água. Então a gente ia lá lavar louça, lavar roupa, trazia água para o caldeirão para tomar em casa. A vida antes era muito difícil. Agora não. Agora o Bonete está muito bom para viver. (25) Praticamente, os boneteiros são bem de vida. Não tem mais ninguém pobre aqui no Bonete. Graças à Deus! Eu gosto.</u></p> <p>Meu sonho? (2) É morrer aqui no Bonete! (risos) Para falar a verdade, meu sonho é ver meus filhos casados, com suas famílias, seus filhos, que eu possa ver meus netos. É isso aí. E estar aqui no Bonete. <u>Meu sonho é ficar aqui no Bonete</u>. Não tenho outros sonhos. Não tenho sonho de ir embora daqui, de morar em tal lugar. Esse sonho não é para mim.</p>
S21	
S22	<p><u>Nasci aqui</u>. (1) <u>Sou boneteira</u>. (1) Ser boneteira é ser do lugar. É importante para a gente. Mas quem vem de lá para cá é veranico quem vem de lá para passear aqui a gente fala que é veranico, é turista. Só vem para passear.</p> <p>(1) <u>A vida aqui para mim é boa. Muito boa</u>. Porque a gente nasceu aqui, <u>creceu aqui, se casou</u> e tem uma vida boa até hoje. Então a gente gosta dessa vida. Eu gosto da minha vida assim</p> <p>Sou dona do lar e trabalho fora. (9) Faço comida.</p> <p>(21) <u>A gente casou muito novinhos</u>.</p> <p>(22) Faço parte da igreja Ministério de Provetá. <u>Tem a reunião das mulheres às quartas-feiras. É muito importante porque a gente aprende muita coisa. A gente faz um grupo, conta o que a gente sabe... é muito importante</u>.</p> <p>(15) <u>A cultura do Bonete para nós é a farinha que a gente faz</u>. A gente planta mandioca, aí a gente tira, faz a farinha. (14) Já para o meu marido é a canoa, que ele faz essas coisas. Mas para a gente é a farinha.</p> <p>(1) Eu gosto. (2) <u>Quero ficar aqui</u>. (3) <u>Aqui é sossego. Lá é muito barulho</u>, muita “muvuca” e aqui não, aqui é sossegado. (1) A gente gosta daqui. <u>Eu gosto daqui. Não quero sair daqui não</u>.</p> <p>Meu sonho é que meus filhos, cada um, tenha sua casa própria. Case e tenha sua casa própria.</p>
S23	<p><u>Eu nasci aqui. Sou caiçara legítimo</u>.</p> <p>(9) Eu faço <u>transporte para o pessoal que vem, para os turistas</u>. Tem mais de 15 anos que eu tenho barco. (12) <u>Eu pesco</u>, (9) faço transporte. Com o barco na verdade, a gente faz tudo: levo pessoa doente quando precisa. Já fiz vários socorros</p>

	<p>aqui na comunidade.</p> <p>(12 - enquanto ele limpava a lula) Estou <u>tirando o dente e depois vou limpar a cabeça, o restante</u>. Como ela é muito pequena eu já corto aqui. Quando a cabeça é maior, corto aqui e corto aqui, ó, entendeu? <u>E aproveita tudo</u>. Aquilo é a tinta que fica nessa parte aqui e passa na... (21) <u>eu costume temperar com sal e vinagre. Não coloco mais nada. E passo na farinha de trigo bem sequinha e coloco na gordura quente</u>.</p>
S24	<p><u>Moro no Bonete desde que nasci</u>.</p> <p>(10) <u>Eu trabalho na prefeitura. Sou auxiliar de serviços gerais</u>.</p> <p>Eu levei uns tempos, na minha juventude, fora, porque jovem, o que ele quer é farrear e curtir a vida. Depois que eu casei eu tornei voltar naquilo que meus pais em ensinaram, fora de todas as coisas, porque <u>para nós (22) os caminhos evangélicos são os melhores caminhos</u> porque a pessoa livra-se de droga - porque é proibido fumar - da bebida, do cigarro. De todas as coisas que prejudica a vida, porque coisa de droga nunca dá certo para a pessoa. Eu sempre falo para meus filhos que a pessoa para entrar é fácil, mas para sair é difícil. E é daí que dá morte, dá o roubo e daí por diante.</p> <p>(15) <u>Eu tenho porção de mandioca</u>. Esse ano plantei. <u>Faço farinha</u>, só que eu não fiz agora porque eu parei de plantar. No ano de 2012 eu plantei, mas só que eu vou começar a mexer nela agora. Demora, porque ela tem que passar por um processo de “devesamento”. Então ela tem que “devesar” primeiro para então mexer nela. <u>O forno já está assentadinho. A casa do forno está sem acabar de fazer, mas já está coberto. Falta fazer o cimentado</u>. Se eu quiser fazer farinha eu já posso. <u>O forno era de meus pais. Aí ele queria vender e eu não deixei. É nossa cultura e eu falei “não, pode deixar aí que eu vou usar”</u>.</p> <p>(15) <u>Eu plantei feijão o ano passado</u> eu plantei aqui na minha terra, só que a gente deixa a terra num processo por uns 2 ou 3 anos, porque aquelas coisas que caem, apodrecem, então a mesma folha que cai é o adubo, certo? Então a gente deixa uns 2 ou 3 anos para depois a gente limpar ela, revirar e plantar feijão. Ano passado eu plantei <u>e colhi quase 50 quilos de feijão</u>. Esse ano eu vou ver se eu planto de novo. Já estou preparando outro. <u>É para consumo da minha família</u>.</p>
S25	<p>(21) A gente vê <u>o caiçara que tem mania de casar muito cedo. Com 15 anos já estão juntos, já casam e é assim</u>.</p> <p>Eu gosto daqui, <u>mas eu sinto necessidade da cidade também</u>. Chega um mês aqui e eu fico impaciente. Eu não vejo a hora de ir para lá e ver movimento, entrar numa lanchonete, num shopping, mesmo só para ver. Gastar é muito pouco, mas a gente precisa de um ambiente diferente, comer algo diferente. O mês inteiro aqui é aquela mesma comida. Não se tem nada de diferente, porque não tem. Acaba. A gente compra mas acaba e fica só o básico. A gente ver as coisas, andar de ônibus. Eu sinto essas coisas.</p> <p>(15) Eu tenho sonho de voltar a mexer na terra. Eu fui criado nisso, na terra e só me dedicar a isso, a cultivar, plantar, criar, mas ter um lucro com isso também, vender, não só para uso próprio. Se você quiser uma couve-flor para comprar, não tem, mas se tivesse, venderia em “dois palitos”, um alface, uma couve, hortaliças, legumes. Aqui não tem isso.</p>
S26	<p>(1) <u>Eu sou Boneteiro. Moro aqui desde que a gente nasceu. A gente nasceu aqui</u>,</p>

	<p>cresceu e estudou aqui. <u>A gente vivi aqui.</u> (4) Bom, <u>eu saí um pouco.</u> Eu passei um bom tempo em Santos com a minha tia. Eu trabalhava em barco de pesca e depois a <u>gente voltou para cá</u> e por aqui a gente tá vivendo, né? (risos)</p> <p>Num ponto eu tenho vontade de sair porque a gente já está até cansado de estar aqui, então era bom passar uns tempos por lá. Mas a gente tem casa alugada lá na frente e a gente, quando dá vontade, vai para lá e passa uma semana, dez dias, 15 dias e depois volta (risos).</p> <p><u>O dia-a-dia daqui, antes era (15) roça. De manhã você tomava café, pegava sua ferramenta e ia para a roça trabalhar.</u> Ali você plantava batata, plantava feijão, plantava mandioca, plantava milho. Só não plantava arroz. O resto você plantava tudo. <u>Aqui, antigamente, dava muito café. Café em grão. Laranja aqui era o que mais dava. E a gente cresceu nesse ritmo de trabalhar na roça.</u> (4d) <u>E hoje não, se você pegar uma ferramenta e subir lá para cima para uma roça, você tá sujeito a pegar cadeia porque não pode. O meio ambiente não deixa. Aí você sofreu com aquilo. Uma coisa que antes você gostava de fazer, hoje você não faz.</u></p> <p>(15) <u>Às vezes a gente fazia farinha para vender fora. Cortava banana para vender para fora.</u> Agora, o café não. <u>O café e o feijão agente colhia para o consumo.</u></p> <p>Ah, eu gosto! Se eu pudesse trabalhar na roça hoje eu trabalhava.</p> <p>Antigamente eu ia na religião (23) católica. Hoje em dia eu não vou porque está tudo muito bagunçado, <u>o padre deixou de vir aqui e a gente não tinha uma missa para ir e eu falei não.</u> Para a outra também não vou. Eu não mudei, só que também não vou. E fiquei assim.</p>
S27	<p><u>Moro aqui desde quando eu nasci</u> (risos).</p> <p>(20) Nós temos a coleta de lixo. Aí, de 2000 <u>pra cá, de 2001 mais ou menos,</u> (4) <u>o prefeito e ele contratou uma canoa pra tirar os lixos daqui e aí foi aumentando.</u> Em 2004 mais uma, em 2005 mais outra, três canoas. <u>Agora tem quatro canoas. Toda semana vai o lixo.</u> Quando a maré tá cheia leva o lixo lá no Rio Nema. Quando a maré tá baixa, aí tem que levar lá na beira do mar. <u>Agora, não manda o lixo quem não quer.</u> Aí depois, daqui, eu creio que no final de maio, mais ou menos, aí tem que mandar sucata. Então, a gente, <u>aqui no Bonete,</u> só se for quintal de alguma casa que não sabe o que é limpeza, mas, que <u>é tudo limpo,</u> é, entendeu? Principalmente nós, caiçaras. Aí na prefeitura tem o centro de triagem, de reciclagem Então, eles pegam esse lixo, reciclam, amassam, empacotam e mandam pra Tremembé. É a prefeitura de Ilhabela. E vende. <u>Resto de comida a maioria enterra. Muita gente aqui tem criação de galinha aí damos porque sobra um pouquinho de arroz e um pouquinho de peixe.</u> É assim, você vê <u>no quintal dos (1) boneteiros,</u> aqui, os caiçaras, <u>não tem lixo exagerado ou resto de comida que tá fazendo mau cheiro,</u> entendeu? Não tem. Antes tinha, antes tinha. Nos anos 80, 85, 90.</p> <p>Agora, a gente, pra falar daquelas antiguidades. <u>Tem vezes que eu pego pra falar algumas coisas pros meus filhos.</u> Meu filho que tem 29 anos, o caçula, que mora com umas molecadinhas, <u>ele não acredita, não acredita.</u> <u>Quando era pequeno, tinha 7 anos mais ou menos, eu cheguei a ir a remo com meu pai pra São Sebastião.</u> Dormia na praia de São Sebastião, muitas vezes <u>dormi na praia de São Sebastião.</u> <u>Ele levava a minha mãe, não dava tempo pra vir no mesmo dia, dormia e vinha no outro dia pra fazer as comprinhas. Só comprava o básico, né, que era o sabão em pedra, que não existia sabão em pó.</u> (15) O feijão a gente que colhia, plantava na roça. Aqui a gente colhia, a gente plantava. E só <u>comprava o arroz,</u> e o arroz, a gente comia aqui. <u>De domingo a domingo aqui a gente se alimentava mais bem.</u></p> <p>(21) <u>Pirão de banana, Azul Marinho.</u> E a gente gastava muita farinha de mandioca.</p> <p>(12) Hoje em dia, não. Hoje em dia acabou-se aquilo. <u>A gente fazia um alqueire de farinha. Fazia hoje, segunda-feira, sábado tinha que ir na roça buscar mandioca pra fazer mais, porque a gente não comia sem a farinha, que era pra fazer o azul</u></p>

	<p>marinho. Hoje em dia, não. Os netos da gente, os filhos, comem peixe um dia por semana. Se não tiver frango, carne, alguma coisa, “Não quero, não. Não como peixe”. E você pode ver que todos os boneteiros são fortes, né, já reparou a vitalidade? Passavam a peixe antigamente. Hoje matam, assim, pra vender. Matam bastante pra vender.</p>
S28	<p><u>Eu nasci aqui. Quem mora aqui, quem nasceu aqui, a gente chama de (1) boneteiro.</u> (1) Eu gosto, adoro esse lugar. Às vezes, quando me dá a louca, <u>eu tenho vontade de sair</u>, mas depois, não. Se eu for sair eu vou me arrepender. (3) Aqui é sossegado, tranquilo. (1) Quero acabar de criar meus filhos aqui, no lugar que eu nasci. (3) <u>Aqui é sossegado, não passa carro, não passa nada aqui</u>, (1) <u>então eu gosto daqui</u>. (22) <u>Eu hoje vou na igreja</u> aqui. Tem uma igreja <u>evangélica</u> que eu participo. (21) A maioria aqui <u>trabalha</u> e chega tarde, <u>chega 5 ou 6 horas e chega no barzinho aqui, toma sua cervejinha</u>. Eu era assim <u>quando não ia para a igreja</u>. Ia para o bar, tomava uma cervejinha <u>ou uma caipirinha</u> <u>Tem algumas que vivem de (13) roça e algumas que vivem de (12) pesca</u>. Eu estou parada. Não tenho serviço nenhum para fazer. Já trabalhei (9) em pousada, para fazer um bico. Em casa também, (11) como caseira. Depois não quis mais.</p>
S29	<p>Ninguém gosta de (1) boneteiro. Tem inveja da gente por essa vida que a gente tem. (2-4) <u>Nunca mais tenho vontade de sair daqui</u>. <u>Eu trabalho de várias coisas</u>. Eu trabalho na (12) <u>pesca</u>, trabalho (13) de ajudante de obras. Nossa, eu faço um monte de coisa. Só manual, serviço braçal. <u>Aqui você pode ter o seu “pinga pinga” mensalmente e pode (14) pescar também na época do (19) verão, que é uma época boa, quando não estiver trabalhando</u>, entendeu? Porque (18-19) no inverno aqui o mar é tenebroso, é sinistro. Chove pra caramba. Então a pessoa, por princípio, pode pescar e fazer os dois ao mesmo tempo.</p>

APÊNDICE D

INSTRUMENTO DE ANÁLISE B

Quadro 12 – Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões B: Identificar as estratégias que a comunidade tem buscado para promover o desenvolvimento local

Sujeito	Discurso individual, <u>expressão-chave utilizada</u> , (ideia central) e ancoragem .
S1	<p>(2) <u>Eu acho que a maioria das coisas é de responsabilidade da prefeitura, porque por ser uma área de preservação ambiental, tem muita coisa que a gente não consegue fazer. O que cabe a nós, eu acho, é preservar e cuidar do lixo</u></p> <p>(1) <u>Mas a maioria das pessoas não participa mais de reuniões, porque (12) quase todos os projetos que vem pra cá param na metade. Aí você não sabe mais o que acontece. Porque eles começam a coletar dados disso e daquilo e depois somem. Você não sabe o que acontece com as coisas. Você não vê o final de nada. Então você sabe que isso faz com que as pessoas não acreditem mais. Nem um projeto a gente vê ir adiante. E qualquer projeto que você vir no Bonete não vai até o final. Não vai. Nós já estamos tão cansados desse negócio de várias pessoas virem aqui e aí começam com um curso ou começam com um palestra e nada chega no final. Tudo pára na metade. Então os boneteiros já são descrentes das coisas, entendeu?</u></p> <p>A associação Bonete Sempre, por exemplo. Por mais que eles queiram, por mais que eles tenham boas intenções, o presidente dela não é um boneteiro. Então o que acontece: os boneteiros nativos, a maioria, não olham a associação com bons olhos, por melhores que sejam as intenções que eles tenham. Às vezes eu vou em algumas reuniões e eu vejo que ela é composta por pessoas também daqui do Bonete, mas como o presidente, a “cabeça”, não é daqui, ela não é bem vista. O rapazinho que tá aí, a gente vê até ele fazendo algumas coisas boas, mas, eu não sei, é um sentimento diferente. É diferente. Eu não sei te explicar direito, mas, assim, tem alguns boneteiros mesmo que gostam dele e alguns que não. Ele não tem aceitação de 100%.</p>
S2	<p><u>Associação Bonete Sempre ela foi registrada em maio, mas ela começou com as primeiras reuniões entre os dirigentes, acho que em março. O registro foi em Maio [2013]. O registro foi meio difícil porque o registro é uma burocracia tremenda, mas conseguimos registrar, fazer o CNPJ, tudo direitinho.</u></p> <p><u>Ela surgiu porque o Bonete precisa de muitas melhorias, que a gente está buscando, e também de proteção. Então a gente precisava de uma instituição para ganhar mais força e poder fazer nossos pedidos e não só falar como pessoa física quando a gente fosse reclamar na prefeitura de alguma coisa ou pedir apoio para alguém.</u></p> <p><u>Inclusive agora eu estou preparando ofícios para a prefeitura, para todas as secretarias, pelo menos uns vinte pedidos. Tem muita coisa que a gente quer. Coisas básicas que são direitos da comunidade, que a gente deveria ter sem precisar pedir, e outros projetos a parte que não são obrigações da prefeitura mas que a gente gostaria que tivesse aqui, então a gente vai buscar outras parcerias também.</u></p>

Um exemplo básico que é nosso direito é o nosso posto de saúde. Por exemplo, lá tem uma enfermeira residente e não tem uma substituta. Quando essa enfermeira não está, quando ela tem folga, férias ou vai fazer cursos, não fica ninguém aqui. Por exemplo, agora, nesse momento, a gente está sem nenhuma enfermeira e temos um senhor que está acamado e que precisa de cuidados todos os dias pois está com ferimentos. Também temos 3 gestantes no Bonete, então não dá para gente ficar sem enfermeira. Temos um posto super bonitinho, mas sem enfermeira no momento. Estamos sem vários medicamentos e sem alguns equipamentos básicos, como até o desfibrilador. Se tiver algum caso, já que a gente está isolado, a gente tem que ter um. Precisamos de um pouco de segurança nesse sentido, então a gente vai pedir também. Uma outra coisa básica é escola. Os alunos estão indo estudar de lanterna pela manhã e no final de tarde, porque a luz da comunidade tem problemas. A gente está tentando solucionar esses problemas da luz, mas enquanto isso eles podiam resolver o pepino, porque a escola tem placa solar, mas está quebrada há um ano e meio. É tudo no ritmo deles [da prefeitura], do jeito que eles querem, sendo que as maiores verbas da prefeitura são para a educação e para a saúde. As verbas que vem dos royalties do petróleo, tudo isso.

Se eu não me engano são 16 membros. Todos são moradores e o mais legal é que [a distribuição dos cargos] foi bem dividida entre as famílias do Bonete, então a Associação está bem heterogênea e as informações, as coisas que a gente está lutando e os objetivos são repassados entre as famílias e se espalham rápido.

A associação começou recentemente. A gente fez muitas reuniões entre a diretoria para começarmos a pensar juntos no que a gente poderia fazer e quais eram as prioridades. Recentemente a gente fez uma reunião com toda a comunidade, explicando tudo o que a gente fez – porque a gente já começou a fazer algumas coisas legais também – e pedimos a opinião para ir atrás de outros objetivos. A gente não prometeu nada pra ninguém, porque a gente não é político, então a gente está vendo o que é importante e está tentando correr atrás da melhor forma.

A gente chega num consenso e ficam todos pensando juntos, dando suas opiniões pra ver como conseguiremos resolver essas coisinhas, com quem falar e como fazer.

Os assuntos que a gente tem conversado são praticamente do interesse de todos. São coisas como o posto de saúde, a escola, a luz que a gente está tentando arrumar e algumas coisas voltadas ao turismo, para melhorar alguns aspectos. Estamos pedindo as pontes nas cachoeiras, que também são importantes. Hoje, se chover um pouquinho a mais não dá para passar, então eu acho que os assuntos são de interesse comum e a gente só está alinhando de que forma resolveremos.

Hoje em dia eu acho que estão participando mais. Há uns tempos atrás todas as reuniões ficavam meio vazias. Vinham pessoas aqui interessadas em tentar ajudar de alguma coisa, mas não participavam muitas pessoas. O pessoal já estava desacreditado porque já veio muita gente aqui antes, prometendo, prometendo, prometendo e nada aconteceu. A gente tem um problema na nossa hidrelétrica, na luz, que dura anos. Todo mundo falou que vinha ajudar e... “ah, eu vou, eu vou, eu vou” e depois ninguém via os resultados. Então o pessoal ficou um pouco desacreditado, já não aguentava mais papinho. Agora eles estão vendo que a coisa está começando a funcionar, que a gente já conseguiu alavancar em algumas coisinhas com a Associação. Isso está despertando mais o interesse. Os membros da Associação, esses sim, estão bem fortes, participando e se engajando.

Toda essa história, que foi o estopim da guerra, começou em uma reunião lá em Caraguatatuba, onde foi votado o mapa de Ilhabela. A gente levou 5 moradores

e eles viram como esta sendo articulado o golpe dos que queriam prejudicar os lugares e ganhar em cima disso. Então, por mais que lá estivesse toda a população da cidade, as ONGs e as comunidades de Castelhanos e Bonete contra [esse mapa], a gente viu que ninguém ligou a mínima [para a nossa opinião]. Votaram o mapa que a prefeitura queria, que urbaniza as comunidades e faz outras coisas, como transformar em zona industrial o canal de São Sebastião. O canal de Ilhabela era uma Z4 e eles querem transformar numa Z5, que é uma zona portuária e industrial. Isso é outra coisa bastante grave. Toda a população, que estava contra [a aprovação do mapa], viu como a coisa é suja. Isso alertou muito a comunidade. Eles comentaram entre eles e se animaram para irem nas próximas reuniões também. Viram que é importante, que tem que se dedicar a essas causas porque senão, quando essas coisas tiverem batendo na nossa porta, já não tem mais o que fazer.

A gente também não pode falar que a prefeitura só faz coisas ruins. Eles fazem coisas legais também e a gente elogia quando essas coisas acontecem. A escola melhorou bastante. Falta muita coisa ainda, mas melhorou bastante. Agora têm bons professores, foi reformada. Existe essa parceria com a prefeitura e tem também muita gente que olha com carinho para o Bonete. Outras ONGs e até pessoas físicas quererem ajudar também. Também se organizou o Instituto Bonete que foi formado pelas pessoas que tem casas aqui. Tem algumas pessoas que tem casa de veraneio aqui porque amam o lugar. São pessoas que gostam do lugar como ele é, então querem ajudar. Eles formaram o Instituto para tentar ajudar a Associação e a alavancar algumas coisas. Muitas vezes a Associação mostra o problema para o Instituto e eles ajudam a resolver. Eles têm pessoas competentes para ir atrás de verba e de parcerias para conseguir viabilizar.

- São 3 instituições aqui: o Instituto Bonete, o Bonete Sempre e tem uma associação de bairro...

- Tem a Casa do Zezinho também.

É, Casa do Zezinho. E tem uma associação de bairro que está bastante inativa hoje em dia. Já tem dois anos que entrou um novo grupo que acabou não se articulando muito, e a coisa estava muito parada. Então a gente, vendo que nossa vida também fica parada se as coisas não acontecem, resolveu se levantar para poder alavancar essas coisas. Esse foi um dos motivos da Associação Bonete Sempre ter se levantado. Têm muitas coisas que precisam serem resolvidas, mas que precisa de um pouco de empenho.

A gente fez o mapa do Bonete, ficou bem legal também, que a gente vai implantar agora. O mapa acabou de ficar pronto ontem, tá aqui atrás, a gente colocou num bambuzinho bonitinho, a gente vai colocar nas duas entradas do Bonete e também a prefeitura doou para por nos restaurantes e pousadas. Só que eles doaram a coisa e agora a gente vai fazer primeiro uma moldura de bambu para ficar todo mundo do mesmo jeito. Eles doaram um tipo de material plástico, mas eles estão fazendo em madeira plástica. Depois vai ficar bem legal. Além dessas plaquinhas que a gente pôs, também estão vindo umas placas maiores com a história do Bonete, com as curiosidades do lugar e dicas. Vai ter umas coisinhas espalhadas bem legais. Esse trabalho foi feito pela Associação Bonete Sempre, com a Secretaria de Turismo e com um estudo de arqueologia da Ilhabela também. Então a gente tem umas parcerias bem bacanas.

O Instituto tem a sede aqui bem pertinho da praia. O Instituto está alavancando um monte de coisas bacanas. Vai ter cinema para as crianças e eles estão fazendo parceria com a escola também. A associação também está um pouco envolvida, mas o Instituto pegou bem essa parceria com a escola, que vai levar as crianças para campo, para as trilhas, fazer remanejamento de plantas, bem voltado para a educação ambiental.

É de pessoas que fizeram casas... Mas uma é bem parceira da outra. Tem moradores que estão junto com eles, então eles se conversam bastante, inclusive

	<u>nossas reuniões empresta o espaço deles. Não temos um espaço físico, mas a gente tem um espaço bom lá, então a gente pode usar o espaço deles.</u>
S3	Acho que por enquanto só tá na vontade. (2) Ainda não chegou nada do que a gente quer.
S4	<p>(1) <u>Eu não participo de nada.</u> Do trabalho para casa e de casa para o trabalho.</p> <p>(16) <u>O problema aqui é que um quer uma coisa e outro quer outra. Daí dá uma confusão! Uns querem ruas e outros não. Uns querem carro e outros não querem.</u> Daí eles falam assim: “Isso não vai ter como impedir”. <u>Se um dia tiver que chegar, vai chegar,</u> porque ninguém vai conseguir impedir, (19) <u>só que enquanto a gente puder, a gente vai tentar impedir, porque vai melhorar algumas coisas e vai piorar outro lado. A gente tem que pensar nos dois lados. O lado que melhora e o lado que piora.</u></p> <p><u>Aqui tinha muito mais coisas para melhorar em vez de estrada. Algumas pessoas, a metade dos boneteiros, só pensam em estrada, estrada, estrada, estrada, mas não pensam numa (14) escola melhor, num (13) posto de saúde que tenha médicos. Por exemplo, se você ficar doente aqui, se cortar ou acontecer alguma coisa, não tem nenhuma enfermeira hoje. O posto está fechado e você não consegue pegar remédio. Então eu acho que se tiver que melhorar alguma coisa aqui, que seja o (13) posto de saúde, que seja uma (14) escola um pouco melhor, com mais recursos, coisa que não tem aqui. Até agora eu nunca vi ninguém morrer nessa praia por falta de socorro. Quando o mar não dá, o Águia vem buscar. Então nunca morreu ninguém. (19) Querem implantar a C4, que é a urbanização. O prefeito quer tirar essa mata verde e colocar um monte de prédio, daí vai virar uma favela, e a gente não quer isso. A maior confusão dos boneteiros é por causa disso.</u></p>
S5	<p>13) <u>O principal problema da comunidade é a saúde. Porque aqui devia ter médico direto, porque mora bastante gente aqui e só tem uma enfermeira pra medir a pressão. Tem muita gente de idade, tem várias pessoas de idade, e muitas vezes a enfermeira pega férias, e ela tem que sair, e ela vai lá e as vezes não fica outra no lugar dela, para medir a pressão e pra dar um remédio. Então esse é um problema um pouco sério pra gente, né. Se passar mal, aí... E esse é o principal problema, a saúde.</u></p> <p><u>Podia estar melhor o Bonete. (2) O prefeito aqui também não faz nada pra gente. O prefeito aqui, da Ilha aqui não tem feito nada. Tá péssimo, porque dificuldade a gente de vez em quando passa. (2) Ele precisa olhar melhor pra gente aqui, mas fazer o que? (2) A gente não pode fazer nada, né. Tem que se conformar.</u></p> <p><u>Podia estar melhor o Bonete. O pessoal daqui é a favor da estrada e a maioria não é a favor da estrada, porque se tivesse uma estrada aqui, talvez tivesse melhor, ou talvez não tivesse melhor. Não sei se estaria melhor ou se estaria pior. Mas se a gente tivesse um emprego melhor, ganhando melhor um pouco, se tivesse assim, um (14) estudo pros filhos... (19) Eu na minha opinião não queria estrada não. Do jeito que está, está bom.</u></p> <p><u>Num ponto melhora, mas no outro já... piora, né. (3a) Porque os filhos da gente não podem ter a liberdade que tão tendo. Porque eu não sei. Se vier a estrada, vai vim carro até aqui, vai ficar lá, na entrada lá do mato lá que vão fazer não sei o que que dizem, né. (3a) Mas não vai ter essa liberdade, das crianças andarem</u></p>

	<p><u>aí, brincarem.</u> (19) <u>Aí já é mais complicado se vier a estrada, né. Já sem estrada a gente já tem preocupação, quanto mais se vir a estrada. Aí que a gente não dorme sossegado.</u> É, pode ser que melhore num ponto, mas a questão é que não vai melhorar não, pode crer. Tanta coisa que a gente vê acontecer, né. (5a) <u>A gente assiste na televisão que está acontecendo nessa cidade grande aí, que nem São Paulo. Mesmo aqui perto já tá acontecendo as coisas.</u> (3a) <u>E aqui graças a Deus não tem acontecido nada disso ainda. Graças a Deus. Se vem estrada você acha que tem esse sossego? Porque você já fica com aquela preocupação.</u></p> <p><u>Aqui tem a associação do Seu Hélio, que é encarregado da prefeitura e que é o presidente da Associação Amigos de Bairro.</u> (4) <u>É ele que organiza algumas coisas aí, (20a) inclusive lixo, que eles recolhem e vão levar amanhã. A gente leva o lixo para a praia e as canoas levam o lixo lá para a Ilhabela.</u> (14a) <u>E outra coisas, esse negócio de pescaria também é bem organizado. Não pode deixar os peixes na praia, porque não pode mesmo. A gente traz para cima os peixes que não dá para comer nem dá para vender, a gente faz um buraco bem fundo e enterra, porque não pode ficar na praia, né? Associação dos pescadores não tem, mas cada um faz a sua parte, porque a gente já sabe como fazer. O pessoal pesca bastante.</u></p> <p>(14a e 12) <u>O problema daqui também é o gelo, que não tem gelo, né? Que a gente pega um pouco de peixe a mais e não tem bastante gelo pra gelar. Não tem máquina de gelo, porque o nosso gelo aqui... a água aqui é fraca. A água é pouca.</u> (12) <u>Não tem como ter uma máquina de gelo, sabe. O gerador é pequeno, já é velho, então não tem como a gente colocar uma máquina de gelo.</u> (14a) <u>Quando a gente pega bastante lula, muitas vezes a gente tem que levar pra lá, pra vender lá. Pouco a gente vende aqui. Bastante não tem como vender porque é muita gente pra pescar. Então essa é a desvantagem que muitas vezes a gente tem.</u> (14a e 12) <u>Não tem bastante gelo pra gente... pro pessoal da comunidade. Porque, quem que não quer pescar? Você vê, todo mundo quer pescar lula. Aí a gente tem que pegar gelo lá em São Sebastião e é muito longe. Além de ser muito longe, (12) aqui seria muito melhor se viesse a luz e (19) não a estrada.</u></p> <p>(19) <u>O projeto do Governo Federal, Luz para Todos, do Governo Lula não atingiu aqui. Não veio aqui. Então nós <i>fiquemos</i> assim sem ter uma luz boa aqui no lugar, <i>tamo</i> precisando disso aí, (2) mas quem que vai socorrer a gente, né? É difícil!</u> (14a e 12) <u>A gente põe o gelo no isopor, nas caixas de isopor e no máximo em 3 dias acaba o gelo. Em 2, 3 dias acaba o gelo.</u></p> <p>(12) <u>A nossa luz, veja agora, está muito fraquinha. Esse gerador é a água. É turbina à água. a água vem da cachoeira. Mas daqui a pouco ela já vai melhorar, porque vai ligar o gerador a diesel. Gasta 800 litros de óleo por mês. É muita coisa. 5 horas por dia só. 800 litros por mês. É muita coisa! Imagine se fosse dia e noite? Se tivesse uma luz de lá, que viesse pra cá seria muito bom pra nós. A gente tem essa geladeirazinha aqui, a luz começa a enfraquecer e já tem que desligar.</u></p> <p><u>O futuro aqui, vamos ver se melhora, né. (2) Pra frente, vamos ver se chega um prefeito melhor aí pra nós, que olhe melhor pra gente, (13) que cuide mais da saúde do Bonete, e assim, o futuro ... o nosso futuro é nossos filhos, porque eu já tô em idade um pouco avançada.</u></p>
S6	<p>(18) <u>Pra mim eu acho que tá tudo bem. A pessoa tem saúde aqui, tem liberdade, tem paz.</u> (3a) <u>O que é melhor do que essa paz, não é? Fala pra mim. Há dinheiro que pague essa paz que a gente tem? O ar puro que a gente respira? Não é verdade? Não tem poluição, não tem nada. A gente respira um ar puro!</u> (18) <u>Pra que melhor? Eu não tenho do que reclamar. Eu vou pensar que vai ficar bem do jeito que tá.</u></p>

S7	<p>(19) <u>A gente não tem uma estrada, mas acho que isso não é o importante. O importante é ter um (13) hospital no lugar, um posto de saúde legal, uma (14) escola legal pras criança estudarem, e (3a) ter a segurança de viver como a gente tem aqui. A minha filha, no dia a dia, pode brincar no quintal. Eu não tenho preocupação com ela porque eu sei que não tem um movimento que tem lá fora, que acontece hoje em dia.</u></p> <p>(6) <u>Eu também participo da Associação que tem aqui no Bonete, da Bonete Sempre. (7) O trabalho da associação está bacana porque a gente está começando agora, né, faz pouco tempo, mas a gente legalizou tudo. A associação está documentada no cartório e a gente está começando agora, mas eu acho que o povo tá feliz. A gente fez reunião com a comunidade e todo mundo gostou do projeto novo que a gente apresentou. A gente está com um projeto bom, estamos brigando por mais um orelhão, pra ter uma enfermeira fixa no lugar. A gente não tem que pensar só na gente. Eu acho que a minha felicidade é ver todo mundo que mora aqui feliz.</u></p> <p>(15) <u>Hoje em dia também está entrando droga no Bonete A molecada de 14, 13 anos já estão tudo nas drogas, fumando maconha. Daqui a pouco já vão querer outra coisa pior. (7) O nosso foco é começar a passar isso pra moçada que tá vindo: “Ó, coloca tua cabeça no estudo, faz um artesanato, joga uma bola, um surfe” pra tirar a cabeça da molecada daquelas coisas piores, porque eu acho que fixando sua mente no que tem que fazer no dia a dia as coisas ruins ficam pra trás.</u></p> <p><u>Tem um projeto aí que o prefeito tá querendo fazer, que eu acho que ele está querendo trazer estrada pro Bonete. Eu penso assim: tem o lado bom da estrada, mas tem também o lado ruim. Tem muita gente que tem mais idade que só está pensando no lado bom e não pensa no que pode vir de pior para o lugar. (19) Então eu acho que o Bonete, hoje, não tem estrutura pra receber uma estrada. Seria muito movimento pro Bonete. O lugar tem que ser estruturado pra receber essas coisas. O que me preocupa é isso. Se abrir uma estrada e vier carro... Não sou só eu que vivo do turismo, que tenho barco. Tem os meus colegas, muita gente que vive do turismo. Eu acho que vai acabar isso. Porque quem vai deixar de vir de carro, sequinho, pra vir no barco? E o bom do Bonete hoje é você pegar o barco, ter um pouco de emoção. Vale a pena! (risos). Eu acho que é isso.</u></p> <p>(2) <u>Eu falei com o prefeito. Eu acho que ele tem que olhar mais pra comunidade. Problema tem em todo lugar, né? O problema que eu vejo na comunidade, hoje, é (13) o posto de saúde. Tem um posto de saúde, mas se eu cortar o dedo aqui e precisar dar 4 pontos, não tem uma enfermeira lá. Se você precisar de um remédio, você não poderá pegar. Eu acho que isso é o que tem que melhorar na comunidade. (12) Outra coisa é a luz. A molecada toda reclama que durante o dia a classe fica toda no escuro e eles forçam muito a vista. (12) O Erving doou um gerador a diesel pra comunidade. A maioria dos locais, que são o pessoal mais velho, reclamou quando ele doou. (12) A luz da nossa comunidade vem de uma turbina que gira com a energia da água, só que ela fica oscilando muito, porque quando fica sem chover, por exemplo, durante uma semana, todo mundo fica sem luz. Queima geladeira, queima televisão. A luz fica num sobe e desce, oscilando muito. (12) Então ele doou um gerador a diesel pra ligar das 7 as 11 da noite e melhorou bastante. Ajudou bastante. (2) Eu acho que o prefeito precisava se unir com a gente. Tem muita coisa que precisa melhorar: (14) a escola, (13) o posto de saúde, vir medico mais constantemente. (17) Também precisamos de um posto policial, da visita da policia aqui no lugar. Eles vêm só quando é festa de Santa Verônica. Eu acho que não é só em tempo de festa que eles deveriam vir. A gente tem que estar com a segurança todo dia.</u></p>

S8	<p>(14) Precisa <u>melhorar na educação</u>, nos estudos, assim, sabe? (13) <u>O posto médico que não tem enfermeira sempre</u>. Tipo assim: <u>ela vai pra lá, e tinha que ter uma substituta pra ficar aqui</u>. Se a gente fica doente aqui...</p> <p>(19) <u>O projeto de urbanização eu acho um absurdo! Porque vai desmatar tudo, vai acabar com o nosso lugar e não vai ser legal. Não vai. Assim, o Bonete tá bom, só precisa melhorar algumas coisas.</u></p> <p>Eu imagino (14) uma educação melhor, um (13) posto melhor. Não quero que mude nada, só isso: educação e a saúde.</p> <p>(6) <u>Eu participo das reuniões do Bonete Sempre</u>, sabe? Eu participo.</p>
S9	<p>Tem tanto problema aqui. É uma dificuldade pra marcar consulta. (18a) Se eu tiver <u>dindim</u>, eu posso <u>sair daqui pra ir lá</u>. Se não tiver... não posso. É uma dificuldade, porque eu não tenho dinheiro pra pagar a embarcação. E ninguém vai colocar aqui uma lancha pra baixo, uma canoa, se você não tem o dinheiro pra pagar a gasolina. Temos que por a gasolina. Que tudo aqui é a base de dinheiro. Não esteja pensando que aqui é de graça. Jamais. Jamais! E <u>se o mar tiver manso</u>, minha filha, ainda levam <u>de canoa ou de lancha</u>. Se tiver bravo... se tiver <u>uma hora dessa, uma pessoa aqui precisando de atendimento, tem que passar telefone pra lá pro Águia pra vir aqui buscar a pessoa</u>. É muita dificuldade. Mas isso quando o mar tá muito bravo, né? E <u>quando tá chovendo muito não tem orelhão aqui</u>. <u>O telefone fica parado</u>. E se essa hora tem um pessoa aqui com necessidade de ir pra lá, no médico? Só não morre se Deus não quiser. <u>Isso é uma dificuldade</u>, Denise. <u>E é por isso que muitos aqui do lugar querem a estrada. E muitos não querem, já por causa de outra parte.</u></p> <p>(21) Mas eu não sou muito chegada na estrada não. <u>Tem gente aqui que só falta dar cria por não ter estrada aqui</u>. O Bonete, minha filha, já não tá muito bom sem a estrada. Imagine se vier estrada pra esse lugar aqui. Imagine! A gente que mora aqui, que vive aqui, que sabe o que rola por aqui no Bonete. E, <u>era bom que tivesse uma... que o caminho fosse mais limpo, aplanado, que viesse algum jipe aqui, de atendimento, não é mesmo? Mas estrada mesmo, rodada, que nem lá Castelhanos, acho que não é muito legal não. Não acho legal não. Acaba com a nossa privacidade toda aqui.</u></p> <p>(1) Na Associação eu nunca fui. Eu nunca fui.</p>
S10	<p>Os 2 principais <u>problemas</u> que eu acho que têm aqui é (14) escola e (13) saúde. <u>Acho que as duas principais, pra começar. Educação e saúde eu acho que são mais importantes.</u></p> <p>Tem <u>uma associação que é antiga, que é o encarregado da prefeitura que hoje comanda, que é o presidente, e tem essa nova, que é a Bonete Sempre</u>, que é essa galera que tem a pousada ali, (1) <u>mas eu não faço parte de nenhuma delas</u>. Não é que não é legal. É que eu procuro... eu sempre falo em casa, eu procuro estar dos dois lados, porque <u>hoje foi montado uma, tinha a outra, e as duas não estão juntas, estão separadas. Não querem parceria um com o outro</u>. Então eu, como me dou bem com todos, procuro ficar ali no meio com um de cada lado, tendo parceria com os dois lados. Por isso, por esse motivo eu não entro em nenhuma delas. Então eu fico assim, no meio. Ajudo um lá, ajudo outro aqui, dou minha opinião pra um, opinião pra outro. Tanto um quanto o outro eles sempre me procuram pra me falar, me passar alguma coisa, pra perguntar o que</p>

	<p>eu acho. Eu tô ai pra ajudar os dois lados, né?</p>
S11	<p>E o lado ruim daqui é que tem algumas coisas que ficam um pouco na contramão pra você, que é tipo o quê? (17) Alimentos, tipo, fazer compra aqui não tem lugar pra fazer. Tem que ir lá na frente da Ilha. (13) O postinho, quando você tá muito doente, você não pode consultar aqui, porque a enfermeira não pode. <u>Aí você tem que ir pra frente da Ilha. Isso que é um pouquinho complicado.</u> Mas é bom morar aqui.</p> <p>Queriam trazer estrada pra cá, <u>mas a maioria da população não quis</u>, porque <u>ia estragar o lugar</u>. (19) Mas, pra mim, ficando assim tá bom. Acho que <u>do jeito que tá</u>, assim, <u>tá bom</u>. Assim, no comecinho, tipo, eu sou jovem, pensei em agitação (risos). Mas depois eu fui pensando melhor e achei melhor não. <u>Tem outras coisas pra melhorar</u>. Melhor ficar do jeito que tá e melhorar outras coisas. Aí achei melhor não.</p> <p>Mas <u>seria melhor</u> se arrumasse algumas coisas, tipo (13) arrumasse um posto, (14) <u>trouxesse um professor mais adequado para o ensino porque, aqui, o mesmo professor que dá aula pra primeira série, segunda série, ele dá pro primeiro e segundo colegial</u>. E eu acho que o ensino não é o mesmo. Tipo, <u>são muitas matérias pra poucos professores. Nem todos são formados nas matérias. Eles dão, porque, tipo, não tem outros professores e tem que ser eles. Por isso que a educação não é muito adequada.</u></p> <p>(1) <u>Não faço parte</u> de nada.</p>
S12	<p>(12) <u>Hoje em dia o que deixa a gente mais preocupado é a luz</u>, né? O problema da luz. (13) <u>A saúde podia ser melhor, o atendimento, dentista</u>. (14) A escola até que deu uma melhorada muito boa, viu. <u>A escola deu uma melhorada dois anos pra cá melhorou bastante. Pode ser melhor</u>, eu creio, mas eu acho que o que mais precisa aqui é (13) <u>um atendimento médico melhor</u>. (13) <u>O médico vem a cada quase 2 meses. Esse é o apoio que a prefeitura dá.</u></p> <p>(2) <u>O prefeito não ajuda</u>, entendeu? (2-12) <u>Precisava arrumar nosso gerador</u>, né, <u>que é movido à turbina, água. Ele tá bem acabado</u>, né. <u>Funciona ainda, não sei como. É um milagre.</u></p> <p>(8a) <u>Algum pode até ficar meio acanhado e falar “Ah, a gente é unido”, mas não é, não é unido. O certo é a gente dar a mão e ir à luta</u>, né? Mas aí, tipo, se dois ou três concordam, a maioria até concorda, mas não quer dar a mão, não quer levar adiante, né?</p> <p>Hoje tudo acabou se perdendo, né? (8a) Os valores, então as pessoas só olham pra si, né? Não olham <i>pro</i> próximo. Então eu vejo isso dessa maneira. Podia ser melhor, né. Ter tudo... (21a) <u>Eu vejo assim, um lugar pequeno, não tem tanta gente aqui, todo mundo conhece todo mundo</u>. Se você me perguntar o nome de todo mundo eu vou saber e por isso eu vejo, poxa, <u>a gente tem tudo pra fazer daqui, pô</u>. (1) <u>Eu mesma não participo</u>. (20) <u>Mas quando foi pra ir lá brigar pra não ter estrada nós demos a mão. O prefeito saiu correndo</u> (risos).</p> <p>(19) Então eu espero que fique desse jeito. Eu espero que continue assim, né?</p> <p>(19) <u>O prefeito veio há dois meses atrás fazer uma reunião e a gente nem deixou ele acabar de falar da Z4... A gente esperou o prefeito vim aqui, fizemos parte de uma reunião, aí uma equipe se juntou e “Não, a gente não quer a Z4 no Bonete. Não existe a Z4”</u>. Foi o ano passado.</p> <p>Olha, (19) <u>eu não gostaria que tivesse estrada com acesso a carro que entrasse e saísse do Bonete, igual eu vi no Castelhanos. Eu não gostaria, não, como moradora. Só vai tirar nossa paz. Se a gente precisa de um socorro, chama o</u></p>

	<p>helicóptero. <u>Mesmo com a dificuldade, eles conseguem chegar aqui pra socorrer algumas pessoas.</u> E quando a gente precisa é pelo mar que a gente vai. (18a) <u>E desde que eu nasci é assim. Tem o acesso ao mar, que nosso meio de transporte sempre foi as canoas e agora as lanchinhas, que é bem mais rápido.</u> E, antigamente, não existia motor, era a remo. Usavam pano e a remo, que era assim que eles começaram a navegar. Então, pensa a dificuldade daqui que de canoa com motor era quase uma hora e meia. Imagina remando, né?</p> <p><u>Aqui é uma Z2 e ele quer fazer uma zona urbanizada, entendeu? E tem gente grande atrás disso, (10d) gente que tem terreno aqui, que comprou de algumas pessoas uns anos atrás.</u> Vinte, trinta anos atrás e estão querendo que isso aqui vire uma Z4 pra fazer prédio, construir, fazer uma obra maior e (19) a gente não quer isso, né, poxa! A gente jamais quer isso.</p> <p><u>No Castelhanos tá lá a estrada. Você vai no Castelhanos e é só carro e cadê a luz? O povo não tem luz.</u> (19) Então, agora eu tô vendo que a estrada aqui no Bonete vai ser só um acesso pra entrar e sair carro, (3a) tirar nossa paz, nosso sossego, né? É assim que eu vejo. <u>Não vejo melhoria que a estrada vai trazer.</u> (19) <u>Bom é o pessoal poder fazer a trilha, poder caminhar, conhecer a cachoeira, desfrutar da mata, ver os pássaros bonitos pros olhos da gente.</u> Mas não uma estrada com acesso de carro pra lá e pra cá, entendeu? A gente nem sabe o que isso aí pode causar, porque vai ser uma estrada perigosa. Pra mim, pra falar a verdade, não vai me trazer benefício nenhum.</p> <p>(19) <u>Do Borrifos até chegar à balsa são quarenta e cinco minutos. Agora imagina até aqui? Vai quase duas horas de carro.</u> Sendo que vai ser perigoso essa estrada. <u>Eu não vejo cabimento, entendeu? Não tem lógica nisso. Eu acho que não é nossa necessidade. Não é disso que a gente precisa.</u> Se todo mundo lutou até aqui, todo mundo construiu sua casa, todo mundo vive bem, por que vai precisar de uma estrada agora?</p> <p><u>Têm umas famílias aqui que é o sonho ter a estrada, entendeu? (19) Não sei se eles vão conseguir realizar esse sonho porque a maioria é contra.</u></p> <p>(22) Esse é o telefone do Bonete, a gente se comunica com esse rádio, o HT. A maioria aqui das pessoas tem, então a gente quer passar um recado, chama no rádio, entendeu? Por isso que ele tá aqui. Daqui eu consigo falar com a Praia das Anchovas, aqui do lado. E até Indaiaba eu consigo ouvir, né. Não sei como eles me recebem, mas dá pra falar com o outro lado lá, o Porto da Toca.</p> <p>(10) <u>A Casa do Zezinho, no começo, eles trouxeram vários cursos aqui pro lugar, de alimentação, sobre turismo, também pra fazer pão Agora tá meio assim, mas eles procuram ajudar, né. Já teve apoio de psicólogo, tudo, e eles fazem visita nas casas.</u> Eu acho legal.</p>
S13	<p>O Bonete de bom tem as praias, as cachoeiras (risos), esse mar lindo, né. De ruim é que (12) <u>nós não temos uma luz elétrica e a gente precisava, principalmente a gente que tem comércio.</u> Pra nós era urgente ter luz elétrica. <u>A gente tem esse gerador a diesel</u> e até agora a gente consegue abastecer ele, mas vai chegar no frio e não a gente sabe o que vai acontecer.</p> <p>(19) Olha, eu sou a favor de ser <u>arrumada essa estrada, não pra passar carro, mas com ponte pros pedestres, porque ela tá muito difícil de andar, de caminhar. E, o povo que vem, corre risco de cair, bater a cabeça numa pedra e morrer na estrada, quebrar um braço, quebrar uma perna. E estando arrumadinha, o pessoal vem a pé e volta a pé.</u> Uma vez quer conhecer as cachoeiras, né, quer vir fazer uma caminhada na trilha. Estando boa a estrada, arrumadinha, eles vêm, não tem como não vir. Mas do jeito que está é meio difícil.</p> <p>(1) Não participo. <u>Já participei</u> da primeira Associação que teve no Bonete, agora não mais. <u>Mas faz anos, foi a primeira que saiu. Aí, com essa Associação</u></p>

	<p><u>nós conseguimos esse gerador que tem na cachoeira daqui, que é esse que vira água, que tá aí acabadinho que até agora não conseguiram outro. Mas foi na nossa época que nós conseguimos. Aí eu saí, não quis mais. Aí fui passando pras pessoas, mas aí começou a vir muita confusão, (8a) o povo não quis mais se unir, aí acabou.</u></p> <p><u>(16) Esse negócio de luz só dá briga porque um quer um negócio, outro quer outro. Um quer luz elétrica e o outro não quer. Um quer por o gerador na cachoeira e o outro não quer, então fica meio dividido. Divide, né?... Então, gera uma contenda muitas vezes, aí fica difícil você conseguir o que é preciso pra trazer pra cá.</u></p>
S14	<p><u>(15) Problema aqui é mais de droga, essas coisas assim, sabe. Eu acho essas coisas, principalmente.</u></p> <p><u>(12d) Eu acho que o pessoal deveria ser mais unido um pouquinho, pra comunidade mesmo. (8a) Têm muitos que são desunidos, né?</u></p> <p><u>(18) Ah, eu acho que assim tá bom. (19) Porque se for pra fazer o que querem fazer, de estrada, eu acho que vai piorar, né? Aqui já não vai ser como é, vai mudar muito. Vai vir muito turista, (15) muito mais droga. Acho que assim já tá perfeito (risos).</u></p>
S15	<p><u>Não tem desenvolvimento no Bonete. A gente queria muito que tivesse, mas não tem. É uma coisa que tá precisando muito é desenvolvimento.</u></p> <p><u>Uma vez tavam fazendo negócio pra vir estrada pra cá, igual tá lá no Castelhanos. (19) A gente não quer isso pra cá, isso de vir asfalto, vir prédio, essas coisas. A gente quer uma manutenção pro Bonete, que (12) venha luz da cidade pra cá, mas que não estrague o lugar. (19) Que não venha carro. (3a) Por que aqui as crianças vivem soltas. Então se vir carro pra cá, a gente vai ter que ficar de quatro olhos por causa do carro, moto, essas coisas. E a gente quer (13) um posto melhor, que venha médicos, porque aqui médico é de quatro em quatro meses. Então, se quiser passar no médico, tem que ir pra lá, tem que pagar. (14) A escola precisa de boas manutenções. Não tem livro na escola, o computador que tem não pega – ele tá lá só pra dizer que tem. (7) A Associação (Bonete Sempre) faz algumas passeatas, a gente vai junto. Quando faziam alguns trabalhos, quando convidam a gente, a gente vai, mas nada de toda vez tá lá, entendeu? (9) Aí tem esse Instituto Bonete que abriram pra reatar a cultura do Bonete. Só que assim, tem artesanato das pessoas, mas eles não fazem palestras. Por enquanto, até agora, eu não vi nada mudado. Eles fazem um ano que eles tão com esse... quase um ano com esse Instituto Bonete, mas fica só nessa do artesanato mesmo. Eles não fazem palestra. A única coisa que eles fizeram o ano passado foi sair nos rios pra tirar os lixos, catar lixo na praia, só, mais nada, assim. E é uma coisa que a gente tá cobrando eles, que eles fizeram o Instituto, tudo com negócio de “Ah, vamos reatar a cultura do Bonete”, mas até agora nada, entendeu? Daí é uma coisa que a gente luta, assim, principalmente pelo facebook.</u></p> <p><u>A Associação de Bairro, ela parou, porque muita gente não tava gostando do jeito que o presidente da Associação de Bairro tava fazendo. (11) Então, esse “Instituto Bonete Sempre”, ele foi feito pra retirar esse prefeito que tava aí. Assim, o prefeito queria trazer a estrada pra cá. Então já foi feito (a Associação Bonete Sempre) pra não deixar que ele traga a estrada pra cá e (5) pra mudar a maneira que o presidente da Associação de Bairro tava querendo. Os boneteiros não tavam gostando. (10) E a Casa do Zezinho, ela tá aí, mas também não ajuda</u></p>

	<p>em nada. <u>Ela ajuda só algumas pessoas, mas só aquelas. Tipo, parece que estão aqui só pra ajudar aquela família. Assim, nada de ajudar os outros. No começo, tudo era perfeito, mas, depois, aí tudo foi se acabando.</u></p> <p>(8) Associação Bonete Sempre é a mesma coisa. Assim, <u>no começo falaram que iam fazer isso, que iam fazer aquilo, mas até agora não mostraram nada.</u> Foi só papo mesmo. Não tem nada de melhoria por enquanto.</p> <p>(8a) Então, a comunidade mesmo ela <u>não é uma comunidade unida.</u> Aqui manda quem quer. Aqui o Bonete é tipo uma comunidade que cada um vem, quer fazer um negócio e fica... e faz. (16) Na comunidade muita gente quer que venha melhoria de lá pra cá, um posto melhor, médicos, luz, essas coisas. E tem gente que não quer. Tem gente que fala “Ah não, vai estragar o Bonete, que não sei o quê”. Só que essas pessoas que não querem, (10d) elas vendem terrenos, casas. Tudo pra elas é pros ricos. Tem muita gente que tá comprando o Bonete. Rico que vem pra cá, começou a vim o ano passado e já tá comprando o Bonete inteiro. Então... e essas pessoas, vamos dizer, puxa-saco dos riquinhos, não querem melhorias pro Bonete, porque os ricos pagam eles pra isso, entendeu? Tem muito rico que veio pra cá só pra acabar com o Bonete. (12d) Então a gente tinha que se unir, os próprios boneteiros, pra combater isso. (8a) Só que aqui é todo mundo desunido, ninguém respeita a opinião ninguém. (16) Cada um tem a sua e fica por isso mesmo. <u>Eu acho que esse (11) Instituto Bonete Sempre tinha que fazer uma reunião com os moradores, ver o que cada um quer, conversar com cada um e tentar fazer melhoria pro Bonete.</u> Só que eles fizeram e até agora nada, não teve nada, assim. (12d) <u>Eu acho que o Bonete tinha que ser mais unido pra ter suas melhorias, pra continuar a cultura.</u> Igual, no Castelhanos são os próprios moradores que mandam lá. Aqui no Bonete não, aqui manda quem quer, entendeu? É isso.</p> <p>(15) <u>Outro problema é a droga.</u> Tem muito boneteiro que vai buscar e tem turista que traz pra revender aqui. (17) Quando o Seu Hélio era o presidente da Associação de Bairro, <u>toda a temporada ele trazia policial pra cá. Reveillon, Carnaval, Festa da Santa Verônica. Agora, ano passado que começou esse (11) Instituto Bonete Sempre, parou de vir policial pra cá.</u> (15) E, assim, tem uns bares aí que eles abrem de noite só pra vender droga. E eles passam a noite toda na bagunça. Tem muita gente que não dorme por causa disso. (17) E <u>então uma coisa que precisa vir pra cá é ronda policial.</u> Uma das coisas que precisa mesmo. <u>Eu imagino o Bonete do mesmo jeito que ele tá, só que, como eu falei no começo, com uma (14) escola melhor, (13) com um posto melhor, que venha médico pra cá, porque quando tem algum acidente, a gente tem que sair com o mar ruim, essas coisas, não dá. Então não é sempre que o helicóptero vem aqui pra buscar alguém. (12) Com uma luz que dê pra gente poder dormir à vontade, que tenha ventilador, essas coisas, em tempo de calor. Assim, mas do mesmo jeito, sem mudar nada. Assim, com a cultura bem mais elevada. E é isso, eu vejo o Bonete assim, do mesmo jeito que ele é hoje, só que com algumas melhorias.</u> E eu penso que pro futuro Bonete vai ter melhorias, (13) um posto melhor, (14) uma escola melhor, (12) luz e... é isso. (14) <u>Os professores são bem qualificados, só que falta muito livro, e a luz na escola não é boa, então prejudica a visão das crianças. Não tem material didático certo pro professor fazer o que ele pretende fazer. A quadra precisa de uma boa manutenção. Não tem bola</u> e o professor que tem que comprar com o dinheiro dele. Essas são umas coisas que precisa melhorar bastante aqui.</p>
S16	<p><u>Os principais problemas aqui da comunidade são (13) saúde, (14) educação e (17) saneamento básico. São os únicos problemas do Bonete. Os únicos. Tem escola e tem posto. A escola tem uma estrutura boa, muito boa. O posto tem</u></p>

uma estrutura melhor ainda. Falta ter profissionais e investimentos. Não tem gente qualificada. Tem muita gente interessada pra cá. Tem muita gente interessada, só que não é a gente que decide vir, quem decide é (2) a prefeitura, os “bambambans” da prefeitura. Eles que decidem quem tem que colocar. (13) Se você ver a estrutura do posto, meu, lá não é grande, lógico que não é grande, mas tem tantos dentistas que querem trabalhar aqui. Trabalhar fazendo serviço voluntário, mas eu não sei o que acontece lá na prefeitura. Não sei. Eles não conseguem. (14) Professores que vem de lá pra dar aula aqui é difícil. Eles não vão se adaptar aqui. E os professores daqui ficam aqui direto. Moram aqui, ficam aqui, estão acostumados aqui. Sabem o dia a dia de cada um, a rotina deles. Então os professores daqui são uns 10 professores, são excelentes professores.

(6) Eu participo da Associação Bonete Sempre. Eu faço parte. Sou membro lá. Eu dou minha opinião.

A gente montou essa Associação Bonete Sempre no ano passado e tinha a Associação Amigos de Bairro – ASSOBI – e os membros saíram dessa Assobi e só ficou o presidente. O presidente durou mais do que devia na presidência, o que não podia. Ele fazia tudo sozinho. (5) Aí a gente vendo o lado errado, ele não queria a nossa participação, de muitos que queriam, a maioria dos membros saíram fora então ele ficou sozinho, então ele foi tudo. Ele foi o cabeça dela. Aí foi abandonado. Aí a gente se juntou, o Fredê que foi o cabeça: “monta uma!” – porque (19) teve um problema de urbanização para cá. Aí nós montamos urgente essa associação, fizemos tudo certinho e batemos de frente lá, nessa coisa que tem aí e com o prefeito. Só que o presidente da Assobi, que é muito chegado no prefeito, decidia tudo pela comunidade, sem ninguém estar sabendo, sem ninguém palpitar. Ele fazia as escondidas. Ele falava em nome da comunidade sem ninguém saber. (5) Que nem, veio um abaixo assinado, num papel, que era “luz para todos”, quase todos os moradores assinaram. Mas na hora, eles mudaram o cabeçalho. Foi 75 assinantes que teve. Aí eles mudaram o cabeçalho. Eles mandaram uma carta, falaram que a comunidade exigia luz e estrada urgente para o lugar. Aí foi direto para Brasília esse papel. Daí saiu no jornalzinho e caiu na mão de todo mundo que assinou e falou: “A gente não assinou para isso”. Foi uma briga! Aí a Associação Bonete Sempre já entrou com tudo, e fomos bater de frente. Só que agora, a maioria que era aliado da antiga associação, da Assobi, não tá batendo com a nossa, porque eles acham que tem os caras de fora, que são os nossos patrocinadores – porque a nossa tem patrocinadores, muito bons patrocinadores, que estão investindo junto com a gente. Essas plaquinhas que tem aí foi ideia deles, junto com a nossa que mandou para os caras lá da prefeitura fazer. Aí a maioria da comunidade não está do nosso lado, da Bonete Sempre, está da Assobi. Então os mais velhos, que querem a luz e a estrada, estão do lado da Assobi. (19) Os mais novos estão do lado do Bonete Sempre. Então a maioria é nossa. (19) A gente não quer a urbanização para cá.

Você pensa, vamos supor, numa urbanização no Bonete. O lugarzinho é um funilzinho. O que os mais velhos querem é uma estrada até aqui, beirando a praia. (19) O Bonete não tem capacidade para isso. Não suporta. Não suporta. Não tem estrutura para ter urbanização aqui. E outra, o morador nativo vai morar aonde? Lá no morro. (10d) Se é que tem terra nos morros ainda dos moradores daqui, porque ultimamente quem tem aqui tem. Porque não tem mais. A maioria dos terrenos que tem lá no morro é tudo turista que tem. Eles venderam a preço de banana. Tem um senhor aqui que fala que os turistas são donos do Bonete. Eu falo que são donos porque venderam a preço de banana a terra, então, por isso que eles são donos. (16) Então, o povo estão muito divididos, metade Assobi, metade Bonete Sempre. E eu garanto que daqui até metade do ano vai estar todo mundo do nosso lado. (7) A gente está fazendo

	<p><u>coisa boa. Tem gerador aí que eu acho que nem a Assobi conseguiria, pelo valor que ele custa, e nós conseguimos com o nossos patrocinadores que são os caras que estão do nossa lado, nos ajudando. Eles querem manter do jeito que está o Bonete.</u></p> <p>(7) A gente tá conseguindo educação, saneamento básico e saúde.</p> <p><u>Antigamente era passado fome sim no Bonete. Não se passava fome, mas tinha necessidade. Por que fome, tomar café com farinha e passarinho frito não era passar fome. Agora ninguém passa fome. Agora tem 35 lancha, tudo com motor de 40. Sai quase 15 mil cada lancha. Antigamente ninguém tinha esse dinheiro para comprar. Então quer dizer que agora está todo mundo crescendo, investindo. E o Bonete está bom. Eu falo que está muito bom assim. Todo mundo tem o que quer ter agora, (19) mas não precisa vir estrada para o lugar, não precisa.</u></p> <p><u>O Bonete precisa crescer a comunidade, só a gente, caçara, família. Crescer em família, em número de pessoas da família. Crescer em saúde. Ter uma boa saúde e uma boa educação aqui. Ter um saneamento básico. Alguém falar assim “o lugar mais perfeito de Ilhabela é o Bonete” Tem tudo. (19) Só não tem carro e estrada.</u></p>
S17	<p>(2) <u>A prefeitura faz muito pouco pra nós.</u></p> <p>(9) <u>Tem ONG, tem outras coisas aqui, outros projetos, mas não é voltado pra galera daqui, “tá ligado”?</u> <u>Não sei qual é a intenção dos projetos que tem, mas você não vê retorno.</u></p> <p>(13) <u>Tem o postinho de saúde ali, mas é devagar, né. É só pra tirar pressão, dar um remédio pra dor de cabeça. Fora isso, você vai ter que ir lá pra cidade. (13) No posto Tem um tipo de remédio pra tudo. você machucou é anti-inflamatório. Você tá com uma parada cardíaca, você vai tomar anti-inflamatório. Você se quebrou todo, você vai tomar anti-inflamatório. Não tem uma variedade. Só dipirona. Você se machucou tem que ir pra cidade. Anos, entendeu? Ano passado era assim, esse ano é assim.</u></p> <p><u>O prefeito quer mandar abrir a estrada. O Geraldo Alckmin assinou pra fazer a Zona 4 aqui, a área urbana. Legalizar pra fazer um monte de coisa e (19) a gente não tá querendo nada disso, meu. A gente quer deixar do jeito que tá. Tá bom demais. Tem que melhorar aqui (17) o saneamento básico pra gente. Mais (13) saúde, um hospitalzinho melhor, com soro de cobra, que não tem. Um socorro melhor, entendeu?</u></p> <p>(20) <u>Saíram com as lanchas pra falar que não queriam a estrada, mas não deu muito certo, né? Mas o que deu uma adiantada aqui pra gente foi que atrasou isso aí. Atrasou um pouco, porque, o pessoal daqui, a maioria não quer e um pouco do turista que tem dinheiro aqui também não quer, e ajudaram a embargar essa parada aí. Engavetaram o processo só por um tempo. Só por um tempo. Logo, logo vai continuar. Eles querem trazer energia e estrada.</u></p> <p><u>O povo mais velho quer a estrada, (19) a gente não quer. Eles querem, mas não sei por que eles querem estrada, pô. Não tem nada a perder, já viveram a vida inteira. Eles querem estrada, porque não tem recurso, mas tem o recurso. A gente precisa de uma emergência, a gente liga lá, o Águia rapidinho e pega. O mar estando bom, não tem perigo. Mas os caras querem estrada, mas sei lá, os caras querem andar de ônibus, entendeu? Estão aposentados, querem o ônibus.</u></p> <p>Ah, a melhoria pra nós aqui... energia já temos. Não sei pra quê mais energia do que isso. <u>A gente não paga 30 reais por mês de luz. Tá caro, tá caro, porque na cidade muita gente paga 30 reais, mas tem luz suficiente pra tudo. Aqui e muito fraca.</u></p> <p>(10d) O Ervin <u>comprou umas pousadas aí, comprou um terreno, comprou essa</u></p>

	<p><u>casinha aqui, fez uma ONG, o Instituto Bonete.</u> (11) Uns falam que é ONG, outros Instituto, não sei. É mais ou menos isso, cada um fala uma coisa, né? Até aí, beleza. <u>Aí ele mandou esse gerador pra gente, pra ter uma luz melhor,</u> por pouco tempo também, das sete às onze da noite. Aí acabou e volta um gerador que é uma miniusina, que é movido à água.</p> <p>Essa miniusina foi no começo do mandado com a ajuda da prefeita Nilce, quando ela era prefeita. Aí a Petrobras doou o gerador e mandou a prefeitura mandar pra gente. E mesmo assim tá lá no papel que foi a prefeitura que doou. A prefeitura só tomou por nome, não tem nada a ver com isso. E até mesmo o posto de saúde daqui foi o (10d) dono de Indaiauba, de uma prainha aqui do lado, que é o Marcos Moraes, que ele que... pra prefeitura deixar ele fazer umas “paradas” lá, tudo legal, aí ele lançou esse gerador pro prefeito dar... fazer o posto de saúde, uma quadrinha, pra poder enganar um pouco. Aí o prefeito fez, assinou como ele que fez, entendeu? Como a prefeitura fez, mas nada disso foi acontecido. Foi o cara lá que mandou, o Marcos Moraes.</p> <p>(13) E na prefeitura quantos <u>projetos de “Luz para todos”</u> que o governo falou? <u>Não pôs nada aqui.</u> Nada de mão de prefeitura nem de governo. Foi a gente que chorou pra ter. <u>A Petrobras doou um gerador que a Nilce que mandou pra cá. Queimou e mesmo assim tiramos dinheiro do bolso de caçara, arrecadamos dinheiro pra comprar um novo, esse que tá aí.</u> Então não tem mais nada a ver com os caras. <u>E agora o cara doou esse outro pra nós também,</u> que é um a diesel, só funciona à noite também, até às onze horas. E às onze horas para tudo, acabou tudo.</p> <p><u>Precisava de mais investimento no lugar pela prefeitura.</u> (17) Saneamento básico em geral. Botaram uma placa com saneamento à base de rede de esgoto, não sei o quê. Tinha que tratar essa água antes de jogar fora. Usar pra outras coisas. Usar pra tratar e regar as plantas.</p> <p>(17) Faltava um mercadinho, alguma coisa que melhorasse mais também. Ah, no inverno a molecadinha joga na <u>quadra, mas tá toda rústica,</u> meu. Você cai, se arreventa todo, cheio de limo, meu, tá feio. <u>O projeto era pra ter cobertura e não teve nada disso.</u></p> <p>(8-9) Associação Bonete Sempre e o Instituto Bonete Eles vêm com um monte de “blá, blá, blá” e a gente não entende nada. Eles falam uma coisa, depois fazem outra, em cima de outra.</p> <p>Mas você não vê nada disso resolver nada. Não acontece nada. Só uma “panelinha” só deles ali, que rola uma falcatura, que aí acontecem as coisas sem a gente que mora aqui saber, meu. (9) E essa aqui, essa “parada”, o Instituto, <u>não é daqui do local. São tudo gente de fora que tão envolvidos. Então eles fazem umas coisas que nós, caçaras, nem tá sabendo o que eles estão planejando fazer. Eles não se comunicam com a gente.</u></p> <p>Não vejo nada acontecer. Essa ONG do Zezinho aí, que antes era do cara de lá, que não sei o quê, ganharam dinheiro e foram embora e <u>tá aí essa ONG e (10) não vimos nada acontecer.</u></p>
S18	<p>Para trabalhar aqui tem que ter coragem, Denise. Você vê, (18a) <u>tudo é pelo mar e é tudo difícil o acesso para você ir lá, comprar, trazer,</u> e a gente não paga barco porque tem o barco do meu marido, mas tem pessoas, outras pessoas que tem comercio, que eles pagam barco. É quase R\$ 200,00 <u>de barco para ir lá pegar mercadoria.</u> Então a gente não paga porque a gente tem o barco da gente. O gelo também é muito caro para você trabalhar para ter os refrigerantes gelados. Tudo isso é muito difícil. <u>Aqui é cada um por si.</u> Cada um é por si.</p> <p>(25a) Olha, <u>de uns 15 anos para cá que melhorou muito.</u> Melhorou bastante mesmo. Você vê, o lugar aqui é uma comunidade que tem bastante morador e o</p>

que melhorou aqui para mim foi (20a) sobre o lixo. Melhorou muito, porque antigamente aqui, Denise, o lixo era jogado nos quintal, (7c) não tinha camping e o pessoal vinha e *barracava* na praia, então era muita sujeira. Por ser na praia, não dava para ficar no final de tarde por causa do mau cheiro. (20a) Daí, teve uma mulher lá na ilha, que trabalhava no meio ambiente, a Cassia, fez um multirão aqui uma vez para vir um barco pra cá pra catar lixo, daí eles vieram e junto com o pessoal daqui eles tiraram mais de uma tonelada de lixo. Aí ela começou lutar para conseguir gente daqui com barco para levar o lixo. Daí ela conseguiu e tem até hoje. Ela conseguiu isso junto com a prefeitura para colocar gente daqui, que tem barco, para trabalhar de levar o lixo. E isso tem até hoje. Agora tem 4 barco que leva. É o lixo lá da Indaiuba e do Bonete. É separado o lixo. Eu separo, eu cuido do meu lixo. O orgânico e o reciclável é tudo separado. Melhorou muito com a coleta do lixo. (13) A saúde melhorou um pouco, mas ainda precisa melhorar muito. Tem uma enfermeira que ela presta socorro aqui para as pessoas. Se precisar alguma coisa ela já encaminha a gente para o médico na Ilha. Ela já liga e já resolve. Deu uma melhorada, mas ainda precisa melhorar muito. (12) Sobre a luz também, precisa de uma energia melhor. Tá bom, mas ainda precisa melhorar muito mais.

Olha Denise, vou ser sincera e falar para você: (8a) o povo não está unido. (12d) Precisa se unir ainda mais, para junto, (16) pensar tudo igual. Porque eu penso de um jeito e a outra pessoa pensa de outro jeito, então não dá certo. Sempre tem alguém que não pensa igual, não tem jeito, (12d) mas tem que se unir mais, a comunidade tem que melhorar mais, tem que melhorar mais ainda.

Então, tem pessoas que querem ajudar. Agora tem a (11) Associação Amigos de Bairro que o presidente é o André, mas precisa melhorar mais, (12d) precisa se reunir mais com as pessoas, com os morador. Precisa melhorar bastante, porque se a pessoa não se une para melhorar o lugar, a comunidade, então não dá certo. Então é isso que eu penso. (16) Eu acho que tem que pensar igual que é para melhorar.

Teve 2 reunião já. O pessoal foi. Bastante gente foi. (16) No começo foi difícil porque um fala uma coisa e o outro fala “eu não aceito, não concordo” e o outro fala “tem que ser assim”, mas no final deu certo, eles concordaram e deu tudo certo. Deu super certo. (12) Foi principalmente sobre a energia, sobre a luz e deu certo. Resolveu, porque esse gerador que a gente tem que é movido à água, ele é pequeno e como a comunidade cresceu, ele não tá dando conta de sustentar, porque é muita coisa ligada, e como tem o dono da pousada Canto Bravo ele doou esse gerador que é movido a óleo diesel , e esse gerador tem um custo alto de diesel e o presidente da associação, junto com a comunidade, pra chegar num acordo de ter um aumento de luz, porque até então a gente pagava R\$ 10,00 por mês. Assim, eu pagava R\$ 10,00 e eu tinha uma geladeira na minha casa. Aí outra casa tinha tudo o que não poderia usar na luz e pagava R\$ 10,00, então não é justo. Daí foi feito um acordo para a luz aumentar para R\$ 30,00 nas casas, casa de turista R\$ 100,00, as pousada maior para pagar R\$ 100,00 por mês. Aí no começo ninguém concordou porque pagava R\$ 10,00 por mês para R\$ 30,00 e ninguém tava aceitando, daí o rapaz que cuida lá do gerador ele colocou tudo lá no painel e explicou direitinho quanto de horas iria ser virado o gerador a diesel e por isso que iria aumentar, e então o pessoal concordou, então agora a gente paga R\$ 30,00. A gente paga para a moça que cuida do dinheiro da Associação Bonete Sempre, que é responsável. A gente vai lá, paga a luz e ela dá o recibo, tudo certinho, faz a prestação do rapaz, que cuida do gerador. Então ela é responsável pelo dinheiro e as pessoas pagam para ela. Está dando certo.

Olha, eu imagino o Bonete assim como tá. Eu não queria que ele mudasse, entendeu. Que as vezes falam “vai vir estrada, vai mudar”. (19) Eu queria que ele continuasse assim, (3a) tranquilo como ele é. Lugar muito bom, muito calmo. Eu não queria que mudasse isso, (19) porque se vier a estrada, vai

	<p>acabar, com certeza. (3a) <u>Acaba a paz, acaba o sossego.</u> Então eu imagino o Bonete assim sempre. Não imagino o Bonete diferente. Espero que ele continue assim, (3a) tranquilo como ele é. Bem calmo.</p> <p>(21) <u>Eu sou a favor de uma estrada sim, mas que tivesse uma estrada que tivesse um limite de carro. Antes de chegar na praia, que tivesse uma guarita, um lugar, tipo um estacionamento para deixar os carros lá e não descer aqui pro lugar e ter um limite de carro até o estacionamento aqui perto da praia, ali perto do morro ali, Um estacionamento ali, com guarita e tudo para as pessoa descer e deixar o carro lá. O lugar tranquilo assim. Essa seria a minha opinião.</u></p>
S19	<p>(1) <u>Hoje eu to meio que... só participando só com a minha família. Tô mais atuante com a minha família.</u></p> <p>(12) O que o pessoal precisa é de energia. <u>É uma coisa que todos queriam pagar, não é uma coisa que ninguém queria pagar. Eles tão pedindo uma coisa pra pagar. Você paga pra ter um direito de ser cidadão, você tem seu direito.</u> (12) Então, a energia é o problema do Bonete. Com a energia aqui, você teria (13) médicos pra ficarem aqui, hospedados aqui, condições melhores. (14) Você teria educadores melhores. <u>Os nossos educadores são ótimos, porque são educadores, são aconselhadores de pais, são... é professor, é mãe, é amigo, enfim, e não é só um educador.</u> E a escola precisa de mais, não só desses educadores, educadores de fora. Uma educação que venha de fora, acompanhar a educação, ter uma educação melhor. <u>É pouco o que a gente tem aqui pros nossos filhos</u> ainda. Pouco.</p> <p>Em relação a luz, são projetos que você manda pro prefeito, o prefeito vai ver, a Associação manda. Aí são coisas burocráticas. (1) Burocracia é uma coisa que eu gosto de ficar fora disso. Prefiro ficar aí alguns anos sem votar, alguns anos a par do que tá acontecendo no país e só me importar mesmo com esse meio aqui.</p>
S20	<p><u>Em todos os lugares tem seus problemas.</u> (12) Essa falta de luz... A gente sente muita falta. A gente está com esse gerador aí. <u>Depois que você se acostuma com a coisa, é difícil desacostumar.</u> E esse é um dos problemas aqui do Bonete. (19) Estrada, eu mesma não sinto falta, não quero. Se um dia vir a estrada aí... aliás, já tem uma estrada, só falta reabrir e botar para funcionar. <u>Muitas pessoas aqui não querem que isso aconteça, (3a) se não vai abalar nosso sossego.</u> (12) <u>Se tivesse uma luz boa já seria o suficiente. Quem pesca poderia guardar seu peixe e seria muito melhor.</u></p> <p>(7) Quem está batalhando por essa questão da luz é o André, com o Instituto Bonete. Ele <u>já mandou vários ofícios para a prefeitura, para a educação, pedindo óleo, porque agora a gente está com um gerador movido à óleo, mas até agora não se obteve resposta. O Hélio também já foi presidente da Associação e (4) já ajudou bastante a comunidade, mas cada vez a gente quer que melhore. Eu estou falando, que melhore nessas coisas, (19) não falando de colocar uma estrada que venha carro. Isso não é melhorar, é só piorar.</u> Que eu sei é só o André, a Bonete Sempre, que está correndo atrás. <u>Aliás, o Instituto Bonete também está em parceria com a Bonete Sempre.</u></p> <p>(6) Eu participo, sou membro do (11) Instituto Bonete Sempre. <u>Eu gosto muito de participar das reuniões.</u> Quando tem reuniões aqui e eu estou aqui no Bonete eu vou participar porque eu gosto. <u>Se a gente não participar a gente não sabe o que está acontecendo, né?</u> Eu gosto!</p>

S21	<p>Eu acho que uma das principais dificuldades da comunidade é (12) a luz, <u>porque não tem a luz elétrica</u>, apenas a de gerador. <u>São apenas 8 horas de luz por dia e o restante do dia a gente não consegue manter a comida na geladeira</u>, e isso é complicado.</p> <p>(12) Então, esse gerador que funciona bem, ele é a diesel. <u>Ele foi doado por um dono da pousada</u>. Ele doou e no começo ele disse que iria dar o diesel. Depois, não sei porque ele parou de dar o diesel de graça e passou a cobrar da população R\$ 30,00 por casa e com esse valor só consegue rodar 8 horas por dia. <u>Se quiser rodar mais, o pessoal vai ter que pagar mais</u>, só que não estão aceitando pagar a mais, porque eles acham que <u>esse valor já é alto</u>. Eu pago numa boa, porque eu acho que é uma comodidade. <u>E já entrou em contato com a prefeitura, autoridades para ver se melhorava, mas por enquanto está sem solução</u>.</p> <p>(1) <u>A comunidade não tem nenhum projeto. Tem mais de uma associação aqui</u>. Tem uma associação que é do Seu Hélio, tem uma nova associação que foi criada pelo André, que é o dono da Pousada, e (16) eles <u>não se entendem entre si</u>. (7) O André <u>tem vários projetos</u>, mas enfim, <u>eu não vejo dando muito andamento</u>. Ele pegou nosso nome, por exemplo, para trazer o curso de arraiç, porque o pessoal aqui tem barco mas não tem o arrais, que é a carteira marítima, e isso também não foi para frente. (9) Ele tem ali <u>o Instituto Bonete que faz um trabalho com reciclagem</u>, mas eu não vejo nada, nenhum projeto. (8) <u>Não vejo. São algumas reuniões que a associação faz de prestação de contas e eu não vejo nada dessa parte de sugestão</u>.</p> <p>A <u>associação</u> que está cuidando do gerador costuma fazer umas reuniões de prestação de contas, <u>para explicar para onde está indo o dinheiro do gerador</u>, (1) e eu mesma nunca fui nessas reuniões. (1) Pelo que eu saiba <u>vão poucas pessoas nessas reuniões</u> e depois não tem nada ligado a isso.</p> <p>Eu sei que aqui no Bonete tem a <u>casa do Zezinho, que é ligada a criança</u>. Essa ong, Instituto Bonete, que é do Andre é patrocinada pelo Ervin, esse senhor que doou o gerador e só isso que eu saiba. Tem o Ilhabela sustentável, que trabalha junto com o André, que ele está fazendo uma parte de reciclagem de lixo. A gente conversou um pouco e também não vieram me falar mais nada.</p> <p><u>Tanto o parque quanto a APA Marinha, não vejo esses órgãos atuando. O Parque veio aqui comemorar o aniversário e ele fez algumas atividades de orientação, principalmente para as crianças, cinema, (1) mas a parte de participação da comunidade eu não vi</u>.</p> <p>O Bonete já está tão diferente. (22) <u>Antes não tinha a menor possibilidade de ter telefone, internet</u>. Eu vejo o Bonete, por exemplo, daqui 5 anos, já vai ter estrada. Tem muita gente que é contra. Eu, por exemplo, sou (21) a favor de uma estrada <u>com uma cancela, uma guarita que só passe ambulância e policia</u>. Eu sou contra uma estrada como a de Castelhanos, que vai Jeepe, enfim, <u>porque vai aumentar muito o número de turistas e aqui não tem estrutura para isso</u>. Eu vejo o Bonete com estrada.</p>
S22	<p>(18) <u>Eu quero que seja como está</u>. (12) Eu só quero que melhore a luz. (19) <u>Não quero estrada, não quero nada</u>. (12) <u>Eu só quero uma luz boa e (13) uns médicos bons. É só o que a gente quer</u>. (18) <u>Não quero nada de melhoria</u>. (19) Estrada eu não quero, porque vai ser... (3a) <u>as crianças não vão ter essa liberdade, de ficarem soltas, de brincarem, então não quero</u>. (19) Essa parte eu não quero.</p>
S23	<p>Olha, problemas tem em todo lugar, mas se for olhar aqui para o Bonete, eu acho que o que falta aqui é na verdade a (13) saúde melhorar, porque <u>a gente tem uma enfermeira padrão que não é o bastante</u>. Ajuda, mas não é o bastante,</p>

não é o suficiente. (2) A gente gostaria muito que o prefeito atual tivesse com os olhos voltados mais para o Bonete. Infelizmente ele não está com os olhos voltados para o Bonete. Ele praticamente nos abandonou. (14) A escola está indo bem, mas dá para melhorar um pouquinho. (20a) O Bonete é uma comunidade bem organizada, bem limpa. Tem o pessoal da prefeitura que trabalha, organiza, limpa, limpa a praia. Toda sexta-feira eles limpam a praia. Então praticamente eu não vejo problema. O único problema é que a gente talvez perceba é (15) que tem a droga, mas a droga tem em todo lugar. Infelizmente, mas no Bonete até que está bom, está controlado. No Bonete não tem homicídio, roubo é muito difícil, é raro acontecer e o Bonete está indo bem. Através da Associação (Bonete Sempre) (6) nós já entregamos um ofício na secretaria da saúde e até agora não tivemos resposta. Não tivemos resposta da secretaria e do prefeito e estamos aguardando. (7-12) Temos também um projeto para a melhoria da luz, que a gente sente muita falta da energia. (12) A energia que nós temos aqui, atual, é uma turbina movida à água, mas devido ao crescimento da comunidade essa turbina já ficou defasada e não está suprimindo a necessidade da comunidade. E tem uns empresários que doaram um gerador a diesel. Essa luz que você está vendo, que está forte, está funcionando das 9 da manhã ao 12 e das 18 às 23 horas e depois desse período volta a energia da turbina movida à água, que é muito precária. (7) E a gente está com um novo projeto, se sair o licenciamento e conseguir verba, de montar uma nova turbina que vai aumentar em 5 vezes mais a capacidade da turbina atual que temos. Esse é um dos projetos aqui para a comunidade também.

O Bonete teve associações por muito tempo, há mais de 10 anos, só que não conseguiram legalizar ela. A última, a associação Bonete Sempre, a gente conseguiu legalizar e (7) está organizada e esse gerador que chegou aqui para a comunidade, foi através da Associação Bonete Sempre. (7) E a gente está buscando parcerias com a prefeitura, com outros órgãos do governo para ver se a gente consegue melhorias aqui para a comunidade, mas (2) o prefeito, ele barrou os projetos para a comunidade porque (19) o último projeto dele ele queria urbanizar aqui o Bonete e Castelhanos e nós não permitimos. (19) Ele queria urbanizar aqui o Bonete e por esse motivo existe muita dificuldade entre o prefeito e a comunidade aqui. Então, muitos dos projetos para o Bonete foram barrados por isso.

A outra associação encerrou. (4) Não participavam e encerrou por não ter atividade. Era praticamente uma associação morta. Não existia porque não tinha CNPJ, então não existia. (7) Eu ontem, através da Associação Bonete Sempre, estive na capitania levando um ofício para ver se conseguimos o curso de marinheiro. Nós temos mais ou menos 30 moradores que estão sem a carteira de habilitação, que é a ARRAIS, que é exigida pela capitania de portos de São Sebastião e (7) a Associação Bonete Sempre fez um ofício e eu fui até a capitania entregar ao comandante para ver se consegue fazer o curso aqui no Bonete e a Associação Bonete Sempre dá assistência, comida e hospedagem se for necessário e estamos aguardando a resposta do comandante para ver se a gente consegue.

Aqui precisa (14) melhorar os estudos, né? Melhorar (14) o ensino, (13) a saúde, (12) a energia. (12) O que eu desejo é que na comunidade tenha uma energia constante, porque essa nossa energia ela não é 24 horas. Ela é 24 horas mas ela não é 100%. Ela é razoável, mas... O restante, manter o Bonete do jeito que está. (17) Não poluir. Infelizmente o Rio Nema que é o cartão postal do Bonete já está poluído. Foi feito um... tinha um projeto para despoluir o rio e esse projeto foi por água abaixo, a verba foi desviada e não se sabe quem desviou. A gente quer manter o Bonete do jeito que está com as características do Bonete.

S24

Nós ainda tamo na cota 100, então o parque não se mete aqui no lugar. O que se mete muito aqui é a prefeitura, (17) principalmente por causa de casa na beira de rio. Aí ela vem interferir por causa de esgoto, fossa, essas coisas. Mas ela mais interfere com os turistas, com nós que somos morador daqui, não. A não ser que alguém chegue lá e fale “tão fazendo isso e isso” Mas se alguém vai lá no Meio Ambiente e bate com a língua no dente, o meio ambiente joga para a prefeitura eles vem aqui e manda parar.

(1a) O nosso lugar é muito bom. (16) O que o povo comenta é vice versa. Um quer e um não quer a respeito da estrada. (19) Para nós, o Bonete do jeito que está, está bom, certo? Só o que precisa mais aqui é (12) uma luz boa, então tem gente que briga lá. (6-19) Eu falo: “você não querem a estrada, mas se vier luz vai ter que vir estrada? Por que como é que vai vir a luz se não vier a estrada? Não tem como? Como vai passar os caminhões com a fiação? Por mar não dá, então tem que vir a estrada”. (12) Então, o que nós precisava era de um gerador bom. Já que não tem como trazer, porque a água aqui está escassa – mas agora dizem que tem gerador moderno que trabalha com pouca água. Então o que a comunidade mais reclama é a respeito (12) da luz, (19) da estrada e (13) de médico. Tem médico aqui mas era para vir de 15 em 15 dias, mas vem de 1 ou 2 mês. Escola tem. Tem bons professores. Nunca ninguém tem reclamado deles. São bons professores. Então eu não sei do que reclamar.

A comunidade não tem algum projeto. (2) Não tem porque o nosso problema que nós apelamos mais é o prefeito, porque é ele que comanda aqui no bairro, mas a gente vai lá e ele diz que não pode fazer nada, que não sei o que... Por que se ele for querer fazer, ele faz. Uma vez ele veio aqui para querer urbanizar o lugar, mas (19) a turma não deixou não. Se urbanizasse o Bonete o negócio ia ficar feio. Daqui a pouco esse morro aí era só barraco, certo? Era só barraco. Ja acabar (3a) o sossego e ia ser ruim para nós. Aí a turma brigou com ele aí, acharam ruim, e por causa disso ele disse que nunca mais ia ajudar aqui em nada. Fazer o quê, né? É meio difícil, mas (38) é melhor o Bonete assim do que você viver corrido, sem (3a) sossego, querer dormir e não poder. O Bonete do jeito que está, (3a) você deixa a porta aberta e dorme sossegado, sem medo, (21a) dorme na praia, não tem medo que alguém roube a sua casa, roube a suas coisas. Agora, de outras partes, a gente não sabe quem vem de bom e quem vem de ruim, então (19) é melhor estar como está.

O presidente da Associação (Bonete Sempre) põe um cartaz que diz que tal dia vai ter reunião ou ali no bar onde era o Silvio, ou na ONG. Aí ele marca tudo e o povo vai. (6) Tem bastante gente. Tem alguns que não vai aí depois quer saber o que aconteceu. Vai umas 30 pessoas ou mais.

(12) Na reunião tem prestação de conta, porque o povo tem que saber do dinheiro. A gente faz a reunião para ver o que entra, o que sai e o que resta, porque o gerador tem despesa. Nós estamos com dois gerador: a turbina e a diesel. São dois, então a turbina nós pagava R\$ 10,00. Com o gerador a diesel, o Ervin ficou sustentando aí sozinho, só que aí ficava pesado para ele: 600 litros de óleo por vez que ele trazia e ficou pesado. Aí nós fizemos uma reunião, o André veio aqui, eu como não tinha nada a ver com a associação deles, mas ele veio aqui, sentou e conversei com ele. Eu falei assim: “oh, para nós legalizar isso aí nós temo é que fazer reunião com o povo porque o homem não está dando conta sozinho, porque ele falou que ia parar o gerador, então vamos nós, reunir o povo e chegar onde nós podemos pagar para manter o gerador. Se o homem não pode, vamos nós” Aí nós fizemos uma reunião, aí botemos para R\$ 20,00. Aí somemos quantas horas ia poder ligar o gerador, aí aumentemos para R\$ 30,00, porém, para pessoas do lugar. O turista R\$ 100,00 certo? Porque o gerador que veio, não era para o turista, era só para a comunidade, mas aqui tem mais de umas 30 casas de turista, certo? Pode ver que todas elas tem luz, mas só

	<p>que essa luz tá roubando a energia do povo morador do lugar, então nós pusemos esse preço. Se eles quisessem, nós deixaria, se não aceitasse, a gente tesoura. Mas alguns ficou, porque eles sabem que precisa e a gente está aí. A gente faz assim: o gerador a diesel a gente vira das 9h ao meio dia para as mulheres lavarem a louça, a roupa, usar a máquina, o tanquinho, a gente congelar alguma coisa. Aí meio dia ele para, aí liga a turbina que está assim, só para manter aguentando, aí chega 6 horas da tarde ele vira e vai até 11h, meia noite. E assim a gente está levando, porque não dá para ficar sem energia.</p>
S25	<p>(17) Problemas da comunidade é <i>internet</i>. <u>Eu não sou muito amante da <i>internet</i>.</u> Jamais eu fico no facebook. Eu não tenho essa paciência, não gosto. É só <u>para pesquisa</u>. Mas é isso aí: (12) uma luz boa, (17) <u>um bom sinal de <i>internet</i>, uma torre para celular, porque a gente fica incomunicável.</u> A gente tem 2 orelhões, mas não pode dar um relâmpago que já pifa tudo. <u>Naqueles dias de chuva, o telefone é a bateria e cai, então você fica incomunicável. Até uns anos atrás a gente não tinha telefone, não tinha luz, a gente usava lampião a gás.</u> Isso há muito tempo, mas eu aprendi a conviver com o que tinha: vela. (21a) <u>Quando fazia compra era um monte de vela, para dar par o mês todo, gás, camisinha de farol,</u> mas eu sinto falta de uma boa (12) energia e (17) de <i>internet</i>, de uma comunicação melhor para pesquisa.</p> <p>Eu participei da Amigos de Bairro, sabe, a primeira associação que teve aqui. Agora batem muito a cabeça entre eles, entre os líderes. <u>Já tinha uma associação antes, agora montaram uma outra</u> e (16) <u>eles não se entendem</u>, e (1) eu preferi me afastar. Fazer só o meu trabalho, que já não é fácil</p> <p><u>Na verdade o que aconteceu,</u> essa outra que formaram, essa nova, Bonete Sempre, né? (16) Jogou um boneteiro contra o outro. <u>Dividiu mesmo.</u> Metade apoia e a outra metade não, sabe. Fica essa... <u>ninguém se entende o que um vai fazer o outro barra e faz tudo para não dar certo. Então ficou essa bagunça. Ninguém resolve nada.</u> (20) A gente queria, mas não pode vir estrada. Tudo bem, mas eu sempre defendia 3 coisas: progresso organizado e sustentável, porque não vir estrada, tudo bem, mas a gente precisa de uma coisa muito bem organizada, porque tem tudo para ser organizado. Dá para o progresso vir sustentável, sem mexer muito. Igual Castelhanos. Lá vai carro, mas tem <u>horário para entrar, horário para sair.</u> Foi muito bem organizado, mas aqui o pessoal ainda não quer isso. O pessoal de fora, que não mora aqui, eles não querem nada de progresso, mas (2-8-9) também não ajudam em nada. (2-8-9) Olha, <u>não ajudam em escola, nada.</u> Sabe o que é nada? Nada. E eles barram tudo. Não querem que o progresso venha. Então eu fico pensando, a gente chega num tempo que precisa de um bom médico, de um socorro mais rápido um pouco, (13) porque está ruim. Muito ruim demais. E o pessoal fica aí. “Quem pode mais, chora menos” como dizem aí. (2-8-9) Os caras de fora não querem nada mas também não ajudam em nada. Olha, passa Páscoa, passa Natal e não dão uma bala para criança nenhuma. (2-8-9) <u>Eles vêm, usufruem do lugar aqui e não cooperam com nada.</u> Só vem aqui com mar manso, tempo bom e nunca pegaram uma semana de vento e chuva aqui. É horrível, você fica preso aqui, nem pela estrada, nem pelo mar. Ilhado mesmo, porque aqui é sul, é muito de frente, então começa a acabar tudo mesmo. (7a) Aí empresta de um, empresta de outro. Então é assim, é muito difícil aqui. Então eu sou a favor do progresso. Eu acho que tem que existir progresso. A gente tem filho, né? A gente deu o que tinha que dar, mas e os filhos que estão vindo? Que futuro que têm em ficar aqui? Tudo é difícil aqui.</p> <p>(1) Eu fico um pouco revoltado de participar <u>dessas reuniões e não ter um foco.</u> Todo mundo fala ao mesmo tempo, você acaba não entendendo nada. Não é</p>

resolvido o assunto. Não tem uma pauta. Sabe, é briga de gente, é discussão, é bate-boca e acaba não dando em nada. (1) Então eu desisti. Não vou mais. Quando tem é feito na Vargem, no bar dali. Sempre ali que faz. (8) Mas nunca eles falam em progresso, em querer melhorar nada. Eu vejo que o prefeito queria trazer essa luz aí. A gente não sabe qual era a intenção dele, mas foi mal recebido por essa parte dessa outra associação, a Bonete Sempre. Parece que falaram palavrões para ele e o homem não conseguiu falar nada das ideias que ele queria propor. A gente tem que aprender a ouvir. A gente não é obrigado a aceitar o que a pessoa fala. Deixa falar, falar, falar. Você tem o seu ponto de vista e conversa até chegar num consenso, mas não... Mas eu via que ele tinha boas intenções, que ele queria ajudar, mas assim, perdemos um parceiro, que era a prefeitura. Sempre a prefeitura tem como ajudar em alguma coisa. (12) Olha, essa escola aí há anos no escuro. Não tem luz. Uma lâmpada só numa sala. (2) O pessoal, a comunidade não corre atrás. Eu vejo que o prefeito virou as costas de vez para aqui. Ele não quer fazer mais nada. (2-8-9) E eles, que barraram, também não movem uma palha para ajudar em nada também.

Essa associação que eles montaram, a Bonete Sempre, eu entendo como uma fraude, porque eles se juntaram em um grupo e se autodenominaram: “Eu sou presidente, você é vice, você é secretário e não sei o que, e montaram uma chapa e colheram não sei quantas assinaturas, mais de trezentas (assinaturas), o que eu, que moro aqui, não assinei nada se eu era a favor ou contra, então, até onde eu entendo, eu vejo que isso tem que ser uma eleição, no caso. A maioria aprovando, então fica quem foi eleito.

Eles se juntaram em um grupo, montaram essa associação, entre aspas, e é só um grupo. Eu não vejo nada de progresso nenhum. (8) É tudo para impedir o progresso que vem de lá. Não fazem nada. Não se organiza mais. Eu vejo que isso também está se acabando. (2) Ninguém toma frente de nada. (8) A gente vê que tudo o que o prefeito fala eles vão contra para barrar o progresso mesmo.

Mas o pessoal mesmo, (8a) de ser mais junto e organizado, não existe, não tem. Você tenta organizar, mas eles acham que você vai tirar algum proveito e já se afastam e já não ajudam, porque você vai ser beneficiado e eu não. Então a gente vê muito disso aqui. Não tem aquele trabalho coletivo, todos juntos para o mesmo objetivo. Não. Se eles vêem que você vai ser beneficiado, eles já não apoiam não.

(8a) É porque aqui é cada um por si e Deus para todos não tem visão nenhuma para o futuro. Eles querem ver o amanhã só. Eles tem uma visão muito curta do que pode acontecer futuramente. Então, é cada um, cada um. Então, o que eles puderem pegar para eles, eles pegam. É muito individualismo, não querem repartir com ninguém. É tudo salve-se quem puder.

(2) Ninguém faz nada aqui. Sabe o que é nada?

Tem esse instituto aqui e essa ong Casa do Zezinho, que até onde eu sei, em São Paulo é muito forte. (10) Mas também eu não vejo que fazem nada aqui no bairro. Não vejo nenhum trabalho, nenhuma ajuda. Mas pode ter certeza que recebem algum benefício, porque é uma ong e tem um trabalho voltado para a comunidade, mas a gente não vê que isso acontece. (9) Esse instituto mesmo, a gente não sabe qual é o fundamento, o porquê. Está com a porta sempre fechada. O pessoal faz um artesanato e coloca ali para vender, mas eu não sei. Eu só sei que eu não vejo vantagem nenhuma porque não beneficia a comunidade em nada.

Eu imagino o Bonete com progresso. (20) Eu creio que assim que eles arrumarem essa estrada e (12) vier uma luz boa, aqui vai se transformar. Vai, (17) porque aqui tem condições de alguém montar uma mini padaria, eu acho que vai gerar emprego, porque tem pessoas para mão de obra. Eu quero o progresso, mas bem organizado. Eu sou a favor do progresso organizado, não desorganizado.

	<p>Eu já vi aqui crescer muito muito muito muito. Demais, demais, demais e eu vejo que a tendência é crescer mais e melhorar em muitos aspectos. (13) Você vê a escola: <u>tem uma sala de informática que não funciona, porque não tem uma luz boa, uma internet com sinal bom. Está lá, 5 computadores, vieram, instalaram, ligaram e desligaram. Levaram a CPU e acabou. Está tudo lá, até alguém entrar lá e... Só tem os monitores, teclados e mais nada. Então eu vejo que aqui poderia ser muito mais avançado em termos (17) de comércio, porque aqui é um lugar muito visado em termos de turistas. (2) O Bonete está muito largadinho, muito abandonado, pelo poder público principalmente. Não querem nada com nada aqui não.</u></p>
S26	<p>Aqui tem muitos <u>problemas</u>. Aqui tem problema! Aqui é difícil. (12) A <u>luz</u>, (13) a <u>saúde</u>. Porque olha, <u>o médico aqui</u> vem todo mês, <u>mas é um dia só. O médico esteve aqui na faixa de 9 horas da manhã e 4 horas da tarde tá indo embora. E aí? É complicado? Muito complicado.</u> Então, fica assim, sem a gente saber por onde vai começar.</p> <p>Problema de (13) saúde é difícil, (18a) porque aqui a gente depende do mar. Em caso de doença grave e o mar tá ruim, você não vai ir, porque fica isolado aqui. Não tem como sair. (18a) <u>Aqui você depende tudo do mar. Se o mar tá bom, não tem hora para levar um doente, mas se o mar tá bravo, aí não tem como.</u></p> <p>Quando eu precisei ir pro hospital o mar estava péssimo, não saía canoa, não saía lancha, não saía nada. Ai eu tive que ficar. Passei o dia aqui e quando chegou 4 horas da tarde chegou o helicóptero. Naquele tempo já tinha orelhão aqui e foi pedido, foi ligado para lá o dia inteiro, chamando, chamando... Aí quando deu 4 horas da tarde apareceu o helicóptero aí e me levaram para São Sebastião.</p> <p>(18a) O problema aqui é a falta de condução, porque aqui, estrada não tem. (13-18a) Então, você fica doente e se o mar tiver bom você vai, se o mar não tiver, você vai ter que aguentar aqui até que o mar dê uma melhorada. Se o mar ficar uma semana bravo que não sai nada, você vai ficar aqui esperando.</p> <p>(21) Estrada, numa parte seria bom por esse motivo, para problema de saúde aqui, para vir médico, alguma coisa. Mas por outra parte não. (12) O que nós precisamos aqui, fora isso aí, é uma luz. O gerador que nós temos aqui é à óleo. <u>Quando dá 11 horas da noite, ou talvez meia noite ele para e só fica no outro que não dá mais conta do recado e fica uma luzinha muito fraca.</u> (12-21) Mas aqui era importante uma estrada aqui para trazer uma luz. Não para entrar carro aqui para passeio para essas coisas não. Mas para trazer uma luz aqui para nós era muito importante. Aí tinha uma melhora para quando uma pessoa precisasse, em caso de saúde, aí era bom. Mas para passeio não. Para passeio estraga tudo. Aqui não é ponto para isso. Até pode ser, se o turismo não estragar, mas de outra parte não é bom.</p> <p>(1) <u>A comunidade não está organizada. Não está.</u> Não está não. Isso aí, esse problema de luz, a comunidade vem batalhando a tempo, não é de agora, e nada resolve. Não tem nada resolvido ainda. Tem reunião, tem Associação Amigos de Bairro, mas não resolve nada. (1) <u>Eu não participo não, porque há quanto tempo fazem reunião que não resolvem nada?</u> A associação também nada arruma. Nada melhora! (1) Eu não acompanho nada.</p>
S27	<p>(3a) <u>É um lugar gostoso de se viver, se tivesse melhor estrutura. O governo queria fazer uma coisa melhor aqui, entendeu, (8) e esse pessoal (Associação Bonete Sempre) não quis, foram contra, porque eles querem só pra eles. Eles</u></p>

querem pra eles. Isso eu falo abertamente. eles não querem. Não temos energia! O gerador da rua, ele não aguenta... aguentar a geladeira. A gente sofre.

Mas a gente tá batalhando pra coisas melhores no bairro. Lógico, o bairro, em 2000, era uma coisa, e, hoje, em 2014, aumentou quase 80% do Bonete. E evoluiu o turismo, a construção civil também mudou muito. E a gente espera que cada coisa empregue mais gente, né. Você sabe que, hoje em dia, a gente só pensa no futuro. E eu penso muito no futuro do Bonete. Sinceramente, eu penso, eu tenho meus netos eu penso muito nas crianças do Bonete no dia de amanhã, entendeu. E desejo que o Bonete, no ano de 2015 ou 2016, seja o Bonete bem estruturado.

(12) No ano 2000, quando a ex-prefeita Nilce colocou esse gerador aqui, a gente doava R\$ 5,00... se não me falha a memória. R\$ 5,00 por mês do pessoal do Bonete que tinha luz na sua casa. E R\$ 15,00 ou R\$ 10,00, não to bem lembrado, dos turistas que tinham casa, restaurante, pousada. Em casa de veraneio turístico que pedia luz a gente colocava. Aí, depois, de 2005 pra cá, ela passou a ser R\$ 10,00 pros boneteiros e R\$ 20,00 pros turistas. Agora, hoje em dia aumentou, porque trouxeram o gerador a diesel pra cá e aumentaram essa luz pra R\$ 30,00.

(3-12) O nosso projeto que nós temos aqui que a gente levou pro prefeito foi vetado, que era a luz que vinha pra nós, certo? E sobre essa luz, eu, desde 2004, venho batalhando. E fiz carta lá pra Luz para Todos, para o presidente das Minas e Energia. Fiz uma carta pra lá, foi aceito. Depois fizemos uma carta pro diretor geral da Elektro. Então fiz, foi aceito. Fiz uma carta pro presidente-diretor da Hidrelétrica de Furnas, ele teve aqui nessa mesa aqui, tomando café comigo. Ele veio verificar erros técnicos. Então veio ele e o prefeito que ele falou pra mim “Eu pensei que o seu bairro era pequenininho. Seu bairro é enorme. Merece sim, tá aprovado sim, a luz. Mas tem o seguinte, eu não posso autorizar a começar sem a ordem do executivo. Não posso passar por cima dele”. E ele foi uma pessoa que vetou, primeira vez, certo? Agora veio uma menina da Elektro, funcionária. Fizeram o cadastramento de todos os boneteiros, RG, lâmpada que ia usar na casa, o que você precisava, geladeira, um chuveiro à gás, um chuveiro elétrico, um ventilador, enfim, todos os acessórios da casa pra ver a potência de cabo que vinha. Teve também, se eu não me engano, a da Anchovas, que hoje tem três famílias lá. Na Indaiaba também precisava, mas não veio, embargaram. Agora abriu novamente. Entrei com novos processos, estamos entrando com novos processos. (13d) Então, o que a gente quer, veja bem, nós boneteiros – nós boneteiros, não turistas, porque que manda aqui somos nós, quem mora aqui somos nós que somos fundadores do Bonete, não é verdade? (1a) Meu pai nasceu aqui, morreu aqui, meu avô, meu bisavô, tudo aqui e estamos trazendo, ainda, aquela bandeira ainda nas costas – então, o que nós queríamos aqui é (13) uma luz suficiente pra nós, entendeu? Seja pelo mar, seja pelo ar, seja por terra ou enterrado, de qualquer jeito. Aqui tem trezentos habitantes, tem uma escola, temos um posto de saúde que tem uma cadeira de dentista. (13) Eu tava falando com o motorista aí, antes de ontem, e ele falou assim “Porque você não faz um pedido do médico cubano pra cá?”. Médico cubano não gosta de trabalhar num lugar assim.

(9d-11d) Agora, só que essa gente da Canto Bravo, eles são contra isso, eles não querem. Eles acham que vai afundar o Bonete, que o Bonete vai acabar pra eles. Não acaba, não. E o povo do Bonete discorda disso. É assim, né? Vamos ver o que é que vai dar, porque a gente tá pensando no dia de amanhã. Só isso que eu falo. O dia de amanhã é o que? É as coisas melhor pra gente.

(13d) Veja bem, se vem uma pessoa aqui querer mandar, eles não aceitam, não.

(16) Não temos essa concordância. (16) O negócio que a gente tem aqui é por causa de ter dividido em três religiões. O problema é esse também. É a Assembleia de Deus, Assembleia de Provetá e a Católica. São três religiões. A

	<p>que tem mais evangélico é a Assembleia de Deus, a outra de Provetá, e a que tem menos é a Católica.</p> <p>(21a) <u>Falo “Pessoal, por favor, hein, não larguem fogo em estrada, tá?”</u>, pra não <u>queimar o mato</u>, que é isso é ordem que a gente tem. <u>“Poxa, como é que pode, o cara é preservador da natureza e fazem canoa aí derrubam árvores. Uma árvore na grossura dessa aqui, ela tá há mais de cem anos</u>, certo? E essa árvore pra chegar a esse contorno todo, nessa dimensão, é cem anos e <u>passa batido Não concordo com umas coisas dessas. Vamos preservar? Vamos preservar. Vamos ajudar? Vamos ajudar, certo? Vamos fazer o melhor aqui no Bonete? Vamos fazer.</u></p> <p>Ah, <u>eu imagino que seja bem melhor do que eu tô vivendo. Não pra mim, mas pra... meus netos, meus bisnetos, que vão ficar.</u></p>
S28	<p>(1) Das associações <u>eu não participo</u>. Fui uma vez só na Associação Amigos de Bairro e fui uma vez também na outra (Associação Bonete Sempre). São muitos problemas. Aqui a maioria briga por causa (12) de luz, brigam por causa da estrada. Querem isso pro Bonete. Num ponto é bom ter luz aqui no Bonete, (19) mas estrada não. Estrada não. Eu concordava com a estrada, mas agora não concordo, porque (15) <u>vem muita droga, roubo</u>.</p> <p>(2) Eu <u>espero que</u> melhore. Que não vá se acabando. (5a) <u>Que não venha traficante para o Bonete, que não venha bandido para cá, que não venha roubo</u>. Eu quero que o Bonete melhore. Não é por nada, mas eu falo para os meus filhos que se eu, até lá, não for viva, eu quero que melhore e que meus filhos não se metam com crack, com maconha, com nada, para que eles sejam uns filhos trabalhadores, que não falte nada para suas mulheres e filhos.</p>
S29	<p>Pra mim os problemas são (13) a saúde, (12) a falta de energia e (14) a educação. (13) Saúde é uma porcaria. <u>A quadra não tem cobertura, sabe?</u></p> <p>(13) Por que <u>não tem um EJA na escola?</u> Por que <u>não tem um supletivo?</u> Eu parei no segundo ano. <u>Se tivesse, quantas pessoas daqui iam pra escola?</u> Por que não tem luz? Não. <u>O gerador liga das seis às onze</u>. Quer dizer que não tem professor, então quer dizer que <u>o Estado não dá verba e ninguém quer saber de nós</u>. Quer que nós seja uma “par” de <u>ignorante pro resto da nossa vida</u>. Os caras querem umas pessoas que sejam subestimadas por eles. Exatamente isso o que eles querem do caixara. Porque já basta a Petrobras cheia da grana, né?</p> <p>(22) E os senhores mais antigos, aqui, antigamente, não tinha televisão, né? <u>Como esse gerador chegou há pouco tempo e telefone também, aqui nós não estamos mais isolados</u>. Temos <i>internet</i>, temos telefone e tem a “bosta” da televisão, então não somos mais isolados. (21a) Então, as pessoas mais antigas vai ali ver uma novela, vê um jantarzinho, vê um almoço, vê um ônibus, vê alguma coisa, vê um açougue, aí fala “Olha lá a cidade, olha como é que ela é”. E todo mundo sabe como é que começa a “ouriçar”: “Pô, quer saber? Eu vou sair um pouco daqui”. Eles já pensam de outra forma. (22) Pra molecada, pra galera que tem uma <i>internet</i>, alguma coisa, já tá legal pra caramba... <i>internet</i>, um orelhão pra ligar já tá bom. Mas pra eles não, eles querem uma coisa a mais, que já que (13) a saúde também é limitada aqui.</p> <p>Então a estrada <u>foi aberta em 1982</u>. <u>Essa estrada, essa trilha, foi aberta, eu lembro muito bem</u>. (2) Aí tudo bem, nisso tudo <u>ano passado chega a Petrobras aqui, porque tem o pré-sal agora</u>, “O que vocês precisam, blá, blá blá, blá, blá, blá, não sei o que lá”, né? (16) <u>Aí a nossa mente, ao invés de entrar num consenso pra saber o que a gente precisa mesmo, aí uns queriam melhoria no gerador, outros queriam melhoria no rancho, outro queria melhoria em barco</u>.</p> <p>(2) Tudo bem, <u>entraram num “x”, num quesito, “Queremos sessenta motores de</u></p>

popa”. Porque agora, aqui, evoluiu um pouco mais, as pessoas têm mais acesso a motor de popa, que é mais rápido que canoa. E aí as pessoas precisavam de sessenta motores de popa. E a Petrobras *tá* aí pra fora do nosso mar, tira não sei quantos barris de petróleo por dia. Pra eles isso aí é uma grão de areia no meio dessa praia. “Tudo bem, vamos fazer, vamos fazer”. Alguém jogou areia no molho, aí os caras nem sei se vão trazer mais pra nós, porque olha, cada família receberia um motor de popa que vale 8 mil reais. Os caras tiram não sei quantos mil barris por dia. Se um dia tiver uma catástrofe aí, se tiver um monte de óleo vazando, se a pessoa não comer, se a pessoa não nadar. Assim, se a pessoa não tiver turismo, porque a praia tá toda isolada lá com uma “par” de coisa. Se jogar a Z4 e a Z2 lá pra “casa do chapéu”, quem que vai ajudar nós? Então quer dizer que nessa hora que os caras têm dinheiro, os caras não lembram disso, de um motor de popa pra cada um, “tá ligado”? É muito simples. Tudo bem, dá pros caras o motor de popa. A nossa cultura que nós temos, o passado, pessoas que fazem canoa e tal, e não pode acabar, porque a canoa carrega o material mais pesado pra transporte, de construção, de comida e o caramba a quatro. Lancha é mais legal pra você fazer turismo, levar quatro pessoas lá e voltar.

Agora não tem nada de Associação de Amigo do Bairro. (11) Agora é Instituto.

(9) Um outro “ciclano” aí, o cara do Instituto, pegou o gerador e colocou o gerador aí também logo de cara pra não vir estrada e tudo mais, pra não debater a coisa certa. (12) Podia trazer um cabo submarino pra cá, ou então pela trilha mesmo, se o meio ambiente legalizasse. (19) Você não precisa abrir estrada. Você bota um cabo grosso. Ninguém é tão ignorante de saber que 12 quilômetros, um cabo bem grosso assim – que tem tecnologia pra isso, eu sei que tem isso avançado – aí você coloca um cabo ali. (9) Pros caras não mexerem em estrada, nada disso, o cara fala “Ó, vou dar um golpe de mestre, vou trazer um gerador pra cá da hora”. (12) Nos primeiros seis meses ninguém pagou luz. Agora *tá* lá o gerador, das seis às onze. A noite liga. Na parte da manhã, se você for lá, teu gerador não tá funcionando, tua luz tá precária. Eles não queriam estrada. Então os caras estão pensando só nessas coisas aí de estrada, camuflar o que tá acontecendo, entendeu? Então injuria um pouco. Porque senão você manda um cabo de lá, por aqui e não precisava nada disso. Agora pagar R\$ 30,00 por mês, tudo bem. Agora acha que não é pouco? É pouco, mas durante o dia não presta e a hora que precisa dela, não tem. O prefeito veio aí, botaram ele pra correr. Apavoraram o prefeito. As nossas ideias não batem.

A única iniciativa que os caras têm de bom é não chegar estrada aqui. Se apoiam nisso. O apoio dos caras é isso, não chegar estrada. (8) Pra mim nunca fizeram nada. Aproveitaram que a maioria das pessoas não estavam a fim da estrada e chegaram nesse ponto, e já montaram o “bagulho”. E isso é o ponto “x” dos caras, não chegar a estrada. Fora isso, o que de bom os caras fazem? (8) Não fazem nada.

APÊNDICE E

INSTRUMENTO DE ANÁLISE C

Quadro 13 – Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões C: Compreender a relevância do turismo para a comunidade.

Sujeito	Discurso individual, <u>expressão-chave utilizada</u> , (ideia central) e ancoragem .
S1	<p><u>Pra cá vem muito (15) casal que gosta de (14) ficar em contato com a natureza, que vem para curtir a praia. Sempre casal jovem. (16) A maioria vem de São Paulo e do interior.</u></p> <p><u>(3) O turismo aqui acaba sendo um serviço extra, como se fosse um hobby. Sempre tem uma segunda opção de trabalho, que na verdade é a nossa fonte principal. A maioria das pessoas trabalham para a (12a) prefeitura e o restante é (11a) caseiro. Eu, por exemplo, trabalho na (13a) escola como professora e (9a) o trabalho na pousada não é minha fonte principal de renda. O que vier pra mim é lucro. (3) Se não vier, também, não vai fazer diferença.</u></p> <p><u>(3) Da minha renda vem muito pouco. Eu não sei, acho que 5%, bem pouquinho, ou até menos. É muito pouco que a gente pega. (3) Se a gente fosse viver da renda da pousada eu acho que a gente não teria nada do que tem. E é sempre assim, (5 - 10) só em janeiro mesmo que a gente consegue tirar um dinheiro.</u></p> <p><u>(5 - 10) Então, eu acho o turismo aqui muito fraco porque é só final de dezembro, janeiro e no comecinho de fevereiro que a gente consegue ganhar um dinheirinho melhor. (10) O restante do ano é muito fraco.</u></p> <p><u>(5 - 10) No verão o pessoal vive muito bem porque tem muita viagem. Fazem muita viagem transportando turista lá da frente da Ilha pra cá, ou levando de cá para lá. As pousadas acabam pegando pessoas para trabalhar. Tem duas pousadas aqui que são de turistas, que é a Canto Bravo e a Porto Bonete. Elas são maiores e têm uma estrutura bem melhor porque os donos tem maior poder aquisitivo que nem se compara ao nosso, então eles acabam dando bastante emprego. (3 e 10) Mas nesses meses que não tem turismo, as pessoas acabam vivendo só daquele salário que ganham trabalhando na prefeitura. A maioria aqui trabalha (12a) como gari, varrendo rua.</u></p> <p><u>Em época de turismo, como já te falei, (5) a gente ganha um dinheirinho com os hóspedes e tem os restaurantes que acabam ganhando com a vinda de barcos. Às vezes chegam barcos para passear, se alimentar e ir embora. Então o turismo aqui é bom. (4) Eu não vejo desvantagem. Eu só vejo vantagem. (5 - 10) No verão, por exemplo, o turismo é intenso no Bonete e as pessoas, no geral, ganham dinheiro.</u></p> <p><u>(12) O turismo já foi melhor antes do que é hoje, por exemplo, (10) quando não se tinha esse acesso a internet e a previsão do tempo (porque as pessoas vinham pra cá sem saber como ia ficar o tempo), então vinha muita gente. Hoje as pessoas já são mais precavidadas. Sabem como vai ficar o tempo e então não vem pra cá quando fecha o tempo. (12) Então, antes o turismo aqui era bem melhor. Aqui ficava lotado. E hoje a gente já não vê lotado. Não vê nem metade da metade. Por isso que eu falo pra você, o turismo era mais forte. A gente tinha um turismo em todos os feriados, forte. (10) Hoje não, a gente só tem no verão. Eu não sei também se é porque hoje a gente tem mais comércio e então se distribui mais. Pode ser isso.</u></p> <p><u>(1) O turismo aqui foi crescendo aos poucos. (1) Não teve organização</u></p>

	<p><u>nenhuma.</u></p> <p>Olha, <u>muito tempo atrás</u>, uns 5 anos eu acho, eu me lembro de um pessoalzinho que vinha aqui fazer umas palestras. (23) Até <u>fizeram umas palestras de turismo de base comunitária. Eu me lembro. Mas fizeram algumas reuniões e depois sumiram, como todos os outros projetos que vem pra cá. Teve projeto da Petrobras e varias outras coisas que ficam pela metade. Nada vai para frente, nada.</u></p> <p>(4) <u>Mas o turismo no Bonete é tudo de bom. Não tem nada de ruim não. Não nada de ruim. Porque nem violência o turismo trás pra cá, porque o Bonete é um lugarzinho abençoado.</u></p>
S2	<p>Eu acho que <u>já faz bastante tempo que o turismo começou aqui.</u> (12) <u>Falam até que antigamente tinha mais turistas, só que antes era mais perrengue vir pra cá.</u> (1) <u>Antigamente o camping na praia era liberado, então vinha um tipo de turismo que (7) deixava sujeira e bagunça, então não era tão legal. Daí conseguiram proibir isso, (1) abriram campings e pouco a pouco foi surgindo. O pessoal começou a alugar casa, alugar um quartinho e foram surgindo pousadas. A primeira pousada acho, (1) foi a Pousada da Rosa, que começou assim: tinha um quartinho, aí começou a alugar o quartinho, aí fez outro quartinho... Depois veio a Canto Bravo, depois a Pousada Margarida e por ultimo a Porto Bonete. São 4 pousadas no total. A Pousada da Rosa e a Canto Bravo <u>devem ter uns 13 anos</u>, mais ou menos, a Margarida, não sei, talvez uns 10.</u></p> <p>(5) <u>Eu acho que o Bonete viu que foi uma fonte de renda legal para a comunidade, então o turismo movimenta não só as pousadas, mas também os restaurantes locais, barzinhos, a venda de peixe (que os pescadores podem vender o peixe aqui em vez de ter que ficar levando para a cidade - o que dá trabalho também) e o transporte marítimo. Então eles viram que é uma coisa legal, mas tem que manter esse tipo de turismo que é hoje em dia, que é bem voltado para (14) o ecoturismo mesmo. (19) Se começar esse turismo de massa, que a gente sabe que o que eles buscam é bem diferente do ecoturismo <u>que vem para ver a natureza, pra curtir a praia</u> de uma outra maneira, vem <u>conhecer a cultura e a tradição</u>, do que aquele turismo Sol e Praia, <u>caipirinha o dia inteiro na praia e gritaria</u> e... vem atrás de <u>balada que não é característica do lugar</u>. Então, esse tipo de turismo, se um dia chegar, que pode chegar se um dia vier uma estrada e tudo, eu acho que talvez aí a comunidade não iria gostar. (3a) Porque <u>a gente, o pessoal priva muito pela paz, pela tranquilidade e pelo silencio e hoje em dia a gente tem isso</u>. No verão aparece um pouco mais de pessoas que não seriam o tipo de turistas que a gente mais gosta, que algumas pessoas vem de lancha e não sabem nem pra onde estão indo.</u></p> <p>(19) <u>Eu acho que não pode crescer muito mais do que isso. Talvez, possa crescer bem pouquinho. Eu acho que o mais legal é conseguir organizar a atividade, não ter muito crescimento, porque a gente sabe que isso pode começar a ficar perigoso.</u></p> <p><u>O turismo movimenta bastante gente. Aqui tem também pessoas que fazem algumas coisinhas voltadas para o turismo: (17a) <u>vendem uma canoinha, um artesanato ao turista</u>, não sei se ele estaria envolvido também, mas... Do numero de <u>comércios que têm aqui, 90% tá tudo na mão do pessoal daqui mesmo.</u></u></p> <p>(21) <u>Já vieram alguns cursos pra cá. Já veio curso do Sebrae e já teve alguns cursos voltados pra isso. (1b) E pra falar a verdade não são muitos os interessados que aparecem</u>. Isso é meio triste, essa realidade. Alguns sim, querem aprender. Tem incentivo por parte da prefeitura nessa historia, (1b) mas acho que faltou um pouco do pessoal querer se dedicar mais.</p>

	Além da (24a) renda é a interação com outras pessoas. Porque aqui a gente está meio isolado e as vezes é bom conversar com outras pessoas.
S3	<p>(10) É que <u>o movimento aqui é muito no verão, então eu acho que se viesse mais turistas no inverno seria bem melhor</u>, porque no inverno aqui a gente passa bem apertado.</p> <p>(23) <u>Teve um senhor lá da Prainha do Canto Verde falando sobre o turismo de base comunitária. E é mais ou menos o que a gente já faz aqui, só que ele deu umas outras ideias.</u></p> <p>Eu acho que é <u>muita vantagem</u>, (2) porque a gente sobrevive do turismo. Todo mundo. <u>Não tem quem não viva</u>. (4) Não tem nenhuma desvantagem (risos). Acho que não. (19) <u>Quero que cresça, mas que cresça com qualidade.</u> <u>Como aqui é o melhor lugar de Ilhabela para surfar</u>, então é metade (13) surfista e metade (14) ecoturista.</p>
S4	<p>(5) O turismo ajuda bastante. <u>Se o turista vem, ele acaba ajudando muitas pessoas daqui</u>. Um exemplo: Se ele vem e ele vai ficar acampado no camping, então ele ajuda o pessoal do camping porque ele está lá. No restaurante, ele vai estar ajudando o pessoal do restaurante. Se ele vier de barco ele vai estar ajudando o pessoal do barco. Daí então ele acaba ajudando em tudo.</p> <p>É que <u>quando não vem turista não entra dinheiro, daí a gente acaba passando bem apertado e quando vem o turista fica um pouco melhor, né?</u> (10) Que nem, a melhor época para gente aqui é <u>dezembro, janeiro e fevereiro</u>, porque vem muito turista. (5) Daí <u>a gente consegue fazer viagens, outros conseguem trabalhar, conseguem até guardar um dinheirinho no banco para quando chegar esse tempo de inverno ter dinheiro guardado para poder comprar as coisas.</u></p>
S5	<p>(10) No verão, aqui, <u>principalmente no Reveillon, enche de turista no Bonete. Mas lota mesmo! Na pousada não cabe, não tem mais casa pra alugar</u>. Que bota casa pra alugar, mas não tem...</p> <p>(9) E bagunçam muito. Ah, o pessoal <u>de fora quando vem, quando tem bastante gente, olha, faz uma bagunça mesmo</u>. A gente aqui não pode dormir. Gritam de noite. <u>Eles saem de lá para fazer bagunça no que é da gente</u>. Mas isso aí é <u>pouco tempo</u>, eles ficam uns 3 ou 4 dias e depois vão embora.</p> <p>(20) <u>Do jeito que tá, eu acho que tá bom</u>. Não deve aumentar. Do jeito que está é bom, (5) porque a gente ganha um dinheirinho a mais no verão para levar o pessoal e os turistas de lancha. (14) Também vem turista também mergulhar</p>
S6	<p>(4) Pra mim não tem nada de ruim. <u>Nada que eu possa reclamar “isso aqui é ruim”</u>. Até agora eu não achei uma coisa ruim. Até agora não. No meu ver não. É verdade (risos). Não achei uma coisa que eu dissesse “não gosto disso” porque eu gosto de tudo. Pra mim tudo <i>tá</i> bom.</p>

S7	<p>O turismo pra mim é legal. (2) É legal o turismo, porque eu vivo do turismo aqui no Bonete, não é? (17a) Olha, eu estou fazendo artesanato. (5) Quem vai comprar? É o turista! Eu tenho meu barquinho, faço as viagens, ganho dinheiro com o turismo, então eu acho que não pode acabar o turismo no lugar, só que a gente tem que ter a consciência de ter o controle. De tudo tem que ter o controle, senão a gente perde a noção e fica complicado. (4) Mas o turismo, no meu ponto de vista, é ótimo.</p>
S8	
S9	<p>(5) Turismo é bom pra quem tem suas lanchas pra ganharem seu dinheiro, pra terem seu pão de cada dia na sua mesa. Até mesmo para terem suas vestes, seus calçados, porque se não tiver, minha filha, dinheiro, ninguém tem nada disso. E o turismo é bom pra (3) eles, entendeu? Pra quem tem suas pousadas, seus restaurantes, suas lanchas, suas canoas a motor.</p> <p>(11) Muitas vezes os turistas que vem acham caro o preço que cobram pra levar, né.</p> <p>(9) Eu não tenho do que me queixar, mas quando tem bastante gente fazem uma zueirazinha sim. (risos). Reclamam né, os vizinhos que moram perto.</p>
S10	<p>(5) O verão, com a lanchinha, eu posso estar fazendo os passeios e as viagens e isso me ajuda na renda Ajuda bastante. Ah, eu acho que o turismo é legal, porque como a gente trabalha, depende um pouco do turismo, eu acho que é legal.</p> <p>(4) Desvantagem acho que não tem. Até então, até hoje, eu acho que nunca teve problema.</p> <p>(19) então, a gente como trabalha com o turismo, nossa expectativa é crescer um pouco mais, né, mas a gente tem que ter também uma estrutura pra poder tá crescendo. (12) O que eu vejo hoje, tá fraco em vista de 5 anos atrás. Quando eu comecei a trabalhar com a lanchinha, que a gente comprou, deu uma diminuída, eu acho que precisava melhorar um pouquinho mais. Há um tempo atrás vinha muito mais. Hoje, eu não sei se porque (10d) muito turista veio e começou a comprar e (12) aqueles que vinham antes começaram a desistir. (1) Antigamente podia acampar na praia. (7) Tinha muita gente de todos os lados e deixava sujeira, Isso há um tempo atrás. (1) Aí, acho que deve fazer uns 15 anos mais ou menos, (10d) veio um turista de São Paulo, um advogado, começou a comprar umas terras e começou a querer ajudar a comunidade e (1) ele montou um camping aqui do lado da escola. Esse camping tinha uma área grande. Mais de 2500m². então cabia bastante gente. E ele, na época, alugou, arrendou, pra um casal aqui do Bonete, um casal de boneteiro, então tinha esse camping ele recebia muita gente, era bem organizado. (1) Acho que deve fazer uns 4 anos que esse rapaz vendeu o camping pra um outro grupo de turista que tá chegando hoje no Bonete e eles desativaram o camping. Então, a partir daí, eu acho que o Bonete não tem mais aquela estrutura grande pra receber turistas. Hoje a gente tem o Camping da Vargem, que é pequeno e mais um na praia, que é meio improvisado, então não tem... (12) Acredito que um pouco foi isso, (10d) muito turista comprando, comprando, construindo, e aqueles que vinham antes não tão vindo mais e (1) o fechamento do camping grande.</p> <p>Eu vejo assim, na minha visão, (1) o camping ter fechado prejudicou bastante, porque esse turista que vinha e acampava, ele deixava dinheiro para a</p>

	<p><u>comunidade, porque a maioria dos passeios e viagens saia daí. Hoje é muito pouco. O camping que tem aqui é pequeno, então a galera que vem, poucas lanchas e canoas levam. No outro não. No outro, como era bem maior e <u>vinha mais gente, então todos faziam viagem. Em feriado todos iam pra água fazer viagem. No dia que vinha e no dia que voltavam. Então eu acho que isso atrapalhou um pouco.</u></u></p>
S11	<p>(9a) Eu <u>trabalho na pousada</u>, mas eu não trabalho durante o ano todo. Só trabalho <u>em final de ano</u>. Depois fico sem trabalho. Aí só estudo. E eu faço tudo de um pouco na pousada. E ajudo também, quando precisa.</p> <p>Turismo é uma coisa que <u>ajuda bastante o Bonete</u>. (5) A maioria dos boneteiros sobrevivem com o turismo, porque o Bonete é uma praia que é bastante visitada. Tem boneteiro que faz viagem, isso ajuda eles. <u>Quem tem bar, quem tem mercearia aqui, também ajuda</u>. O turismo é legal, é bom, ajuda. (5) Tá ajudando, é bom, porque como eu disse, ajuda e a maioria do pessoal sobrevive com isso, (4) eu acho <u>não traz nenhuma desvantagem</u>. Só ajuda mesmo. (2) Pra mim é bom porque eu trabalho na pousada, e a pousada vive sobre o turismo. <u>Pra mim e pra minha família ajuda bastante</u>.</p> <p><u>O turista?</u> Tem uns que <u>são legais</u>, mas tem outros que <u>não respeitam. Aí complica</u>. (13-24) Tipo, na hora do surfe tem uns que não respeitam (risos). <u>Tem boneteiro que não aguenta e vai brigar com o turista. Sempre... várias vezes já aconteceu isso, de ter briga por causa de onda</u>, porque o turista desrespeitou. Porrada. Esses dias teve.</p> <p>(7) Tipo, <u>jogam o lixo na praia</u>. <u>Eu acho isso uma falta de educação</u>. Tinha que respeitar o lugar também. <u>Tem gente que, sei lá, não respeita o lugar. Tem uns, mas não são todos assim. É um ou outro. Mas tem gente que é bem legal, pessoas educadas, que respeita</u>.</p>
S12	<p>(5) <u>Hoje em dia o turismo é o meio de sobreviver aqui no Bonete, né?</u> A maioria aqui vive do turismo. <u>Não se vive mais de pesca como antes</u>.</p> <p>(22) <u>Com os anos, trabalhando, a gente acaba aprendendo a lidar com o público, né?</u></p> <p>(15) <u>A maioria até agora que eu tenho visto são pessoas que vem</u>, tipo, quer <u>descansar</u> e pra curtir, descansar um pouco, são mais <u>casais mais novos</u>. De idade quase não frequenta aqui o Bonete. São poucos. (16) A maioria <u>vem de São Paulo</u></p> <p>(23) Então, sobre isso de turismo de base comunitária acho que o rapaz <u>tava dando um curso pra gente. Até eu comecei, frequentei só uma aula e não fui mais</u>.</p> <p>(20) <u>Eu acho que tá bom do jeito que tá</u>, né? (1) <u>Sempre vão ser bem-vindos</u>, claro, porque... já que é o meio de muitos sobreviver aqui é através do turismo. Mas eu acho assim que tudo tem que ter um limite, um <u>controle</u>, né, de quem... quantos entra e quem sai, (24a) E enquanto a gente puder cuidar deles, vão ser sempre bem-vindos. (20) E eu acho que nesse nível tá bom, né?</p> <p>(4) <u>Desvantagem eu acho que não tem</u>. A <u>gente já teve problema com muito lixo, com droga, mas hoje até que tá bem controlado isso</u>, viu. (8) Antigamente, aqui a gente não tinha problema com droga, e a gente hoje tem, né. São poucas as pessoas que estão envolvidas aí, mas hoje tem.</p>

S13	<p>(5) Eu penso que o turismo é <u>um meio da gente ter a renda da gente</u>, porque se não fosse eles, não sei o que seria da gente mais, porque fica difícil.</p> <p>(10) Olha, nessa época dá (dinheiro). <u>Junta pra no inverno ter pra sobreviver</u>, né? Pra não passar necessidade (risos). Agora, <u>na baixa temporada fica apertado</u>. Aí tem que ir de grão em grão (risos).</p> <p>(9) Olha, de ruim a gente vê aqueles que vem só pra bagunçar, né. Porque tem o turista bom e o turista ruim, né? Tem uns que só <u>vem pra fazer bagunça</u>. Tem uns que vêm e se comportam, (5) gasta, deixa dinheiro. Mas têm outros que só vêm, (9) bagunçam e vão embora. Esse é meio difícil de deixar ficar (risos).</p> <p><u>Pra mim tinha que aumentar mais visitantes</u> de um dia só. Eu acho que tinha que aumentar. Porque era um meio de você ganhar mais dinheiro, daí ia contratar mais gente pra trabalhar e dar mais emprego. Porque, o que acontece com os hotéis que tem... o pessoal que vem pros hotéis e vem pras pousadas, eles só ficam lá. Eles não gastam dinheiro fora. Eles não saem pra comer em outro lugar, pra beber, é muito difícil. Eles já fazem os pacotes. Eles já ficam só lá dentro. Então a gente perde também, até porque não divide a renda. Porque se fosse dividida a renda pra dormir, dá o café da manhã e almoça em outro restaurante, aí era uma opção boa. Mas não.</p> <p>(23) turismo de base comunitária já ouvi falar uma vez.</p>
S14	<p><u>Turismo eu acho que é bom</u>, né, mas tem que... não pode... como eu posso dizer? Ah, é bom. (9) É bom, só que tem bagunça também, sabe. <u>Tem muita bagunça, barulho em temporada, carnaval, virada de ano</u>. (8) Droga principalmente. Tem bastante.</p> <p>(3) A minha mesmo o turismo não afeta... <u>Tem vezes que a gente vende um pouquinho mais de peixe quando tem turista. Depende da ocasião também</u>.</p> <p>(5) <u>Pra quem tem pousada, restaurante, essas coisas, é bom, né? Pra gente também é bom. Nós faz transporte também, sabe. Tenho lancha, canoa. A gente faz transporte</u>.</p> <p>Pra mim tá bom, né, mas só vai aumentando. Cada ano que passa só tá aumentando mais, né? (10d) <u>O pessoal vem aí querendo comprar terreno, vai construindo</u>, é assim. (11) <u>Mas de visitante mesmo não tá aumentando</u> Muito pouco mesmo. Bem pouco.</p> <p>Ah, algumas pessoas são legais, mas outras pessoas são meio invocadinha, meio complicado de lidar, sabe?</p>
S15	<p>(9) <u>Turista e boneteiro se juntam e fazem bagunça</u> a noite toda. Eles não querem nem saber, (8) eles tão <u>usando droga</u>. Eles não tão lúcidos pra saber o que eles tão fazendo.</p>
S16	<p>O turismo é bom pro Bonete. (20) <u>Do jeito que está aqui, é bom</u>. (19b) <u>O turismo vai acabar no Bonete, aquele turista que gasta no Bonete, vai acabar se vier a estrada</u>. Por exemplo, o restaurante da Roseli, da Rosa, a pousada, a pousada Margarida, se vier a estrada para cá eles vão perder, porque vai vir uns farofeiros. Aí os restaurantes não tem como ganhar. Pousada, lógico que vai ganhar. A mais chique é a Canto Bravo e a Porto Bonete, aí os caras vão pagar para ficar aqui. Os turistas gostam do Bonete do jeito que está aqui. (24a) <u>Eu já fiz muito passeio com turista que eles falavam assim “o que seria do turista sem o caçara para contar história?” e quando ele falou isso pra mim eu me senti</u></p>

emocionado. Fiquei muito emocionado com ele e eu falei “Isso é verdade. Pura verdade”.

Tem vários turistas que são bons e vários turistas que são ruins. Vários turistas que gastam e vários turistas que não gastam. Turistas que são educados e turistas que são mal educados. Tem turistas que respeitam os moradores locais. (24) Eu estou falando de respeito porque sai muita briga aqui.

(24) Tem confusão com os caras que vem pegar onda. Muita. É que é assim. Não sei se você entende coisa de onda. As maiores são dos locais. Aí eles vem e acham que a gente não tem a vez. Tudo bem, os locais se sentem donos das ondas, porque conhecem bem onde elas vão se formar e aí é onde a gente sabe e entra na onda. Aí tem um negócio que se chama rabear. Rabear a onda, entrar na frente, atrapalhar o outro. Aí a gente reclama. O local reclama: “Pô meu”. Aí uns, de boa, pedem desculpa e fica sossegado e vem conversar depois, aí a gente vira amigo. Mas tem uns que não, que a gente fala e ele já vem enfrentar. É aí onde eles apanham. A gente arranca da água, quebra a prancha, bate no cara. A gente gosta disso, quando o cara se levanta contra a gente. Aí ele pede para apanhar. Mas quando o cara vem conversar, pede desculpa aí tudo bem. No verão tem dia que tem pouca onda. Tem 3 ondas na série. Tem 35 a 36 locais que querem pegar onda. Imagina tudo isso na água. Aí vem 20 turista. E aí? Como eles vão pegar onda? Não vão. Nós locais, a gente se entende. Mas se vem uns caras e já chegam com tudo, aí, meu, é o que eu *tava* falando. Tem uns que pedem desculpa, falam “Pô, desculpa, não foi com intenção, eu não vi” Aí a gente até entende, conversa com ele e aí vira amigo. Aí a gente deixa pegar onda, fala “vai, vamos pegar onda aí”. A gente explica: “Oh, são 3 ondas, eu vou na primeira, você vai na segunda, ou tu vai na primeira e eu vou na segunda” e assim. Dependendo de cada um, de cada turista que chega. Turista que chega folgado, esse vai apanhar. Já chegou folgando, esse vai embora fácil, vai apanhar fácil, vai embora com o olho roxo, com o nariz quebrado. Aqui rola assim. Aqui tem localismo pesado. Mas é pesado para quem chega causando. Quem chega com respeito os caras vê e fala “Pô, fui lá no Bonete e os caras são *mó* gente boa”. Já vi vários comentários assim. Ué, o cara soube chegar e soube sair.

(24a) Tem turista que vem e quer passar por cima de caçara, que acha que caçara não é nada. É isso. Que acha que caçara é burro, não tem poder em mandar no lugar. Tem poder sim, pô. Se o cara é bem educado, vai ser muito bem respeitado, vai vir sempre. Turista não é problema para o lugar.

(24) A maioria que tem comércio, dono de restaurante e pousada, acha que quando rola essas brigas espanta os turistas. Não espanta turista, porque o turista que vem para o Bonete (5) é turista que vem e tem dinheiro para gastar. Os caras que vem para arrumar confusão são caras que gostam de confusão. Não vem para respeitar. Tem uma diferença dos caras que vem, que gastam, que sabem chegar e sabem sair, dos caras que sabem chegar e não sabem sair. Sai todo arrebitado. Esse é o folgado mesmo que pede para apanhar.

(7) Olha, agora tá tranquilo essa parte de lixo. Está tranquilo. Antigamente eles vinham e largavam tudo mesmo. Não tavam nem ai para o lugar. (8) E entra droga no Bonete. A droga para o lugar é pesado, é feio. Fica ruim.

(23) Turismo de Base Comunitária a gente soube através da diretora do Parque. Ela falou do trabalho que ia ter, mas até agora... Nada. Só estamos esperando quando vai chegar. Agora essa época de verão vai ser difícil eles se interessarem. Vai ser muito difícil. Para eles se interessarem tem que ser mais no inverno Aí vai ser mais fácil de estar todo mundo, porque agora é correria nos restaurantes, pousadas, nos bares. Os caras não vão ter esse negócio para ficar aí pra reunião, mas no inverno, mais para frente, passando a temporada, todo mundo se interessa. Aí volta a rotina.

(2) O turista, eles são importe para minha família, para mim, pra todo mundo.

	<p>(5) <u>É importante aquele que gasta.</u> (6) Se for falar qual o turista que gasta no Bonete, aí você vai contar. Qual o turista que não gasta no Bonete? São aqueles que tem casa. Não gasta porque eles já trazem tudo para eles. (5) Mesmo os barraqueiros (meu tio fala que são miojeiros) eles são importante. Estão gastando, são importantes. Não tenho nada contra isso não. (2-24a) Eles <u>são importante, porque a gente não vive sem o turista também.</u> A <u>gente não vive sem eles.</u> E eles não vivem sem nós <u>para contar historia, para fazer amizade.</u> Para tudo, eles são importante.</p> <p>(5 - 10) Que nem, agora a gente <u>guarda dinheiro pro inverno</u> ter um estoque e poder comprar as coisas. E que nem eu, (2) <u>eu vivo do turista.</u> Eu cuido de casa de turista, cuido para minha sobrevivência, comida, roupa, leite. Então a gente vive deles, <u>não tem como falar que eu não vivo do turismo.</u></p>
S17	<p>Num ponto o turismo é legal, meu. Traz coisas novas pra gente também. (20) Mas o turismo é legal, assim, do jeito que está. (19b) <u>Não o turismo para abrir estrada pra vir turismo de lá. E vai vir muita gente de lá que vai vir tomar nosso turismo aqui também.</u> (20) <u>Então é melhor deixar do jeito que está, que é legal.</u> (2d) que vai ajudar bastante caçara que tem barco pra fazer viagem, passeio. E a maioria tá vivendo disso. (20) Num ponto <u>eu acho legal do jeito que está.</u> Até posso ganhar uma grana com guia turismo aí, pra fazer trilhas, várias coisas. Eu acho legal num ponto.</p> <p>(15) <u>A maioria é só casal</u> que vem pra pousada. Aí eles fazem as “panelinhas” deles lá e seleciona a pessoa que tem que fazer a viagem de turismo e quem não vai fazer. (5-1) <u>O camping não, o camping o cara já é muito turismo mesmo, muito. Todo mundo ganhava dinheiro.</u> O bar, as molecadinhas ganhavam dinheiro com o turismo de levar e trazer. Os caras do <i>camping</i> ganhavam seu dinheiro também. Era um <i>camping</i> <u>bem estruturado, do lado da escolinha.</u></p>
S18	<p>(4) <u>O turismo é muito bom pra gente</u> aqui. Nossa! Muito bom mesmo! Com certeza! É muito bom! <u>Inclusive quando acaba a temporada eu sinto falta (risos).</u> É verdade, porque a gente vai indo, pega o ritmo e acostuma. Mas eu tô feliz.(4) <u>Eu acho que não tem alguma coisa que é ruim.</u></p> <p>Esse ano teve bastante turista. Bastante! Eu acho que muita gente também não é legal. Vem um pouco, outro vai e vem. Assim. Muita gente não é bom. <u>Eu acho que muita gente não é bom não.</u> (12) Teve uma época, acho que uns 3 anos atrás, que veio muita gente, muita gente pra cá e eles não tiveram lugar de colocar barraca e eles tiveram que ir embora de volta, porque era muita gente. Então <u>o lugar não tem capacidade para acomodar isso tudo de gente.</u> Aí assim, tem o meu quintal. Se eu colocar uma barraca aqui e se outras pessoas vier barracar e ver, já vem perguntar se é camping, se pode abarracar, entendeu? Aí tem algumas pessoas que deixa, então, mas não pode, porque não tem banheiro. Como é que vai colocar um monte de barraca num quintal que não tem banheiro? Então não é legal. Nossa! Foi muita gente embora. O camping já <i>tava</i> lotado, as pousadas, as casas daqui que o pessoal aluga já <i>tava</i> alugada e não tinha mais lugar para acomodar as pessoas e eles tiveram tudo que ir embora de volta. Então não é legal muita gente. Daí, pouca gente, você também atende bem. Muita gente você acaba se estressando e não dá certo.</p> <p>A vantagem, aqui no Bonete, é bom porque, eu vou falar para você Denise, aqui no Boente é uma comunidade tradicional caçara. Aqui a comunidade ainda preserva a cultura, né, mas a maioria não preserva mais, então, aqui, se você for falar com um pessoa e falar “Você vive de pesca?” “Não, só vive de turismo”</p>

	<p>(5) Então a vantagem é que as pessoas que vivem de turismo e com isso beneficia os morador daqui, ajuda bastante. Essa é a vantagem. (18) E assim, eu acho que deveria melhorar mais, a gente, principalmente, <u>que trabalha com o turismo, tinha que estar mais preparada</u> para isso. E o Bonete, aqui o lugar, já tá ficando pequeno e tem pessoas que não <u>tão preparada</u> para trabalhar com turismo. Eu acho que a gente deveria <u>tá mais preparada</u> para trabalhar com o turismo <u>porque cada vez o lugar cresce mais</u> e a maioria das pessoas que tão vindo para cá, são pessoas que tão vindo a primeira vez para conhecer, entendeu? (18) Então, <u>a gente tem que receber</u>, saber receber eles. Que nem, a gente que trabalha com o comércio, saber receber bem eles, entendeu? <u>Atender bem!</u> É isso, <u>que é para eles voltarem sempre, porque se eles não for bem recebido, não vai querer voltar mais.</u> Então é isso.</p> <p>(5) Olha, dá para ganhar uns trocadinhos. (10) A gente trabalha e <u>guarda para o inverno, né?</u> Porque às vezes a gente precisa ir ao medico e tudo, então a gente trabalha e dá sim para ganhar uns trocados, então a gente guarda para o que precisa, <u>como diz os mais velhos, faz um pé de meia.</u> É isso.</p>
S19	<p>(9a) <u>Trabalho com turismo. Direto com turismo. Todo o ano a gente fica nessa... três ou quatro meses, cinco meses seguidos trabalhando com turismo.</u> Aqui não para mais, a tendência é só crescer. Tanto é que <u>tá tendo ampliações de alguns lugares, aumentando pousadas, tá tendo mais restaurantes.</u> Enfim, vai ter um aumento turístico no Bonete. Em Ilhabela, não sei, mas no Bonete já tem. (16a) Independente de ter surfe ou não, porque <u>durante o inverno tem muito surfe, durante o verão tem muito surfe.</u> (13) <u>Turista do surfe de verão é diferente do turista de surfe de inverno. Surfista de big ondas, grandes ondas... big waves.</u> E já <u>tá chegando, já tá chegando.</u> Dois meses passa muito rápido. E o turismo vai continuar.</p> <p>Atualmente, o turismo hoje <u>é um turismo mais selecionado</u> do que o turismo do passado. Hoje os turistas que vem pra cá são os turistas que vão pra pousadas. Não são turistas que vem para <u>camping</u>, que vem pra se abarracar. Então já é um turismo já selecionado, naturalmente. (19) E, <u>futuramente</u>, vai ser mais selecionado ainda, <u>com o aumento dessas pousadas, ganhando outra situação e tendo mais a facilidade de navegar. Melhores marinheiros, melhores embarcações.</u> O turismo vai crescer muito aqui. Atualmente, o Bonete hoje tem aí a capacidade de 50, 60 leitos em pousadas. E aí vai ter aí mais umas 30, 40 casas de veraneios. (19) Aí num futuro próximo a esse pode dobrar fácil, porque a proposta é que todas as pessoas num lugar comecem a fazer investimentos em si mesmo, começar a se valorizar mais. E já <u>tá começando a ter esses olhos.</u></p> <p>(4) <u>O turismo não traz nenhuma desvantagem.</u> O turismo só acrescenta. É nós que temos que ser educados para o turismo, pra receber o turista. Mas o turismo só acrescenta. (5) <u>É o turista que traz o benefício lucrativo pro lugar.</u> O dinheiro, enfim, chega do turista. (10) <u>Durante o inverno, se não tiver turismo, aqui não se gera dinheiro.</u> (19) <u>Então tá precisando ainda de se acrescentar o turismo de inverno.</u> Trazer o turista europeu, trazer o turista da África do Sul, trazer o turista que não tem o... que gosta do inverno. Turistas sul-americanos que gostam do inverno. Precisa atrair esses turistas. <u>Pra que durante o inverno também tenha bons trabalhos, bons bares, boas noites.</u> Só acrescentar com o turismo.</p> <p>(2) <u>Eu trabalho com turismo, a minha mulher trabalha em pousada.</u> (4) Então, enfim, o turista só acrescenta no Bonete. (10) <u>Durante a baixa ninguém trabalha.</u> Na baixa temporada fica todo mundo parado e só estuda. E quem estuda... os bares ficam fechados, a praia fecha de vento sul.</p> <p>(23) <u>Já teve uma escola, acho que do Sebrae, falando sobre turismo de base</u></p>

	<p><u>comunitária</u>. Eles tiveram um trabalho aqui de alguns... acho que uns seis meses. Um pessoal trabalhou. (21) <u>Desse até eu participei</u>. Foi interessante, só que, <i>pô</i>, isso foi há dez anos, oito anos atrás. E ainda <i>tava</i> começando a crescer aqui. <u>Mas algumas das pessoas que fizeram parte</u> de lá, daquilo, <u>hoje estão todas trabalhando em pousada</u>. Então, tem um lado positivo. <u>Sempre é válido</u>. Sempre é válido, né? <u>Tudo o que você aprende na vida um pouco a mais sempre é válido</u>.</p>
S20	<p>(17) <u>No Bonete vem gente do mundo inteiro</u>. Não tem um pessoal de um país só. Bonete está muito conhecido mundialmente. Então vem todo o tipo de raças e nações. (4) <u>E o turismo aqui no Bonete está sendo muito bom</u>. (2) <u>Muita vantagem</u>, bastante! As pessoas tem mais trabalho, <u>as mulheres, praticamente todas trabalham com turismo</u>. (4) Só trouxe vantagem. <u>Desvantagem, eu creio, que não trouxe</u>. (2) <u>Se eu sei o que sei hoje é porque eu trabalhei com o turismo. E é isso para muita gente. A gente conhece pessoas diferente, aprende coisas diferentes</u>. Aprende coisas que a gente não sabia. (2) Para minha família foi bom. <u>Para nós está sendo ótimo!</u> (22) Não fizemos curso. Nada, nada Tudo o que eu sei agora eu aprendi lá. Muitas coisas a gente não sabia. Divulgação boca a boca. As pessoas que conhecem a gente, que vem aqui e acha bom, fala para um e para outro. Então de boca a boca é a melhor divulgação. Então é assim que a gente está conseguindo.</p>
S21	<p><u>O turista vem acho que é porque aqui é bonito mesmo. O lugar é isolado, é tranquilo e o pessoal vem para descansar. A praia é linda!</u> (13-14-15) Eu acho que o turismo atinge um grupo muito grande. <u>Eu vejo desde pessoas mais novinhas até mais idosas</u>. Pessoas ricas que vem para as pousadas e pessoas mais simples que vem para acampar. Eu vejo hippie e muito surfista. É o que eu vejo. (5) <u>A vantagem é o dinheiro que o turista traz quando vem</u>, ele fica nas pousadas, fica num camping, consome nos restaurantes e usam os barqueiros, o pessoa daqui para poder fazer as viagens. <u>Todo mundo aqui tem lancha, todo mundo faz viagem quando aparece, todo mundo tem um parente que trabalha num restaurante ou numa pousada</u>. E em questão de desvantagem, eu não sei dizer, porque <u>quando vem um pessoal, alguns, não todos, (7) eu acho que trazem muito lixo</u>, mas é muito pouco. Que eu vejo é essa questão de lixo. Só. (21-23) Eu fiz um curso que <u>não foi para frente porque o pessoal da cidade não veio assistir</u>, que um rapaz do SENAC veio dar sobre turismo de base comunitária. Eu fiz só o primeiro módulos. Fizemos pesquisa de passeios, fomos nas trilhas com professor, fomos para Enchovas e Indaiaúba. A gente fez um projetinho de abrir uma pousada aqui, quanto a gente iria gastar, estudou o perfil do turista. (1b) <u>Foi só o primeiro módulo, porque como as pessoas foram deixando de participar, então o professor não veio mais. E era um curso bem legal</u>. A gente fez um projeto de uma pousada, a gente viu quanto iria gastar e a gente viu como é caríssimo montar alguma coisa aqui e o retorno é bem lento. A gente fez uma pousada que a gente iria ter que alugar os quartos por R\$ 180,00 e para o padrão daqui é caro. E a gente iria ter que investir em bujão de gás, porque aqui não tem energia elétrica... O curso foi bem legal, mas não foi para a frente.</p>

S22	<p>(5) Para nós, <u>o turismo aqui é bom</u> porque entra dinheiro, principalmente para a gente que trabalha, mas num ponto já é muito ruim, por causa do (9) <u>barulho</u>, (7) deixam <u>muito lixo</u>, então <u>a gente não gosta dessa parte</u>, mas (5) é bom assim, porque eles vem, a gente trabalha, a gente ganha dinheiro. (2) Para a gente já é bom. Eles <u>fazem bastante viagem</u>, então <u>para mim é importante</u>.</p>
S23	<p>(5) Atualmente tem a <u>pousada Canto Bravo</u> que gera aí na base de uns 8 ou 10 empregos na comunidade. Tem a <u>pousada da Rosa</u> que também está gerando 5 ou 6 empregos também na comunidade. <u>A Margarida</u> deve gerar emprego também. <u>A Porto Bonete</u> também está gerando empregos aqui na comunidade. Então as pousadas estão gerando na faixa de uns 20 empregos na comunidade e isso é bom. O turismo aqui nós estamos recebendo de braços abertos.</p> <p>Inclusive quando eu vim morar aqui, minha casinha <u>era uma suíte e uma cozinha e vinham</u> (13) os surfistas, o pessoal acampar e nós <u>já alugava nossa casinha e minha esposa começou a fazer marmitex para os surfistas e isso deu certo</u>. Ela fazia pão, fazia marmita para o pessoal que ficava acampado. Deu certo o marmitex até que então, nós tinha um espaço bom no terreno e <u>a gente fez um salãozinho e começou a vender comida aqui no Bonete e nós fomos aumentando o espaço que hoje é a Pousada</u> e o turismo começou também através (1) da Pousada Canto Bravo, <u>que era uma casa caiçara e foi vendida</u> para um pessoal e <u>as pessoas que compraram fizeram a pousada</u>. Hoje temos a Pousada Margarida e tem a Porto Bonete <u>que é do Fábio, da Ilhabela</u>. Tem 4 pousadas aqui no Bonete. (1) <u>Tem mais ou menos 15 ou 20 anos atrás que começou</u>. (1) <u>Antigamente</u> o pessoal vinha e se <u>acampava na praia</u>. <u>Era liberado</u>. Vinha muita gente. Hoje é proibido acampar na praia. Foi mais ou menos nessa base que começou o turismo aqui.</p> <p>(2) <u>Hoje quase toda a comunidade está envolvidas com o turismo</u>, porque todo morador tem seu barco, então quem tem seu barco faz transporte, faz turismo de passeio. Na verdade, eu acho que toda a comunidade está envolvida.</p>
S24	<p>Olha, a visão da comunidade a respeito do turismo é o seguinte: (5) é o turista, como diz o provérbio, é que traz mais dinheiro para a comunidade, principalmente no <i>réveillon</i>, no carnaval, porque tem o restaurante, tem as viagens, então são dinheiro que entra para o lugar, então é por isso, mas (19b-2d) que a turma não quer a estrada, porque <u>se vier a estrada acaba as viagens</u>. Acaba, porque vêm de carro, <u>não vão querer mais pagar lancha ou canoa para virem aqui</u>, (5) então os turistas, para nós é bom por causa disso, porque é uma renda que entra para quem tem bar, restaurante, pousada, camping. Então é uma renda que a pessoa tem. (10) também é só no verão até carnaval, depois já fracassa. Cada um que tem o seu comércio, ele pega e guarda. Guarda <u>para a hora que precisar</u> ele já tem algo guardado. Todo eles aqui é assim.</p> <p>(4) Desvantagem por enquanto aqui nunca trouxe nada. Nunca trouxe.</p> <p>As pessoas começaram a chegar aqui de barco mesmo. Faz tempo, faz tempo. <u>O turismo começou a chegar aqui mesmo depois que abriu a estrada, só que a estrada foi aberta e abandonada, aí não tinha mais como passar e começaram a vir de barco</u>, (10d) aí começaram a comprar terreno aqui, terreno ali, terreno lá, aí foi... vem gente aí comprar... até a semana passada veio um rapaz vê um terreno aqui em cima para comprar. Eles vem no lugar, acha (3a) o lugar sossegado, certo? Respira um ar livre. Chega aqui e diz: “isso aqui é um</p>

	<p>paraíso”. Aqui é sossegado, livre de todas as coisas, aí começaram a entrar. (24a) Mas não prejudicaram nós não. É tudo <u>gente boa</u>, se dá bem com a gente, <u>conversa com a gente</u>, normal, normal.</p>
S25	<p><u>Aqui o turismo é muito forte. Vem muita gente aqui.</u> (5) É bom que todo mundo ganha dinheiro. <u>Todo mundo, de alguma forma, ganha um dinheiro do turista daqui.</u> (18) <u>O que falta mesmo é um bom atendimento, um local que o turista chegue tenha uma informação mais adequada para ele. Isso não tem.</u> Eles chegam aqui, não conhecem nada e já vem um que fala que tem que ir embora, inventa não sei o que para ganhar dinheiro, mas é mentira. Não é assim, tem que deixar o pessoal ficar de boa, conversar, indicar, explicar...</p> <p><u>Aqui precisava ter um trabalho bom para o turismo.</u> (18) Aqui a mão de obra é escassa e <u>a gente vê que o pessoal não tem uma visão do que é o turista.</u> Aqui, o cara nem bem chega na praia, já querem levar o cara embora. Sabe aquela coisa de colocar o cara na lancha e levar embora, para ganhar dinheiro. Tem que ter essa visão de que o turista quer ficar aqui. Eles vêm para conhecer e precisam gastar aqui. Mas não, eles querem transportar. A gente vai para lá e eles falam para gente isso aí, que tem um pessoal que reclamaram que quando eles vem, não deixam eles ficarem na praia, já querem levar embora. Mas é verdade. Eu já presenciei muitos lances assim de já esperarem ali embaixo. O cara descia o morro e já queriam levar o cara: “tem que embora, porque não dá para ir embora mais tarde” Sabe, é só para ganhar dinheiro. Existe uma parte do comercio que ganha com isso aí, mas a outra parte pensa em ganhar o dinheiro rápido, sem querer que eles fiquem. (18) Eu acho que o atendimento aqui também é ruim. Eles precisam fazer uns cursos, porque tem comercio aqui <u>que não sabem atender bem</u> o turista. Eles deixam a desejar. <u>Respondem com estupidez.</u> E não é assim. <u>O cliente está pagando e tem o direito de ser bem atendido. Então falta isso.</u></p> <p><u>Eu sempre acreditei no turismo.</u> (21) Já fiz 6 meses de um curso sobre trilhas. Sobre guia turístico aqui. Eu tenho toda a papelada. É monitor de ir lá para Castelhanos, por aqui... mas nunca eu exerci essa função.</p> <p>Olha, infelizmente a gente tem (8) um pouco de drogas e quando vem, a gente sabe disso, e trazem mesmo e fica um negócio pesado aqui. É o turista que traz muito muito muito. <u>Já tem local, mas os que de vem de fora contribui para a entrada de entorpecente.</u> (5) A vantagem é que o turismo traz beneficio. <u>Todo mundo ganha muito dinheiro de alguma forma.</u> Quem ganha mais dinheiro é as pousadas, que são esse pessoal que montaram essa associação. Então você vê que eles são os beneficiados, porque eles tem as pousadas.</p> <p>(38) Naquela época eles <u>acampavam na praia. Vinham, não pagavam nada e ficavam onde queriam.</u> Eu lembro que quando a gente queria ir no porto - cada família caçara tem seu porto e isso é dos caçaras que vivem na praia – a gente pedia por favor para deixar livre o caminho e rolava muita droga. A gente dava bronca. (7) <u>A gente via que eles deixavam um lixão infernal. E a gente ia fazer o que com o lixo? Não tinha essa coleta que tem hoje em dia. Então a gente resolveu dar um basta nisso. Foi daí que (39) surgiu o camping, e mesmo assim o camping vivia lotado.</u></p> <p>(1) <u>O camping ficava atrás da escola, mas agora, há uns 2 anos atrás, o dono dessa pousada comprou o camping e fechou, porque ele não quer movimento de gente. Compraram o camping e fecharam porque é muito movimento ao lado da pousada e ele não queria isso aí.</u> O pessoal que apoia as ideais deles esquece que ele tirou o ganha pão deles, (2d) porque <u>quando o camping vivia cheio de gente, todo mundo ganhava dinheiro com viagem.</u> Todo mundo, agora como não tem mais camping, a maioria que vem, vem para a pousada. Não tem mais onde</p>

	<p>acampar. Tem um ali, mas é pequenininho. E as pousadas já tem gente certa para levar e para buscar. E antes, o camping, <u>tudo mundo ganhava dinheiro com o camping, tanto para ir buscar quanto para ir levar embora</u>. Ele cortou e acabou. Não tem mais. O pessoal que vem agora vem para a pousada.</p> <p>Aqui muitos alugam suas casas. (1) Assim que acabou o camping, (11) e as pousadas são caras, (1) <u>os turistas estão optando por casas</u>. E numa casa tem tudo, tem gás, tem televisão, tem chuveiro à gás. E eles fazem a compra e traz e não gasta fora. Porque a pousada é só para você dormir, mas a comida é a parte. Então, se for por na ponta do lápis, sai mais cara a pousada do que a casa. Então se junta um grupo de amigos e aluga uma casa. Então eles acham que essa modalidade é forte aqui. Só ligam para querer casa, casa, casa. Não querem pousada. Se eles vem com grupo de amigos, isso se torna viável.</p> <p>A gente vê que os de fora, quando vem pra festa e participam da festa, da <u>festa de Santa Verônica</u>. (5) São mais os turistas que procuram muito a igreja e eles contribuem porque eles gastam nessa festa. Os daqui, <u>98% são evangélicos</u>, mas literalmente eles <u>ganham dinheiro porque</u> eles também abastecem a pousada para essa festa, mas não dão o braço a torcer que é para a festa. Eles tem essa marra, mas os turistas deixam dinheiro, alugam casa... Ganham dinheiro.</p>
S26	<p>(5) <u>O turismo aqui no Bonete</u>, numa parte <u>foi bom</u>, principalmente para quem tem comércio ajudou bastante. (2) E o que der é lucro. É lucrozinho que entra.</p> <p>(22) A minha mulher tem prática disso aqui, passa para as filhas porque ela trabalhou naquela Pousada Canto Bravo, com a Edilce, a mãe do Daniel. Ela era a dona e ela trabalhou com ela e ela aprendeu muita coisa ali. Depois teve alguma reunião aqui de turismo e ela também participou.</p> <p>(16-17) A cada ano que passava, mais aumentava o pessoal. Vinha muita gente <u>de São José</u> para cá. Muita. Bastante. É tanto que em São José tinha um pessoal que acampava aqui que é conhecido da gente. E hoje não, hoje vem <u>paraguaio, uruguaio, argentino, vem gaúcho, vem catarinense, vem caçara da ilha</u>. De todo lado a gente recebe gente aqui: <u>paulista, santista</u>.</p> <p>Depois que a gente começou a colocar camping aqui o pessoal já foi saindo da praia. (1) Mas antes de ter, era na praia. Nossa, mas como... (7) <u>ficava uma tremenda sujeira na praia. Era garrafa quebrada, lixo, tudo de ruim ficava na praia</u>. Isso aí era ruim. <u>Uma praia dessa ficar com tanta sujeira. Ai foi feita a Associação Amigos de Bairro</u> e foi proibido acampamento na praia.</p> <p>(24a) Não dá para a gente falar muito ruim deles porque não tem como. A gente mostra educação para eles para eles mostrar educação para a gente.</p>
S27	<p>(5) <u>Festa</u> é época também que os comércios aqui do Bonete <u>ganham dinheiro</u>. Os lancheiros, que é o pescador, que vive da pesca e da viagem de turista. E os <u>campings</u>. Tem <u>dois campings</u>, o da Roseli e tem outro aqui. E os bares, os restaurantes e as pousadas. Lota. (1) E <u>o pessoal aluga casa</u> de moradia também, né, aluga pra (15) casal. E também rola um dinheiro pro pessoal. E aí <u>depois, só em feriados prolongados</u>. <u>O turista pra mim, aqui no Bonete, só vem de três em três meses</u>, de dois em dois meses ou seis em seis meses, então não vai gastar dinheiro. Sabe como é turista, tem turista que é mão de vaca, né? e tá aí rodando, tá aí rodando. E é assim que a gente vive aqui. (1d) <u>Que melhorou muito, melhorou. Isso é indiscutível</u>.</p> <p>Então, o turismo, veja bem, o turismo, (18) <u>nós aqui queremos que o turista chegue e seja bem recebido</u>, certo? Nós não temos um guia turístico aqui.</p>

Precisava de um guia turístico, né. E fazer uma coisa melhor pro turista. Porque, veja bem, o turista chega aqui no Bonete, ele vê uma coisa suja, ele não vai voltar, a próxima vez ele não vem, “Eu não vou no Bonete”, “Não vai por que?”, “Porque ali é muito sujo”. O turista, ele não se incomoda de pagar caro. O turista aqui paga e quer ser bem servido, então esse era o meu desejo, de fazer isso aqui no Bonete, entendeu? Ter aulas de turismo pra orientar o pessoal, porque gera emprego, minha filha, não é isso? Gera emprego. Um guia lá vai levar uma pessoa lá, aí o turista fica bem agradecido, ele fica contente da visita que faz pros bairros aqui da comunidade.

(23) Nós tivemos um estudo disso... turismo de base comunitária. Mas eu não peguei o certificado, não. (21) Eu fiz aula. Tive aula de turismo. Apareceu uma, duas, acho que três instituições aqui fazendo curso, certo? De turismo empreendedor, pra fazer uma... bom, vou montar uma padaria aqui no Bonete, então teve essa aula pra gente. Quer ver, tive aula de degustação de comida, de bebida. Tive aula de... e essa aí eu peguei o certificado. De salga de peixe, fazer peixe defumado, frango defumado, carne defumada, teve aqui.

E é assim, agora mudou o Bonete, já mudou bastante depois da Associação que a gente montou aqui, né? (1) O turismo começou a chegar, aí começaram a fazer a primeira pousada. Essa pousada aqui, a do Canto Bravo, antes era uma casa de comércio. Era um médico, aí ele pôs uma vendinha aqui, dos secos e molhados, mas depois vendeu pra uma mulher aí do Perequê e passou a ser a pousada.

(1) A Pousada Canto Bravo foi a primeira pousada. Aí depois veio a Pousada Margarida, se eu não me engano, aí a Pousada da Rosa já veio. O Ditinho alugava só os quartos, E a gente tá vivendo aí o turismo, né. O turista chega aqui, ele se encanta com o bairro.

E o meu intuito ainda, até hoje ainda eu batalho, sempre defendendo o povo “Poxa, vamos procurar uma coisa melhor pro Bonete”. (18c) Chega o turista, eu tenho que ter alguma coisa boa pra mostrar pro turista. Não é só um restauantezinho só e uma pousada. Vamos fazer alguma coisa melhor. Por que não podemos? Porque a gente não tem uma estrutura boa no Bonete.

Começou o turismo aqui depois que nós abrimos as portas, (1c) depois de 98 pra cá. Não aparecia quase gente aqui, não aparecia. Em 98, o Bonete não tinha estrutura nenhuma, não tinha pousada, não tinha restaurante. Se você viesse pela trilha, você não tinha onde ficar. Por causa disso que montamos a Associação.

(7c) Porque, antes, chegava o pessoal de barraca na frente da praia era uma nojeira. Tudo abarracado. E quando eles iam embora, era o cachorro, eram os gatos, eram as galinhas que comiam o resto da sujeira que deixavam. Não levavam lixo, não levavam nada. E faziam xixi e cocô na praia. Não dava, era insuportável. E quem sofria eramos nós, então não tinha pessoas que tivessem o afinco de ir lá e reclamar, sabe. Não dava. (1c-4b) Aí quando montamos a Associação, que registramos, aí foi duro, pra arrancar, sair gente da praia, entendeu? Porque a gente não anunciou, não saiu na cidade, nada, né? Aí eles vinham aqui, chegavam de noite, amanhecia o dia e as meninas aqui na minha porta “Tem duas barracas lá no Canto Bravo” (risos), e eu assim “Vamos lá arrancar”. Eu ia lá, chamava, o cara acordava. Com toda a educação, né? “Ó, não pode. Montou a Associação, a gente quer preservar, agora, a praia. E tem um *camping* aqui, você vai lá”, com a maior educação. “Não, não tem problema. Pode ir lá”. E fomos arrancando, arrancando, que hoje não se pode abarracar na praia, entendeu? Porque se a gente autorizar, é a maior sujeira quando eles saem, certo?

(17b) Festa de Santa Verônica vinha gente de todo o lugar, gente que usava droga, bebida. Isso já vem desde 2000, isso aí. Aí o prefeito mandou sete, oito policiais pra vir aqui, aí eles estão tomando conta da festa.

Turismo trazem alguma desvantagem sim, porque têm vezes que ele chega aqui, ele já traz a bebida dele pra beber, na caixinha de gelo. Ele já não vai gastar

	<p>mais no meu bar. Eu não sei se é caro, não sei. Mas já tá acontecendo sim. Alguns já estão trazendo sua caixa de ferramentas, como diz o ditado, e já traz ali com refrigerante, cerveja, o <i>whisky</i> dele pra tomar, pra ele não comprar do restaurantezinho que servem aqui, né? E você com uma estrutura bem aqui, você compra seu <i>freezer</i>, lógico, e você vai armazenar os produtos. O que o freguês pede, você vai pôr. E assim por diante.</p>
S28	<p>(5) <u>O turismo ajuda a gente a ganhar dinheiro</u>. De ruim eu não posso falar nada. Não tem coisa ruim. O turismo ajuda a melhorar</p>
S29	<p>Eu acho que... existe até turismo sustentável, sabe. O turismo sustentável é uma coisa que precisa de pouco dinheiro pra você ter. Não precisa de muito. Aqui o turismo tá muito... tá difícil de sustentar, porque a lancha tá muito cara, por exemplo. Têm pessoas que vêm pra cá e usam de uma forma, por mais que as pessoas que trabalhem com turismo aqui levem... levem e traz de volta, o trajeto.(5) <u>É 60 reais por pessoa, por exemplo. Aí a pessoa leva quatro pessoas, vai dar mais de 400 “conto”, né, ida e volta.</u> Então, o cara ganha isso numa viagem, duas. Ele vai ganhar isso e vai ganhar uma grana. Mas, por outro lado, a pessoa vem aqui e, (11) <u>como é muito caro a estadia, uma cerveja é R\$ 7,00, um prato de comida é R\$ 25,00,</u> que já é uma coisa que foi infiltrada pra isso, <u>então você não tem mais aquela... aquele dom de poder ficar uma semana. Em vez de ficar uma semana, a pessoa fica três dias. E aqui não tem acesso a uma maquininha do cartãozinho.</u> Aí o cara <u>não tem como pegar dinheiro, não tem um caixa eletrônico,</u> não tem nada. Só onde tem maquininha é na Pousada Canto Bravo, mas outras pessoas que podiam conhecer aqui de repente o cara vem com 500 “conto”. <u>Uma pessoa pra ficar quatro, cinco dias, não consegue. Em dois dias tá indo embora. (11) É que tá muito valorizado demais o turismo,</u> entendeu? O nosso turismo aqui é muito muito valorizado. <u>As pessoas têm que ter muito dinheiro pra tá aqui,</u> entende? Eles classificaram mesmo. Chegava no <i>camping</i> lá, tinham várias pessoas dessa forma, que <i>tavam</i> estudando, fazendo faculdade. Sabe, assim, pessoas de pouca grana, pouca renda, <i>tavam</i> lá. Eu conheci <i>mó galera</i>, uma <i>par de mina</i>, uma <i>par de gente</i>. Agora você imagina eu chegar <u>numa pousada, que é 200, 300 pau por dia pra conversar com alguém. Você já conversa, mas você já fica meio assim, sabe.</u></p> <p>(1) <u>Tinha estrutura, sabe, tinha banheiro, tinha tudo.</u> Era um <i>camping</i> particular, aí o cara vendeu <u>pro dono da pousada</u> lá. Compraram. Agora estão fazendo uns chalés lá e vão aumentar tudo. Aí que mesmo dominam. Um dia, se eles alugarem os chalés, vai ser filial com o Canto Bravo.</p> <p>O Daniel era <u>dono da pousada Canto Bravo</u>. Ele comprou ali por uma barganha, no passado, uma casinha. Aí montou uma pousada. Depois vendeu por um milhão de euros <i>pros caras</i> do Instituto Bonete (risos). Vendeu pra ele, <i>pro Insituto</i>, um milhão de euros. Aí ele pegou uma grana e ele <u>montou uma outra pousada lá no Perequê, na Vila, e lá ele tem uma...</u> Ele tem uma sede lá, que <u>ele pega o turistas e faz um contrato. Os turistas vão lá e querem passear pro Bonete.</u> Ele vem aqui, <u>o cara paga um “x”, tipo, 180 pau ida e volta,</u> aí o cara vem ali. <u>Ele traz 25 pessoas, acho, no máximo. Mas todo dia ele traz 25 pessoas a 180 conto.</u> (5) Aí ele vem aqui e coloca na Roseli que tem um <u>estabelecimento que serve refeição,</u> tem o Swel também que traz porções, essas coisas. Aí <u>gera dinheiro também pra Dona Roseli, pro pessoal que tá ali e pro Daniel também. Mas é uma coisa meio restrita também, só entre eles, mas é uma boa, né? Passa o dia e vai embora. É uma boa visão. Aí passeia, vai na cachoeira, vai no</u></p>

mirante. Vai por conta. Porque tem muitas placas, sabe?

Eu fiz um curso de guia turístico, ecoturismo. Foi por aqui pela Ilhabela mesmo, Secretaria de Turismo de Ilhabela. Só tenho diploma por ter. Eles não investem nisso.

APÊNDICE F

INSTRUMENTO DE ANÁLISE D

Quadro 14 – Discursos individuais, expressões-chave, ideias centrais e ancoragens para o bloco de questões D: Investigar quais são as relações existentes entre identidade cultural, turismo e desenvolvimento local.

Sujeito	Discurso individual, <u>expressão-chave utilizada</u> , (ideia central) e ancoragem .
S1	<p>Se você for fazer uma comparação do Bonete, que é uma <u>comunidade tradicional, com outras que tem aqui em Ilhabela</u>, tem lugares que não tem turismo e as pessoas passam muita necessidade. (1) <u>Você vai ver que o pessoal do Bonete, comparado com eles, vive muito bem. Têm lugares que ainda têm casas de pau a pique. Aqui Bonete não tem mais.</u> Todo mundo mora numa moradia. Às vezes tem casa que não é rebocada, mas se você entrar dentro das casas, vai ver que as casas boas. Não são casas ruins. <u>É o turismo aqui no Bonete só veio para melhorar.</u></p> <p>(1) <u>Bonete dá para se desenvolver bastante com o turismo porque é um lugar muito bonito, próximo de São Paulo</u>, mas que tem uma desvantagem que, na minha maneira de ver, é a respeito da saída ou mesmo da chegada, pois as únicas maneiras pra você chegar até aqui ou é por uma trilha ou é pelo mar e o mar aqui é bem bravo. Quando ele fica bravo você tem que ir por uma trilha e se tiver chovendo você não sai daqui, e aí muita gente deixa de vir. Agora a gente tem acesso a previsão do tempo e se você sabe que o tempo vai fechar, como você vai vir pro Bonete, sendo que você pode ficar ilhado? Você pode ficar presa e se você ficar presa, como fica o teu serviço do outro lado? Ninguém vai querer saber se você está aqui ou não. Eu vejo que isso é uma coisa que dificulta bastante a vinda de pessoas para cá, mas que pode ser resolvido, né? (12) É uma questão de união das pessoas. (1) <u>Mas eu vejo que o que melhorou muito aqui a vida das pessoas foi o turismo.</u> (5c) <u>E no mês de janeiro, por exemplo, que é um mês que faz bastante Sol, o ganho das pessoas daqui melhora bastante viu.</u> (1 – 10c) <u>O que faz muitos comércios daqui fecharem é a falta desse turismo durante o ano. Não dá para você viver só de um mês durante o ano. A gente tem 12 e o que você ganha não dá para viver os outros 11 meses.</u></p> <p>Precisamos sempre estar pedindo permissão para construção, porque tem áreas que não se pode desmatar. Mas aqui ninguém faz isso. Todo mundo constrói aí em beirada de rio, de cachoeira, mesmo sabendo que não pode. A maioria dos turistas que tem casa aqui são pessoas formadas, bem instruídas, então (9) quando eles estão construindo em lugar ilegal, eles estão construindo sabendo que estão errados. Agora o pessoal daqui não. Eu vejo que eles até sabem que não podem, mas e aí? Se você não tem outro lugar pra fazer, se você não tem dinheiro para comprar outro terreno? (10) <u>O que aconteceu aqui é que tudo era nosso</u>, só que a necessidade por dinheiro às vezes faz você vender.</p> <p>Às vezes, quando chega um turista, por exemplo, não é sempre que a gente aceita qualquer coisa que se fala. <u>Quando um turista vem e tenta fazer qualquer coisa, às vezes até algumas coisas boas, (13) nem sempre ele é bem visto, porque a gente é muito bairrista. Boneteiro é bairrista! É uma comunidade muito fechada e é muito difícil de você ser aceito. Às vezes eu percebo que</u></p>

	<p>muitos dos que vem morar aqui não são vistos como boneteiros. (13) Eles são vistos como turistas, mesmo que morem aqui há 10 anos. “Você não é um boneteiro, você não é daqui, você não nasceu aqui, sua raiz não é daqui”.</p>
S2	<p>(38) Eu estava falando sobre o gerenciamento costeiro e <u>toda essa mobilização que teve</u>, (6) <u>fez com que os próprios nativos dessem mais valor para sua cultura e tradição</u>, e agora tá todo mundo <u>plantando mandioca de novo</u>, todo mundo <u>fazendo farinha</u>, muita gente (6) <u>fazendo artesanato novamente</u>, isso deu, tipo, uma levantada no coração caicara, que (3) as vezes a cultura se perde um pouco, as vezes deixam de lado algumas coisas... (6) tudo isso que aconteceu fez com as coisas serem mais valorizadas.</p> <p>Essa historia desse zoneamento costeiro, por conta dessa confusão que foi, (7b) acabou vindo pessoas de diversos lugares conversar com a gente, teve palestras, a Associação trouxe palestrantes pra cá que foi uma turismóloga do Rio de Janeiro que veio contar as experiências dela. Ela que ajudou o pessoal do Aventureiros, na Ilha Grande. Veio também um senhor da comunidade da prainha do Canto Verde, do Ceará. Foi super legal. Vieram pra cá faz uns dois meses, acho, mais ou menos. Foi super legal e deu um pouco dessa visão do turismo de base comunitária. (6-12) Acho que toda essa confusão <u>serviu para fortalecer as pessoas</u>. Agora eles estão produzindo bastante artesanato. Tava meio parado isso. (6) Inclusive a gente abriu um espaço nesse Instituto Bonete para a venda desse artesanato, porque as vezes o cliente vem muito rápido, vem passar o dia de barco e não sabe onde comprar as coisas. Agora vão poder comprar unas coisinhas ali também, e mudou um pouco visão.</p> <p>(1) <u>O que a gente vê é que hoje em dia a comunidade esta numa situação bem melhor do que era antigamente. Antigamente tinha mais dificuldade, hoje em dia a gente vê que todas as famílias têm suas rendas. Ganham com a pesca, também ganham com o turismo e fazem artesanato.</u> (2) <u>O transporte marítimo dá um bom lucro. Com essa dificuldade de vir pra cá, eles ganham com as canoas para trazer os materiais, pra trazer turistas e até entre eles pra fazer as compras.</u> (2) Então, hoje em dia esse transporte marítimo é uma das maiores fontes de renda do lugar. (11c) Porque não é barato para vocês virem, né? Você viu... (risos). É longe e eles gastam bastante com gasolina. Parece caro, mas se você for fazer as contas, não é tão caro, porque desgasta muito a lancha, que sempre tem que estar em manutenção, já que o mar é meio bravinho e a gasolina é bem cara, então, eles gastam quase R\$ 70,00 para ir e voltar de gasolina, e tem todo esse trabalho de 3 horas no mar, pelo menos.</p>
S3	
S4	<p>(10) <u>A maioria das casas daqui são casas de turistas. O turista tomou conta. Sabe o que acontece? É que antigamente a gente, a gente não, meus bisavós, meus tataravós acho que nunca tinham visto dinheiro, aí começaram a vender terra e terra e daí os turistas foram entrando e tomando conta e todo o turista que aparecia e oferecia um dinheiro bom, eles vendiam a terra. Hoje em dia tem muito morador daqui que tem filho mas não tem terra para construir a casa dos filhos. Alguns boneteiros pensaram bem. Ao invés de venderem terras, construíram casas a mais porque viram que isso mais pra frente ia acontecer e acabam alugando para o próprio morador daqui. Agora deu uma parada. Não</u></p>

	<p>tem mais terreno para vender.</p> <p>(9) Olha, se eu for imaginar o Bonete daqui há 10 anos, eu acho que ele vai estar uma tragédia, (9) porque u acho que vai ter muito turista, muita casa de turista. (19b) Eu acho que já vai ter rua, vai ter carro. Vai ajudar? Vai, mas (3a) a gente que está acostumado a largar filho no meio da rua e ter certeza que nada vai acontecer. A gente vê criança andando pra lá e para cá, então (19b) se vir carro tudo isso acaba. Toda a cultura que era do Bonete de antigamente já não vai ser mais daqui 10 anos.</p> <p>(15b) Têm alguns turistas que trazem muita droga. Então isso é meio chato para o lugar porque já jovens com 13 anos, 12 anos afundada no meio da droga.</p>
S5	<p>(6) A cultura local aqui, ela está fortalecida, <u>inclusive eu faço artesanato aqui também. Aquele reminho lá, pintado fui eu que fiz. Tá a venda aí . E eu faço remo grande pra lancha e pra canoa também. Faço gamela pequena para colocar fruta. De uns tempos pra cá os jovens daqui estão aprendendo.</u> Ninguém fazia remo aqui, <u>porque as pessoas de mais idade que faziam já morreram.</u> Não existe mais. E <u>eu mesmo não sabia, aí eu fui no mato com ele e ele me ensinou a fazer. Ai eu comecei a fazer.</u></p> <p>(6) Essa canoa grande que eu tenho fui eu que fiz com o meu irmão e o Ezequiel, que eu paguei para ele fazer, porque é muito grande a canoa. A minha canoa é jutaí, mas a melhor canoa, melhor madeira para canoa aqui é cobinha e cedro Só que não tem madeira grandona pra fazer canoa grande. A que tem já tá muito longe. Tava mais perto, mas os antigos já usaram. (4) Agora não tá podendo mais fazer mais canoa aqui não. Agora se eu fosse fazer, já não fazia mais. <u>O meio ambiente não deixa.</u></p> <p>(10) <u>Esse morro aí, quando eu vim morar aqui já era assim esse morro. Há 30 anos já era assim.</u> E lá, <u>de vez em quando, não sei se passa alguém aí, e tá ventando, larga fogo e aí queima. Pelo menos uma vez por ano eles queimam essa mata aí. Não sei por quê. A gente não sabe se é pessoal daqui, se é pessoal de fora, a gente não sabe quem foi. E sempre, pelo menos uma vez por ano, queima esse morro aí. Então não cria arvore, não sei porque. Inclusive isso aí é de turista, de São Paulo. Tá vendido. Os antigos, que eram donos, eles venderam. Eles venderam baratinho. Na época não sabiam o preço que valia. Não sabiam o quanto valia e venderam.</u> É de turista, de turista. E não construíram nada, porque aí, no projeto, (19b) o prefeito da Ilhabela, queria ter prédio aqui no Bonete, ia ter não sei o que mais e não sei o que mais. (12) Aí, saíram daqui e foram fazer protesto lá contra o prefeito. Saiu um bocado de canoa daqui. Foram fazer protesto lá, né, igual fazem em São Paulo também, né. (19b) A gente foi contra o prefeito. Tem que deixar o Bonete do jeito que tá. E agora eu não sei como é que vai ficar. <u>Saiu até no jornal Imprensa da Ilha que ia ter prédio aqui nesse morro todo, que o prefeito ia mandar fazer. Pelo amor de Deus, do jeito que tá, tá bom, né?</u></p> <p>(19b) Porque 80% <u>do pessoal que mora no Bonete não quer estrada.</u> Não quer. Não quer. Não sei por que, mas não quer. <u>Não é só eu.</u> Tem 80% que não quer. Só 20% quer. Veja bem, se vir estrada pra cá, os comércio daqui vai aumentar, (2) mas viagem não vai ter e o pessoal aqui vive <u>de viagem, pra pegar os turistas.</u> Eles vêm buscar o turista e vão levar, então eles cobram para ir buscar o turista e cobram para ir levar, então é um dinheirinho a mais que quem tem as canoas e quem tem lancha ganha. Agora <u>se vier estrada boa aqui, lógico, eles vão vir de carro. E as nossas viagens? O pessoal das lanchas não vai ter viagem.</u></p>

S6	<p>A Anchova é uma praia aqui atrás, sabe? Tem só 2 famílias. (10) Lá foi tudo vendido. Agora é de um homem de São Paulo. Ele é quem manda tudo aí na Anchova. A praia é particular. Naquele tempo o povo não tinha muita consciência das coisas. É verdade! Venderam muito barato. Eu nem lembro mais. Pelo tempo que faz eu nem lembro.</p> <p>(10) <u>Mudou muito porque agora os turistas compraram e construíram aqui. (1-4c) Eles deram emprego. Tem muita gente que trabalha de caseiro e esse é um modo da pessoa ter um emprego.</u> O rapaz que tem casa aí, paga o salário pra minha nora. Então ela cuida da casa dele. Ela tem INSS e tem o 13°. Ele paga ela direitinho. Ela é registrada. (11a) Então tem muita gente aqui que é caseiro.</p> <p>(2) <u>Os turistas vêm mais pra cá e o pessoal faz viagem.</u> Sempre tem uma coisa melhor para o povo porque todo mundo tem sua lanchinha, sua embarcação e não fica dependendo de ninguém. É que nem na cidade. Na cidade o pessoal depende do carro pra sair, pra fazer uma compra, pra quando quer viajar não é? Aqui a gente precisa de uma embarcação porque pela trilha não se pode trazer uma compra. Se fosse uma estrada boa, dava para ir de carro. O caminhão ou o carro podia trazer aqui. A gente pagava o tanque e eles traziam aqui na porta, né? Mas a gente depende do mar para tudo.</p> <p>(1) Minha filha, eu acho bom, porque até que <u>eles (turistas) têm ajudado a gente, né?</u> Tem olhado para o lugar. <u>Que nem, esse gerador, é uma boa, né? O rapaz que é sócio da pousada</u> aí, o Ervin, daquela pousada que o André trabalha – ele e o Perna que compraram aquela pousada e antes era de uma senhora chamada Edilce. Ela vendeu e foi embora morar pra lá – <u>comprou esse gerador a diesel</u>, então eu acho que isso é uma boa, porque quando a cachoeira abaixa, não tem mais essa luz do gerador da comunidade Então ele comprou esse aí a diesel. Não é uma boa? Eu acho que é uma boa. <u>Eu acho que ele tem o coração bom</u>, não é? Porque ele <u>quer o bem pra comunidade. Ele gosta de ajudar.</u> Tem uma palavra que fala assim que Deus usa quem tem pra usar para aquele que tá precisando. É uma boa, né? Porque antigamente agente não tinha isso. A gente usava lampião a gás. Usava vela, luz de lamparina, querosene. A gente usava, porque não tinha luz de fora, mas agora melhorou. A gente não tinha uma geladeira pra gelar uma mistura, uma água gelada pra fazer um suco. Não é bom? (risos)</p>
S7	<p>(3) <u>A comunidade está deixando muita coisa pra trás, tipo esse artesanato. Na época que eu era criança eu fui muitas vezes pro mato com o meu pai fazer canoa, com o machado.</u> Meu pai é canoieiro e está aposentado. <u>As crianças hoje em dia estão deixando isso pra trás. Eles estão se apegando noutras coisas novas</u>, então (6) <u>eu acho que o projeto da comunidade dos tempos antigo não pode ser esquecido, que é fazer uma farinha de mandioca – que é muito boa - fazer uma canoinha, um artesanato, um barco.</u> Então eu acho que isso tem que evoluir, não pode acabar. Eu acho que é melhor evoluir essas coisas do artesanato pra comunidade do que vir coisa nova lá de fora, entendeu?</p> <p>(24a) <u>O pessoal que vem pra cá tem uma boa convivência, porque a gente conhece todo mundo que vem.</u> A gente está no dia a dia, porque aqui é tudo pequeno, então você sai de casa e já está encontrando as pessoas. <u>Eles são bem recebidos sim.</u> (4b-18c) E a gente tá trabalhando com esse projeto da nova associação, pra gente receber melhor ainda os turistas que vêm pro Bonete. Entendeu?</p> <p>(3) <u>A cultura do Bonete se perdeu um pouco.</u> (6-4b) <u>Agora a gente está fazendo</u></p>

	<p>de tudo pra que ela retorne de novo. (3) No começo tinha muita roça de mandioca. <u>O pessoal plantava feijão, plantava mandioca, fazia as plantações da horta. Hoje em dia não tem mais isso.</u> Então eu acho que a cultura está se perdendo. (6) A gente está tentando resgatar essas coisas tudo de novo. Ainda tem de mandioca O meu sogro vai começar a plantar feijão.</p> <p>(14) Ah, para falar a verdade a gente não sabe o que vai acontecer no futuro</p>
S8	<p>(3) A cultura tá se perdendo. Se perdendo... Porque <u>ninguém mais conta histórias pros netos, pros filhos.</u> Tinha que contar. Antes contavam muito. Agora não estão contando mais.</p> <p>Eles iam pra roça de manhã e de tarde. Agora é diferente. Antes era assim. Eles iam pra roça de manhã, aí vinham e de tarde iam de novo. Agora não.... Agora os jovens não querem mais ir.</p>
S9	<p>(10) Isso tudo aqui, desde lá da frente era do meu avô, depois passou pro meu pai. Meu avô foi embora e ficou pra ele. Até os fundos lá do rio, divisa daqui. Essa casa aqui do lado é do meu irmão. Tudo era do meu pai. Tudo, tudo.</p> <p>(14) Não posso te falar do futuro. <u>Não sei se vai estar melhor do que agora, não é verdade? Não sei que vai ter mais pousada, não sei se vai ter mais restaurante, não sei que vai ter mais mercado, não sei que vai ter mais movimento, se vai ter estrada boa.</u> Não sei se vai chegar aqui carros, ônibus. Não sei</p>
S10	<p>(3) Cultura caiçara mesmo está se perdendo. Se perdeu bastante. <u>Eu acredito que... se continuar perdendo, daqui uns 5 ou 10 anos a cultura local mesmo não vai ter mais nada.</u> Se continuar do jeito que tá indo, né. (4b) Mas <u>tem muita gente também querendo resgatar a cultura.</u> Essa nova associação, por exemplo, o que eles dizem é que o foco é esse também, de <u>resgatar a cultura tradicional.</u> Aí <u>vamos ver o que vai acontecer.</u></p> <p>(3) Se continuar do jeito que tá, a cultura não vai ter mais, eu acho, daqui 5 ou 10 anos. (6) Agora <u>se o pessoal se conscientizar e querer voltar um pouco atrás, pra manter a cultura de pesca, roça, artesanato, essas coisas locais, eu acho que dá tempo de resgatar tudo isso. Mesmo que o Bonete desenvolva, eu acho que dá pra resgatar e dar continuidade.</u></p>
S11	<p>(3) O que os antigos <u>faziam, artesanato, eles faziam farinha, eles iam pra roça,</u> hoje ninguém mais faz isso. Tem uns dez idosos que hoje tem <i>facebook</i> (risos). Tipo, a canoa, você vai vê na praia, <u>um ou outro que tem canoa. Antes ninguém tinha lancha aqui no Bonete, só tinha canoa.</u> Canoa <i>tá</i> sendo difícil de usar, por causa que poucas pessoas ajudam a puxar canoa e é uma coisa pesada. Aí a maioria das pessoas estão preferindo usar lancha, que é mais leve e é mais rápido. Uns estão vendendo a canoa. São poucos que tem canoa aqui. Aí <i>tá</i> se perdendo. <i>Tá</i> se perdendo.</p> <p>(3) Uns vendem, outros <u>guardam pra na hora mais necessária usar, que é pra buscar material.</u> Como ela é grande cabe bastante coisa. É mais nessa hora que eles usam. Mas, tipo, ir pra cidade fazer compra, eles usam a lanchinha. (3) <u>Tem gente quando precisa comprar uma canoa, vem aqui no Bonete procurar, porque ele sabe que aqui tem. Aí eles vendem.</u> Tem uns que usam ou tem uns que tem casa aqui, mas compra e deixa aqui, mas são deles e usam quando é pra</p>

	<p>eles. Mas têm uns que tiram daqui ou até mesmo levam pra <u>outro praia</u>, Castelhanos. Tem gente de lá que vem comprar canoa aqui.</p> <p>(3) <u>Se fazem canoa é muito pouco, porque não fazem como antigamente também, que antes se via bastante, mas agora é muito pouco. Não tenho mais visto, não.</u></p> <p>(5) <u>O turista ajuda a cultura a se perder, porque, tipo, faz... eles que estão tirando daqui, entendeu? Mas eles estão tirando porque eles estão vendendo, porque os boneteiros mesmo não querem.</u> Porque se os boneteiros queressem, eles não iam tirar. Eles não iam comprar. Aí eles estão vendo que tá vendendo e eles compram. (10) <u>Se você for ver, tem casa mais de turista do que de morador daqui.</u></p> <p>(11) <u>O turista que tem casa aqui, tipo, vem pra cá ficar mais tempo pra descansar, eles não querem movimento.</u> Esse negócio mesmo de estrada que ia vir, a maioria dos turistas que moram aqui, eles não queriam que viesse, porque, tipo, eles não iam ter sossego. Aí eles não iam descansar. Aí eles preferiram... tipo, fizeram uma reunião, preferiram que não viesse estrada. Aí eu acho que pro <u>turista que tem casa aqui, eles querem que continue assim.</u> (7) <u>Bastante gente fala, bastante turista fala que preferia ver o Bonete como era antigamente, porque o Bonete perdeu bastante coisa.</u></p>
S12	<p>(3) <u>Cultura hoje a gente vê bem pouquinho. Quase nada mais, na verdade.</u></p> <p>(5) <u>Com essa entrada do turismo no Bonete, as pessoas acabou deixando essas coisas de cultura meio que de lado, entendeu?</u> (3) <u>E como as pessoas já... que mais faziam os artesanatos, que cultivavam mesmo a cultura, já não existe mais, isso ajudou a ir se acabando. Porque são poucos hoje que fazem as canoinhas, que fazem cesto, bem poucos que fazem os remos, né?</u> (3) <u>Isso tem se acabado, viu, bastante. Já não é como antes, as roças, né?</u></p> <p>(14) <u>Quando a máquina desceu aqui na praia, meu pai fazia assim “Nossa, meu Deus, o que vai ser desse lugar? O que vai ser desse lugar? A gente não vai ter paz”. Eu lembro do meu pai falando isso, entendeu? E meu pai foi um homem do mato, que cresceu aqui. Era um canoeiro, um lavrador que vivia da terra, entendeu? Trabalhava na roça, fazia canoa pra sobreviver. Meu pai nem era aquele pescador que vivia da pesca, mas era um lavrador de não cheia. A gente vai aprendendo. A gente não sabe tudo, mas a cada dia vê as coisas como são, né, e tira uma lição do que é bom, do que é ruim.</u></p> <p>(10) <u>Às vezes chega uma pessoa, oferece um dinheiro pra aquela casa, já pegam e já vendem.</u> Não tão nem preocupados com quem tá do lado morando, entendeu? Se a pessoa pra quem tá vendendo é uma pessoa do bem ou não. Se vai trazer algum benefício bom pro lugar. Então <u>isso vem acontecendo já há muitos anos.</u> Aí o Bonete se torna nisso, né?</p> <p>(20c) <u>No Reveillon, Carnaval, a gente fica muito... meio sufocado, porque é muita gente, né. E aqui tem tudo pra dar certo, né.</u> (1) <u>Então, o bom do turismo é esse, né, que vem mais ajudar, né.</u> (14) <u>Não sei onde isso vai chegar. Espero que eles não tirem nós daqui, o que resta de boneteiro (risos), só isso. E que nós possa saber lidar com a situação e (18c) tratá-los bem, né, e (20c) ter o limite, o controle.</u></p> <p>(7) <u>A maioria das pessoas com quem eu tenho tido contato, sempre procuram saber o por quê de as pessoas não terem mais interesse de fazer as coisas.</u></p> <p>(6) <u>A gente teve, há uns anos atrás, em 2005 uma casa de cultura. Fazia pano bordado, pintava, ensinava pras meninas.</u> (1b) <u>Isso foi muito bom, só que aí também acabou por essa falta de motivação, de ter alguém ali que levasse</u></p>

	<p><u>adiante</u>, aí acabou. Aí surgiu a Casa do Zezinho. (6) E <u>agora o que tá resgatando novamente ali é a ONG, o Instituto Bonete.</u></p> <p>(6-4b) o Instituto Bonete, Bonete Sempre, <u>eles tão ajudando a incentivar a gente a não se perder de vez</u>, né, não perder de vez essa coisa, né. <u>Tanto é que tem umas coisinhas ali que o pessoal daqui fizeram de artesanato.</u> Só... pelo menos um pouquinho.</p>
S13	<p>(3) Olha, <u>antigamente era bem diferente de agora</u>, né. A gente trabalhava na roça. <u>Tinha roça e a gente trabalhava. Tinha a pesca, tinha o cerco, tinha as festas que faziam na Igreja</u>, que era diferente de agora. <u>Mas agora foi acabando, acabando, acabando tudo.</u> (3-10) <u>Acabou a roça, porque o pessoal começou a vender as terras.</u> Aí começou a vender as terras e (4) <u>veio essa lei do parque, meio ambiente, que ninguém pode derrubar nada, ninguém pode fazer nada, aí o povo parou de trabalhar.</u> O meu pai, o meu pai lá no final do morro, o meu pai era dono das maiores terras que tinha lá. Aí virou cota zero e ninguém pôde mais trabalhar, <u>porque pertence ao Parque Estadual. Não pode tirar madeira, não pode nada.</u> Fazer canoa não pode... <u>aí veio a briga por causa da canoa, né? Toda vez que era pra fazer canoa era uma briga.</u> Aí vinha pra cá o pessoal... <u>as polícias vinham pra cá, se pegasse fazendo canoa apreendia.</u> Aí o povo foi se deixando, se deixando. Hoje em dia, acho que essa molecada aí pouca sabe fazer canoa. Muito pouca. Aí acabou com a cultura, né?</p> <p>(3) <u>Antigamente as pessoas... até a rede que largam no mar eles costuravam, fazia com os peixes... corta, faz buraco, o pessoal costurava. Agora não. Agora, se pegar um moleque desse, não sabe arrumar uma rede. Então foi acabando tudo</u>, né. As mandiocas, as farinhas, ninguém faz mais. É muito difícil fazer farinha. É uma vez ou outra que o pessoal faz. (10) <u>Não tem mais onde plantar.</u> O próprio boneteiro <u>tá morando de aluguel hoje no Bonete. Já tem filhos de boneteiros que mora de aluguel, porque não tem onde construir casa. Moram de aluguel na casa do turista. O turista comprou, fez casa e agora o próprio filho do boneteiro tá alugando pra morar, porque não tem onde morar. Os pais venderam tudo</u>, né? Aí tornou-se difícil, né?</p> <p>(10) <u>O pessoal, naquela época, não sabia o que era dinheiro.</u> Apareciam aí, ofereciam, parecia que era muito dinheiro, iam se iludindo e iam vendendo. <u>E agora se arrepende, mas não tem mais jeito. Já foi.</u></p> <p>(10) Tem pessoal que ainda vende, viu. Agora mais quem vende são os turistas, que querem ir embora. Muitos compraram, não querem mais, ficaram velhos também. Tem uns senhores que já são de idade, aí tão vendendo também. Mas aí vende por uma fortuna. Ah, é uma pena o que aconteceu, né? Uma pena, porque você vê os filhos dos próprios boneteiros não ter mais onde fazer casa. Muito triste.</p> <p>(10) Olha, <u>eu imagino o Bonete assim com esse mundaréu de casas, de terras que foram vendidas</u>, né. Aqui tá tudo vendido, lá na frente, tá tudo vendido esses morros. Quem comprou vai fazer casas. <u>Por enquanto a gente consegue ir freando, mas daqui a pouco a gente não consegue.</u> Eu não quero, né? (9) Mas sabe que quando chega o turismo, quando começa a chegar... o povo começa a ver coisas diferentes, né, aí começa a chegar também a estrada, a luz, aí começa a vir carro, uma coisa que a gente não quer que desça aqui na praia, né. Então fica meio difícil.</p> <p>Olha, meu sonho... Meu sonho é levantar aqui, fazer os quartos pros meus filhos alugarem, pra quando eu for embora eles terem um meio de ganho pra eles aqui. <i>Pra alugar pra turista pra temporadas, pra ter um meio de eles</i></p>

	<p>ganharem, (14) porque mais tarde a gente não sabe como vai ficar isso aqui, né. Porque o pessoal estuda, estuda, mas fica aqui e não tem pra onde sair, não tem como sair, não tem como fazer uma faculdade, nada. Acaba os estudos, tem que ficar aqui. Aí vai trabalhar de quê, viver de quê? Se a família não tiver um meio, uma renda, vai ser difícil.</p>
S14	<p>(10) essas pessoas compram os terrenos daqui e eu não acho muito legal, não, né? (3) O pessoal vai perdendo a tradição, porque <u>vai mudando a tradição do lugar</u>. Eu acho. É minha opinião.</p> <p>(7) <u>Alguns turistas que vem visitar, ele tá interessado na cultura, né. Gostaria de ver a pesca, de saber como faz a farinha, de conhecer a canoa</u> Isso eu posso dizer que bastante.</p> <p>(9) O turismo eu acho que pode prejudicar um pouquinho, porque as pessoas, turistas, vão <u>querer trazer outras tradições do lugar deles</u>. (3) <u>Vai perdendo um pouco, né?</u> Já perdeu bastante do que era antigamente. <u>Pelo jeito que anda eu acho que vai tá mudado. Bem mudado. Mais pra frente aí, vai ter outras coisas novas no lugar</u>, assim outras <u>coisas que vão vir de outros lugares</u>, assim. (9) <u>Mas eu acho que não seria bom não</u>.</p> <p>Cultura ainda tem a pesca, tem o pessoal que fazem artesanato também, né. Faz canoa, remo. A gente plantava bastante, mas agora já <u>tá</u> mais devagar. Plantação assim já tá mais devagar.</p>
S15	<p>(3-6) A tradição, eu gostaria que ela melhorasse um pouco, porque ela tá sumindo bastante. <u>A tradição do Bonete, ela tá sumindo muito, muito</u>.</p> <p>(3) <u>A tradição de fazer a canoa acabou</u>. A última canoa que foi feita aqui faz uns três anos. Faz uns três anos ou um pouco mais, mas acabou esse negócio de fazer canoa. <u>Faz ainda canoa a remo, aquelas menorzinhas, pra vender, mas canoa mesmo, de poder levar bastante gente, igual as outras que chamam canoa a motor não tem mais. A canoa a remo é uma menor que cabe no máximo três pessoas</u>. Aí a gente tem que ter um remo bem grandão pra levar ela, assim, no braço mesmo. É pra passeio mesmo. <u>Pra brincar aqui na praia, ali no Rio Nema</u>.</p> <p>(4) <u>Da grande não faz porque agora o Ibama proíbe por causa... Derruba muita árvore, muita madeira pra fazer</u>. Porque tem que saber. Pessoa que derruba madeira se não consegue pode estragar, daí fica lá. Entendeu? Daí acabou.</p> <p>(3) <u>Canoa é muito pouca pessoa que tem. Todo mundo trocou a canoa pela lancha. Tem só mais cinco ou seis canoas aqui no Bonete. Antes tinha umas cinquenta. Porque aqui tem umas trezentas pessoas. No Bonete tem umas cem, duzentas famílias e toda família tem canoa. Tinha canoa, né? Agora toda família tem lancha. Só tem três famílias no Bonete inteiro que não tem nem lancha nem a canoa. Mas é difícil as pessoas que têm canoas aqui. Só quem trabalha levando lixo daqui pra lá. (10a) São os canoeiros da prefeitura, eles levam o lixo e a sucata daqui pra lá. São só eles. (6) E é uma coisa que deveria ter mais no Bonete é a canoa, que é a cultura, né? Muita gente fala 'Ah, vamos lá, a gente não vai deixar vim melhoria pro Bonete porque o Bonete tem que ser como ele é'. (5-10) Só que a pessoa fala isso da boca pra fora, porque compra lancha e vende casa pra rico, vende terreno pro rico. Fica tudo nessa, entendeu?</u></p> <p>(3) Canoa muita gente que compra <u>fala que é pra guardar, mas tem muita gente que compra aqui, por exemplo, por dez mil e vende por vinte. São Paulo, no Rio</u>. (7) Então, assim, <u>tem gente que compra e deixa guardada, tipo, num lugar pra colocar... Eu conheci um cara que ele comprou uma canoa aqui e ele tirou a</u></p>

buçada dela, deixou ela bem... bem curtinha pra colocar umas almofadas pra deitar. Assim, rico tem essas coisas.

(3) Farinha é bem pouca gente tem aquela plantação. (6) Aqui é uma plantação de mandioca pra fazer farinha. Meu pai que plantou esses... (3) Pra fazer a farinha tem que ter o forno. E é muito pouca gente que tem agora. Deve ter uns três fornos só no Bonete. E antes cada família tinha a sua. Aconteceu que eles derrubam pra construir outra coisa... Fazem casa no lugar onde era a casa de farinha. Muita gente derruba, vende, porque não tem mais lugar pra plantar a mandioca, essas coisas. Tá acabando.

(6-7) Eu queria que a cultura do Bonete cada vez aumentasse, não diminuísse, pra mostrar pras pessoas que vem de fora, o que a gente faz aqui, do que a gente vive, porque cada lugar tem sua cultura, cada lugar tem um jeito de falar, tem um jeito de viver. Eu queria que as pessoas que viessem de fora vissem isso... a gente com a canoa, porque agora tá sumindo também, (3) tá todo mundo vendendo pra comprar lancha que é mais rápida, é mais leve pra arrastar. E casa de forno, que é de fazer farinha, eles também vendem pra essas pessoas que são ricas. (3-5) Por causa do dinheiro muita gente tá se desfazendo da cultura aqui no Bonete.

(7) Tem muita gente que vem pra cá que quer preservar a cultura do Bonete. (8-9) Só que tem muita gente que vem pra cá querendo acabar com a cultura do Bonete. Isso é uma coisa que tá vindo bastante agora pra cá. Tem muita gente que quer comprar... (9-10) Comprar porque tem dinheiro, acha que tem dinheiro, tipo, que vai comprar as casas dos boneteiros. Por exemplo, quer comprar aqui a praia inteira pra jogar os boneteiros tudo lá pro morro, pra ficar com a frente da praia. E, assim, muita gente paga pra derrubar a casa de pau a pique pra construir outra.

Eu não gosto. Eu não gosto. (9-13) Pra mim o Bonete tinha que ser só pro boneteiro. (10) Assim, agora muita gente vende casa pra rico, vai embora, depois se arrepende, volta e não tem onde morar. As pessoas vendem porque acha que lá na cidade vai ter uma vida melhor, porque lá tem emprego, porque isso. Aí chega lá, vê que não... que não é tudo isso que pensava. Tem muita gente que fala “Vou embora daqui, porque vou ter uma vida melhor”, mas chega lá e se arrepende, porque aqui a gente... (7a) um ajuda o outro. Então se um dia uma pessoa tá sem uma mistura, aí o outro da outra casa vem e dá uma mistura pra comer. Fica um ajudando o outro. Então nunca, nunca teve esse negócio de alguém passar fome, de alguém precisar de médico. Assim, quando alguém corta o pé, se machuca, daí sempre vêm as idosas, assim, as vós... vem e coloca um remedinho caseiro, faz isso, faz aquilo. Daí o outro pega a lancha, desce e leva a gente. Mas nunca, nunca, nunca, assim, uma coisa de a gente passar necessidade. (10) Agora a pessoa vende, vai pra cidade, chega lá e vê que o emprego não era aquilo que pensava. Ganha, daí tem que pagar água. Aqui a gente não paga água. Daí, na cidade, se a pessoa não sabe usar, vai cem reais de água, cem reais de luz. Daí tem que pagar médico, pagar escola, pagar tudo. Daí vê que o dinheiro não dá, se arrepende e quer voltar. Tanta gente que já se arrependeu e voltou pra cá, chegou aqui e tá morando com pai, com mãe, com tio, com avó.

Daí eu tô fazendo a minha casa. Eu falei “Ó, nem que eu tenha que ir pra lá, morar na cidade um dia, mas eu quero ter minha casa aqui, pra um dia eu voltar pra cá”. Porque se eu for pra lá, eu sei que um dia eu vou voltar. (2a) Assim, aqui eu não penso em abandonar o Bonete de jeito nenhum. É uma coisa que eu não penso.

(9) Esses ricos que compram essas terras querem tomar o Bonete. Muito rico

que mora aqui quer tomar o Bonete. (9) Tem um cara que tem casa aqui, tem terreno aqui e ele vem pra cá um final de semana, mas ele nunca passou três dias aqui. Vem, volta e nunca passou três dias aqui. E quando tava pra vim a luz da cidade pra cá, ele foi um que pagou gente pra falar “Não, a gente não quer”. Pagou boneteiro pra falar isso. Um suborno pra não vim estrada... pra não vim luz pra cá, porque ele não quer. Só que assim, ele não pensou nos boneteiros. De noite não tem luz pra... Tem muito idoso que mora sozinho e de noite acaba a luz e como é que ele vai enxergar pra ir no banheiro, pra tomar um copo de água? Nisso não pensou, entendeu? Aí tem muito rico que quer dominar o Bonete, quer o Bonete só pra ele. (10) Por isso que eles tão tentando comprar praia e jogar o boneteiro tudo lá pro morro, pra ficar todo mundo pra lá e a praia ser só deles, entendeu?

(3) Ninguém preserva nada mais aqui. Nada, nada. Boneteiro é outra pessoa agora. Acho que só quem pode chamar mesmo de boneteiro são os idosos. Que eles sim... minha vó ela tem setenta e poucos anos e ela até hoje vai buscar lenha, tem o fogãozinho de lenha dela. Ela preserva isso até hoje. Aí tem gente que fala “Ai não, fogão de lenha é coisa de velho, não tem nada a ver”.

Assim, desenvolvimento pra mim é evoluir. É ter uma luz melhor, uma televisão, poder assistir, é... ter um computador pra poder estudar, fazer trabalho de escola, essas coisas assim. (6) Na minha opinião, acho que quanto mais desenvolvimento, mais fortalece a cultura, entendeu? Assim, tem que saber levar o Bonete à frente, tem que saber desenvolver ele. (9) Não é qualquer que chega aqui “Ah não, vamo fazer isso, isso, isso e pronto”. (6) Acho que se a gente fortalecesse a cultura, o Bonete com certeza ia mais pra frente. (9) Turista vem pra cá e quer fazer o que ele quiser, entendeu? Vem pra cá, não respeita mais, porque boneteiro não tá dando respeito. (6) Daí eu acho que se fortalecesse a cultura do Bonete, tinha mais desenvolvimento pra cá. Assim, podia vim bastante melhoria, mas sem estragar a cultura do Bonete. Dá pra vim, é só a gente querer, entendeu?

(1) O turismo pode contribuir. Eu já fui em um lugar em Ubatuba que eles têm uma praia lá que eles vivem só do turismo. O turista chega, eles levam pra mostrar o lugar, pra mostrar tipo casa de farinha. Não sei se lá tem, porque eu passei, assim, só de visita. É, canoa, rede, essas coisas. Eles levam pra mostrar como que é que mata o peixe, essas coisas assim. Poderia acontecer aqui com certeza. É só a gente saber levar. (19b) Quando falaram em trazer a estrada pra cá, esse morro que tem o mirante, o dono dele queria fazer um resort, só que a gente não deixou. Ele ia fazer um resort bem grandão aí. (10) É que cada lugar tem um terreno. Aí foi comprando um aqui, um ali, um ali, um ali, aí ficou... como se diz, um morro inteiro, só de um cara.

(9- 22b) Já quiseram colocar lá uma torre, acho que de celular, alguma coisa assim e ele não deixou. Que é uma coisa que ia precisar bastante, que ia melhorar bastante se tivesse uma torre de celular aqui. Daí ia melhorar, porque tem muita gente que não tem computador, mas tem o celular que pode entrar na internet e pode ajudar em muitas coisas.

(6) Tem professor tira uma semana pra falar só sobre cultura com as crianças, que tem muita criança que não sabe nem o que é isso “cultura”. Aí, assim, a gente tenta fazer de tudo pra que a cultura não saia de dentro de casa, de nós, porque a cultura na verdade vive dentro de nós, é a gente que faz ela.

E até assim, sempre fazem barquinho agora pras crianças brincarem no Nema, puxando como fosse canoa. Eles deixam igual canoa lá no rio. Eles tentam fazer de tudo que as pessoas... os pais, os avós fazem e isso, assim, (6) é uma coisa que a gente tem que continuar pra que não suma, né. É isso.

S16	<p>(10) <u>Antigamente era tudo dos caiçaras. A praia inteira.</u> Na praia, eu chego aqui para a maioria dos caiçaras daqui e falo: “o senhor tem terreno aqui?” ele vai dizer: “não, só tenho onde eu moro hoje. Tenho um terreno, um pedacinho, ali no pau oco” “Vende?” “Vendo”. Aí ele vende, e só tem onde eles moram.</p> <p>(3) <u>A nossa cultura local está acabando.</u> Ela está acabando. (7) Dependendo do turista, que tem muito turista que <u>não quer acabe.</u> Muito. <u>Que quer que volte a fazer canoa,</u> que cace por subsistência. Eles querem <u>que o Bonete seja do jeito que era há 20 anos atrás, 30 anos atrás.</u> (3) <u>Só que está acabando.</u> Que nem, eu lembro que aqui tinha 55 canoas. Eram só 5 chatinhas. Agora vai lá e conta quantas chatas tem. 35 ou 36 chatas. Se tiver 20 canoas é muito.</p> <p>Os próprios moradores se interessaram pela chatinha, porque é mais fácil de entrar no Nema com pouca água. (3) Eles venderam a canoa para comprar a chatinha. (7) E a maioria dos turista que gostam – <u>eu falo porque eu conheço muitos turistas que se preocupam com o Bonete,</u> que querem o Bonete a voltar a 20 ou 30 anos atrás – <u>eles ficam tristes com cada canoa que é vendida.</u></p> <p>Eles não tem o dinheiro para comprar a chatinha com motor, mas vamos dizer que se compra uma canoa por 10 mil, 12 mil. Uma chatinha sai por 18 mil. Então eles fazem um empréstimo e compram a canoa. (7) <u>Então a maioria dos turistas ficam preocupados com o lado caiçara, com a nossa tradição.</u> <u>Um senhor aí vendeu uma canoa por 12 mil. Queria vender e o cara, um turista que tem casa aqui,</u> foi lá e <u>comprou.</u> <u>Não tem interesse para nada para ele, mas ele comprou a canoa para a canoa ficar no Bonete, para a canoa não sair do Bonete.</u> Por ele, ele compra todas as canoas, <u>mas se as canoas não forem usadas, não vai ter graça.</u> Ele falou “eu compro essa canoa toda para não ser usada?” <u>Então ele quer que a canoa seja usada, para fazer passeio, para pesca.</u> A canoa tem vantagem. Com vento, a canoa tem mais vantagem que a lancha. Ela não dá aquela pancada em marola que nem a lancha dá, que você sente a lombar. Na canoa você pode ficar ali e você não sente nada. Para o transporte a canoa suporta mais peso que a lancha. (7) <u>E a maioria dos turistas estão preocupados com isso, com a tradição caiçara. Eles não querem que acabe, (3) mas infelizmente está acabando.</u> Está acabando. <u>Não tão muito interessados os jovens.</u> Os mais velhos não tem mais força para fazer a canoa, os remos. Os jovens não querem, não estão interessados em fazer isso. Para eles, se o pai der uma lancha para eles, eles estão satisfeitos. (22b) O jovem estão interessados em <u>ficar no facebook, na internet, no Whatsapp. Tão interessados em coisas novas.</u> Eu acho que pode ficar na <i>internet</i>, no facebook e no whatsapp, mas tem que ter a tradição do lugar, a canoa, a pesca, fazer farinha, fazer remo. É uma pena isso.</p> <p>(14) <u>O futuro deles a gente não sabe ainda.</u> Se vão morar aqui ou não, mas eu quero que eles morem. Eu quero que tenha faculdade aqui no Bonete. Meu sonho é esse, para o meu filho não sair daqui. Para o meu filho não sair daqui. Ter faculdade aqui no Bonete. Quem sabe daqui uns 5 ou 10 anos. <u>Eu imagino o Bonete do jeito que está aqui, só que tendo faculdade. Não sendo destruído,</u> tendo um espaço que tenha faculdade, uma quadrazinha coberta para as crianças. Assim, do jeito que está, mas tendo isso. É como eu falo: o Bonete tem tudo! Não destruir o lugar, mas ter tudo. Eu penso assim. <u>Eu sonho assim.</u></p> <p>(19b) O meu sonho é não vir estrada para o Bonete. Eu quero que meu filho esteja com 31 anos dando entrevista um dia e falando: “meu pai falou e nunca chegou a estrada Tem tudo no Bonete”. Esse é meu sonho. Que o turista vai achar o Bonete o melhor lugar. Só vir turista que preste. Só isso, Meu sonho é</p>
-----	--

	<p>isso.</p> <p>(1-5c) <u>O turismo é importante porque viver da pesca vive pouco.</u> Da farinha, pouco. Porque um quilo de farinha sai R\$7,00 ou R\$ 12,00. Vamos supor, pra mim, que vou comprar um pacote de fraudada vai fazer falta. Vamos sentir falta. A gente não vai viver bem. Não vai. Porque se for para caçar, não pode vender caça. Se fosse isso ninguém trabalhava. Não ia viver bem, não.</p>
S17	<p>(3) Cultura de fazer farinha, plantar mandioca acabou também, ninguém quer saber mais de nada. Mas <u>era legal.</u> Alguém ainda faz, mas são poucos, um e outro. <u>Tá acabando bastante,</u> meu. (5) <u>O pessoal tá indo mais pro lado do turismo,</u> entendeu? Aí <u>não tá mais plantando mandioca,</u> fazendo artesanato. Parou bastante. (16a) Então, a molecada hoje só quer pegar onda, dar um “rolê”, curtir balada.</p> <p>(10) Mas aí <u>a raiva dos caiçaras é que o cara tá com projeto aí</u> pra fazer trinta chalés no morro. (10) <u>O cara comprou</u> e ele tá com um projeto pra fazer trinta chalés aí no morro. No início era um condomínio, depois vai virar chalé. Ele comprou lá e esse outro aqui também. Não sei como fizeram isso aí. Eles compraram um morro de um caiçara aí, um advogado Foi em associação com os gringos de fora e compraram o morro pra preservação de uma ONG ecológica, não sei de que. Aí foi o que eles pretendiam fazer. Tipo, eles vieram com uma ideia de montar esse condomínio fechado aqui nesse outro morro. Depois tudo isso ficou claro <u>Muitos caiçaras aqui, eles preferem vender pra trabalhar pro cara de caseiro do que ser dono próprio.</u></p>
S18	<p>(3-15a) Então, aqui, <u>antigamente, as pessoas comiam o que plantavam,</u> entende? Oh, para você ter uma ideia, <u>meu avô trabalhava na roça, ele fazia balaio, ela fazia peneira, tudo de palha, aquelas coisas</u> e hoje se você for perguntar para um moleque se ele sabe fazer, ninguém mais sabe fazer. Então tudo isso faz parte da cultura. Plantar mandioca, fazer farinha. Nossa, <u>eu plantei muita mandioca, fiz muita farinha</u> A gente plantava, a gente cuidava da mandioca, a gente fazia farinha. <u>Hoje a gente não faz. Hoje a gente compra na cidade.</u></p> <p>(3) Porque é isso que eu tô falando pra você. Porque tá acabando a cultura. Até mesmo a gente, entendeu? Daí a gente começou... foi... mandioca que tinha a gente foi tirando, foi fazendo a farinha e não foi plantado mais, entendeu? E hoje em dia a gente não planta. 100% antes, há 20 anos atrás, a pessoa plantava mandioca, plantava feijão, plantava batata. <u>Hoje, 10% planta mandioca.</u> Nem feijão planta. É difícil quem planta. Hoje se você for perguntar, se você for fazer uma pesquisa, 10% que planta mandioca e faz a farinha. Muito pouco. A maioria já não faz mais.</p> <p>(7) O turista, <u>eles perguntam se tem farinha. Inclusive esses dias passou um senhor perguntando se tinha farinha,</u> porque <u>ele queria</u> farinha pra comprar. <u>Farinha caiçara.</u> A farinha da gente era a melhor farinha. <u>Não é porque eu sou caiçara não, mas era a melhor farinha que tem aqui era a do Bonete. Acho que ele não conseguiu.</u></p>
S19	<p>(3) <u>Essa cultura não tá viva. Essa cultura tá se perdendo. A informação, a internet, a tecnologia, a mistura do caiçara com o paulista...</u> Então tudo isso <u>tá se perdendo.</u> Se continua passando a navegação, os costumes das madeiras de ir</p>

	<p>pro mato, a alimentação, remédios. Mas <u>essa cultura do caçara nascer e ir pro mato e cultivar, e a mulher na casa, isso vai acabando.</u> (22b) É muita <i>internet</i>. Então <u>o tempo que você tinha disponível pra fazer arte, pra tá aprendendo</u>, hoje você <i>tá</i> trancado dentro desse mundo fechado, dos continentes.</p> <p>(5) <u>O turismo contribui pra acabar, né? Porque as pessoas vão se dedicar mais ao turismo do que a si mesmo.</u> Mas o turismo, nesse lado, ele derruba a sociedade, né? Derruba a comunidade. <u>Mas, enfim, o crescimento, o desenvolvimento, o mundo capitalista</u>, ele tem que ser assim. Alguns aqui tem uma escola melhor no futuro, tem uma saúde melhor no futuro. Vai ter que ter um crescimento do turismo, chegar mais coisas aqui. Provavelmente chegar uma estrada. Não é o ideal, mas chegando uma estrada vai chegar uma ambulância, vai chegar uma emergência. (1) Então, enfim, <u>o turismo vai contribuir pra isso</u>, para o crescimento e as coisas básicas chegarem. Inclusive a energia, que não tem aqui, até o momento.</p> <p>(8) 1% deles <u>tão interessados na cultura local</u>. O restante não. <u>O restante vem é pra disputar mesmo o lugar, que é bonito, é encantador.</u> <i>Tá</i> entre aí algumas das, não vou falar entre as dez, mas entre as vinte praias mais bonitas do país. Então compensa, <i>pro</i> turista chegar aqui e ficar apreciando e curtindo mesmo, divulgando o lugar, e não vim pra somar. Pra somar é... você vai ter que vim, se dedicar ao lugar alguns anos de sua vida, vê o que você pode acrescentar.</p> <p>(6) <u>A cultura local pode, se quiser, jogar um trabalho em cima disso, assim, se você tomar iniciativa.</u> Igual teve uma <u>ONG aí que retomou alguns ensinamentos pras crianças voltarem a fazer canoa, a brincar, a ter o artesanato como o melhor brinquedo.</u> Aí sim você começa a ter esse brinquedo e ter todo um trabalho em cima disso, pra vender com esse artesanato. E se ele vender o seu produto, e se dar o seu preço, você vai ter seu... <u>Mas, tem que ter todo um trabalho em cima. Aí tem que ter um projeto de reeducação</u>, sabe? A educação realmente, isso, a escola. Se tivesse uns cursos mais... se o governo desse uns cursos mais fixos. Se vier um professor do curso do Sebrae, um curso, sei lá, do Sesi, chegam aqui... Mas a dificuldade é tamanha, como se fosse pra trazer energia. Os caras chegam, aí o cara tem um compromisso com a mulher, aí tem que... na metade do curso tem que ir embora e fica quinze dias sem ter o curso. Aí o cara vem e dá uns cursos tudo correndo e vai embora de novo e nunca mais volta. E volta pra dar o diploma. Então tem que ser umas coisas assim, que venha, faça e pra você ter resultado. <u>Senão você não vai ter resultado.</u> Os nosso governantes não olham isso com muito carinho, infelizmente. <u>E as crianças aqui tem um potencial que, olha... não pode ser desperdiçado.</u> (6) Eles tão tanto envolvidos com o lado da educação, o lado escola, quanto envolvidos com o lado da pescaria, sabe, o surfe, a pesca. É tão importante estudar como é tão importante ser um pescador.</p> <p>(22b) Ah, nos próximos dez anos a informática vai mandar muito, a tecnologia vai informar muito. Então a evolução vai ser gradual, cada ano que a gente vai passando, a gente vai vendo a evolução. Nas embarcações, das pranchas, nos esportes. Para o esporte, para o Bonete vai ser bom. O jovem no Bonete é muito esportista, então pra ele vai ser ótimo. (16a) Acredito até que num futuro próximo vai sair um surfista muito bom daqui. Tomara que seja daqui.</p>
S20	<p>(6) Eu estou com saudades de fazer farinha. <u>Eu plantei um pouquinho de mandioca</u> com a minha amiga. A gente sente saudades. Quando a gente está vivendo aquele momento a gente não dá valor, depois que passou, aí você vai lembrar, aí você começa a... Eu sinto saudades da roça, de preparar a mandioca.</p>

	<p>(15a) <u>Já fiz muita farinha para vender, para gente fazer compra, eu e meu marido.</u> Meu primeiro filho tem 30 anos. A gente, quando eles eram pequenos, fazia farinha para vender. (14a) Ele pescava, matava o peixe e a gente secava o peixe, para vender peixe seco. (1) <u>Aí depois que eu comecei a trabalhar fora, foi melhorando.</u></p> <p>(7-8) <u>Alguns pessoas que vem para cá estão interessadas na cultura do Bonete, mas alguns não estão. Está interessado que venha a estrada e que tenha todas as mordomias que tem numa cidade grande.</u> Bem, eu penso assim. Quer que venha a estrada. Agora, quem está preocupado aqui, eu acho que não quer. Quer o Bonete fique assim, do jeito que está. (7) <u>Turista que gostam, se eles querem preservar a cultura, o jeito do lugar, eles se interessam pela cultura pelo lugar. Pelo conjunto, por tudo.</u></p> <p>(6) <u>A gente não pode deixar perder.</u> Se a gente deixar, enfraquece. <u>Depende da gente, né?</u> Depende de nós. Porque quem acaba com o lugar não são os turistas, são os próprios moradores. (6) <u>Aos poucos o pessoal daqui mesmo está ajudando a preservar a cultura.</u> Eu creio que sim. <u>Se a gente deixar morrer, quem vem de fora, não sabe e aqueles que estão crescendo, nunca vão saber.</u></p> <p>(14) O Bonete no futuro <u>vai ser bem diferente do que eu já vivi e bem diferente do que a gente está vivendo agora.</u> Quando mais o tempo passa, as coisas vão mudando e não é só porque aqui é o Bonete que as coisas não vão mudar. As coisas novas vão aparecer. <u>A geração que está agora já é diferente da minha geração. A geração que vai vir já vai ser diferente dessa geração que está agora.</u> Então, será muito diferente com as novas gerações que estão chegando. Eles aprendem coisas novas. (22b) Hoje no Bonete tem <i>internet</i>. Na minha época não tinha <i>internet</i>, não tinha televisão. Então, essa nova geração está sabendo mais coisas que a minha geração. A nova geração que vai vir, vai saber mais coisas que essa geração que está agora.</p>
S21	<p>As canoas são lindas. (3) Eu acho uma pena que estão vendendo as canoas para terem barco de fibra com motor <u>porque é mais prático, porque é menos pesado, porque eles ganham mais dinheiro.</u> Mas eu acho uma pena que poucas pessoas <u>tem canoas.</u> Os poucos que tem são aqueles que (10a) fazem o trabalho do lixo, que é levar o lixo semanalmente para a cidade, ou aqueles que ganham dinheiro trazendo material de construção. Mas eu acho as canoas lindas. Eu queria muito ter uma canoa.</p> <p>(6) <u>Eu acho que tinha que ser incentivado pela comunidade em fazer esses trabalhos de mostrar a cultura, as canoas... porque eu acho que vai trazer mais turistas e vai manter a cultura viva,</u> porque as pessoas hoje, por exemplo, (3) não plantam mais mandioca porque é trabalhoso. Você tem que ir no mandiocal sempre para limpar, depois são horas para fornear e é mais fácil ir na cidade comprar farinha, então perdeu essa cultura.</p> <p>(6-7) Aqui eles fazem farinha e eles podiam ter um forno e fazer um <u>projeto para levar o turista para conhecer eles fornecendo a mandioca. Apresentar mais o artesanato, um guia para levar na mata e mostrar as arvores típicas, um observatório de pássaros.</u> Acho que falta isso. Acredito que muitos turistas <u>iriam gostar.</u></p> <p>(23c) Turismo de base comunitária é o turismo formado pelas pessoas daquela comunidade, que eles se organizam e enfim, para poder mostrar o turismo e atrair pessoas e o dinheiro ficar entre eles, como se fosse uma cooperativa. (11) Grande parte dos turistas vêm atrás de uma ilha isolada, de uma praia sossegada, tranquila e é isso mesmo que o pessoal daqui quer que continue,</p>

	tanto que eles são contra a estrada, então da parte de desenvolvimento que isso está muito devagar. Os turistas que vem para cá não tem esse perfil.
S22	(7-8) Alguns dos turistas que vêm para cá tão interessados na cultura, alguns não. (16a) <u>Tão interessados na praia, no surfe.</u>
S23	<p>(19b) O turismo deve se manter do jeito que está, sem a estrada... Porque eu creio que 90 ou 95% das pessoas não querem a estrada porque a gente sente, tem sentido o impacto da cidade grande, (5a) como a violência. A gente assiste reportagens e a gente não quer que isso chegue no Bonete. (20c) A gente quer manter o Bonete do jeito que está. Dificuldade em todo lugar tem, mas se toda dificuldade que nós temos for a locomoção para ir para a cidade, eu acho que está muito bom, porque todo morador tem seu barco e tem a facilidade de ir e de voltar e vir com tranquilidade sem problema nenhum.</p> <p>(7) <u>O turista que vem para cá está interessado na cultura local</u> . (6) <u>Inclusive o Instituto Bonete tem algumas coisas feitas pelas mãos do caiçara e tem vendido algumas coisinhas lá.</u> Artesanato o pessoal tem feito e tem colocado bastante ali.</p> <p>(20c) Eu queria o Bonete do jeito que ele é. Já mudou. A característica do Bonete vai crescendo, vai crescendo, (10) <u>vão saindo mais casas, as pessoas vão chegando e vai mudando um pouco, mas que não mude para pior.</u></p> <p>(4) <u>Bonete é cota 100. De cota 100 para cima é Parque, então para nós, até que não temos sofrido muito as consequências do Parque. São 100 metros do nível do mar e isso vai lá para cima, no morro.</u> Ficou ruim porque antes o pessoal plantava mandioca, derrubava e <u>dificultou, mas a comunidade vive bem. Graças à Deus essa é uma comunidade abençoada.</u></p> <p>O turismo aqui tem sido muito bom. (5c)É uma das fontes de renda da comunidade, porque atualmente a pesca aqui... na época do meu pai existia muito peixe, nos dias de hoje eu vejo que o peixe na nossa comunidade diminuiu mais de 80%, então, atualmente a comunidade vive do turismo. (14a) Tem as pescas da lula, que é na época de verão, mas só são 3 meses. Tem alguns peixes que dá no inverno, mas o período é curto: Anchova, Tainha, Sororó, mas é um período curto.</p>
S24	<p>(5) <u>Tem algum turismo que enfraquece.</u> Aqui tem muita cultura que a gente vive de pequeno. (4) <u>Que nem, a gente fazia muitas canoas para a gente pescar, mas não pode, porque de certo mesmo não pode desmatar, mas a pessoa, não é toda vez que ele derruba a mata, é para fazer, é que nem eu, eu sou morador daqui, se uma pessoa está precisando de uma canoa a gente agente ajuda até a fazer, porque eu faço. Agora para comércio, minha filha, eu sou contra.</u> Porque tem gente que faz para vender e eu sou contra isso. Aí eu sou contra isso, porque mais tarde, se precisar, não tem. <u>Eu acho que as matas mais conservadas tão aqui, porque nós não desmatamos não.</u> Que nem, meus pais, meus avós, a gente desmatava muita mata para plantar feijão, plantar mandioca. Agora não, a gente vai no mercado (risos).</p> <p>(3) <u>O fazimento das canoas, casa de pau-a-pique, acabou.</u> Era uma cultura que todo mundo fazia e tem gente que gosta casa de pau-a-pique. Porque nós, primeiro, moremos tudo em casa de pau-a-pique e é uma cultura que acabou. Acabou. <u>Os fornos de fazer farinha, várias pessoas já venderam.</u> Venderam e tá</p>

	<p>plantando mandioca. Na hora que precisarem... “cadê o seu?” (risos) “Agora como é que você vai fazer?” Porque vende e aí quando precisar é ruim, né?</p> <p><u>(2b) Forno comunitário a ONG aí disse que ia trazer um.</u> Disse que ia fazer, que ia arrumar, mas até hoje, só ficou na palavra. (3) <u>Aqui mesmo, o forno para fazer farinha tem 3 só. Antes todo mundo aqui tinha seu forno.</u> Cada morador tinha o seu trafego de farinha. Tinha a roda na mão. Ali para Castelhanos, Búzios, ainda tem. Mas a gente tem a sela, mas agora é a motor. Em vez de na mão, é no motor. Liga e...</p> <p>(5) foram <u>os turistas que comprar os forno da turma.</u> O que fizeram do forno não sei. Acho que levaram embora daqui. Se eles comprassem para montar “vou comprar aqui de você, mas vou montar lá, para o povo usar” aí era outra coisas, mas não se sabe. (15a) Forno é cobre. Era comprado o cobre e feito aqui. O do meu pai tem todo o lugar do martelo. Está todo amassadinho, assim, que ele fazia forno.</p> <p>(8) O turista eles <u>não ligam muito pra cultura não. Eles querem curtir.</u></p> <p>(3) Olha, <u>se você chamar uma menina que nem minha filha e perguntar se ela sabe costurar, ela não sabe.</u> De primeiro, os balaio, a gente fazia balaio de bambu – a gente chamava de balaio de costura – alí tinha todo o pretenso da mulher. Se perguntar o que é dedal, ninguém sabe o que é. Isso é coisa que acabou. Acabou. Ninguém põe mais um zíper. Estragou um zíper, vai levar para o alfaiate porque não sabe costurar. Então é uma coisa que acabou. (2b) Devia ter, que nem, a ONG devia ter uma costureira para ensinar tanto com máquina quanto na mão, que de primeiro costurar as roupas tudo na mão. Fazia vestido, faziam tudo. Agora, cadê?</p> <p>(14) O futuro do Bonete Não sei, não nei. <u>Não posso dizer porque o mundo dá muita volta. O futuro só pertence a Deus.</u></p>
S25	<p>(3) A cultura daqui está acabando As tradições... eles faziam muita farinha de mandioca, muita roça de mandioca. Agora só os mais velhos fazem, porque <u>os mais novos não querer saber de por a mão na massa, como dizem, e está acabando.</u> Você vê, <u>os caiçaras daqui compram a farinha de mandioca na cidade para comer,</u> e antes faziam aqui. <u>Cada família tinha seu forno</u> e sua roça, e faziam farinha de mandioca para comer e para vender ainda. Eu aprendi. E <u>faziam 10 alqueires, levavam, vendiam e faziam compra e vinham embora.</u> <u>Aqui não tinha emprego, não tinha onde ganhar.</u></p> <p>Então os turistas, que vinham de fora, a gente chamava de miojeiro, que é mais rápido, na praia, colocavam ali e... não compravam nada e não deixavam nada aqui. Quer dizer, (7c) deixavam o lixo... então aqui se vivia da farinha, da cultura da roça. Envolvia todo mundo, as crianças as mulheres mais velhas, todo mundo. (15a) <u>O dia de fazer farinha era uma festa, porque era só aquilo o dia todo.</u> (3) E hoje em dia não tem. Todo mundo que tinha casa de farinha já vendeu os fornos de cobre, já acabaram com tudo.</p> <p>(5) <u>Há 21 anos atrás a influencia dos turistas era fraca.</u> Ninguém vinha para cá. (10) <u>Aí foram comprando, construindo...</u> (5) <u>A influencia do turismo aqui é muito forte e essa cultura, que tinha aqui, está se acabando.</u> Não tem mais não. <u>Aqui, por ser uma comunidade caiçara tradicional, (14a) ainda preservam a cultura da pesca artesanal, do cerco.</u> Ainda tem alguns que pescam, mas (11a) a maioria são caseiros. <u>Esse foi o grande erro dos caiçaras.</u> (10) <u>Venderam as terras que tinha e agora são caseiros do que tinha.</u> (10) <u>Vende a frente, moram no fundo, mas não é mais deles.</u> (10) <u>Aqui está tudo vendido. Tem umas 200 casas gente de fora. De caiçara... teve um aumento porque a comunidade foi</u></p>

	<p>crescendo, foram casando. <u>A maioria é só gente de fora, de veraneio.</u> Tem mais casa de gente de fora. O que eu vejo... você pode andar aí e vai ver as casas tudo fechadas, de gente de fora. <u>Só vem de final de semana, final de mês, feriado, final de ano.</u> <u>Passam a maior parte do tempo fechada.</u> Tem mais casa de gente de fora do que de caiçara mesmo. A frente da praia é tudo de gente de fora.</p> <p>(1c) Antes acampavam na praia, era camping, barraca, o pessoal ficava 1 mês aqui de barraca na praia. Não pagavam nada, né? Então, iam embora e deixavam lixo. Era lixo de canto a canto. Aí montamos essa associação e a gente conseguiu tirar todo mundo da praia. Ninguém mais acampava na praia. Agora a gente vê esses empresários. <u>Tem gente que vem pra cá há 20 anos, empresário forte, rico mesmo e nunca ouvi falar...</u> (9-6c) Os <u>caras trazem tudo, não compram nada aqui.</u> <u>Eu vejo que para a comunidade, eles não tem importância nenhuma, mas querem usufruir e não dão benefício para o bairro, nenhum.</u></p> <p>(21a) Já se envolve em religião o pessoal, já mudou tudo, né? (3) Então a cultura, a festa da Santa Verônica, que fazem todo ano – e fazem mesmo, vem muita gente de fora – está acabando. Olha, Folia de Reis que tinha aqui era muito legal. O pessoal acompanhava e já acabou. Não tem mais. (9) Então, a gente vê que está se envolvendo muito com outra cultura e está atrapalhando, né? Atrapalha. Eu mesmo vou quando tenho vontade, faço minha oração em casa, mas sem ir muito, sem ficar muito junto, (9-16b) porque a comunidade aqui ficou muito dividida. Dividiu muito.</p>
S26	<p>(15a) <u>Antes a gente trabalhava na roça. Em vez de nós comprar lá na cidade nós plantava aqui e colhia aqui a verdura.</u> (5) Então, depois, quando chegou uns tempos, já <u>começou devagarinho a entrar o turismo aqui</u> e nós paramos de plantar.</p> <p>(8) <u>Porque o turista que vem para cá, já tem um punhado deles que tem casa aqui, não se interessam por nada. A gente só vê o turista aí na praia. Eles não se interessam em conhecer a cultura.</u> Nada. Para isso não.</p> <p>(5-9) Eu vejo que enfraquece, porque ajuda agora a não tem nada. O futuro do Bonete era bom que funcionasse, né? Para nosso neto, para nossos filhos, mais tarde, né? Era bom. Até agora vivemos assim, (1b-2b) ninguém faz movimento nenhum por isso aí. A gente espera que mais tarde os netos da gente, os filhos, tenham uma coisa melhor aqui. É que agora... pode ser que mais tarde, mais tarde, mais tarde, pode ser que funcione, mas até agora...</p>
S27	<p>(1) Olha, <u>eu acho que o turismo ajuda, né. Se for um turismo sustentável,</u> assim, que queira ajudar, né, <u>eu acho ótimo um turismo que venha pra ajudar uma comunidade.</u> E, também, <u>quem vier mais tarde, que saiba também, compartilhe com a gente também.</u> Eu acho que o turista dependendo da personalidade, que saiba o que é um turismo, eu acho que ele ajuda, sim, uma comunidade. Ele tem a prioridade, o gosto de ajudar aquela pessoa.</p> <p>Agora vem argentino, uruguaio, paraguaio, americano trabalhar aqui no Bonete, porque o Bonete é bem visado por fora, dá pra ganhar bastante dinheiro. (10) E, hoje em dia, <u>agora chegou um corretor de imóveis! É.</u> Então, <u>eu falei assim “Poxa, não é possível, né?!”.</u></p> <p>(11) <u>Aí tem vezes que boneteiro se ilude, né? aí ele vai na conversa de alguns de fora e “Poxa, não deixa fazer isso, não deixa fazer aquilo”.</u> E tem alguns</p>

	<p><u>boneteiros que acreditam, mas (9) só que ele não sabe que a gente nasceu... que entra janeiro e sai janeiros e nós estamos aqui, não é? O turista, ele chega no sábado e vai embora no domingo. Ele não sabe o que a gente passa na segunda, na terça, na quarta, na quinta e na sexta. Ele não sabe. Se morre alguém ou se precisa levar um doente, o mar tá bravo, cai vento. Ele não sabe que a gente tem que levar doente, pôr no ombro e levar na estrada que você veio até o Borrifos pra pegar o ônibus pra ir lá. Agora, o turista não sabe disso.</u></p> <p>(3) Olha, pra falar a verdade, a cultura do Bonete, ela não tem mais, não. Veja bem, qual era a cultura do Bonete? Era o boneteiro fazer sua canoa a motor. É uma cultura deles, que eles derrubavam uma árvore, num tronco, e ali eles cavoucavam com machado, pra fazer o ganha-pão deles. <u>Tinha também muitos aqui que faziam balaio, a peneira, que era uma cultura, lógico. E a gente fazia muito, né? Ajudava os avós da gente a peneirar feijão, entendeu? Fazia farinha, era feita à peneira, aqui, de bambu. Que mais? O tipiti. Era a cultura da gente. Eu não consegui aprender a fazer tipiti. Não consegui. (15a) Mas é quase um tipo de um balaio. Mas é bem fechadinha a palha é assim, ó, não passa nada. Aí você rala a mandioca, aquela pasta, põe. Ele é grande, mas a boquinha dele é assim, fechada, e ele é apertado embaixo. Ele é grande e apertado assim, pra você pôr o pacote da massa, quando ele tiver cheio. Aí você leva numa prensa. A gente furava a árvore, colocava uma madeira, colocava o tipiti ali numa tábua, que a gente chama mesa. Aí põe o queijo, que é outra parte de uma tábua redonda. Aí põe a madeira de gancho, que aperta, aí têm tipo de uma broca, que ia apertando e ia descendo. E nós aqui era com pedra, madeira, aí apertava. Ia pondo pedra, ia abaixando. Ia abaixando, ia apertando a massa, aí corria aquele caldo. E aí ficava aquela goma, que a gente fazia tapioca. Não tem essa tapioca do mercado? A gente fazia aqui também. E daí, vamos supor, <u>a gente colocava na prensa hoje à tarde e a gente só ia começar a fornecer amanhã de madrugada, lá pelas três horas, quatro horas, a gente levantava. Era cultura. Essa era a cultura aqui no Bonete. Balaio, o tipiti, a peneira, o samburá. (14a) Samburá já era pra pescar. Um balaiozinho com uma alça comprida, que você colocava suas iscas, colocava chumbada, colocava os anzóis, as linhas, e levava pra pescas nas costeiras. (3) Isso é o que tá acabando no Bonete. Já acabou. Não tem quem faça isso aqui no Bonete. Não tem mais quem passe a peneira, tipiti, balaio, samburá, aqui no Bonete acabou. Agora, canoa, <u>ainda tem uns canoeiros que ainda fazem. Canoa a pessoa faz. (17a) O reminho pequeno, do tamanho desse aqui, prendedor de cabelo. Faz uma canoinha, uma esculturazinha de canoa pequena, pra você pôr em cima de geladeira, alguma coisa. Ainda tem (14a) a pesca, que a gente também não perdeu. A gente pesca, lógico, larga uma rede. E agora tem uns dois... um, dois, três, quatro cercos aqui ainda, que é da cultura de antigamente, que os pais da gente sobreviviam, né, que é o cerco, que é uma rede redonda de espera. E o peixe entra ali e você vai levantar aquela rede pra pegar.</u></u></u></p>
S28	
S29	<p>E o morro é isso, <u>se for aprovada a Z4, a pessoa pode construir lá em cima do morro. (10) Loteou todos os morros, assim, já loteou em computador. Tem uma planta já, um projeto deles armado em computador, loteado. E depois ele vai e vende pra várias pessoas que têm várias granas, muita grana. E pronto. Ganha muito dinheiro com isso. Se fosse a Z4 ele poderia construir lá em cima. Se os</u></p>

caras ampliarem *pra* Z4, se essa lei for aprovada, eles podem construir no morro, qualquer altura, em qualquer lugar.

(10) 70% daqui dos terrenos daqui do Bonete, 70% são os caras de fora. 30% das pessoas moram aqui. Compraram de... meu pai e outras pessoas. Venderem por pouco dinheiro. E as pessoas que têm dinheiro compram mesmo e fazem isso. (11a) E, agora, a maioria trabalha de caseiro, entendeu? A maioria de caseiro ou então pra tomar conta de terreno pras pessoas de fora. Sobrevivem dessa renda. A pesca muito menos agora, muito pouco, tão pescando pouco. (9) E aí a pessoa fica num ciclo que acaba precisando deles, entendeu? E eles precisando da gente também, pra olhar as casas deles. (11) E aí, no ponto, os caras não querem estrada por isso. Porque se abrir uma estrada aqui, no caso também, de alguma forma, por mais que choque a cultura nossa, ou não, viriam outras pessoas. (9) E eles não querem abrir espaço pra outras pessoas. (1c) Aqui tinha um camping que cabiam trezentas barracas. Aqui poderia vir uma pessoa que acampava no escoteiro, de repente vão acampar. Agora o camping maior cabe trinta barracas. (11c) Então as pessoas que vêm pra cá são selecionadas. Tem que ir pras pousadas, e as pousadas são 180, 200 *pau*, por dia, a diária. No camping é 15, 20 *conto*. Então eles já selecionaram, nesse ponto, as pessoas que vêm. (9) Então isso é um... como diria, é um progresso forçado, um câncer que vai comer todo mundo?

Tem um senhor aqui que a mulher dele faleceu, aí ele não quer ficar mais aqui. (10) Aí *tá* vendendo a parte dele agora por 350 mil. Se chegar um cara ou dois e dar 125, sei lá, 175 mil, aí eles compram. Já era. Mais um terreno na praia. (9) Daqui a pouco na frente da praia, não tem mais... Tudo dos caras. E aí, no futuro, se tiver um jeito, vai lá tudo *pro* morro.

Sabe qual é meu sonho? De vez em quando eu moro ali no trajeto ali, né. Meu sonho, meu sonho é muito simples. Aí as pessoas passam no caminho e tem um lugar que bate um som que é mais oco, na terra. Então em algum lugar aí deve ter um baú escondido com várias moedas. Aí eu quero achar as moedas aí, (9) tentava comprar esse Instituto aqui, comprava mais alguma coisa e mandava um bocado de gente embora (risos).

Então, esse era meu sonho, que as pessoas aqui continuassem felizes para sempre. Porque a felicidade existe, sabe, em todos os lugares tem a felicidade. Mas aqui é igual todo o lugar, tem problema também. Tem problema (13b) de saúde, tem problema de (17b) saneamento, tem problema de turismo, tem problema de ignorância, tem problema de uma “par” de coisa. Mas graças a Deus não de morte, não tem roubo. Então essa maldade nós não temos ainda. Então eu quero que fique assim. (19b) No caso da estrada, eu espero que não venha.